UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO-SENSU*
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LUCIVÂNIA ANTÔNIA DA SILVA PERICO

**ENSINO MÉDIO, LÍNGUA PORTUGUESA E PORTAL
EDUCACIONAL: percepções emergentes das narrativas de
alunos inseridos em práticas de letramento digital**

SÃO BERNARDO DO CAMPO
2015

LUCIVÂNIA ANTÔNIA DA SILVA PERICO

**ENSINO MÉDIO, LÍNGUA PORTUGUESA E PORTAL
EDUCACIONAL: percepções emergentes das narrativas de
alunos inseridos em práticas de letramento digital**

Dissertação apresentada à Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) como exigência do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* para obtenção do título de Mestre em Educação, orientada pela Prof^a. Dr^a. Adriana Barroso de Azevedo.

SÃO BERNARDO DO CAMPO
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

P417e	<p>Perico, Lucivânia Antônia da Silva</p> <p>Ensino médio, língua portuguesa e portal educacional: percepções emergentes das narrativas de alunos inseridos em práticas de letramento digital / Lucivânia Antônia da Silva Perico. 2015.</p> <p>227 p.</p> <p>Dissertação (mestrado em Educação) --Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.</p> <p>Orientação: Adriana Barroso de Azevedo</p> <p>1. Educação - Tecnologia Digital de Informação e Comunicação 2. Letramento digital 3. Portal Educacional I. Título.</p> <p>CDD 379</p>
-------	--

A dissertação de mestrado intitulada: “ENSINO MÉDIO, LÍNGUA PORTUGUESA E PORTAL EDUCACIONAL: PERCEPÇÕES EMERGENTES DAS NARRATIVAS DE ALUNOS INSERIDOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL”, elaborada por LUCIVÂNIA ANTÔNIA DA SILVA PERICO, foi apresentada e aprovada em 26 de fevereiro de 2015, perante banca examinadora composta por Prof^ª. Dr^ª. Adriana Barroso de Azevedo (Presidente/UMESP), Prof^ª. Dr^ª. Norinês Panicacci Bahia (Titular/UMESP) e Prof^ª. Dr^ª. Rita Maria Lino Tarcia (Titular/ UNIFESP).

Prof^ª. Dr^ª. Adriana Barroso de Azevedo
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Roseli Fischmann
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Educação

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Formação de Educadores

A meu esposo, companheiro e incentivador para toda a vida.

A meus pais, que muito se orgulham da filha professora.

Aos alunos, inspiradores e colaboradores deste trabalho.

Aos (bons) mestres, exemplos para mim.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo benefício “Taxa CAPES/PROSUP”, que me possibilitou melhores condições para chegar à reta final de minha pesquisa, estendendo este agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UMESP e à Prof^a. Dr^a. Roseli Fischmann, coordenadora do curso.

À minha estimada orientadora, Prof.^a Dr.^a Adriana Barroso de Azevedo, pois sem a sua sabedoria, experiência e doçura estou certa de que não teria o resultado alcançado com esta dissertação e todo o aprendizado obtido por meio dela.

Às Professoras Doutoras presentes na banca, as quais contribuíram para o aprimoramento da minha pesquisa com sugestões e intervenções na Qualificação e na Defesa.

Aos Professores Doutores da UMESP, que muito colaboraram em suas disciplinas para que eu fosse me formando a ponto de ter competência suficiente para elaborar esta dissertação.

Aos colegas de Mestrado, sempre acolhedores e participativos, em especial à Luciene Mozzer (nossa “Lu de Minas”), que me auxiliou com palavras motivadoras, ideias, livros e todo tipo de recurso; à Fernanda Castro, à Kenia Araújo e à Cilene Garroti, confiantes na minha capacidade de multiplicar as horas diárias, não me deixaram desanimar.

Aos colegas de trabalho das instituições onde leciono, de modo particular à Prof^a. Marly e à Prof^a. Ivanilde, diretoras das instituições onde trabalho, as quais, desde o início, apoiaram a subida de mais este degrau em minha formação docente. Ainda, às amigas e Professoras Morgana Passos e Gabriela Solgon, que suportaram os meus desabafos e me auxiliaram com palavras de ânimo; e à Prof^a. Sônia Rodrigues que, com carinho, revisou meu *abstract*.

Aos meus alunos, os de ontem e os de hoje, que todos os dias me ensinam um pouquinho da rica experiência que é viver e conviver em sala de aula e nos ambientes online.

Por fim, aos que sempre estiveram comigo, mesmo antes desta conquista:

Ao meu esposo amado, Danilo Hernani Perico, Mestre e futuro Doutor em Engenharia Elétrica, companheiro de vida e de sonhos, grande exemplo de ser humano, a quem devo todo o incentivo e a compreensão pelas muitas horas de ausência, dedicadas a esta pesquisa e ao exercício da minha profissão. Também aos meus sogros, Ana Clara Ferreira Perico e Valter Hernani Perico, que tanto colaboraram quando deles precisei.

Aos meus pais, José Antônio da Silva e Terezinha Joana da Silva, a gratidão por terem me ensinado o valor do estudo, da fé e do trabalho honesto. Aos meus irmãos (André, Lucidalva e Joyce) e aos sobrinhos (Vitor, Beatriz e Amanda), pela compreensão nas minhas ausências.

A Deus, que é o centro da minha existência, meu chão, meu apoio, meu tudo.

*Porque Deus é bom, nos deixa plantar o que quisermos;
E porque Deus é justo, nós colhemos exatamente o que plantamos.*
(Autor desconhecido)

RESUMO

A educação contemporânea está inserida num contexto de velozes e dinâmicas transformações sociais e culturais, principalmente com o avanço e incorporação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no cotidiano das pessoas. Na Sociedade da Informação, na Era do Conhecimento, é preciso ir além do saber ler, escrever e digitar. A escola, por sua vez, de maneira ainda morosa, busca adequar-se às exigências do universo digital do qual participam seus agentes. O Ensino Médio, foco de preocupação e reflexão por todos os envolvidos no processo educativo dessa modalidade, tenta alcançar sua proposta de formação integral dos jovens para o exercício do trabalho e da cidadania. À disciplina Língua Portuguesa reserva-se a missão de conciliar o ensino da norma-culta com os gêneros discursivos de tal forma a promover a inclusão digital dos alunos nas diversas circunstâncias de letramento às quais são submetidos. Nesse âmbito, este trabalho investigou: Que percepções dos processos formativos emergem quando os alunos refletem acerca das práticas pedagógicas e das vivências nas aulas de Língua Portuguesa em atividades mediadas por portal educacional? O objetivo geral da pesquisa é provocar a reflexão nos professores, de tal forma que repensem suas práticas pedagógicas e seu papel no processo educativo a fim de promover uma experiência educativa mais condizente com a realidade dos alunos. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa de cunho investigativo, na modalidade narrativa, sob a luz de Clandinin e Connelly (2011). Pela inserção no cenário e proximidade afetiva com os participantes, assumiu-se o desafio de desenvolver uma pesquisa-ação, para isso, os instrumentos investigativos adotados foram: entrevista semiestruturada, diário de bordo, atividades realizadas no portal, conversas informais e caderno de campo. A análise dos dados permitiu a elaboração de oito categorias de análise, emergentes das narrativas dos participantes: interação e comunicação; sala de aula ampliada; gestão da aprendizagem; o registro de si e do outro; aprendizagem colaborativa e transformadora; incentivo à pesquisa; estudo autônomo; e, desafios. Os resultados alcançados apontaram para reflexões que não se encerram nas páginas deste trabalho, dentre elas destacam-se: a importância de ouvir o aluno para que as propostas pedagógicas sejam revistas e melhoradas; o testar, nas práticas diárias, é fundamental, é o buscar algo além do tradicional, em prol de um objetivo de aprendizagem definido; o desejo de aprender pode despertar no aluno o interesse pelo conhecimento, tornando-o mais autônomo em suas escolhas e caminhos; as TDIC podem colaborar com o processo de ensino e de aprendizagem, porém exigem envolvimento dos sujeitos, pois elas, enquanto instrumentos, não configuram o conhecimento, são os agentes que ao apropriar-se delas têm condições de obter o melhor de suas potencialidades. Futuros trabalhos poderão dar continuidade a este estudo e trazer grandes acréscimos ao contemplar as influências do uso das TDIC no cotidiano da escola, o que, certamente, será de grande contribuição para o cenário atual da Educação brasileira.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, Letramento Digital, Portal Educacional.

ABSTRACT

Contemporary education is included in a context of fast and dynamic social and cultural changes, especially with the advancement and incorporation of Digital Information and Communication Technologies (DICT) in daily life. In the Information Society, the Age of Knowledge, we must go beyond the ability to read, write and type. Schools, in turn, slowly try to adapt themselves to the demands of the digital world in which their agents are included. The high school, that is the focus of concern and reflection by all those involved in the educational process of this kind, tries to achieve its proposed comprehensive education for young people in order to prepare them to get a job and exercise their citizenship. For the Portuguese discipline, it was reserved the mission of combining the teaching of the standard portuguese rules with discursive genres in order to promote digital inclusion of students in different circumstances of literacy that they are submitted. In this context, this work investigated: What perceptions of training processes emerge when students reflect on pedagogical practices and experiences in Portuguese classes in activities mediated by educational portal? The overall objective of the research is to provoke the reflection of teachers, so they rethink their teaching practices and their role in the educational process in order to promote a more consistent educational experience with the reality of the students. The adopted methodology was the qualitative research of investigative nature, in narrative form, based on the work presented by Clandinin and Connelly (2011). Because of the inclusion in the scenario and affective ties to the participants, the challenge of developing an action research was assumed, thus, the adopted investigative tools were: semi-structured interview, logbook, activities in the portal, informal conversations and field notebook. The analysis of the data allowed the elaboration of eight categories of analysis, emerging from the narratives of the participants: interaction and communication; enlarged classroom; management of learning; the record of oneself and others; collaborative and transformative learning; promotion of research; self-study; and challenges. The results achieved indicated reflections that do not end in the pages of this work. Among them it is possible to highlight: the importance of listening to the student in order to improve and review the pedagogical proposals; the test, in daily practice, is essential, it is the search of something beyond the traditional in favor of a defined learning objective; the desire of learning can arouse in the students the interest in knowledge, making them more autonomous in their choices and paths; the DICT can assist in the process of teaching and learning, but require involvement of the subjects, because they, as instruments, do not constitute knowledge, are the agents, by the use of the DICT, that get the best of their potential. Future work may continue this study and bring great additions to contemplate the influences of the use of DICT daily at school, which will certainly be of great contribution to the current scenario of Brazilian education.

Keywords: Digital Information and Communication Technologies, Digital Literacy, Educational Portal.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Principais reformas do Ensino Médio efetuadas no período republicano	25
QUADRO 2 – Diferentes regiões ou setores lexicais	34
QUADRO 3 – Atividades propostas no portal educacional	97

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Imagens do vídeo intitulado “Bebê pensa que revista é um iPad”	16
FIGURA 2 – Mapa conceitual da categoria Comunicação e Interação	106
FIGURA 3 – Mapa conceitual da categoria Sala de Aula Ampliada	110
FIGURA 4 – Mapa conceitual da categoria Gestão da Aprendizagem	114
FIGURA 5 – Mapa conceitual da categoria O Registro de Si e do Outro	119
FIGURA 6 – Mapa conceitual da categoria Aprendizagem Colaborativa e Transformadora	123
FIGURA 7 – Mapa conceitual da categoria Incentivo à Pesquisa	126
FIGURA 8 – Mapa conceitual da categoria Estudo Autônomo	131
FIGURA 9 – Mapa conceitual da categoria Desafios	139

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O ENSINO: ONTEM E HOJE	22
1.1 DOS PRIMÓDIOS DO ENSINO MÉDIO À ATUALIDADE	23
1.2 LÍNGUA PORTUGUESA E LETRAMENTO	30
1.3 DO OSSO AO CIBERESPAÇO: A TECNOLOGIA ENQUANTO INSTRUMENTO	47
2 O CONHECIMENTO: HOJE E AMANHÃ	55
2.1 TDIC: EXTINGUINDO OU ESTABELECEENDO FRONTEIRAS?	56
2.2 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DO CONHECIMENTO	62
2.3 PORTAL EDUCACIONAL: UMA JANELA QUE SE ABRE AO CONHECIMENTO	68
3 A PESQUISA: UMA EXPERIÊNCIA NO TEMPO	75
3.1 ARTICULAÇÕES METODOLÓGICAS	76
3.2 CONTEXTO.....	82
3.3 PARTICIPANTES	84
3.4 ATIVIDADES MEDIADAS PELO PORTAL	96
3.5 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO	100
ALGUMAS LIÇÕES APRENDIDAS	142
REFERÊNCIAS	146
APÊNDICE A – QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS	150
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	152
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	223
ANEXO A – “AUTORRETRATO AOS 56 ANOS”, GRACILIANO RAMOS	226

INTRODUÇÃO

Nossa vida não é aquela que vivemos, mas, sim, aquela que lembramos, e como a lembramos, para poder contar sua história.
(Gabriel Garcia Márquez)

Meus pais, retirantes do sertão da Paraíba, vieram para São Paulo na década de 1980 com seus quatro filhos pequenos. Eu, como filha mais velha, fui a primeira a ter a experiência de ir à escola. Minhas memórias remontam a esse período, 1990, quando eu tinha 8 anos; antes disso, tenho recordações muito vagas.

Essa fase me marcou de diversas maneiras: a distância da minha mãe e dos irmãos e o medo de ser esquecida na escola; as diferenças financeiras em relação aos colegas, que ficavam evidentes pelas vestimentas e pelo material escolar; mas o que mais me marcou foi a dificuldade que eu tinha para falar, pois já de início percebi que havia diferença na fala dos meus colegas em relação à minha. Logo, por uma questão de proteção, decidi ficar calada, pois meu vocabulário e meu sotaque podiam me denunciar. Foi nesse contexto que comecei a prestar mais atenção às palavras e tratei logo de aprender o mais rápido possível a falar tal como os moradores de São Paulo. O que a muitos parecia timidez era, na verdade, medo. Medo de falar com sotaque e vocabulário nordestino e ser discriminada ou apelidada pelas outras crianças.

Obviamente que não precisava falar nada, pois meu nome denunciava as minhas origens: Lucivânia.

Porém, o tempo e as experiências nos ajudam a superar certas fragilidades, foi assim que me tornei uma nordestina orgulhosa das minhas origens e do nome que meus pais me deram, pois sempre me ensinaram que o meu nome era o título de um livro, o livro da minha vida, portanto, esse nome sempre estaria atrelado a quem eu fui e sou. Foi assim que aprendi a amar também o meu nome e fazer o possível para que ele fosse respeitado por quem sou como pessoa, profissional e cidadã.

Foi entre os muros da escola que conheci o mundo maravilhoso das letras. Meus pais, embora nunca tenham frequentado a escola, sempre incentivaram os filhos a estudar. Minha mãe me deu boas noções de alfabetização em casa, mas foi na escola que de fato aprendi a ler e escrever. E que mundo maravilhoso me foi revelado! Depois dali, até hoje, não tenho passado um dia sem ler. Seja lá o que for... ler para mim é como respirar! Tudo o que vejo, leio.

Minha mãe dizia que ler demais iria me deixar cega, talvez seja essa a justificativa para eu usar óculos desde a pré-adolescência; também dizia que eu ia ficar louca por ler tanto, na sua sabedoria, ela estava profetizando a visão crítica que a leitura iria me trazer. Ler muito e ler de tudo fez de mim uma pessoa crítica e contestadora, talvez tenha sido por isso que desde criança sempre desejei ser professora, para ajudar as pessoas a refletirem a respeito de sua realidade. A escolha da área de Letras foi um reflexo dos anos primários em que me ative a perceber as diferenças entre o Português falado no Nordeste e no Sudeste e tratei de (re)aprendê-lo.

Dizem que a profissão de professor é uma missão, uma vocação, um sacerdócio, penso que há uma pitada de cada um desses ingredientes, dependendo de que ângulo se experimente a situação. Mas, no meu caso, a melhor palavra que define a minha vinda para esse campo é “escolha”. A educação foi uma escolha na minha vida, pois desde criança provei o sabor do conhecimento que a escola trouxe e nunca mais quis sair desse ambiente. O conhecimento encanta, emociona, humaniza... Assim, tornei-me professora em 2004, na tentativa de encantar, emocionar e humanizar aqueles que me fossem confiados.

Mas o ingresso na educação não se deu de imediato... ao longo e após a minha formação atuei durante dez anos na área administrativa. Somente em 2009 pude ingressar no ensino, conciliando-o com o trabalho na empresa, tive a oportunidade de atuar no Ensino Superior e na Educação a Distância (EaD) por três anos e meio, e em 2010, no Ensino Médio, quando definitivamente deixei de lado a vida corporativa para dedicar-me à Educação.

Em 2012 fui convidada a assumir a coordenação de um portal educacional que tinha cerca de mil e duzentos alunos e quarenta professores cadastrados. Para a direção da escola o portal era um problema, pois por ser um projeto institucional, tinha metas a serem atingidas e, para agravar, não se encontrava no corpo docente um professor interessado e capacitado para assumir a responsabilidade de inserir as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no cotidiano da escola. Foi nesse cenário que recebi o convite. Num primeiro instante, um desafio; no momento seguinte, uma oportunidade de aprendizado.

Assim, numa perspectiva autobiográfica, essa é a minha trajetória pessoal mesclada à formativa e profissional. É desse lugar que eu “falo”. Foi essa trajetória que me fez chegar até aqui e me aproximar dos participantes da pesquisa: doze alunos do Ensino Médio de uma escola pública de São Bernardo do Campo, São Paulo.

Pesquisar esses participantes foi uma atividade que mexeu com o meu interesse e me motivou, porque embora na sala de aula presencial exista uma troca de olhares que, em geral,

demonstra a receptividade dos alunos, ouvi-los falar a respeito de seu aprendizado foi além das minhas impressões e expectativas.

Porém, para chegar até aqui, passei por um longo processo de alomorfia, em que questioneei alguns conceitos da minha formação base e, nessa contestação, percebi que sairia outra deste decurso.

Aprendi na graduação que não podemos ler uma obra tendo em mente a vida do autor, é preciso distanciar o autor da sua produção literária, sempre encontrei dificuldade para ignorar a biografia do autor e focar apenas o texto, de maneira neutra. Nesta dissertação, que me proponho a escrever, também não consegui deixar de lado a minha vivência, por isso, ela pode ser considerada uma pesquisa-ação, uma vez que os participantes pesquisados foram meus alunos entre os anos 2012 e 2013. Desenvolverei mais adiante esse desafio...

Sem tirar os pés da minha formação como professora de Língua Portuguesa, redigi este trabalho com a receita do escritor parnasiano Olavo Bilac (1865-1918), dada no soneto “A um poeta”: *Longe do estéril turbilhão da rua, / Beneditino, escreve! No aconchego / Do claustro, na paciência e no sossego, / Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!*

Assim, me dispus a encontrar um espaço sossegado e silencioso, fora e dentro de mim, longe de interferências que pudessem impedir o ato criador, para alcançar a forma perfeita e, por meio das palavras, construir este trabalho. Confesso ter sido exaustivo, ter me cobrado teimosia e esforço físico, mas também foi prazeroso, na medida em que sinto o grande aprendizado obtido, tanto pela abordagem de questões que a mim são caras e complexas, quanto pela constatação do aprendizado dos alunos pesquisados.

Busquei aqui, na medida do possível, dialogar com um referencial teórico de autoridade científica, sem deixar, no entanto, de transparecer as minhas impressões, concorrendo para a produção de um trabalho original, na prerrogativa de Fiorin e Savioli (2007, p.359) “original é aquele texto que tem origem no indivíduo que o produziu, aquele texto que resulta de uma elaboração personalizada do enunciador e não de mera *reprodução* de clichês e fórmulas pré-fabricadas”.

Trabalhando no âmbito da pesquisa qualitativa de cunho investigativo, na modalidade narrativa, desenvolvo uma pesquisa-ação, na medida em que assumo o risco de estar inserida no cenário e ter proximidade afetiva com os participantes da pesquisa. No entanto, ciente dos riscos, procurei distanciar-me para assumir a posição de pesquisadora.

Entretanto, tenho em mente que na pesquisa qualitativa não há neutralidade, mas o posicionamento assumido determina a observação, por isso, esclareço que o fato de ter trabalhado com esse grupo de alunos não determina a minha visão, uma vez que não parto da

minha prática, mas da leitura do conhecimento construído em conjunto, numa relação interativa, cooperativa e colaborativa, tendo como foco a fala dos participantes. Sinto-me na posição daquela que não deseja ouvir o que quer, mas quer o que ouve e faz disso objeto de estudo.

Desde o início do meu trabalho descansei o olhar sobre a obra *Pesquisa Narrativa*, de Clandinin e Connelly (2011), e encontrei identificação imediata com a metodologia, pois, como professora e leitora de Literatura, sempre me encantei com narrativas.

Nossa vida é preenchida por narrativas fragmentadas que constituem um repositório de memórias, contribuindo para a construção de quem fomos, somos e seremos. Assim, na minha visão, narrar é trazer uma experiência única de vida, do ponto de vista privilegiado que apenas o sujeito tem. Mesmo quando expostos a situações semelhantes, cada qual as vê e reage de forma diferenciada, porque cada um é único.

Mas, afinal, o que é pesquisa narrativa? Clandinin e Connelly (2011, p.51) afirmam que:

pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com *milieus*.¹ Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias e experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social. [...] pesquisa narrativa são histórias vividas e contadas.

Assim, tenho buscado ao longo da minha pesquisa extrair as experiências dessas “histórias vividas e contadas” pelos alunos, com os quais convivi por longo tempo, não apenas na sala de aula presencial, mas também no espaço *online* de um portal educacional.

Ao longo da minha formação como pesquisadora e da leitura de Clandinin e Connelly (2011), foi me surgindo a angústia acerca do resultado da minha pesquisa, considerando a minha proximidade com os participantes. Fui buscar consolo em Peruzzo (2006) e encontrei o suporte que me permitiu fixar minhas pegadas.

Na leitura dessa autora, e de outros, pude compreender não apenas o que é pesquisa-ação, mas também a sutil diferença entre pesquisa-ação e pesquisa participante, entendida a última como um método de interação ativa entre pesquisador e grupo pesquisado, em que o pesquisador é autônomo e se insere no grupo na busca de permitir aos participantes identificar os seus problemas, realizar a análise crítica e propor soluções.

¹ Do alemão: ambiente.

Na pesquisa-ação, o grupo participa ativamente do processo de realização da pesquisa e para que ocorra, há a necessidade de o pesquisador já estar engajado e envolvido no grupo. A pesquisa visa ao propósito de contribuir para sanar alguma dificuldade ou problema do grupo pesquisado e os resultados servem de subsídio para a inserção de benefícios no grupo.

Segundo afirma Thiollent (2003, p.14), a pesquisa-ação é:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Vale destacar que o caráter empírico desta pesquisa se dá porque há um recorte espaço-temporal em que um objeto (no caso, os participantes pesquisados) são analisados em suas vivências cotidianas, num processo de interação “face-a-face”, desenvolvido em campo pelo pesquisador.

Sabe-se que, principalmente entre as décadas de 1980 e 1990, houve grande polêmica em torno da pesquisa participante e pesquisa-ação. Hoje, no entanto, é vista como uma metodologia importante e valiosa, cujos resultados seriam diferentes se fossem obtidos por pesquisadores não inseridos no grupo. Assim, por ser membro do ambiente natural do grupo de estudantes e envolvida nas atividades, portanto, no papel de “integrante do grupo”, optei por desenvolver uma pesquisa-ação.

O objetivo geral desta pesquisa é provocar a reflexão nos professores, de tal forma que repensem suas práticas pedagógicas e seu papel no processo educativo a fim de promover uma experiência educativa mais condizente com a realidade dos alunos. Enquanto os objetivos específicos são: investigar como as TDIC podem promover a interação e a comunicação entre professores e alunos; observar as possibilidades de ampliação de estudo além do horário e do espaço físico delimitados pela escola; visualizar de que maneira um portal educacional pode oferecer ao professor e ao aluno a possibilidade de organizar e localizar informações e conteúdos necessários ao estudo; analisar a percepção dos alunos quanto às suas produções escritas e ao texto do outro, quando precisam fazê-lo on-line, incentivando e valorizando as produções no Ciberespaço; compreender como o conhecimento pode ser elaborado de maneira colaborativa e as transformações que podem ocorrer nos participantes; perceber como propostas de trabalho mediadas pela internet podem incentivar a pesquisa; pensar como a independência do aluno ao acessar conteúdos pode promover sua autonomia e autoria; identificar alguns dos desafios a serem encarados por aqueles que desejam utilizar um portal educacional para a complementação das aulas presenciais;

melhorar minhas práticas pedagógicas considerando os apontamentos dos alunos participantes.

Compreendo aqui os riscos de uma pesquisa qualitativa no âmbito da narrativa e da pesquisa-ação, pois, diferentemente da pesquisa quantitativa, em que são analisadas as variáveis visíveis, probabilidades e estatísticas, na pesquisa qualitativa há a exigência de uma análise explícita e implícita das falas dos participantes, por meio da sensibilidade do pesquisador envolvido no campo.

Porém, a análise do material empírico, que cabe ao pesquisador qualitativo, tem um valor epistemológico intangível e único, pois os conhecimentos do pesquisador e do grupo, construídos mutuamente, fecundam-se num resultado que somente aqueles sujeitos sociais poderiam produzir, uma vez que há uma experiência individual a ser narrada.

Ao aproximar-me das ideias de Clandinin e Connelly (2011) fui percebendo que a intenção da minha pesquisa-ação não era apenas investigar como os alunos sentiam seu aprendizado mediado por portal educacional e pelas TDIC, de maneira geral, mas no desejo de fornecer aos educadores uma razão para repensar sua maneira de ensinar e aprender, dentro do contexto contemporâneo, e também enxergar as minhas práticas sob os olhares e as vozes dos meus alunos, numa vontade constante de (re)aprender a ensinar. Dessa forma, ao longo deste trabalho vou respondendo à questão norteadora: Que percepções dos processos formativos emergem quando os alunos refletem acerca das práticas pedagógicas e das vivências nas aulas de Língua Portuguesa em atividades mediadas por portal educacional? Essa pergunta surgiu ao longo das aulas ao pensar a respeito das minhas práticas, do aprendizado do meu aluno e do perfil do alunado neste início de século.

Algo que chamou minha atenção e me fez refletir a respeito de quem é o aluno “de hoje”, considerando que ele tem percepções diferentes do aluno “de ontem” foi um vídeo do You Tube, postado em 2011, intitulado “Bebê pensa que revista é um iPad”:²

FIGURA 1: Imagens do vídeo intitulado “Bebê pensa que revista é um iPad”

² Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Govj6R-USBM>>. Acesso em 02 jul. 2014.

Esse vídeo foi o disparador de alguns questionamentos que me foram surgindo ao longo do tempo e justificaram o meu interesse por pesquisar o assunto. Essa criança é um bom exemplo do estudo desenvolvido por Vygotsky (1979) em que afirma que o gesto de apontar é o mais primitivo e fundante dos gestos de significação, pois primeiro a menina utiliza o iPad e aprende que apontar é um gesto que resulta em uma ação, em outra oportunidade, ela repete o gesto de apontar usando agora uma revista, por fim, sem compreender porque nada acontecia, ela testa o dedo em sua própria perna. Certamente, ela reproduz o gesto de apontar pela observação do gesto realizado por alguém mais velho.

Oliveira (1988, p.43) explica que “o ponto central da teoria formulada por Vygotsky é que as funções psicológicas superiores são de origem sócio-cultural e emergem [...] através da interação da criança com membros mais experientes da cultura.” Ou seja, nas experiências sociais nas quais a criança está envolvida é que surgem novas e mais complexas funções mentais, assim, é na vida social, em convívio com os mais velhos, que a criança assimila a experiência de muitas gerações e forma seu pensamento.

O exemplo do gesto de apontar demonstra como é possível à criança associar um signo a uma significação. Para ilustrar a “ontogênese do gesto de apontar”, proposta por Vygotsky, Fichtner (2010) afirma que, num primeiro momento, a criança pode apontar um objeto que não consegue tocar; num segundo momento, um adulto que observa a cena, compreendendo o desejo da criança, traz o objeto para perto dela; na sequência, a criança compreende que o apontar tem um significado para o outro, assim ela cria um signo para si que utilizará sempre que desejar novamente obter um objeto. O apontar deixa de ser um mero gesto e torna-se o resultado de um processo de compreensão, significação e ressignificação.

O gesto de apontar, na Era da Informação, tem adquirido outras dimensões, não somente pela relação de construção de significados entre os sujeitos, mas porque os meios digitais se valem do apontar (seja o dedo indicador, seja o cursor do mouse) para abrir janelas e informações. Aliás, o termo “digital” vem do latim *digitus*, e significa “dedo”. Apesar de os psicólogos não indicarem que crianças tão pequenas utilizem aparelhos como celulares, *tablets*, e outros *gadgets*, por questões de socialização; o que salta aos olhos de quem assiste ao vídeo mencionado acima é o espanto de ver a criança imitando o gesto dos adultos e esperando de uma revista os mesmos recursos do iPad. Foi assim que, de maneira mais progressiva e abrangente, me surgiram questionamentos como: Quem serão essas crianças amanhã? Como lidar com elas, que já nascem com tais tecnologias na palma da mão?

Creio que essas não sejam angústias apenas minhas, mas constituem preocupações de pais, professores, psicólogos e daqueles que lidam com educação e formação do indivíduo, e elas fazem sentido diante da atualidade.

Devido ao crescente acesso às TDIC, em 2005 criou-se o Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e da Comunicação (CETIC.br)³, órgão responsável pela produção de indicadores sobre a internet no Brasil, que anualmente realiza a “Pesquisa TIC Domicílios” com o objetivo de estudar o acesso às diferentes tecnologias de informação e comunicação (como computador, internet e celular) nos domicílios brasileiros. Além disso, também busca investigar como as pessoas utilizam essas tecnologias no seu cotidiano. A importância da pesquisa se dá pela possibilidade de contribuir para o desenvolvimento da internet no Brasil, identificar questões relevantes para elaboração de políticas públicas de inclusão digital e investigar como a tecnologia pode beneficiar a vida das pessoas.

Dados da “Pesquisa TIC Domicílios 2013”⁴, realizada com uma amostra de 16.887 entrevistas, em 350 municípios, de setembro de 2013 a fevereiro de 2014, sobre o uso das TDIC no Brasil, divulgados em 26 de junho de 2014, tendo como objetivo medir o acesso e os usos da população com faixa etária acima de 10 anos de idade, indicam que ocorreu um aumento de domicílios com computador de 25%, em 2008, para 49%, em 2013. Sendo que a diferença mais significativa se deu na classe C, de 25% para 46%, no período.

Houve um aumento na proporção de computadores portáteis (laptop e notebook) de 10% para 57%, e uma redução no uso de computadores de mesa, de 95% para 63%, no período entre 2008 e 2013. O que vale considerar que o uso do computador não se restringe mais a um ambiente fixo.

A proporção de domicílios com acesso à internet também aumentou significativamente, de 18% em 2008 para 43% em 2013. Sendo que o aumento maior se deu nas classes B (de 58% para 80%) e C (de 16% para 39%). Hoje, são 27,2 milhões de domicílios com acesso à internet. O que impacta diretamente nos números é a renda familiar (em salário mínimo) e a área (urbana ou rural). A região também pode influenciar: o Sudeste e o Sul lideram com a proporção de 51% de acesso, seguidas pelo Centro-Oeste com 44%, depois vem o Nordeste com 30% e, por fim, o Norte com 26% de domicílios com acesso à internet. Atualmente, o Brasil conta com 85,9 milhões de usuários de internet, um índice que cresce a cada ano. Em 2008, 34% dos brasileiros utilizavam, em 2009 foram 39%, em 2010

³ Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/domicilios/faq>>. Acesso em 09 ago. 2014.

⁴ Disponível em: <<http://cetic.br/publicacoes/2013/tic-domicilios-2013.pdf>>. Acesso em 24 jul. 2014.

registrou-se 41%, em 2011 subiu para 46%, 2012 registrou 49% e 2013 constatou 51%, sendo a maior parte situada na área urbana.

É interessante observar que quanto maior a faixa etária, menor é o acesso à internet. A proporção de jovens de 10 a 15 anos que usam a internet é de 75%, os de 16 a 24 anos representam 77%. Daí em diante, os números caem: 25 a 34 anos são 66%, de 35 a 44 anos representam 47%, de 45 a 59 anos aparecem 33% e com 60 anos, ou mais, apenas 11% são usuários da internet. Considerando que a renda familiar influencia também, quanto maior a renda, maior o acesso.

A possibilidade de acessar a internet pelo celular é outro fator que impacta nos números. A proporção de indivíduos que usaram a internet no telefone celular nos três últimos meses de realização da pesquisa foi de 4% em 2008 para 31% em 2013. Sendo que desse número 61% são jovens entre 16 e 24 anos. A classe A lidera com 69%, seguida da B com 48%, depois a C com 29% e D/E com 11%. O acesso às redes sociais pelos usuários de telefone celular é de 30%. 26% o utiliza para compartilhar fotos, vídeos e textos, enquanto 25% para acessar e-mail e 23% acessam páginas da internet ou sites.

Esses números significativos trazidos pela pesquisa estão atrelados ao desempenho da economia nacional e às facilidades de acesso a esses recursos tecnológicos. O que desperta a atenção, dentre outros pontos, é a grande porcentagem de jovens entre 10 e 24 anos que acessa e usa as TDIC em seu dia-a-dia, justificando a preocupação e o cuidado dos educadores, que buscam conhecer e compreender o perfil dessa juventude conectada.

A Pesquisa “TIC Kids Online Brasil”⁵, realizada entre setembro de 2013 e janeiro de 2014, pelo CETIC.br, aponta que dos 2.261 usuários de internet na faixa etária de 9 a 17 anos, a maioria da região Sudeste fez o primeiro acesso à internet entre os 7 e os 11 anos de idade, enquanto nas demais regiões a maior parte respondeu que o fez com mais de 12 anos de idade. Em relação ao primeiro acesso, pesou bastante o nível de escolaridade dos pais e a classe social a que pertenciam os entrevistados. Mas de modo geral, é possível perceber que as crianças desde muito cedo têm acessado a internet.

A Revista Veja⁶ de setembro 2011, numa edição especial sobre os jovens, trouxe um retrato da geração Z, diferenciando-a das Gerações X e Y. Segundo a reportagem, a geração Z, à qual pertencem os nossos jovens, desenvolve várias atividades ao mesmo tempo; tem acesso ilimitado à informação e não conhece limites territoriais, não consegue imaginar o

⁵ Disponível em: <<http://www.cetic.br/pesquisa/kids-online/indicadores>>. Acesso em 09 ago. 2014.

⁶ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/jovens/apresentacao.html>>. Acesso em 02 jul. 2014.

mundo sem os recursos tecnológicos mais avançados e recentes. Esse perfil é muito diferente das gerações X e Y, que estão se vendo diante do desafio de formar esses jovens.

Essas diferenças resultam em maneiras equivocadas e, às vezes, preconceituosas de ver a geração Z. Também há aqueles que temem o convívio com esse grupo, por não saber como lidar ou por não querer revelar suas fragilidades em relação ao domínio de alguns equipamentos eletrônicos. É o que se vê, principalmente, em relação ao convívio entre professores e alunos.

Tais informações provocam inquietação a respeito de quem são os alunos atuais. Essa reflexão será retomada e aprofundada adiante, na seção “2.1 – TDIC: extinguindo ou estabelecendo fronteiras?”.

Por enquanto, basta observar que este trabalho torna-se relevante porque é resultado da pesquisa-ação de uma educadora que investiga a sua atuação dentro e fora da sala de aula, num contexto educacional novo, com uma pesquisa sistemática e intencional voltada para o cotidiano, e que detém sua atenção às questões que emergem da prática, com a intenção de fornecer aos alunos uma melhor experiência educativa, auxiliando-os a serem cidadãos reflexivos, críticos, autônomos e autores de sua história de vida; e aos professores de todas as disciplinas, a oportunidade de reflexão e busca de novas metodologias.

Assim, esta dissertação está estruturada em três capítulos:

O capítulo 1, “O ensino: ontem e hoje”, investiga as propostas do Ensino Médio ao longo do tempo, partindo de uma pesquisa histórica, na seção “1.1 – Dos primórdios do Ensino Médio à atualidade”, em que se busca compreender o surgimento do Ensino Médio na escola pública, suas propostas ao longo do tempo e os objetivos atuais. Sem fugir da contestação do atingimento de suas metas e dos caminhos a serem trilhados. . A seção “1.2 – Língua Portuguesa e Letramento” destaca a tecnologia na educação, mostrando o posicionamento dos educadores em relação à produção dos alunos em ambientes virtuais, englobando o redirecionamento da disciplina para o ensino dos gêneros textuais, a supervalorização da norma culta, alguns pontos relevantes sobre variação linguística e a necessidade de preparar os estudantes para as diversas circunstâncias de letramento contemporâneas. A seção “1.3 – Do osso ao ciberespaço: a tecnologia enquanto instrumento” aborda a importância da tecnologia para a vida do ser humano e a crescente participação dos jovens na cibercultura.

O capítulo 2, “O conhecimento: hoje e amanhã”, questiona a autoridade daquele que, de maneira instituída tenta transmitir o saber, e propõe que o conhecimento seja construído em meio a um processo de interação, cooperação e colaboração. Na seção “2.1 – TDIC:

extinguindo ou estabelecendo fronteiras?” estuda-se o perfil dos jovens que adentram as nossas escolas em contraste com o perfil dos educadores, no que tange ao uso das TDIC. Na seção “2.2 – Mediação pedagógica e construção colaborativa do conhecimento” é focada a importância da participação docente na construção do aprendizado de maneira que favoreça a problematização, a criação, a autonomia, a autoria e a coautoria dos alunos. A seção “2.3 – Portal Educacional: uma janela que se abre ao conhecimento” traz as propostas, ferramentas, possibilidades e dificuldades dos portais educacionais.

O capítulo 3, “A pesquisa: uma experiência no tempo”, propõe-se a detalhar o caminho percorrido na análise dos dados. A seção “3.1 – Articulações metodológicas” dá enfoque à metodologia e aos instrumentos de pesquisa selecionados, bem como o método de Análise Textual Discursiva. A seção “3.2 – Contexto” explica em que condições se deu a pesquisa. Na seção “3.3 – Participantes” há a apresentação dos participantes por meio da pintura da essência de si mesmos através das palavras, nos molde do texto “Autorretrato aos 56 anos”, do autor Graciliano Ramos (1892-1953). Sem dúvida, uma parte do trabalho que merece sensível contemplação do leitor, uma vez que o que se descortina diante de seus olhos são doze obras de arte, quadros únicos e valiosos, pintados com os pincéis da palavra de sujeitos que se dispõem a narrar quem são e o que aprenderam. Também a pesquisadora busca descrever-se por meio das palavras. Ainda neste capítulo, a seção “3.4 – Atividades mediadas pelo portal” aponta quais atividades foram desenvolvidas durante os anos de 2012 e 2013, visando a uma melhor compreensão das referências feitas pelos participantes em suas narrativas. Por fim, a seção “3.5 – Organização e análise do material empírico” traz a análise dos dados organizados em oito categorias que auxiliam na compreensão das percepções dos alunos sobre seu aprendizado mediado pelas TDIC, numa visão crítica e contestadora dos processos de ensino e de aprendizagem.

A comunicação é uma via de mão dupla, o que pressupõe trocas, portanto, ofereço ao leitor deste trabalho a árdua missão de transpor para a escrita as experiências vividas e contadas; de maneira empática, espero que aproxime-se dos participantes da pesquisa para compreender a profundidade de suas narrativas, experiências e aprendizados, pois, como apregoa o grande poeta português Fernando Pessoa (1888-1935): “Quem não vê bem uma palavra não pode ver bem uma alma.”

1 O ENSINO: ONTEM E HOJE

A oferta do Ensino Médio no século XXI traz muitos pontos a serem levantados e analisados, porém, não é possível ignorar o caminho que o fez chegar até aqui. Mesmo que de maneira breve, vale a pena revisitar o passado para entender o Ensino Médio hoje. A seção 1.1, apoiada em autores como Piletti (1999) e Carneiro (2012), traça um panorama das principais reformas implantadas.

As discussões a respeito do ensino da linguagem, da disciplina Língua Portuguesa e da norma-culta; as implicações da comunicação em ambientes virtuais; a leitura e a produção dos gêneros textuais e o letramento digital estão abarcados na seção 1.2.

Desenvolvendo-se numa perspectiva contemporânea, a seção 1.3 aborda o conceito de tecnologia e propõe uma reflexão sobre a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na escola. Nessa seção a tecnologia será caracterizada e abordada enquanto instrumento que os seres humanos utilizam ao longo de sua história nos seus processos produtivos. No capítulo 2 deste trabalho a tecnologia será retomada, porém com um enfoque educacional.

1.1 Dos primórdios do Ensino Médio à atualidade

*Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.*
(Paulo Freire)

O artigo 205 da Constituição Federal, de 05/10/1988, afirma que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Desmembrando o artigo, compreende-se que a educação deve ser oferecida a todos os brasileiros, sendo obrigação do Estado e da família, recebendo o incentivo por parte da sociedade. Os objetivos gerais da educação, deduzidos a partir da leitura do referido artigo, são: “o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. É possível encontrar a mesma prerrogativa no artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº 8.069, de 13/07/1990) e no artigo 2 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394, de 20/12/1996).

Focando o olhar no Ensino Médio, ao qual pertencem os participantes desta pesquisa, a visão de Carneiro (2012, p.17) aponta que:

nosso grande problema no Ensino Médio público não é que temos uma escola ruim, senão que não temos escola adequada para este fim. Temos um ajuntamento de pessoas e de atividades, trabalhando em um espaço em que cada um, dentro do possível, tenta ser professor e em que cada escola, dentro do possível, tenta ser escola. [...]

Estas constatações têm raízes envergadas pelo tempo. Na verdade, a escola pública que, por décadas, foi o laboratório da educação escolar das elites brasileiras, com a massificação do ensino foi cedendo esta condição de vetor de confirmação econômica e social das elites regionais e se transformando numa espécie de “concessão” às camadas populares e aos habitantes das periferias. Por isso, não importa que ela seja eficiente. Importa, sim, e só, que exista! Concessão não é obrigação, é liberalidade!

Não é de hoje que o Ensino Médio é um mero degrau entre o Fundamental e o Superior. Os primórdios dessa modalidade, no Brasil, remontam ao século XVI. Com a vinda dos jesuítas, esses cursos tinham uma duração geral de, em média, nove anos, sendo cinco ou seis dedicados ao estudo de letras humanas – sintaxe, gramática e demais aspectos da prosódia latina – e mais três ao estudo de filosofia – lógica, metafísica, moral, matemática e ciências físicas e naturais.

Segundo Piletti (1999, p.21): “De 1759, quando foram expulsos os jesuítas e realizadas as reformas pombalinas, a 1996, quando foi promulgada a lei de diretrizes e bases da educação (...) contamos nada menos que vinte e uma reformas do ensino médio”. O que demonstra a fragilidade dessa proposta de ensino que mesmo passando por tantas reformas até os dias atuais ainda não atende ao propósito a que se dispõe.

É evidente que existiram interesses políticos na primeira reformulação do ensino, promovida pelo Marquês de Pombal, uma vez que junto à forma de ensinar ia-se também um histórico do sistema colonial presente nos métodos jesuíticos; enquanto aproximava-se o desejo de criar condições econômicas que permitissem ao Brasil competir com as nações estrangeiras. Como afirma Bunzen (2011, p.891),

são as reformas pombalinas, fortemente influenciadas pelo Iluminismo europeu e pelo Racionalismo moderno, que acabam legitimando tal posicionamento, uma vez que se tornou necessário, para uma política mercantil e absolutista, maior divulgação/implementação da “língua do Príncipe” nas terras “conquistadas”.

O desmantelamento do curso secundário jesuítico foi sucedido pelas aulas régias, a respeito das quais poucos registros foram encontrados, mas sabe-se que não tinham um currículo organizado, tendo um caráter autônomo e isolado. “O aluno se matriculava em tantas ‘aulas’ quantas fossem as disciplinas que desejasse.” (PILETTI, 1999, p.22). Nessa época, estudos secundários um tanto mais organizados eram oferecidos em poucos seminários episcopais fundados antes e depois da estada dos jesuítas no país. Porém, vale destacar que mesmo com a expulsão dos jesuítas, seu método permaneceu, uma vez que os professores que ministravam as aulas régias tinham sido formados pela tradição pedagógica jesuítica.

Assim, chega ao fim o período colonial sem que se tenha uma educação secundária regularmente organizada, pois o foco da Família Real portuguesa, que aqui se instalou em 1808, eram os cursos profissionalizantes de nível superior que podiam atender à demanda do serviço público advinda da transferência da sede do Império português para o Brasil.

No período monárquico permaneceram as aulas régias e os seminários eclesiásticos, tendo nesse contexto histórico maior enfoque as questões políticas entre liberais e conservadores. A educação secundária não era prioridade e permanecia fragmentada.

Foi na segunda década do século XIX que se começou a cogitar a organização do ensino público secundário. Surgiram os liceus provinciais no Rio Grande do Sul (1835), na Bahia e na Paraíba (1836) e o Colégio Pedro II (1837). Este último começou a oferecer estudos seriados, com sete anos de duração, a partir de 1841, predominantemente humanísticos e literários (PILETTI, 1999). No que diz respeito aos conteúdos do ensino

secundário, limitavam-se às disciplinas exigidas nos exames preparatórios para os cursos superiores.

As escolas normais foram criadas também nessa época. Em 1875, duas escolas normais, uma para cada sexo, e em 1880 transformadas em uma única escola, iniciando oficialmente o desenvolvimento das escolas normais no país.

O período republicano, tal como afirma Piletti (1999) trouxe várias reformas no Ensino Médio. O quadro abaixo possibilita a visualização:

Quadro 1 - Principais reformas do ensino médio efetuadas no período republicano

Documentos legais	Autorizações legislativas	Objetivos predominantes do ensino médio
1. Reformas de Benjamin Constant Decretos nº 981, de 8/11/1890, e nº 1.075, de 22/11/1890.	Por terem sido introduzidas antes da aprovação da Constituição e da instalação do Congresso, estas reformas não dependeram de autorização legislativa.	“Proporcionar à mocidade brasileira a instrução secundária e fundamental, necessária e suficiente, (...) para o bom desempenho do cidadão na vida social”
2. Código Epitácio Pessoa Decreto nº 3.890, de 1/1/1901.	Autorizado pela Lei Orçamentária nº 746, de 31/12/1900.	“Proporcionar a cultura intelectual necessária (...) para a obtenção do grau de bacharel em ciências e letras”
3. Reforma Rivadavia Correa Decreto nº 8.659, de 5/4/1911.	Autorizada pela Lei Orçamentária nº 2.356, de 31/12/1910.	“Proporcionar uma cultura geral de caráter essencialmente prático, aplicável a todas as exigências da vida (...)”
4. Reforma Carlos Maximiliano Decreto nº 11.530, de 18/3/1915	Autorizada pela Lei Orçamentária nº 2.924, de 5/1/1915	“Ministrar aos estudantes sólida instrução fundamental (...)”
5. Reforma João Luís Alves ou Rocha Vaz Decreto nº 16.782-A, de 13/1/1925	Autorizada pela Lei Orçamentária nº 4.911, de 12/1/1925, combinada com a Lei Orçamentária nº 4.793, de 7/1/1924	“Preparo fundamental e geral para a vida” e “Fornecer a cultura média geral do país”
6. Reforma Francisco Campos Decreto nº 19.890, de 18/4/1931: dispõe sobre a organização do ensino secundário.	Independente de autorização legislativa, imposta pelo governo provisório, na inexistência de Constituição.	“(...) formação do homem para todos os grandes setores da atividade nacional, construindo no seu espírito todo um sistema de hábitos, atitudes e comportamentos que o habilitem a viver por si mesmo e a tomar em qualquer situação as decisões mais convenientes e mais seguras”
7. Reforma Gustavo Capanema Decreto-lei nº 4.244,	Promulgada sob o Estado Novo, em que o Poder Executivo, na prática,	“Formar (...) a personalidade integral dos adolescentes”

de 9/4/1942: Lei Orgânica do Ensino Secundário	exercia também as funções legislativas.	
8. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 4.024, de 20/12/1961.	Discutida e aprovada pelo Congresso Nacional.	“(…) formação do adolescente”
9. Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º Graus Lei nº 5.692, de 11/8/1971.	Aprovada pelo Congresso Nacional em regime de decurso de prazo.	“(…) formação integral do adolescente”
10. Lei nº 7.044, de 18 de outubro de 1982: revoga a profissionalização compulsória.	Aprovada pelo Congresso Nacional.	“(…) formação integral do adolescente”
11. Lei nº 9.390, de 20 de dezembro de 1996 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).	Discutida e aprovada pelo Congresso Nacional.	<p>“I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;</p> <p>II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;</p> <p>III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;</p> <p>IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.</p>

(Fonte: PILETTI, 1999, p. 30, 31 e 45 – Adaptado)

É de fácil observância, pelo quadro acima, que os objetivos do Ensino Médio foram modificados ao longo das onze principais reformas perpetradas no período republicano, porém “já pudemos perceber como se evoluiu no sentido de caracterizar o ensino médio como sendo aquele em que se dá preferencialmente a formação do adolescente, deixando em segundo plano o seu caráter preparatório” (PILETTI, 1999, p. 46). Esse caráter o desvincula

do Ensino Superior, dando margem para que o estudante continue ou não os seus estudos, e o compromete com a finalidade de bem formar o adolescente.

Segundo Aur e Castro (2012), um olhar mais atento à Lei nº 9.394/1996 (LDB), no entanto, ressalta que o Ensino Médio é parte integrante do nível da educação básica, sendo a sua etapa final; cabendo-lhe a preparação contínua para a sequência nos estudos, a preparação básica para o trabalho e o exercício da cidadania.

No que tange à busca da preparação para o trabalho, a Lei nº 11.741/2008 altera a Lei nº 9.394/1996 no sentido de redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da educação profissional e tecnológica, incorporando o Decreto nº 5.154/2004, resgatando o Ensino Médio integrado com a educação técnica.

Nesse sentido, ações federais buscaram solucionar o problema com: a reordenação e expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (iniciada em 2003); o Programa Brasil Profissionalizado articulado com o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) com o objetivo de ampliar e melhorar o Ensino Médio apoiado no Ensino Integrado ao profissionalizante; o Pronatec - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (iniciado em 2011); o Proeja – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Iniciativas do Estado de São Paulo também têm buscado meios para atender a este objetivo: reimplantação do ensino técnico integrado ao médio nas escolas do Centro Paula Souza; Programa VENCE (integrado ou concomitante); Programa Via Rápida com foco na profissionalização de pessoas alfabetizadas e de baixa escolaridade.

Fato é que “os caminhos do Ensino Médio brasileiro têm oscilado ao longo de nossa história educacional. As reformas se sucedem e, com elas, o Ensino Médio ensaia passos, quase sempre trôpegos, na direção de um destino incerto” (CARNEIRO, 2012, p.8). São muitos os problemas encontrados, independente dos contextos: faltam professores qualificados, os salários docentes são baixos e desmotivadores, as famílias são indiferentes ao que se passa na escola frequentada pelos filhos adolescentes, os currículos são enciclopédicos, prevalece a educação bancária, os recursos e materiais são insuficientes, há um foco no preparo para os exames de ingresso no Ensino Superior e um desvio de olhar para a formação da cidadania. Como afirma Carneiro (2012, p.139):

A nossa escola de Ensino Médio vive a fantasia de um aprendizado divorciado da ideia de educação básica. Por isso, todo o seu formato organizacional, curricular e docente não é para formar sujeitos autônomos, mas para formar identidades. Além disso, é uma escola escassa de meios e

recursos que a qualifiquem. E como se não bastasse, não conta com um quadro estável de professores profissionais, mas, sim, de profissionais professores temporários.

O Ensino Médio tem sido alvo de grande preocupação por parte de educadores, pesquisadores e estudantes, refletindo ações como:

- a) O Observatório do Ensino Médio⁷: um grupo de estudos preocupado com o compartilhamento de ideias, temas e pesquisas sobre essa modalidade, também a respeito de juventude, suas relações com a escola e com o mundo.
- b) O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio: uma proposta do Ministério da Educação que busca oferecer formação continuada aos professores que atuam nessa modalidade.
- c) O Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio: composto por membros da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, Centro de Estudos Educação e Sociedade – CEDES, Fórum Nacional de Diretores das Faculdades de Educação – FORUMDIR, Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação – ANFOPE, Sociedade Brasileira De Física, Ação Educativa, Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Grupo Interinstitucional de Pesquisa sobre o Ensino Médio – EMPesquisa, Rede EMdiálogo – Rede de Universidades que mantém o Portal Diálogos com o Ensino Médio, APP Sindicato dos Professores do Paraná, Grupo These da UFF e UERJ. O movimento se opõe à aprovação do PL 6.840/2013, proposta de reformulação do Ensino Médio em tramitação na Câmara dos Deputados, que estabelece a oferta em período integral e causa polêmica, não apenas pela reestruturação do currículo, mas pela possibilidade de excluir boa parte dos jovens entre 15 e 17, que estudam à noite pois precisam trabalhar durante o dia.

Esse quadro conflituoso é ainda mais agravado quando considerada a necessidade emergente de incorporar o uso da tecnologia aos processos de ensino e de aprendizagem. É interessante observar que o Ensino Médio foi dividido por áreas:

- Linguagens, códigos e suas tecnologias: língua portuguesa, literatura, língua estrangeira (inglês e espanhol), educação física e arte.
- Ciências Humanas e suas tecnologias: filosofia, sociologia, história e geografia.
- Matemática e suas tecnologias.

⁷ Disponível em: <<http://observatorioensinomedio.wordpress.com/>> Acesso em 23 de jul. de 2014.

E cada uma dessas áreas estruturantes do currículo carregam as dimensões da tecnologia. Como, oportunamente, observa Carneiro (2012), as razões para se pensar a respeito da utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na educação são de tripla natureza: as tecnologias adquiriram relevância na educação geral e os jovens estudantes são convocados a se inserir nesse novo contexto, que deve abranger todas as áreas e disciplinas; a tecnologia possibilita aplicar os conhecimentos e habilidades construídos ao longo de toda a educação básica; por meio do uso da tecnologia, o estudante constrói uma preparação básica para ingressar no universo do trabalho, tal como prevê a LDB e é um dos objetivos do Currículo.

Chegamos ao ponto em que percebemos que as TDIC podem contribuir para um efetivo aprendizado do aluno, servindo como mediadora e importante aliada na construção do conhecimento e conquista dos objetivos educacionais. As necessidades que se apresentam hoje apontam para um futuro no qual não será possível pensar na educação sem incluir as TDIC. Essa reflexão será aprofundada nas duas próximas seções.

1.2 Língua Portuguesa e letramento

Língua Portuguesa

*Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

*Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!*

*Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,*

*em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
Em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!*

(Olavo Bilac, 2002)

O poema “Língua Portuguesa”, do parnasiano Olavo Bilac (1865-1918) é uma metáfora em que a língua é mostrada, em sua beleza e fragilidade, como uma flor, a última flor do Lácio (uma região da Itália). Das línguas neolatinas provenientes do latim vulgar falado pelos soldados romanos, a língua portuguesa foi a última a se formar “inculta e bela”.

A língua portuguesa surge como “esplendor”, uma vez que representa a ascensão do latim vulgar, mas também como “sepultura”, porque conforme vai sendo falada, o latim vai caindo em desuso. Ainda em formação – “ouro nativo”, “bruta mina”, “desconhecida e obscura”, “ó rude e doloroso idioma” – precisa ser lapidada, se comparada às demais línguas românicas (sendo as mais faladas, além do português, o espanhol, o italiano, o francês e o romeno).

A sonoridade da língua é enfatizada e associada às riquezas naturais da terra brasileira – “virgens selvas” e “oceano largo”. Sem esquecer as referências à colonização portuguesa e ao poeta que a consagrou, Luís Vaz de Camões (1524-1580), em sua epopeia *Os Lusíadas*, que conta as venturas e desventuras do lusitano Vasco da Gama rumo às Índias. E enfatizando a afetividade por trás das palavras, quando emprega “em que da voz materna ouvi: ‘meu filho!’”

Essa breve análise do poema que homenageia a língua portuguesa mostra a sua importância, mas não é só a mensagem que o poema transmite que merece destaque, também a sua estrutura e a escolha vocabular. Sem desejar enveredar para a análise literária, esse poema torna-se mote para reflexões mais profundas sobre: variação linguística, norma culta, a língua como reflexo histórico e cultural, ensino de língua portuguesa e letramento.

Segundo Bechara (2009), a língua portuguesa é falada por mais de 200 milhões de pessoas espalhadas por todo o mundo: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Porém, ela não é uniforme, uma vez que a linguagem possui suas dimensões universais, entendendo “por linguagem qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.” (BECHARA, 2009, p.28)

Para expor a concepção de signo, nos valem da explicação dada por Fiorin e Savioli (2007, p.111):

[...] o signo linguístico é constituído por duas partes distintas, embora uma não exista separada da outra.

Esse signo divide-se numa parte perceptível, constituída de sons, que podem ser representados por letras, e numa parte inteligível, constituída de um conceito.

A parte perceptível do signo denomina-se *significante* ou *plano de expressão*; a parte inteligível, o conceito, denomina-se *significado* ou *plano de conteúdo*. (grifos dos autores)

Assim, por meio de uma convenção social, os falantes passaram a adotar um signo linguístico para transmitir determinada ideia. Por exemplo, a palavra “cachorro” é um signo linguístico, o som da palavra ou a sua expressão escrita é o significante; enquanto que o seu sentido, extraído do Dicionário Aurélio Online⁸, é:

- a) Cão novo.
- b) Cria da loba, da leoa e de outros animais parecidos com o cão.
- c) Bras. Qualquer cão.
- d) Construção. Peça saliente de madeira ou pedra para sustentação de cimalha ou sacada; modilhão.
- e) Escora de navio em estaleiro.
- f) Fig. Pop. Homem desaforado, de mau caráter ou mau gênio; indivíduo desprezível, canalha.

⁸ Disponível em <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Cachorro.html>> acesso em 21 jun. 2014.

Observamos que um signo linguístico pode assumir diversos significados, de acordo com a intenção do falante e do contexto comunicacional em que está inserido. A caráter ilustrativo e para que se compreenda melhor a importância do contexto nas possibilidades de significação das palavras, é possível recorrer a um relato trazido por Cecília Goulart (2005, p.46), a respeito de uma professora de Física, onde conta que:

Tal professora vinha durante algum tempo ensinando aos alunos sobre a dinâmica de objetos, em problemas do tipo: “Um corpo que cai de altura x , a uma velocidade y , quanto tempo leva para chegar ao chão?”. Num determinado dia, observou, por meio da fala de alguns alunos, que a grande maioria deles estava considerando que corpo referia-se a uma pessoa morta, um defunto! Quer dizer, estavam referenciando a palavra corpo nas suas vivências cotidianas, em que, por força de violência existente na comunidade onde moravam, era comum encontrarem corpos de pessoas mortas. Na Física, corpo refere-se a um objeto qualquer. As palavras, então, adquirem sentido no contexto em que são produzidas; têm os sentidos vinculados à história de sua produção.

O contexto e o conhecimento prévio dos envolvidos na comunicação, portanto, passam a ser determinantes para a compreensão do texto, sem deixar de ressaltar que o texto traz as vivências dos sujeitos, na medida em que a escolha vocabular mostra o repertório do falante, ou seja, a quantidade de palavras que ele conhece e das quais pode se servir para formular a sua mensagem. Considerando que, para que essa mensagem seja compreendida pelo receptor, é necessário que o contexto e o vocabulário sejam comuns a ambos os envolvidos na comunicação.

Bechara (2009, p.28) defende o uso do termo “intercomunicação social” uma vez que “a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.”

Portanto, para que o signo linguístico possa ser compreendido pelos demais membros dessa comunidade, é necessário que ocorra uma espécie de “acordo linguístico”, a fim de que o signo seja objeto de conhecimento dos membros envolvidos na comunicação. Esse acordo é a língua. “A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*.” (BECHARA, 2009, p.30)

No entanto, é comum ouvirmos dizer que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a usar um determinado signo para se referir a um objeto, sob pena de não ser compreendido por seu interlocutor. Mas, tal fato não constitui uma negação da liberdade do falante, é apenas um reflexo da dimensão histórica da linguagem, a qual coincide com a própria historicidade do ser humano. O homem, ao longo da sua existência, dispõe e dispõe da

língua para manifestar a sua liberdade expressiva. Portanto, não é uma “imposição”, mas uma “convenção” humana. Cada palavra ou expressão que constitui a língua conta a história do homem, suas vivências e descobertas ao longo da sua existência.

Para Bechara (2009), a linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais:

- a) *Criatividade (ou enérgica)*: porque a linguagem é cultura e se manifesta como uma atividade humana criadora e livre, que não se restringe apenas ao que já foi produzido, mas pode assumir outras significações, prestando-se ao desejo do falante.
- b) *Materialidade*: envolvendo aqui o nível biológico da linguagem, uma vez que é uma atividade condicionada biológica e psiquicamente, implicando na relação do falante, que produz os signos fonéticos (sons) articulados, com o ouvinte, do qual se exige a capacidade de perceber e interpretar o conteúdo configurado pelo falante, sendo ele falado ou escrito.
- c) *Semanticidade*: sendo a semântica responsável pelo significado das palavras, o sentido do signo.
- d) *Alteridade*: demonstrando a natureza político-social do homem, que depende de outro indivíduo para que ocorra a comunicação, ou seja, se há um falante, é necessário um ouvinte. Assim, há sempre cofalantes e coouvintes.
- e) *Historicidade*: porque a linguagem, que se apresenta sob a forma de língua, carrega consigo a tradição de uma comunidade histórica.

Essas cinco dimensões demonstram, dentre outros aspectos, a dinamicidade da linguagem. Assim, a linguagem se concretiza na língua, e por seu caráter de historicidade permite que existam línguas diversas (portuguesa, espanhola, inglesa, francesa etc.) de acordo com seu conjunto geográfico, social e histórico.

Como:

Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*. (BECHARA, 2009, p.30) (*grifos do autor*)

Assim, é possível e aceitável tantos significados para a palavra “cachorro” como também a interpretação diferenciada da palavra “corpo” pelos alunos da professora de Física, como vimos nos exemplos acima.

Partindo da diversidade apontada por Bechara, é admissível que exista variação linguística determinada por fator regional, histórico e sócio-cultural, que impacta diretamente

no léxico da língua. Segundo Fiorin e Savioli (2007, p.93): “O léxico consiste no repertório de palavras de que uma dada língua dispõe. Em sentido amplo, podemos considerar o léxico como sinônimo de vocabulário.”

Para os autores, o léxico possui diferentes regiões ou setores lexicais, a saber:

Quadro 2 – Diferentes regiões ou setores lexicais

Regiões ou Setores Lexicais	Exemplos
Gírias: Vocabulário especial usado por um dado segmento social	rangar: tomar uma refeição não embaça: não perturba
Regionalismos: Vocabulário próprio de uma dada região	piá: menino, no sul do Brasil bergamota: mexerica, no Rio Grande do Sul
Jargões: Vocabulário típico de uma dada especialidade profissional	desaquecimento da demanda: situação em que se compra por menos
Estrangeirismos: Termos estrangeiros incorporados a nossa língua	spread: taxa de risco que se paga sobre um empréstimo software: programas do computador
Arcaísmos: Palavras ou expressões caídas em desuso	festinar: apressar físico: médico
Neologismos: Palavras recentemente criadas	televisar: transmitir pela televisão informatizar: submeter a tratamento informático

(Fonte: FIORIN e SAVIOLI, 2007, p. 93 – Adaptado)

Esses setores ou regiões lexicais existem porque a língua é uma estrutura viva, que se transforma enquanto é usada. Os falantes conferem-lhe características e peculiaridades, sendo responsáveis pelas transformações linguísticas que resultam em coidiomas. Por exemplo, na Espanha, o idioma oficial é o espanhol ou o castelhano, mas existem dialetos ou coidiomas como o catalão, o basco e o galego.

No Brasil, embora não existam dialetos reconhecidos, há certamente coidiomas. Mesmo o ensino de Língua Portuguesa sendo obrigatório no ensino público, no particular e até em escolas indígenas e todos os documentos oficiais serem redigidos em Língua Portuguesa é evidente a convivência do idioma com palavras e termos que não fazem parte da língua oficial, mas não impedem a comunicação entre os falantes envolvidos.

É fato que as pessoas que falam em determinada língua conhecem as estruturas gerais, básicas, de funcionamento dessa língua. Embora sejam mais ou menos constantes dentro do idioma, essas estruturas básicas podem sofrer variações devido à influência de inúmeros fatores, no caso brasileiro: a extensão territorial, a presença do indígena e a colonização, a

escravidão, a imigração, a globalização e as necessidades cotidianas de comunicação entre os diversos grupos sociais.

As variações, que às vezes são pouco perceptíveis e outras vezes bastante evidentes, recebem o nome genérico de variedades ou variações linguísticas. Elas ocorrem porque “nenhuma língua é usada de maneira uniforme por todos os seus falantes. Seu uso varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social.” (FIORIN e SAVIOLI, 2007, p.221)

Muitos são os fatores que geram as regiões ou setores lexicais e é grande o impacto sob a linguagem quando se considera o canal ou meio de comunicação. A escolha do canal ou meio está diretamente relacionada ao contexto comunicacional. Se o contexto for uma reunião, uma palestra, uma apresentação, a opção do falante será pela norma culta, ou seja, uma linguagem formal. Se o contexto for um diálogo com amigos, provavelmente a linguagem será informal, coloquial. Isso na oralidade. Na escrita, quando se trata de uma mensagem redigida em um livro, um romance, será usada uma linguagem literária, enquanto que se for veiculada por jornal, a linguagem será jornalística, focando principalmente a informação. Assim, o veículo escolhido para a transmissão da mensagem será determinante para a escolha da linguagem.

Outra razão que impacta no léxico é o meio social ao qual pertence o falante, relacionando-se à classe social e às condições de estudo. Assim, não é difícil encontrar pessoas que digam “pobrema”, “adevogado”, “mendingo”. Isso ocorre, em geral, ou porque no grupo do qual faz parte o falante essas são as formas usuais, ou porque não teve a oportunidade de frequentar uma escola para conhecer outras variantes.

O lugar onde a língua é falada também pode impactar na escolha lexical. Um morador de São Paulo “desce” do ônibus, enquanto o do Rio de Janeiro “salta” do ônibus. O paulista come “bolacha”, o carioca come “biscoito”. São escolhas vocabulares determinadas por fatores regionais. Se a língua portuguesa permite tais diferenças entre regiões tão próximas, ainda mais quando se pensa nas palavras do português do Brasil e do português de Portugal. Um termo famoso e que tem conotação ofensiva é “rapariga”, usado com naturalidade pelos portugueses, pode gerar muitos transtornos se empregado em algumas regiões do nordeste brasileiro.

A língua, mais uma vez, serve-se às necessidades de comunicação dos falantes, pois são eles que determinarão qual a função daquela palavra dentro do processo comunicacional. O signo tem o seu significado literal, mas pode assumir outra função, de acordo com o contexto.

Pelo seu uso e pela sua dinamicidade, a língua também sobre o processo de envelhecimento, assim, alguns termos caem em desuso, enquanto outros surgem. Não é preciso que se vá muito longe para se comprovar tal afirmação, basta observar uma conversa entre um avô e um neto num dia frio, enquanto o primeiro poderá dizer “Onde está a sua japona?”; o segundo, compreendendo o vocabulário arcaico do avô, responderá “Não sei onde está a minha jaqueta”.

Vale ressaltar que, por servir às necessidades dos falantes, a língua constantemente se renova. Palavras caem em desuso, enquanto outras surgem a cada instante, tendo seu uso consagrado ao longo do tempo. Neologismos de verbos como “escanear” e “internetar” foram criados recentemente, o substantivo “navegador” vem de “navegar”, o verbo utilizado antigamente em outro contexto e com outro significado, hoje se presta também ao uso da internet. O que vem mais uma vez corroborar com a dinamicidade da língua.

Não é de hoje que isso ocorre, mas há registros mais recentes da criação de palavras ou sons que não têm significado definido, mas que dentro de um dado contexto fazem sentido para os falantes. Quando se fala de música, por exemplo, o que dizer da construção “Segura o ‘tchan’, amarra o ‘tchan’”?⁹ E o que seria o tal “lepo lepo”?¹⁰ São, seguramente, neologismos que servem a uma necessidade do emissor da mensagem e têm seu significado compreendido pelos sujeitos, dentro de um dado contexto situacional e histórico.

Assim, no processo de comunicação é importante considerar quem são os envolvidos na transmissão da mensagem. Essa interação poderá denunciar a idade do indivíduo, sua posição social, sua cultura, a que grupo pertence, a região de onde provém, sua profissão, dentre outros aspectos.

Todos esses fatores, em maior ou menor proporção, juntos ou isolados, resultarão nas regiões ou setores lexicais mencionados por Fiorin e Savioli (2007).

Além das questões relativas ao significado do signo linguístico há também variação relativa ao som das palavras, ou seja, fonética. Permitindo que a palavra “menino”, por exemplo, seja pronunciada no Nordeste do Brasil com o fonema /e/ aberto, enquanto no Sudeste a pronúncia é fechada. Inclusive, o ensino da pronúncia das vogais /e/ e /o/, já nos primeiros anos de alfabetização, trará grande impacto na língua, uma vez que enquanto no Sudeste são ensinados como sons fechados, no Nordeste são sons abertos. O mesmo corre

⁹ “É o Tchan!” é um grupo baiano de pagode e axé, que se tornou muito popular na segunda metade da década de 1990, com canções de duplo sentido e teor erótico.

¹⁰ Música do grupo baiano de pagode “Psirico”, que fez grande sucesso no Carnaval 2014. O termo está sujeito a interpretação com conotação sexual, pela letra da canção.

com algumas consoantes, resultando numa pronúncia distinta entre essas e outras regiões brasileiras.

O fator lexical também merece destaque, pois a palavra conhecida como “abóbora”, no Sudeste, é chamada de “jerimum”, no Nordeste. Um mesmo termo tendo duas palavras para designá-lo.

Outro item a ser apontado e que nos auxilia na compreensão de tantas diferenças dentro da mesma língua é a sintaxe. A sintaxe trata da disposição das palavras, corresponde à maneira como organizamos nossa frase, possibilitando ao falante do Sudeste, quando lhe é oferecido um pedaço de bolo, recusar dizendo “não quero”, enquanto o do Nordeste responde “quero não”.

Assim, ainda retomando Bechara (2009), é a diversidade da língua portuguesa que permite infinitas formas de dizer a mesma coisa. O que gera também muitas discussões e até um julgamento de qual seria a forma mais adequada para se transmitir a mensagem. Há, evidentemente, uma forma consagrada, que é a chamada norma-culta. A escola é a principal responsável por transmiti-la, porém, a reflexão que permitiu chegar até aqui evidencia que a despeito dos parâmetros da gramática normativa, o falante faz suas escolhas lexicais de maneira livre e conforme lhe convém. Essas escolhas, no entanto, podem gerar um pré-julgamento do falante e por vezes resultar na sua exclusão de um determinado grupo social, é o chamado preconceito linguístico. Que pressupõe que exista uma maneira correta de dizer algo, em detrimento de outras maneiras.

A noção de “certo” e “errado”, dentro da língua portuguesa, suscita debates extensos, que não são o foco deste trabalho, mas precisam ser mencionados para a compreensão de que a língua se serve à comunicação e por isso não deve existir o erro ou o acerto, o que existe é a adequação ao contexto comunicacional, porque todo texto tem um contexto e uma intenção, que determinam a escolha vocabular. Faz-se importante compreender aqui a noção de texto como “toda e qualquer forma de comunicação humana pela língua (oral ou escrita), pois tudo o que ocorre como evento comunicativo em situações sócio-culturais normais é texto.” (MARCUSCHI, 2005, p.67)

No processo de disseminação da norma-culta, a escola tem papel de destaque, conforme já afirmado, pois ela é o espaço de transmissão e de consagração da gramática normativa. Mas, tal papel tem sido desdobrado e, aos poucos, a escola vem repensando suas práticas, principalmente em relação ao ensino da disciplina Língua Portuguesa, responsável direta pela transmissão desse conhecimento.

Para melhor compreensão da proposta de ensino da disciplina nos dias atuais é válido, mesmo que de maneira breve, um recorte histórico de como caminhou o seu ensino ao longo do tempo.

Segundo o Currículo do Estado de São Paulo (2010), o ensino de Língua Portuguesa, tanto no Brasil como em Portugal, limitava-se à alfabetização, até meados do século XVIII. Os poucos que conseguiam avançar nos estudos tinham acesso à aprendizagem da gramática latina, da retórica e da poética. Em 1759, o Marquês de Pombal manteve o ensino da retórica e da poética, mas tornou obrigatório, em ambos os países, o ensino da Língua Portuguesa (e não mais do Latim), porém manteve-se a tradição latina do ensino da gramática. Assim, até o fim do Império, perdurou o ensino da Gramática, da Retórica e da Poética.

Apenas no século XIX a Gramática passou a chamar-se Português. A mudança no nome, no entanto, não significou a alteração de conteúdos. Até metade do século XX manteve-se a Gramática, a Retórica e a Poética.

Entre as décadas de 1950 e 1960, ocorreu a democratização do ensino e os filhos dos trabalhadores puderam chegar à sala de aula, mas na questão dos conteúdos, poucas mudanças ocorreram. A partir de 1970, com os avanços dos estudos da Linguística, principalmente relativos à linguagem, a escola foi pressionada a implantar mudanças significativas.

Vemos surgir a preocupação com o ensino da língua organizado a partir de duas vias inseparáveis: como objeto e como meio para o conhecimento. Ou seja, deveria ser apresentada como matéria a ser analisada, minuciosamente, ao mesmo tempo em que proporcionaria ao sujeito a construção e a compreensão de conhecimentos do mundo. (CURRÍCULO, 2010, p.28)

Rojo (2009) destaca que foi nas décadas de 1960 e 1970, por conta da industrialização da América Latina, que a política educacional vigente priorizou a formação profissional para que se formasse mão-de-obra capaz de utilizar as máquinas e conhecer os processos de produção. Na década de 1990, como consequência do grande volume de informações gerado pela globalização e pelo acesso às TDIC, a escola passou a adotar outros parâmetros, preocupando-se em oferecer ao aluno conhecimentos básicos (as chamadas “competências e habilidades”), trazendo a linguagem para o centro de atenção da vida escolar.

Assim, nesse breve retrospecto apresentado, chega-se ao objetivo do ensino de Língua Portuguesa neste início de século XXI, segundo o Currículo (2010, p.28): “desejamos formar para o mundo do conhecimento por meio da linguagem.”, tendo em mente que

[...] os conhecimentos linguísticos não podem ser limitados apenas pelo conhecimento da norma-padrão.

[...] Além disso, há o aspecto social da língua que, como organismo vivo e pulsante, transforma-se a toda hora e relaciona os textos com o momento de produção e de leitura.

A atividade de Língua Portuguesa deve evitar que o aluno se sinta um estrangeiro ao se utilizar de sua própria língua: é necessário saber lidar com os textos nas diversas situações de interação social. [...] Assim, o centro da aula de Língua Portuguesa é o texto [...] (CURRÍCULO, 2010, p.30)

Na intenção de costurar o excerto acima aos pontos levantados até aqui, torna-se relevante considerar:

Primeiro: a visão de que apenas o domínio da norma-culta é suficiente para a aquisição dos conhecimentos linguísticos necessários à comunicação vem aos poucos decaindo. Dando lugar, sobretudo, à compreensão da importância do domínio da norma-culta e da sua utilização de acordo com o contexto comunicacional. Abandonando-se, dessa forma, a noção de “acerto” e “erro”, adotando-se a “adequação linguística”.

Segundo: a língua, considerando os fatores que levam à variação, requer dos sujeitos envolvidos na comunicação um conhecimento mais que gramatical. Ela deve ser reconhecida também no que concerne ao seu aspecto social, como espaço de “intercomunicação social”, como afirmou Bechara (2009, p.28), uma vez que “a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros” e o viver em sociedade, pressupõe exercício de cidadania; e para exercer esse papel, o estudante de Língua Portuguesa também deve estar preparado.

Terceiro: o ensino deve conferir ao aluno a habilidade de utilizar a sua língua; e a concretização da língua se dá na produção do texto, seja ele oral ou escrito. Assim, torna-se imprescindível que o aluno seja capaz de produzir e compreender os diversos textos com os quais tem contato cotidianamente porque “cada esfera de utilização da língua constrói seus modelos relativamente estáveis orientados pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional. É o que denominamos gêneros textuais.” (CURRÍCULO, 2010, p.30) E para que os sujeitos envolvidos no processo comunicacional comuniquem e compreendam os textos, faz-se fundamental o conhecimento dos gêneros textuais ou gêneros discursivos, assim denominados por Bakhtin (2000).

“Os gêneros textuais são artefatos linguísticos construídos historicamente e culturalmente pelas pessoas para atingir objetivos específicos em situações sociais particulares.” (CURRÍCULO, 2010, p.31) por isso são ilimitados. A fofoca, o debate, o comercial de TV, a conversa telefônica, a piada, a carta, o relatório, a crônica, o romance, a bula de remédio, a notícia, a lista, o convite, dentre uma infinidade de outras possibilidades são exemplos de

gêneros textuais ou discursivos possíveis de se produzir. Marcuschi (2005, p.16) define os gêneros textuais como “formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural.”

O Currículo do Estado de São Paulo (2010, p.31) afirma que o discurso deve ser “entendido como a materialidade do texto, organizado em um dado gênero, inserido em uma situação real de interação entre os sujeitos em determinado contexto.” Portanto, “gêneros do discurso são modos de organização dos enunciados, elaborados para dar conta das diferentes necessidades sociais das pessoas, das instituições, dos grupos” (GOULART, 2005, p.45).

O que a escola deseja ensinar é a tipologia textual, ou seja, a sequência teórica definida para a construção da composição textual. Os tipos de texto restringem-se a cinco categorias principais: narrar, relatar, prescrever, expor e argumentar. À escola não cabe ensinar modelos engessados segundo os quais os textos devem ser produzidos, mas esclarecer e auxiliar na compreensão de que o texto funciona em sociedade e que é necessário saber de que forma ele deve ser produzido para atingir o seu objetivo comunicacional. O Currículo (2010, p.32) ressalta ainda que é “necessário compreender tanto as características estruturais (ou seja, como o texto é feito) como as condições sociais de produção e recepção, para refletir sobre a sua adequação e funcionalidade.”

O trabalho com os gêneros discursivos, no entanto, não exime a escola do ensino da gramática normativa. Pelo contrário! Pois o aluno também precisa produzir os gêneros textuais que exigem o emprego da norma-culta, por exemplo, um currículo, um e-mail profissional, uma palestra, uma dissertação etc. Por outro lado, a escola também deve ensinar que não é sempre que o emprego de uma linguagem mais formal é adequado.

É preciso enfatizar, porém, que apesar da grande importância da língua culta, ela não se presta para ser usada em todas as circunstâncias indiferenciadamente. Nem todas as pessoas têm consciência de que há ocasiões em que o uso da língua formal é inadequado, produzindo efeitos ridículos: é tão ridículo, em situação formal, chamar o governador de ‘meu chapa’ quanto, numa conversa de bar, chamar o colega de V. Exa. (FIORIN e SAVIOLI, 2007, p. 222)

O currículo evidencia uma tomada de consciência da escola no que tange ao ensino da disciplina Português no século XXI. Embora, saiba-se que muitos dos envolvidos nesse processo, principalmente os professores da disciplina, ainda carregam a ideia de que o “bom” português, a língua portuguesa a ser ensinada pela escola é apenas aquela proposta pelos compêndios gramaticais.

Essa visão “conservadora” faz com que muitos docentes fechem os olhos para as produções textuais dos alunos em condições informais de comunicação e oponham-se a certas práticas discursivas na internet.

Dentre os diversos usos da internet por adolescente, é possível observar que é frequente leitura e a escrita nos ambientes online: troca de e-mails, *download* de livros, pesquisas escolares e mensagens em grupos sociais. É perceptível a criação de uma nova prática de leitura e escrita, diferente da escolar e da impressa. Porém, nem sempre bem vista pelos educadores.

Esses gêneros digitais, por sua dinamicidade, exigem também uma nova forma de registro, o chamado “internetês”. Definida por Rojo (2009, p.103) como “uma linguagem social adaptada à rapidez de escrita dos gêneros digitais em que circula – bate-papo em chats, comunicação síncrona por escrito em ferramentas como MSN e blogs.”

Essa modalidade de registro é alvo de críticas dos educadores que atribuem à internet (e, em particular, às redes sociais) o baixo domínio linguístico, por acreditarem que induz o jovem a escrever de maneira errônea e incentiva o desconhecimento da norma culta da língua. No entanto, é importante observar que essa nova escrita está adequada ao gênero discursivo próprio desse meio e vem reforçar a dinamicidade da língua, que permite a criação de gírias, neologismos, regionalismos etc.

Nesta reflexão, também merece destaque um conteúdo intrigante que diz respeito à distância entre a língua falada e a língua escrita.

A fala espontânea tem como desvantagem a sua dinamicidade, de tal forma que não há muito tempo para o falante organizar o texto que pretende dizer, por isso, às vezes, a expressão das ideias pode se dar de maneira desorganizada. Uma vantagem, no entanto, é que conta com recursos como a entonação; os gestos; um contexto comum aos sujeitos; normalmente, existe a possibilidade de se solucionar dúvidas e mal entendidos no momento em que ocorrem, dentre outros.

Já a escrita pode ser planejada e, em geral, não fragmentada, apresentando-se mais completa, bem elaborada e com predominância de frases mais complexas. Sendo possível a revisão do texto, a seleção de um vocabulário mais exato e preciso. Porém, apresentando também suas desvantagens: a comunicação se faz, geralmente, na ausência de um dos participantes; não há o contexto, por isso são necessárias muitas explicações para evitar dúvidas; não se dispõe de recursos como gestos, entonação e expressões faciais.

Voltando à produção textual na internet, por conta das características do meio, há a necessidade da adaptação do texto. Como resultado, é perceptível uma escrita híbrida, uma vez que está permeada pela oralidade.

O fato incontestável é que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e som. Por outro lado, a ideia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes [...] (MARCHUSCHI, 2005, p.19)

Também é importante destacar que o uso constante de abreviações faz com que surjam termos que atendem à necessidade do falante naquele momento de escrita, mas que podem ter seu uso consagrado, criando-se assim um cânone, o que significa asseverar a contribuição dessa escrita para a formação de novas variedades comunicativas, tal como ocorre na fala.

A polêmica que se gera em cima do uso do “internetês” vem da posição de alguns professores que não compreendem a relevante função do ensino de Língua Portuguesa quando se considera a questão do seu papel social. O estudante precisa conhecer sim a norma culta, é dever da escola ensiná-la, mas o professor também precisa fornecer ao aluno subsídios para que possa comunicar-se em qualquer situação: “a grande missão do professor de língua materna (...) é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação”. (BECHARA, 2007, p. 14). Portanto, estabelece-se um grande desafio.

É importante considerar, como preconizam Fiorin e Savioli (2007, p.221), que “usar a linguagem adequada a cada situação é uma das qualidades do bom usuário do idioma”, por isso a escola precisa ensinar os gêneros e propiciar ao aluno a compreensão de quais são os contextos de utilização desses textos, não ignorando as diversas situações comunicacionais nas quais o aluno está envolvido. Mas também deve ensinar que “não se pode afirmar que exista um padrão de linguagem superior em termos absolutos: a situação concreta de comunicação é que determina a forma de linguagem mais ou menos eficiente” (FIORIN e SAVIOLI, 2007, p.221), portanto, não é possível dizer que o “internetês” seja errado, mas é possível orientar que, por exemplo, na produção de uma dissertação para um vestibular, o emprego dessa modalidade de escrita será inadequado.

O que não se pode perder de vista é o caráter histórico e cultural da língua.

Todo texto assimila as ideias da sociedade e da época em que foi produzido. [...] Quando se afirma que os textos se relacionam com a história, não se quer dizer que eles narram fatos históricos de um país, mas que revelam os ideais, as concepções, os anseios e os temores de um povo numa

determinada época. [...] As ideias de uma época estão presentes nos significados dos textos. (FIORIN e SAVIOLI, 2007, p.27)

Em pleno século XXI negligenciar as produções textuais dos jovens na internet é tentar apagar parte da história e da cultura que se está escrevendo. O que hoje pode parecer mero entretenimento, amanhã servirá como material para estudos linguísticos, históricos, culturais e sociais, em muitos casos, até literários, uma vez que é grande a produção de crônicas, contos e poemas em *blogs* e sites.

A escola, tendo a consciência de que seus alunos vivem numa sociedade letrada na qual tanto os sujeitos escolarizados como os não-escolarizados estão inseridos, deve assumir a postura favorável ao ensino dos letramentos. Esses letramentos devem ser entendidos como “capacidades de leitura”, nas palavras de Rojo (2009), que envolvem aspectos culturais e sociológicos.

Ainda segundo a autora, letramento não deve ser confundido com “alfabetização”, embora sua origem encontre-se no termo inglês *literacy*, que numa tradução para o português assume vários sentidos (alfabetização, letramento, alfabetismo), e tenham sido usados indissociavelmente em textos e pesquisas da década de 1980, no Brasil.

Pela complexidade e diversidade que recobre os conceitos, a opção por um exemplo pode ser a mais recomendada: Supondo que Francisco, sem escolaridade e analfabeto, exercendo a profissão de auxiliar de produção numa empresa de pequeno porte, por uma questão de segurança, receba o seu salário pelo banco. Mensalmente, Francisco vai ao banco e, mesmo sem saber ler, consegue extrair dinheiro do caixa eletrônico apenas pela memorização da posição dos quadros na tela, das teclas e das cores. Ele não precisou ser alfabetizado para participar de uma situação que envolvia uma prática social de letramento. Esse caso ilustra, de maneira simplificada, a diferença entre alfabetismo e letramento. Na sociedade atual, principalmente nos grandes centros urbanos, todos estão envolvidos diariamente em práticas de letramento.

Assim,

alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos) [...] enquanto *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrindo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.) [...] (ROJO, 2009, p.98) (*grifos da autora*)

Embora a escola trabalhe no âmbito daqueles que são alfabetizados, não pode perder de vista que um dos seus principais objetivos deve ser possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que utilizam a leitura e a escrita (letramentos) na vida cotidiana, por isso, deve trazer para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, canônica e dominante, mas culturas populares, locais e de massa, aproximando-se da realidade e das necessidades de seu alunado, promovendo, assim, “multiletramentos ou letramentos múltiplos” (ROJO, 2009), tendo em mente a heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua / linguagem.

Dessa forma, vale lembrar que o “internetês” encaixa-se como um excelente exemplo. Portanto, a escola não precisa ignorá-lo ou “marginalizá-lo”, ele deve ser estudado na sala de aula como um modo situado de funcionamento da linguagem e que serve à necessidade dos sujeitos de acordo com o contexto comunicacional, para redação de gêneros digitais específicos, trazendo uma carga cultural.

Ainda de acordo com Rojo (2009), além da busca por promover os “multiletramentos ou letramentos múltiplos”, a escola deve considerar que o texto eletrônico, além da oferta de leitura do texto verbal escrito, traz consigo um conjunto de outras modalidades de linguagem, como imagens estáticas ou em movimento, música, fala, que tornam esses textos, pela sua multiplicidade de modos de significar, constituintes de “letramentos multissemióticos”.

Uma característica interessante a respeito do texto digital que vale a pena ser destacada é a sua hipermodalidade, propiciada pelo conjunto de outras modalidades de linguagem citado acima, e que por vezes promove a quebra da linearidade textual. Segundo Marcuschi (2005), os hiperlinks, *links* eletrônicos que possibilitam a interatividade constitutiva do hipertexto, geram uma organização textual que não é de tudo nova. Funcionariam como se fossem, por exemplo, as notas de rodapé num texto impresso. Porém, há quebra da linearidade a partir do instante em que os conteúdos são expandidos e um hiperlink pode levar a outra página, que pode levar a outra página, perdendo-se assim a continuidade da leitura do texto original e/ou enveredando para outros temas. O que não ocorre no texto impresso, uma vez que ao terminar a leitura da nota de rodapé, retoma-se, de maneira linear, a leitura do texto anterior. Neste eixo, os hiperlinks propiciam leituras diversas, pois um texto digital repleto de hiperlinks poderá levar cada leitor a uma compreensão diferente do conteúdo, de acordo com os hiperlinks que selecionar para leitura, assim, se constituem infinitas maneiras de leitura do texto.

Ainda, nessa reflexão, é possível inserir os “letramentos críticos e protagonistas” uma vez que os textos orais e escritos só têm sentido quando seus significados são construídos por

falantes inseridos num mundo social, com seus valores, suas vivências, seu repertório (a não perder de vista o caso da professora de física e o uso do termo “corpo” na elaboração do exercício e compreensão dos alunos). São esses sujeitos que, envolvidos no que Bakhtin (2000) chamará de “esfera de atividade social ou de circulação de discursos”, farão suas escolhas discursivas, por isso, é importante despertar no aluno a sua capacidade de reflexão, de contestação e de recriação de significados, para que tenha condições de fazer tais escolhas.

Bakhtin (2000) propõe o conceito de “esfera de atividade social ou de circulação de discursos” como o domínio de produção discursiva ou atividade humana em que os gêneros discursivos circulam (escolar, científica, artística, política, jornalísticas, publicitária, cotidiana) em diferentes posições sociais, nas quais os sujeitos atuam como receptores e/ou produtores de discursos. Assim, “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 279). E, segundo Rojo (2009), são essas esferas que interpenetram-se a todo instante na vida cotidiana.

Em consonância com toda essa reflexão e para amalgamar os pontos levantados, o conceito de “letramento digital” faz-se oportuno. Segundo Coscarelli e Ribeiro (2011, p.9), “é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. Utilizar o termo “letramento digital” faz recobrar a necessidade de se inserir as TDIC na educação, conforme abordado na seção anterior.

Outro ponto relevante está nas práticas:

Creio não estar errado em afirmar que cabe à escola e ao professor organizar e implementar práticas de leitura / escrita que leve os estudantes ao domínio de competências para o manejo dos dois tipos de textualidade (impressa e digital), mesmo porque há vantagens e desvantagens em ambas, além de usos sociais próprios de cada uma delas. Outrossim, sabendo que a frequência a esses dois mundos multiplicará exponencialmente a exposição dos estudantes a uma grande variedade de textos, caberá aos professores estabelecer critérios de busca e seletividade de modo a, inclusive, gerar significação para as buscas e pesquisas através da leitura. (SILVA, 2003, p.123)

É fundamental que a escola tenha em mente que suas práticas devem ser condizentes com a realidade e as necessidades de seu alunado. Para isso, o ensino (não apenas de Língua Portuguesa, mas de todas as disciplinas) tem por dever garantir que os estudantes sejam capazes de desenvolver as diferentes formas de uso das linguagens (verbal, musical, gráfica etc.) e das línguas (variedades linguísticas) para poderem participar das práticas cidadãs e profissionais, em ambiente presencial ou virtual. Para isso, é necessário que os alunos

desenvolvam as competências básicas que lhes darão plena autonomia para lidar com as línguas, as linguagens, as mídias e as múltiplas práticas letradas de maneira ética, crítica e protagonista.

Para tanto, não é necessária uma revolução complexa, basta uma revisão dos programas de ensino de tal forma que passe a contemplar os gêneros textuais das diversas esferas de atividade social. Cabe também apontar que as escolhas do ensino devem ser condizentes com os objetivos de aprendizagem. Diante desses princípios norteadores será possível selecionar aquilo que é “ensinável” e importante de ser aprendido, tendo em mente que essas escolhas também dão protagonismo ao professor.

A observação do passado, que ocorreu ao longo deste capítulo, possibilita compreender alguns aspectos do presente. Na seção seguinte, o olhar se volta para questões relacionadas à tecnologia e suas implicações na comunicação cotidiana e na cultura da sociedade.

1.3 Do osso ao ciberespaço: a tecnologia enquanto instrumento

*Se você fala com um homem em uma língua que ele compreende,
isso entra na cabeça dele.
Se você fala com ele na língua dele, isso atinge o coração dele.*
(Nelson Mandela)

As mídias digitais e a internet têm auxiliado a vencer barreiras de tempo e de espaço em diversas atividades humanas: trabalho, estudo, relacionamentos pessoais e comerciais etc. Com o acesso às informações facilitado pelas novas tecnologias, o ser humano é capaz de conhecer o mundo sem precisar se deslocar fisicamente.

Afinal, o que é a tecnologia? Muitas pessoas, numa visão redutora, associam tecnologia a celular, computador, *tablet*, internet e redes sociais, essas novas tecnologias, que muitas vezes assustam quem não tem “intimidade” com os recursos, escondem o conceito geral de tecnologia, que é muito mais amplo. Segundo Kenski (2012, p.18), tecnologia é o “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade”. Nessa prerrogativa, cabe ressaltar que nas mais simples atividades cotidianas, fazemos uso da tecnologia, não sendo, portanto, o termo restrito a recursos eletrônicos.

Causa estranhamento pensar que a tecnologia está presente há muito tempo na vida do ser humano, porém, por vezes, passa despercebida. Ora estamos inseridos nela – carro, avião, sapatos – ora está inserida em nós – próteses, óculos, bebidas e alimentos industrializados, medicamentos –, fato é que convivemos diariamente com produtos resultantes de sofisticadas tecnologias. Aliás, o próprio sistema de comunicação (a língua) é uma tecnologia. Acostumamos tanto que já não sabemos viver sem a tecnologia, que integra nosso cotidiano de maneira tão natural que nem pensamos o quanto de conhecimento foi necessário para que se tornasse acessível a nós.

A tecnologia faz parte da vida humana desde os tempos mais remotos. Um exemplo que demonstra a sua importância no desenvolvimento de nossa espécie desde os primórdios é o filme “2001 – Uma Odisseia no Espaço”.¹¹ Esse sucesso do cinema ilustra de maneira muito interessante o que seria a tecnologia: (aos 15m50s) o macaco pega um osso grande e forte e bate nos ossos menores que estão ao seu redor; depois, ao ver um crânio, o arrebenta com

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FcREELi3e1E>>. Acesso em 12 jun. 2014.

esse osso. Nesse momento ele percebe que, com o osso, pode abater um animal maior que ele para servir-lhe de alimento. Logo depois (aos 18m), ao lutar com o membro de outro grupo de macacos para defender uma reserva de água, usa o osso para derrubar e quebrar o crânio do rival. Além de descobrir no osso uma ferramenta, de maneira *sui generis*, ele aprende a fazer um novo uso dela, como arma, quando a destina à defesa.

Debruçando o olhar no passado, percebemos que a evolução social da humanidade funde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época: a idade da pedra, a era do ferro, do ouro, do bronze, da agricultura, da produção industrial, da informática. Correspondem a momentos histórico-sociais em que por meio de avanços tecnológicos o homem melhorou sua qualidade de vida (KENSKI, 2012) e mais, ocorreu uma transformação na vida de um grupo social e não apenas de um ser individual.

Num processo análogo, é o que vivenciamos atualmente em relação ao uso da tecnologia em contexto escolar. Há muito o ensino faz uso da tecnologia: pergaminho, papiro, livro manuscrito, papel, tipografia, livro impresso, litografia, fotografia em papel, som gravado em disco de vinil, jornal, rádio, televisão, fita de vídeo, essas tecnologias convencionais que aos poucos tornaram-se tecnologias digitais ou receberam similares digitais.

As TDIC têm adentrado a sala de aula nos bolsos, mochilas e mãos dos nossos alunos, porém, muitos docentes ainda não encontraram caminhos para fazer uso dela de uma maneira que não permita apenas “quebrar os ossos”, mas sirva também para “defesa” dos interesses da escola e do aprendizado dos estudantes.

Esse é um dos grandes desafios para a ação da escola na atualidade. Viabilizar-se como espaço crítico em relação ao uso e à apropriação dessas tecnologias de comunicação e informação. Reconhecer sua importância e sua interferência no modo de ser e de agir das pessoas e na própria maneira de se comportarem diante de seu grupo social, como cidadãos. (KENSKI, 2012, p.25)

As TDIC, focando as mais utilizadas e possíveis de serem empregadas no ensino formal (televisão, computador e internet), influenciam de maneira direta a vida de seus usuários e provocam alterações sociais significativas. Informações veiculadas por/em tais suportes ditam moda e comportamentos, tornando-se perigosas quando ignoradas as reais intencionalidades e consequências: é o caso da disseminação de padrões sociais irreais, divulgação de informações falsas, roubo de dados dos internautas, espionagem, dentre outros; ao mesmo tempo em que podem tornar-se valiosas e úteis: quando facilitam a comunicação,

auxiliam no acesso à informação, eliminam a distância física, abrem caminho para se enxergar além dos limites regionais e temporais.

Desse modo, a escola não pode se dar a opção de ignorar tal influência, sob pena de apresentar uma educação que promova a exclusão, deixando à margem da atualidade os seus aprendizes. “O professor deve intervir no processo que visa transformar informação em conhecimento, acessibilidade em inclusão social e é fundamental situar o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem.” (AZEVEDO, 2012, p. 86)

Não se trata de questionar se a escola utilizará ou não as TDIC, uma vez que já estão incorporadas ao cotidiano escolar. O que a escola não pode mais é continuar usando apenas as tecnologias convencionais, ignorando as digitais.

Considerando, em particular, as tecnologias digitais, percebe-se que abriram possibilidades de acesso à informação jamais cogitadas. No tocante às relações de ensino entre os muros escolares, esse acesso tem solicitado uma readaptação, pois, tradicionalmente, a transmissão de informações era tarefa exclusiva da escola, que decidia quais conhecimentos teóricos seriam transmitidos aos educandos e qual o momento certo para isso, limitando o acesso à informação ao grau de estudo. Havia, portanto, uma limitação do espaço e do tempo para ter acesso a um determinado conteúdo.

As rápidas transformações tecnológicas, no entanto, romperam com essa centralização da informação. Mas, vale destacar que a mera descentralização das informações do âmbito escolar não tira do professor a sua importância, pelo contrário, provoca a necessidade de assumir uma nova postura: a de mediador. Nesse processo, o professor deixa o posto de detentor do saber, assumindo uma postura intermediadora mais adequada à contemporaneidade, a postura daquele que leva o aluno a pesquisar, elaborar, construir, desconstruir e reconstruir conhecimento, tendo as TDIC como ferramenta.

A internet tem propiciado a criação e troca de informações: usar os cento e quarenta caracteres do *Twitter* para comunicar algo; compartilhar vídeos, fotos e textos via *Facebook*; criar sites, blogs e portais são ações cada vez mais comuns no dia-a-dia. Nessa era fortemente marcada pela presença das mídias digitais, cibercultura é um termo em voga que corresponde ao “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17), considerando o ciberespaço como “meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”, é toda estrutura virtual de comunicação interativa. Portanto, a cibercultura é a cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais em rede.

Essa cultura é renovada a todo instante pela ação de atores anônimos que livremente criam seus espaços sociais no mundo virtual. A reflexão a respeito da construção colaborativa do conhecimento será desenvolvida no capítulo 2. Por enquanto, basta pensar a respeito de como as TDIC influenciam na vida cotidiana, abrindo espaço para a expressão da cultura contemporânea, por meio da cibercultura, tendo como cenário o ciberespaço.

A compreensão do que vem a ser cibercultura, segundo Vilarinho (2011), implica reconhecer as três leis gerais que a movimentam: a “liberação do polo de emissão”, “a rede está em todos os lugares” e “tudo muda, mas nem tanto”.

A primeira lei reconhecida como a “liberação do polo de emissão” deve ser vista aqui como a liberdade de vozes e discursos emitidos e difundidos pelos meios de comunicação em massa, informações essas anteriormente reprimidas e controladas, hoje são espalhadas livremente no ciberespaço.

A “liberação do polo de emissão” promove a quebra da hegemonia dos grandes meios de comunicação de massa a partir do instante em que qualquer pessoa possa produzir o que desejar e divulgar aos demais. Esta lei permite que o acesso e a produção das informações deixem de estar centralizados nas mãos de quem tem o capital e passem a atender aos interesses sociais, a partir do momento em que qualquer membro da sociedade pode produzir, transmitir e acessar as informações. Se antes havia uma unidirecionalidade de vozes, agora elas emergem de todos os cantos e são propagadas em todas as direções. A “liberação do polo de emissão” rompe com o sistema em que um emissor transmitia a muitos receptores e permite que muitos emissores transmitam a muitos receptores, havendo, portanto, uma participação ativa e não mais passiva, em que ressoam vozes e discursos os mais diversos.

A segunda reconhece que “a rede está em todos os lugares”, portanto, pressupõe a conexão entre os envolvidos (pessoas, máquinas, objetos etc.), fenômeno cada vez mais evidenciado nas relações cotidianas, nas quais observamos pessoas que buscam estar conectadas, postam constantemente fotos, vídeos e textos na internet. Em alguns casos, tornando-se esse hábito num vício.

A terceira ressalta que “tudo muda, mas nem tanto”, é o princípio de que na cibercultura não há substituição, mas reconfiguração, mixagem. A troca de informações é constante e infundável. Não há a substituição de um conhecimento, mas a sua renovação, o diálogo com outros conceitos, a possibilidade de contribuição que faz com que sempre se possa acrescentar algo à informação ou misturá-la a outras.

A respeito da segunda lei, vale pensar que, por vezes, somos levados a acreditar que apenas os jovens têm se apropriado das tecnologias digitais, que somente eles são capazes de

compreendê-las. Porém, se observarmos ao redor, cada vez mais, pessoas de diferentes faixas etárias incorporam a tecnologia à sua rotina.

Obviamente, para os jovens esses recursos tecnológicos existentes são mais fáceis de operar, pois desde pequenos já se habitua a manuseá-los. Esse assunto será melhor aprofundado na seção 2.1, mas, para ilustrar como tais recursos são vistos de maneira natural na vida de crianças e jovens, faz-se oportuna uma breve digressão:

Lecionando para o 6º ano (5ª série) do Ensino Fundamental, uma professora de Língua Portuguesa deixou bem claro para suas crianças de onze anos que o celular era proibido em sala de aula e que deveria ficar dentro da mochila, podendo usá-lo somente no intervalo. Qual foi o seu espanto quando uma aluna perguntou: “Professora, o que você fazia com o seu celular quando você tinha a nossa idade e a professora não deixava você usar?”, maior ainda foi o assombro da estudante quando a professora disse que quando tinha onze anos o celular não existia...

Esse exemplo dá a dimensão da importância que as TDIC tomaram na vida das pessoas a ponto de não se cogitar mais estar sem elas. Pensar no hoje sem as TDIC é o mesmo que pensarmos em como seria a nossa vida sem energia elétrica ou água encanada. As pessoas ficam desesperadas se esquecem do celular em casa ou se não conseguem acessar o sinal da internet, a urgência de usar tais recursos é tanta que em restaurantes, consultórios médicos, *shoppings*, aeroportos não pode faltar o *wi-fi*.

A despeito do que ocorre ao seu redor, a escola por vezes mostra-se neutra, como que inerte aos avanços e às potencialidades de enriquecimento do trabalho pedagógico que as TDIC podem trazer. “Com tanta tecnologia, o professor ainda se ocupa de passar na lousa o conteúdo que o aluno deve copiar. Com tantas informações na internet, ainda é o livro o único recurso didático utilizado pela maioria dos professores.” (PERICO, 2013, p. 230) Existe, obviamente, um despreparo escolar em relação à incorporação desses recursos como ferramentas no ensino, constatar isso é um primeiro passo, o segundo é correr atrás de atualização, seja pela aquisição de equipamentos, pela oferta de formação docente, pela abertura de espaço para que os alunos criem e recriem, num processo coletivo e contestatório de aquisição do saber.

Coscarelli (2005, p.31) acredita que “Os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para essa nova realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e planejando formas de usá-los em suas salas de aula.” Mas há consciência de que é papel também das universidades repensarem seus currículos a fim de prepararem os futuros professores para essa realidade.

Para atualizar os docentes é preciso repensar a sala de aula, refletir sobre os ambientes de ensino / aprendizagem, reconfigurar conceitos e práticas. Assim, com as emergências das novas tecnologias, emergiram formas de interação e até mesmo novos gêneros e formatos textuais. E então a escola foi atingida pela necessidade de incluir, ampliar, rever. (COSCARELLI e RIBEIRO, 2005, p.8)

Essa postura de abertura ao novo provocará mudanças muito significativas nos modos de ensinar e de aprender, tal como afirma Azevedo (2012, p. 86): “Há mudanças nos modos de produzir e construir o conhecimento a partir da introdução das tecnologias no cenário educativo, há novas formas de acesso à informação, assim como há novas formas de relacionamento com o mundo.”

No universo da cibercultura, é sabido que nem tudo o que se produz é conhecimento, uma vez que as TDIC prestam-se a diferentes serviços. Mas é necessário reconhecer que com esse recurso está sendo registrada uma história, a história humana no início do século XXI. A escola precisa aproveitar essa oportunidade para disseminar o saber. O universo cibercultural abre espaço para que a escola se insira, ela precisa somente apropriar-se das técnicas para aproveitar a ferramenta em prol do seu objetivo de uma educação contextualizada e emancipadora.

No tocante aos objetivos da Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e tendo como foco o Ensino Médio, seus objetivos somente serão alcançados se a escola se inserir nesse universo das TDIC, pois elas envolvem não apenas a preparação para o trabalho como também o exercício da cidadania.

Atualmente, as relações trabalhistas são permeadas pelo uso das TDIC, desde o envio de um currículo via e-mail até a comunicação profissional com pessoas de outras localidades por videoconferência (por exemplo, *Skype*, *Hangouts* dentre outros). É inconcebível pensar que um estudante do 3º ano do Ensino Médio use as TDIC para se relacionar no seu cotidiano via redes sociais, mas possa sair da escola sem uma noção básica de como encaminhar um e-mail pleiteando uma vaga profissional.

E o que se pode dizer da importância da escola enquanto responsável pela construção da consciência cidadã do aluno? No desempenho do seu papel social, a escola não pode negar aos educandos a inserção no mundo virtual, sob pena de ferir um dos direitos adquiridos por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que assegura, dentre outros, o direito a uma educação de qualidade, que, nesse âmbito, deve incluir a inserção tecnológica como parte essencial da formação cidadã.

A escola é um organismo vivo, portanto, se modifica, evolui, se desenvolve, neste processo, se confronta com vários desafios, os quais deve saber administrar para obter sucesso em seus objetivos. A muitos pode parecer que a escola sempre foi assim e que em nada mudou, o que ocorre é que as mudanças na escola se dão de maneira morosa porque além da falta de recursos, a escola também se apresenta com certa “desconfiança” em relação à aplicabilidade da tecnologia em suas práticas. Isso faz recordar o sábio depoimento de uma professora de inglês:

Quando meus pais estudaram, (1932-em região pobre de Minas Gerais) eles não tinham nem cadernos, eles usavam pequenas lousas para anotar tudo. Na outra aula tinham que apagar e anotar outras informações. Alguns anos depois, já tinham cadernos, era uma grande novidade. Todos queriam o caderno, pois achavam que aprendiam mais anotando tudo o que o professor dizia e não precisava mais apagar o conteúdo. Depois de muito tempo, as crianças começaram a ganhar livros na escola, aí sim foi muito bom. Esta descoberta se estendeu às bibliotecas. Décadas depois, apareceram os computadores, então os alunos ficaram mais animados para os estudos. Hoje, não há escolas sem isso, ou pelo menos é o discurso de muitas. A razão pela qual estou contando essa história é para dizer que o mundo evolui e o homem também deve evoluir. Dizer que a tecnologia não está ligada à educação é como dizer que a semente irá crescer em solo pedregoso. O mundo muda, as pessoas mudaram. A tecnologia muda a cada dia e a educação tem que acompanhar essa grande mudança, pois o nosso aluno anseia pela informação ligada à tecnologia. Esta é minha opinião! (AZEVEDO e PERICO, 2014, p.58)

Esse depoimento mostra como a tecnologia (lousa, caderno e livro) chegou aos poucos à escola e foi importante na transmissão e aquisição do conhecimento. A tecnologia veio para melhorar o processo de ensino e de aprendizado, e isso implicou, evidentemente, na necessidade de algumas adaptações. O letramento digital é importante para evitar a exclusão digital, pois se a escola não se atualizar para ocupar o seu papel de mediadora do conhecimento nos dias atuais, as crianças e os jovens correm o risco de não saberem aproveitar as potencialidades das TDIC e a riqueza do aprendizado no ciberespaço.

Assim, outro apontamento que não pode ser ignorado é a inclusão digital. Considerando o caráter heterogêneo do país, se a escola não dialogar com as TDIC e insistir em ignorá-las corre o risco de muitos estudantes das classes menos abastadas saírem do Ensino Médio (isso quando o concluem) sem jamais ter tocado num teclado e se quer acessado um site. Numa sociedade que valoriza tanto a comunicação virtual, privar o aluno do contato com as TDIC é ferir os seus direitos cidadãos.

Não favorecendo esse acesso à informática e não a transformando em aliada para a educação, sobretudo das camadas populares, a escola estará contribuindo para mais uma forma de exclusão de seus alunos, lembrando

que isso vai excluí-los de muitas outras instâncias da sociedade contemporânea [...] (COSCARELLI, 2005, p.32)

Há escolas públicas que, na tentativa de promover a inclusão digital, oferecem a informática como mais uma disciplina do currículo, quando deveriam utilizá-la para as atividades realizadas nas demais matérias. A informática deveria ser um recurso auxiliar na aprendizagem, integrando e reunindo as diversas áreas do conhecimento, pois o que se percebe é que a informática como mais uma disciplina do currículo torna-se desmotivadora para o aluno.

[...] o computador pode ser um forte aliado da escola, uma vez que os recursos da informática são sedutores, além de imprescindíveis para a formação de um cidadão letrado. No entanto, para que ele realmente venha a representar uma mudança na vida escolar, é preciso que a educação seja compreendida como útil e aplicável pelos alunos e não como uma realidade a parte, desinteressante e inacessível.” (COSCARELLI, 2005, p.39)

Como afirma Pereira (2005), a exclusão digital ou analfabetismo digital é mais um desafio para a escola. Se não houver a percepção daquilo que é necessário ou desnecessário ensinar, as instituições de ensino correm o risco de caírem num precipício de envelhecimento prematuro. Obviamente, os problemas a serem enfrentados são inerentes ao desejo dos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem – escola, professores, alunos –, pois estão postos na atual Sociedade da Informação, na Era do Conhecimento, na qual já não basta saber ler, escrever e digitar, é necessário mais que isso para que os sujeitos estejam inseridos nas diversas práticas letradas que a contemporaneidade impõe. A discussão mais aprofundada desse assunto será desenvolvida na seção 1.2.

Em relação aos desafios para a educação, é necessário ter em mente que: os problemas são comuns àqueles que estão em processo de mudança e evolução; o papel dos que estão envolvidos no ensino não é impedir que os problemas ocorram ou retardar as mudanças, mas adaptar-se a eles, num processo contínua de (re)aprendizagem; as dificuldades e necessidades da educação brasileira são comuns a de outros países (dentro de cada realidade), por conta do processo de globalização no qual a Sociedade da Informação está inserida, portanto, é possível analisar e se apoiar nas boas práticas adotadas ao redor do mundo.

2 O CONHECIMENTO: HOJE E AMANHÃ

É de impressionar o movimento alucinante e passageiro imposto pelas TDIC. De repente, aquilo que é presente torna-se passado e o futuro torna-se presente... e, num processo dinâmico, já indica que logo será substituído por algo diferente, que novamente ocupará o futuro.

Atualmente, as relações a distância são potencializadas pelas TDIC. A distância física já não mais distancia, pelo contrário, pode aproximar as pessoas com interesses semelhantes. Assim, o mais importante não é visualizar o que as TDIC nos reservam num futuro distante, mas pensar como usaremos as TDIC num futuro tão próximo que já visualizamos no presente.

Este capítulo 2 propõe reflexões acerca do uso das TDIC na educação. A seção “2.1 – TDIC: extinguindo ou estabelecendo fronteiras?” aponta para o futuro quando reflete a respeito do perfil dos jovens em contraste com o perfil dos educadores. Tendo como foco a importância da participação do professor, a seção “2.2 – Mediação pedagógica e construção colaborativa do conhecimento” conduz a uma reflexão a respeito do seu papel no aproveitamento desse espaço tão usado atualmente pelos alunos nas suas relações interpessoais, e ainda pouco explorado pelos educadores. A seção “2.3 – Portal educacional: uma janela que se abre ao conhecimento” mostra como o portal educacional potencializa o protagonismo de alunos e professores e as aprendizagens colaborativas.

2.1 TDIC: extinguindo ou estabelecendo fronteiras?

*A mente que se abre a uma ideia
jamais voltará ao tamanho original.*
(Albert Einstein)

Retomando a reflexão feita na introdução deste trabalho a respeito do perfil do atual alunado e citando Marc Prensky (2001), estamos diante de um grupo de estudantes representantes da primeira geração que está tendo contato com tecnologias como: computadores, videogames, câmeras de vídeo, telefones celulares e outros “brinquedos e ferramentas” da era digital, sendo que fazem parte integral do seu cotidiano, uma vez que despendem grande parte do seu tempo assistindo à televisão, jogando vídeo game, conectados na internet, ouvindo música e, inclusive, fazendo essas atividades simultaneamente.

O autor ressalta que esses jovens pensam e processam informações de maneira completamente diferente de seus antecessores. Aponta para a suspeita de que as experiências diferentes possam levar as crianças a terem estruturas cerebrais diferentes, mas como ainda não há comprovação dessa ideia, afirma que certamente os padrões de pensamento mudaram e refere-se a esse grupo de alunos como “nativos” da linguagem digital de computadores, videogames e da internet. Os que não nasceram nesse mundo digital, mas adotaram alguns aspectos dessa nova tecnologia, em comparação aos “nativos digitais”, recebem o nome de “imigrantes digitais”.

Porém, há algumas práticas que permitem a diferenciação dos membros de cada grupo. Não é difícil encontrar alguém (o “imigrante digital”) que, recebendo uma mensagem via e-mail, opte por imprimi-la para leitura; chegando até a formular a resposta manuscrita, para depois ser digitada na caixa de e-mail. É o chamado “sotaque”. O “nativo digital”, por outro lado, gosta de ter acesso rápido às informações, realizar processos paralelos e multitarefas e opta por ler um texto de maneira não linear, tendo acesso aos hipertextos.

Prensky (2001) reforça a ideia da possibilidade de estruturas cerebrais diferentes porque, para os “imigrantes digitais” seria como o aprendizado de uma nova língua e, segundo os cientistas, uma língua aprendida mais tarde na vida vai para uma parte diferente do cérebro.

A fronteira entre a educação oferecida e a necessária está no fato de que aqueles que ensinam (“imigrantes digitais”) falam uma “língua” desatualizada (a da era pré-digital) e lutam para ensinar um grupo que fala uma linguagem nova. Eles não acreditam que se possa

aprender fazendo várias atividades ao mesmo tempo, por exemplo, estudar assistindo à televisão, justamente, porque na época em que eram alunos não aprendiam assim. Também criticam os jovens porque não têm concentração para assistir a uma palestra ou não conseguem viver desconectados da rede. Os professores “imigrantes digitais” supõem que devem ensinar aos alunos da maneira como aprenderam, porém, essa suposição não é mais válida, pois os alunos são diferentes, é outro contexto, outra realidade. O professor que não tem essa compreensão julga o aluno como desatento e desinteressado, sem compreender que há uma nova maneira de aprender, que demanda novos modos de ensinar.

Ainda segundo Prensky (2001), esse é um ponto instalado e não é possível retroceder. Aos professores cabem algumas posturas que podem contribuir para um processo de aprendizado mais coerente e eficiente:

a) a mudança na metodologia, que exige a necessidade de uma adaptação para se comunicar na “língua” e no estilo dos alunos, embora não exista fórmula pronta, é importante testar propostas;

b) a seleção dos conteúdos que, segundo o autor, podem ser divididos em “Conteúdo Legado” (leitura, escrita, aritmética, pensamento lógico, compreensão dos escritos e ideias do passado etc.) e “Conteúdo Futuro” (software, hardware, robótica, nanotecnologia, genômica etc., bem como conteúdos que devem acompanhá-los, como ética, política, sociologia, outros idiomas). Não se propõe deixar de lado conteúdos essenciais para a formação do educando, mas é necessário repensá-los, confrontando-os com a realidade. Surgindo a hipótese de rever o currículo e inserir o “Conteúdo Futuro”, as questões que ecoam são: Quem irá ministrá-lo? Será que nossos educadores estão preparados?

Em diálogo com as ideias de Prensky (2001) e fazendo um contraponto, Livingstone (2011, p.13) afirma que “embora as habilidades on-line recém-conquistadas pelos jovens sejam compreensivelmente alardeadas por ambas as gerações, isso não as coloca acima de uma observação crítica, pois os jovens empreendedores e *hackers* são exceções e não a norma.”, fazendo menção aos jovens *hackers* que quebram códigos de segurança em sistemas de países e aos jovens empresários que estão fazendo fortuna no *E-bay*, como os criadores do Google e do YouTube.

A autora chama a atenção para a admiração que se tem do desempenho dos jovens no manejo dos recursos online e enfatiza que é uma admiração comum, já que é uma das poucas vezes em que um jovem ou criança adquire maior domínio que os mais velhos em atividades valorizadas socialmente, o mesmo ocorre quando uma criança é migrante e aprende mais rápido o idioma que os pais. Mas ressalta que ter habilidades online não significa que a

criança ou jovem esteja tirando o melhor aprendizado da internet ou fazendo o melhor uso dela.

Livingstone (2011) cita o caso de três jovens visitados duas vezes por ela: Megan (visitada aos 8 e aos 12 anos), Anisah (visitada aos 12 e aos 15 anos) e Ted (visitado aos 14 e aos 18 anos). Após observar os hábitos e as habilidades de acesso à internet dos três jovens, a autora concluiu que:

[...] as vantagens que eles tiram da internet são limitadas. Primeiro pela falta de interesse por informação, educação ou exploração e, em segundo lugar, por sua fraca habilidade em pesquisar e avaliar sites, embora não se deva subestimar a importância em adquirir habilidades de literacidade relacionadas à comunicação, especialmente para adolescentes. (LIVINGSTONE, 2011, p.18)

Ressaltando ainda que “ter apenas os recursos (financeiros, educacionais, e parentais) não necessariamente coloca uma pessoa em vantagem se um interesse genuíno em aprender e explorar não for cultivado desde cedo.” (LIVINGSTONE, 2011, p.18) A internet servirá à proposta de aprendizado desde que o jovem seja orientado e esteja interessado.

A autora faz referência ao termo “literacidade” e explica que:

Para aqueles que entendem “literacidade” apenas como leitura e escrita, a noção de literacidade na internet (ou literacidade computacional, ciberliteracidade etc.) soará perturbadora. Para não falantes da língua inglesa, a falta de uma tradução direta de “literacy” para algumas línguas causa uma dificuldade. (LIVINGSTONE, 2011, p.19)

É possível compreender “literacidade” numa concepção muito próxima da abordagem dada a letramento (na seção 1.2 deste trabalho) e no mesmo rumo da discussão de que o letrado nem sempre sabe desenvolver as suas habilidades em todas as circunstâncias de letramento às quais é submetido: “com o advento da educação massiva e o consequente aparecimento do letramento massivo, muitas pessoas tornaram-se letradas, mas não literatas” (LIVINGSTONE, 2011, p.20), ou seja, é maior o número de pessoas letradas, porém não críticas, nesse sentido, não apenas considerando pessoas que não refletem a respeito daquilo que leem ou acessam, mas englobando também a dificuldade que algumas têm em localizar informações.

Assim, também é condizente aproximar letramento digital do que Livingstone (2011, p.26) chamará de “literacidade na internet”, a qual define “como a habilidade de acessar, entender, criticar e gerar conteúdos informativos e comunicacionais *on-line*.”

Voltando à reflexão a respeito da atuação dos jovens em ambientes online, a autora afirma que “Ser capaz de usar a internet é de pouca valia em si.” (LIVINGSTONE, 2011,

p.32), o que abrirá boas oportunidades de aprendizado é a habilidade em fazer uso desse recurso. Por isso, muitas vezes é necessária a orientação de familiares, educadores ou pessoas mais velhas. A ideia de que os jovens têm pleno domínio do universo digital tem exposto nossas crianças aos perigos da internet.

Percorrendo o caminho entre a visão de Marc Prensky (2001) e a de Sonia Livingstone (2011), fica evidente que os jovens têm mais facilidade para manusear os recursos digitais, porém, isso não significa que tenham habilidades suficientes para obter da internet o que ela tem de melhor. O adulto, mesmo que não tenha tanto convívio com as ferramentas da web, tem papel relevante na orientação dos jovens. Ressaltando a importância de um processo de aprendizado direcionado, focado e com objetivos definidos. Ter nascido em uma determinada década não indica que o indivíduo, automaticamente, já possua as habilidades necessárias para o manuseio dos recursos disponíveis e que os nascidos em décadas anteriores possam cruzar os braços e acreditar que tudo está feito. Assim como um adulto nascido na década de 1970 pode adquirir conhecimentos que o possibilitem manusear muito bem os recursos digitais, também um jovem nascido no ano 2000 pode não ter habilidades para manuseá-los. Não é a data de nascimento que determina o nível de conhecimento, mas o interesse e as habilidades desenvolvidas.

No campo da Educação, no entanto, surge a indagação: é necessário “aprender coisas novas” ou “aprender novas maneiras de fazer coisas velhas”? A chave para solucionar essa incógnita talvez seja revisar e mesclar as metodologias e os conteúdos, tendo em mente que esse processo, inevitavelmente, exige mudança. Mudança essa que não ocorrerá mediante indiferença, resmungos e postergação.

No entanto, a atual situação das escolas públicas no Brasil em relação ao acesso às TDIC está aquém do ideal. Há um número insuficiente de computadores e um acesso precário à internet, o que gera pouca possibilidade de acesso aos alunos e pode ocasionar a exclusão digital; isso sem mencionar o fato de que o corpo docente é majoritariamente formado por profissionais muitas vezes pouco familiarizados com os computadores e que não tiveram na sua formação a abordagem de como usar tal recurso em sua prática pedagógica.

Os perigos para a educação ao ignorar essa realidade e não tentar modificá-la são muitos, dentre eles, a perda de uma geração de jovens estudantes, que pode não ver sentido no que aprende; sentir-se entediada e desmotivada; pensar no ensino como algo obsoleto, irrelevante e descontextualizado.

A educação não pode acontecer no vácuo, precisa estar em consonância com o contexto histórico, geográfico, social, cultural, político, econômico e tecnológico. É uma

questão fechada que a escola precisa inserir as TDIC em seu cotidiano. A questão aberta é como fazê-lo diante da realidade atual das escolas. Não se trata apenas de pensar no presente, mas erguer os olhos e avistar no horizonte o futuro, que não se encontra tão distante.

Como afirma Marcuschi (2005, p.20):

É inegável que a tecnologia do computador, em especial com o surgimento da Internet, criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas numa velocidade espantosa [...]. Isso dá uma nova noção de interação social. Este é o primeiro aspecto que gostaria de frisar na natureza das novas tecnologias que não são anti-sociais como alguns supuseram, mas favorecem a criação de verdadeiras redes de interesses. Surgem daí “comunidades virtuais” em que os membros interagem de forma rápida e eficaz [...].

Em sua prática docente, no entanto, alguns professores se restringem ao uso de tecnologias como vídeo, data show, músicas, ignorando as potencialidades de aprendizagem em ambientes virtuais. Não que os professores não conheçam ou não façam uso desses ambientes em sua vida pessoal cotidiana, tanto para pesquisa na elaboração dos conteúdos de suas aulas como para se relacionar com outras pessoas, mas às vezes desconhecem como podem usar os ambientes virtuais como recurso em suas aulas, ou, não desejam depreender tempo no preparo de atividades contando com essas ferramentas.

Ainda é grande a dificuldade dos professores aproveitarem a “intimidade” que os alunos têm com esses instrumentos para fazerem uma interface com suas aulas, muitos continuam trabalhando em sua sala de aula usando os recursos mais tradicionais, sem pensar que podem tornar a aula mais dinâmica e prazerosa para os alunos e para si próprios. Enquanto isso, há casos de alunos que, com frequência, desenvolvem conteúdos online, como produção de blogs, publicação de textos e vídeos de sua autoria, construção de sites e páginas pessoais etc.

Equivocadamente, persiste a crença de que a tecnologia na cibercultura seja a protagonista, na verdade, as tecnologias digitais em rede estão na base do processo produtivo. A apropriação dessas tecnologias e seus usos são, na verdade, o protagonismo. É um híbrido, pois não é o ser humano sozinho o protagonista, tão pouco a mera existência do recurso tecnológico. “As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre a tecnologia (que seria da ordem da causa) e a cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas.” (LÉVY, 1999, p.23).

Em pesquisa de doutoramento desenvolvida na Universidade Federal do Pará, Fraiha-Martins (2014) aponta para a importância de inserir o letramento científico-digital na formação dos licenciandos das séries iniciais da educação básica:

defendo um modelo de formação inicial de professores para atuarem nos anos iniciais com rico potencial de produzir rupturas de ideias sobre docência cristalizadas ao longo da educação do futuro professor, bem como produzir o descentramento da visão de ensino unidirecional, de único meio e de únicas verdades, e centrar na outra concepção de Ensino multidirecional, de múltiplos meios e de verdades provisórias. (FRAIHA-MARTINS, 2014, p.170)

Nesse sentido, a autora busca, ao longo da pesquisa, demonstrar que os letramentos científico e digital inseridos na formação dos educadores “contribuem para elaborações de práticas diferenciadas de Ensino, sejam elas com a inserção ou não das tecnologias digitais” (FRAIHA-MARTINS, 2014, p.171). Corroborando a ideia de que é preciso repensar a formação docente e considerar o contexto do século XXI, no qual se insere o ensino. Não é mais possível acreditar que o aluno é uma folha em branco e que compete à escola escrever o conhecimento a ser adquirido por ele, pois o aluno traz uma bagagem a ser considerada ao longo do processo formativo.

Entretanto, também não é admissível a visão reducionista de que o computador por si só fará o trabalho de educar os nossos jovens e de que eles já têm competência suficiente para extrair dessa máquina todo o conhecimento necessário, resgatando aqui as ideias de Livingstone (2011) apontadas acima.

O replanejamento da formação docente, inserindo o letramento científico-digital, fornecerá aos educadores os conhecimentos necessários para orientar os alunos no uso das ferramentas digitais e aprimorar as habilidades que eles já possuem. Ao professor não cabe a atitude de sentar-se, cruzar os braços e achar que porque nasceu numa determinada década está fadado a ter um conhecimento “x”, limitado, relativo ao uso das tecnologias digitais. Os jovens podem ter mais habilidade no manuseio das ferramentas, mas ainda cabe ao professor, aos pais e a todos os responsáveis pela educação caminhar lado a lado com eles rumo à construção de um conhecimento significativo mediado pela tecnologia.

2.2 Mediação pedagógica e construção colaborativa do conhecimento

A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. [...] Inculcaram-me nesse tempo a noção de pitombas — e as pitombas me serviram para designar todos os objetos esféricos. Depois me explicaram que a generalização era um erro, e isto me perturbou.

(Graciliano Ramos)

Sócrates, o maior educador da Grécia Clássica, combateu o uso da escrita na educação, porque, segundo ele, a escrita desestimulava a memória e dificultava a interação entre mestre e pupilo. Hoje, torna-se impossível pensar em educação sem pensar em escrita, sendo subentendida também a leitura.

Nesse processo do hoje com vistas no amanhã, a educação encontra-se novamente em um impasse. O emprego das TDIC na sala de aula presencial tem se tornado cada vez mais necessário, pois nossos jovens têm recorrido à internet para desenvolver diversas atividades sociais, mas nem sempre fazem uso dela para o estudo. A escola deve ver nesses ambientes um espaço para dar continuidade ao estudo além dos muros escolares.

Alguns creem que o uso do computador e da internet por si só já indicam que sua aula é “moderna” ou “eficiente”, pois estão fazendo uso das TDIC e atendem às necessidades de letramento digital dos alunos, porém, tal como afirma Coscarelli (2005, p.26):

Podemos usar o computador para ajudar os alunos a decorarem listas e listas de tabuada, regras, datas, dados, etc. Podemos usar o computador para apresentar de forma bonita e animada um monte de conteúdos que os alunos têm de saber. Se a concepção de aprendizagem for conteudista e baseada na memorização, o computador atenderá muito bem. Programas de apresentação de slides (como o Power Point) podem transformar o computador em um lindo quadro que não é mais de giz nem é negro, mas que vai funcionar em sala de aula da mesma forma que as tão conhecidas lousas, que servem de suporte para o professor apresentar todo o saber.

Portanto, “a generalização é um erro”. Pensar que as TDIC por si só já transmitem conhecimento é uma concepção ingênua, pois o mais importante é o planejamento da transmissão dos conteúdos, de tal forma que se utilize a máxima potencialidade dos recursos tecnológicos em busca dos objetivos claros e definidos.

Como afirma Azevedo (2012, p.87): “O uso consciente das tecnologias na educação (...) propicia um repensar da educação tradicional, a partir da renovação dos saberes e da possível e inevitável disposição para o diálogo dos docentes com os demais atores do

processo educativo”. Portanto, há a necessidade de usar conscientemente a tecnologia, tendo em mente os objetivos educacionais. Como aquele que assume a mediação de alguns saberes, está o professor. “A mediação é um processo dinâmico no qual as ferramentas ou artefatos culturais modelam as ações das pessoas. Entretanto, essa modelagem só acontece na medida do uso que dela fazem os indivíduos.” (FREITAS, 2005, p.29) Assim, a mediação pedagógica refere-se ao modo como o professor utiliza as ferramentas ou artefatos culturais em sua prática docente.

No entanto, é interessante observar três tipos de atitudes docentes em relação à mediação pedagógica: a do professor que usa e incentiva o uso da tecnologia, mas não dispõe do recurso em sala de aula; a do professor que possui o recurso em sala de aula, mas não o utiliza; a do professor que dispõe do recurso e o utiliza.

No atual contexto é preciso ter um olhar diferenciado para a relação tecnologia / mediação pedagógica. O professor que incentiva o aluno a utilizar a tecnologia, mesmo não contando com o recurso em sala de aula – solicitando pesquisas e atividades no computador em casa, por exemplo – está inserindo os alunos em práticas de letramento digital, apesar dos obstáculos de recursos físicos que possa vir a enfrentar, como a dificuldade de acesso dos alunos, em especial os mais carentes de recursos financeiros.

Enquanto o professor que dispõe do recurso mas não o utiliza pode promover a exclusão digital do aluno. O que se vê em muitos casos é que o professor acredita que seu colega fará uso dos recursos e, portanto, ele não necessita utilizá-lo em sua disciplina. Até pode ocorrer de o professor querer utilizar o recurso, mas não saber como aproveitá-lo para ministrar o conteúdo de suas aulas, esbarrando na falta de formação docente.

Por fim, o professor que possui o recurso e o utiliza também precisa ser observado porque utilizar a tecnologia como mediadora pedagógica não é sinônimo de acerto, como será analisado no capítulo 3, seção “3.5-Organização e análise do material empírico”, onde os participantes apontam casos de professores que utilizam com sucesso a tecnologia em suas aulas enquanto outros tentam fazer uso, mas sem sucesso, demonstrando o grande desafio que é para os docentes que aventuram-se a utilizar.

Assim, a mediação pedagógica voltada para a inclusão digital depende de diversos fatores, que não apenas a oferta de recursos físicos, embora este também seja um problema, mas além dos recursos físicos e do seu manuseio, outra barreira é a revisão das práticas docentes para a adoção dessas ferramentas no ambiente educacional. Por isso, se as instituições fizerem o esforço de prover máquinas e equipamentos aos professores e alunos, bem como ofertar a formação docente necessária, ficará mais fácil o uso.

E assim, se retoma o enredo do filme “2001 – Uma odisseia no espaço”: se o osso não estivesse ali, seria impossível ao macaco descobrir maneiras diversas de utilizá-lo.

Como aconteceu em relação à escrita, combatida por Sócrates, assim está ocorrendo em relação às TDIC, que ainda enfrentam resistência por grande parte dos professores. Fato é que o conhecimento e suas funções sociais estão sendo construídos e modificados nos ciberespaços, também a forma como o ser humano vê e se apropria do conhecimento está mudando, bem como profundas transformações nos modos de vida e na própria sociedade estão acontecendo.

O processo de digitalização e o contexto da cibercultura vêm promovendo a utilização do meio digital como *locus* de inúmeras experiências pedagógicas, principalmente ligadas à área da educação. [...]

Dessa forma, o grande desafio da educação *online* não está centrado unicamente na disponibilização de ambientes e interfaces digitais para utilização dos diferentes espaços educativos, e sim na compreensão desses artefatos como potencializadores de práticas pedagógicas inovadoras que permitam aos aprendizes interações e coautorias na construção do conhecimento e em seu próprio processo de aprendizagem. (BURNHAM *et al*, 2012, p.139) (*grifos dos autores*)

O professor deve estar presente sempre, mesmo que virtualmente. “Os procedimentos didáticos, nesta nova realidade, devem privilegiar a construção coletiva dos conhecimentos, mediados pela tecnologia, na qual o professor é um partícipe pró-ativo que intermedia e orienta esta construção.” (FARIA, 2004, p.57). A construção coletiva do conhecimento propiciada pelos TDIC, numa perspectiva em que o aluno constrói seu saber com a mediação do professor, num ambiente social de trocas e negociações, não permite deixar de lado a Teoria do Desenvolvimento Social, de Vygotsky, relativa à concepção da aprendizagem como um processo social.

Qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e após, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológico) e então, internamente à criança (intrapsicológico). Isto se aplica igualmente à atenção voluntária, à memória lógica, e à formação de conceitos. Todas as mais altas funções se originam de relações reais entre indivíduos. (VYGOTSKY, 1978, p.57 *apud* SOUZA, 2005, p.109)

Segundo Vygotsky, os instrumentos permitem que se chegue ao conhecimento. Há o instrumento técnico (ferramenta) e o instrumento simbólico (a linguagem é um deles). Fazendo um paralelo com essa teoria, é possível observar que a internet sintetiza essas ideias de mediação. Nos ambientes virtuais ocorrem três formas de mediação: instrumento técnico (ferramenta), instrumento simbólico (linguagem, uma vez que desde a programação e toda

forma de uso é feita através da linguagem, leitura e escrita) e interlocução (comunicação com o outro).

A mediação envolve um aprendizado coletivo e progressivo, em que professores e alunos aprendem ensinando e ensinam aprendendo. Há um aprendizado compartilhado que valoriza os pré-conhecimentos do outro e permite a ressignificação do conhecimento com base na troca de informações. Assim, é no convívio social que ocorre o desenvolvimento. Tendo em mente que não se chega sozinho ao saber, há sempre a necessidade de ir via o outro ou via instrumentos.

A conectividade se dá quando duas ou mais pessoas se aproximam mentalmente, interagem, conversam ou colaboram. Com o auxílio de telégrafos, rádios, telefones ou das redes digitais de comunicação, essas pessoas podem estar em lugares diferentes, distantes. O avanço tecnológico e ampliação de uso da World Wide Web (WWW) transformaram as possibilidades de conectividade entre as pessoas. Não mais grupos pequenos, restritos, mas um “coletivo” de pessoas unidas – ao mesmo tempo – pelos mesmos interesses, objetivos, ideias, ideais. (KENSKY, 2012, p.102)

Assim, para que ocorra a aprendizagem coletiva, é necessária a troca de informações e, mais que a mera troca, uma aproximação entre os sujeitos envolvidos. Muitas pesquisas têm despontado a respeito da importância da afetividade na comunicação em ambiente online, o assunto é extenso e polêmico, não sendo o foco deste trabalho discuti-lo, pois não seria possível fazer o aprofundamento merecido, mas vale destacar que a afetividade é o que justifica a existência das redes sociais, que mobilizam milhares, milhões de pessoas de todas as idades, virtualmente conectadas, a diariamente acessá-las e postar imagens, vídeos e textos para visualização daqueles que lhes são próximos (ou não).

As comunidades virtuais são espaços de encontro, de compartilhamento e de construção coletiva daqueles que têm afinidades. Pode-se afirmar que sejam uma nova forma de organização social baseada na combinação da tecnologia com a informação e a comunicação. Essas comunidades, além de girarem em torno dos interesses específicos, na sua organização, vêm estabelecendo regras, limites, valores, usos e costumes, a chamada *netiqueta*, “expressão que designa o conjunto de comportamentos e regras de convivência para os usuários da internet.” (KENSKY, 2012, p.105). Também, geram nos participantes a noção de acolhimento e pertencimento ao grupo, criando assim uma identidade cultural e social que permanecerá enquanto houver interesse dos envolvidos em manter-se nesse espaço.

Kenski (2012) faz referência ao estudo de Rheingold (1991) em que afirma que as comunidades virtuais podem influenciar e mudar a vida das pessoas em três níveis distintos:

- a) *Alteração nas percepções, nos pensamentos e nas personalidades individuais*: a troca de informações e vivências pode possibilitar aos envolvidos uma nova visão dos fatos e ações, resultando em reflexões em cima de suas próprias ações ou de outrem.
- b) *Estabelecimento de novas relações interpessoais*: o surgimento nesses ambientes de amizades e vivências comunitárias que podem ser positivas para a construção da ideia de união e socialização. Porém, nesse aspecto, é preciso também ser cauteloso. A construção dos vínculos afetivos nas comunidades virtuais pode ser frágil e diferente da afetividade presencial.
- c) *Alteração no nível político*: eliminando primordialmente o monopólio dos poderosos meios de comunicação detidos por hierarquias políticas, possibilitando a democratização da informação.

Dessa forma, é possível visualizar as potencialidades de mudanças viabilizadas pelos espaços virtuais, sejam elas políticas, econômicas, sociais ou cognitivas, e as inúmeras e diferenciadas oportunidades de aprendizagem. Assim, surgiram as “comunidades virtuais de aprendizagem”, um grupo de pessoas (professores e alunos) que, no desejo de estar em constante aprendizado, mantém-se conectado.

Essas comunidades caracterizam-se pelo trabalho em equipe, aprendizagem colaborativa, criação de conhecimentos e significados, interação permanente e participação do professor como orientador e animador, em prol da busca por alcançar os objetivos de aprendizagem comuns a todos os membros. Embora sejam muitas as formas de integração entre as pessoas conectadas nas comunidades virtuais de aprendizagem, há três itens que não podem faltar: a interação, a cooperação e a colaboração.

A troca de ideias entre os membros, que pode ocorrer em tempo real ou não, fortalece os vínculos, dá dinamicidade para os debates e propicia a reciprocidade de informações, provocando um constante convívio e estreitando os laços entre os participantes. A interação em comunidades virtuais de aprendizagem possibilita que pessoas de diversas regiões do mundo troquem experiências e conhecimentos sem nunca terem se encontrado fisicamente.

A cooperação (do latim, *co* significa “ação conjunta”; *operare* significa “executar, fazer funcionar”) se dá pelo compartilhamento de conteúdos desenvolvidos pelos membros envolvidos no trabalho, que fazem uso das mesmas bases de informação, como exemplo é possível citar o portal “Estudamos Juntos”,¹² um ambiente em que se posta uma pergunta e logo se obtém a resposta por meio de outro participante do site.

¹² Disponível em: <<http://brainly.com.br/>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

Já a colaboração (*laborare* significa “trabalhar ou produzir tendo em mente um determinado fim”) se diferencia da cooperação por não ser apenas um auxílio ao membro da comunidade, mas a realização de uma atividade coletiva, ou seja, a tarefa de um complementa o trabalho de outros, gerando assim uma relação de dependência que exige constante interação, respeito ao pensamento do outro, superação de diferenças e busca de resultados que beneficiem a todos os envolvidos. Não há aqui uma hierarquização do conhecimento, ele está fragmentado entre todos os participantes de tal modo que cada um é único e importante, não havendo igualdade, mas diversidade e autonomia.

Vale destacar que a presença da colaboração não significa ausência de conflitos. Nesse processo que envolve tipos heterogêneos, o embate de ideias, de posicionamentos, de valores é inevitável e muitas vezes necessário para que sejam alcançados os resultados esperados. Assim, também se contribui para a formação de sujeitos críticos e autônomos, na medida em que são capazes de questionar(-se) e argumentar.

A construção colaborativa do conhecimento pressupõe responsabilidade de todos os envolvidos nesse processo permanente de socialização, compartilhamento, ressignificação e negociação, provocando o entrelaçamento e fusão das noções de autor e leitor, tal como afirmam Burnham *et al* (2012, p.147):

Não há mais centro fixo, nem um autor apenas, mas vários autores, onde múltiplos referenciais se encontram, se complementam, se embatem, dialogam, interagem. De fato, uma das mais relevantes facetas dessa aprendizagem é que na discussão em grupo o participante pode obter uma compreensão mais ampla sobre determinado objeto de estudo, isto é, a aprendizagem colaborativa lhe permite produzir novos sentidos, nova compreensão sobre um assunto a partir do diálogo, superando dessa maneira suas perspectivas individuais. Sua cosmovisão pode ser alargada a fronteiras não alcançadas durante anos de estudo. O sujeito aprende a, criticamente, “enxergar” o mundo com os olhos do outro.

Assim, a nova sociedade digital não se opõe aos modelos anteriores de aquisição e utilização do conhecimento por meio da memória, mas propõe uma mixagem, ou seja, uma mescla dos conhecimentos com os recursos de transmissão. Além disso, há espaço para construção da autoria, criação individual do aluno; e coautoria, na elaboração de um conhecimento pela interação com o outro, um conhecimento colaborativo. As informações têm se tornado cada vez mais efêmeras, pelas múltiplas mensagens transmitidas e modificadas, o que exige dos sujeitos maior envolvimento e sensibilidade na sua compreensão. Assim, é essencial o envolvimento do leitor/escritor no processo dialógico exigido por esses espaços virtuais de aprendizagem, sem deixar de lado o papel fundamental do professor enquanto mediador pedagógico.

2.3 Portal educacional: uma janela que se abre ao conhecimento

*As pessoas têm medo das mudanças.
Eu tenho medo que as coisas nunca mudem.*
(Chico Buarque)

A inserção das TDIC na escola vai ao encontro dos diversos objetivos e necessidades da educação contemporânea, na tentativa de tornar o ensino mais atraente, reduzir gradualmente a exclusão digital no Brasil, propiciar os multiletramentos ou letramento digital; desenvolver maior autonomia nos alunos e professores; levar para a sala de aula elementos multimidiáticos que ampliem a curiosidade dos estudantes na busca e troca de conhecimentos.

Nesse âmbito, foram desenvolvidas uma série de ações que vêm sendo realizadas em regime de colaboração entre o Ministério da Educação (MEC) e os Governos Estaduais e Municipais, pelo programa Proinfo Integrado.

Além da infraestrutura, por meio de laboratórios de informática conectados em banda larga, e do investimento em capacitação para que os professores possam fazer uso das TDIC em sua prática pedagógica, outras iniciativas foram adotadas. Em 2007, foi criado o “Portal do Professor”¹³ com o objetivo de ampliar a participação dos professores em comunidades educacionais, oferecer conteúdos digitais, espaços de comunicação, produção de conhecimento e troca de experiências, como afirmam Bielschowsky e Prata (2010).

É importante mencionar que em diversos países já existiam, há alguns anos, portais educacionais criados no âmbito federal. Na América Latina, merecem destaque os portais educacionais da Argentina, Chile, Colômbia, México e Uruguai, dentre outros.

Devido à adesão às comunidades virtuais, não apenas no Brasil, mas no mundo todo, os portais educacionais vêm ocupando espaço, dentro e fora da sala de aula, como ambientes de aprendizagem que podem complementar conteúdos estudados presencialmente. Assim, não apenas as instituições federais, mas também as privadas têm adotado o portal educacional como mais um recurso para o ensino.

Embora exista pouca literatura a respeito do tema, é possível diferenciar portal de portal educacional. O portal é um site com objetivos diversos, dependendo dos interesses de seu idealizador, pode ter um objetivo comercial, por exemplo, o site das Lojas Americanas. Já

¹³ Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>> Acesso em: 24 jul. 2014.

o portal educacional é um site que tem como foco os processos de ensino e de aprendizagem, possíveis de identificar pelas suas propostas, múltiplas ferramentas e as possibilidades voltadas para o interesse das instituições e dos usuários que o adotam e alimentam.

A proposta do portal educacional é muito interessante, torna a aula mais dinâmica, contempla a realidade dos alunos, promove a inclusão e o multiletramento, incentiva a pesquisa, a leitura e a produção textual, transpondo os limites físicos da escola e temporais da aula, tornando-se parte integrante dos ambientes de ensino e de aprendizagem escolares.

São muitas as ferramentas oferecidas pelos portais, dentre elas é possível destacar espaços para realização de atividades, trocas de conteúdos, comunicação e avaliação, como: mural, agenda, atividades, testes on-line, compartilhamento de arquivos, dicionário, conteúdo curricular de acordo com a idade e o nível de estudo, jogos interativos, simulados, blogs, notícias atualizadas, produção de texto coletivo ou individual, dentre outras.

As possibilidades de ensino e de aprendizagem são inúmeras, desde a leitura plural de diversos ângulos, a redação individual e coletiva, o incentivo à argumentação e articulação de ideias, a interação com os colegas, a quebra das fronteiras disciplinares, a criação e troca de conteúdos por alunos e professores até jogos interativos nos quais os alunos aprendem se divertindo, por meio de desafios.

As dificuldades não ficam fora desse bojo e também não são poucas. É possível identificar resistência dos alunos, que podem ver no portal apenas uma extensão da sala de aula, com suas práticas monótonas, assim, correndo o risco de o acesso ao portal ser mais uma “lição de casa”; existe a possibilidade de exclusão dos alunos que não têm recursos físicos, como computador e internet, sendo necessário à escola dispor de laboratório e pessoal capacitado; da parte dos professores também há dificuldades em conhecer as ferramentas e adaptá-las ao cotidiano da sala de aula, sem meramente transpor os conteúdos presenciais para o ambiente virtual.

Uma polêmica que pode surgir em torno do uso de portal educacional é a substituição do livro didático por esse suporte. Porém, dada a realidade da educação nacional e a função do livro na escola, o que se pode visualizar para o futuro é a parceria entre livro didático e portal educacional, tanto que as editoras do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) têm buscado oferecer obras multimídia, compostas de livro impresso e digital. Há versões digitais que oferecem objetos educacionais digitais como: vídeos, animações, simuladores, imagens, jogos, textos, entre outros itens para auxiliar na aprendizagem.

Esta seção, que aborda o tema portal educacional, não apenas deseja tratar desse assunto (ainda pouco estudado), como também apresentar ao leitor algumas ferramentas que um portal educacional pode oferecer a alunos e professores.

Para capacitar os docentes e incentivá-los, uma boa estratégia a ser utilizada pelo portal é fornecer gratuitamente e periodicamente cursos de formação a fim de que os professores conheçam e utilizem em suas práticas pedagógicas as ferramentas disponíveis. Embora o ambiente ofereça oportunidades para que o aluno estude sozinho, é o uso efetivo pelo professor que incentiva o acesso por parte dos alunos.

Com o objetivo de não identificar o portal educacional utilizado como suporte nas aulas, por questões pessoais, profissionais, comerciais e éticas, farei uma adaptação da nomenclatura das ferramentas. Não serão abordadas todas as ferramentas disponíveis num portal educacional, mas aquelas das quais professores e alunos mais fazem uso:

- *Resumo das disciplinas:* O portal apresenta, em tópicos, um breve resumo de cada conteúdo a ser estudado pelo aluno ao longo de sua formação, possibilitando também, por meio de *hiperlinks*, que o aluno acesse outras disciplinas e páginas da *internet*, prevalecendo o caráter interativo e interdisciplinar. Ao fim de cada conteúdo, uma lista de exercícios de múltipla escolha é oferecida para que o estudante verifique a compreensão do conteúdo.
- *Simulados:* A ferramenta de simulados é a mais procurada por alunos do último ano do ensino médio, pois possibilita selecionar o teste de vestibular de qual universidade deseja fazer, qual disciplina e qual ano. O mesmo ocorre com o simulado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que para o aluno é uma excelente ferramenta que está à sua disposição sempre que desejar, dando ao aluno autonomia e tornando-o um autodidata.
- *Armazenamento de arquivos:* Nesse espaço o aluno e o professor podem depositar conteúdos que serão visualizados por todos os usuários cadastrados, mesmo que sejam de outras escolas. O compartilhamento favorece a troca de conhecimentos, embora essa ferramenta sirva apenas para “guardar” os arquivos, não permitindo uma interação maior. Ainda assim ela tem seu valor quando observada a possibilidade de enriquecimento do aprendizado ao acessar os conteúdos ali postados.
- *Exercícios de Múltipla Escolha:* Essa ferramenta é usada pelos professores para cadastrarem exercícios objetivos que os alunos devem responder numa determinada data e num tempo cronometrado. O professor pode usar a ferramenta para aplicar

exercícios de fixação ou mesmo aplicar provas, uma vez que a ferramenta possibilita ao professor a opção de o aluno acessar uma única vez o questionário e respondê-lo. A praticidade da ferramenta está no fato de professores e alunos saberem qual o seu percentual de acerto ao término da atividade. Também deve-se valorizar a oportunidade de o aluno visualizar o conteúdo como seria cobrado numa prova teste de vestibular, por exemplo.

- *Escrita Coletiva*: O aluno pode produzir textos em conjunto, sendo que a proposta é dada pelo professor. Essa ferramenta estimula a escrita coletiva e faz com que o aluno procure demonstrar o domínio da norma culta, pois sabe que seu texto será lido por outros colegas.
- *Sequência Didática*: Utilizada como um complemento das aulas, nessa ferramenta o professor tem autonomia para criar conteúdos didáticos com textos de sua autoria, imagens, vídeos, músicas e anexos diversos. Também pode solicitar ao aluno que responda a questões dissertativas, que serão corrigidas pelo professor. Essa ferramenta é rica, pois o professor pode consultar as sequências didáticas elaboradas por outros professores.
- *Redator de Jornal*: Permite ao professor convidar os alunos a redigirem um jornal, que posteriormente poderá ser acessado por todos os usuários cadastrados no sistema. Essa ferramenta favorece a pesquisa, a redação e o domínio do gênero textual informativo, sendo enriquecida por imagens selecionadas ou criadas pelos estudantes. Tal atividade confere autonomia ao aluno e valoriza sua produção textual, tendo bom resultado quando proposta em grupo, pois gera uma troca de conhecimentos, ampliando o repertório do aluno.
- *Blog do Professor*: Essa ferramenta possibilita uma gama enorme de atividades e trocas entre professor/aluno e aluno/aluno. No *blog* o professor pode inserir vídeos, textos e imagens. Os alunos postam seus comentários que são “moderados” pelo professor. Essa ferramenta favorece o diálogo, a argumentação, a articulação de ideias e a estruturação do texto escrito.
- *Notícias Contextualizadas*: Para chamar a atenção dos usuários, as notícias estão sempre em evidência na página inicial do portal. Muitos acessam por curiosidade e se veem tentados a pesquisar mais a respeito do assunto. Além de estimular a pesquisa, esse recurso auxilia o aluno na ampliação de seu repertório, pois vai acumulando

informações que depois serão utilizadas para construir a sua argumentação em redações como a do ENEM e mesmo para ampliar o seu nível cultural.

- *Espaço Redação*: Mensalmente é apresentada uma proposta de redação para que o aluno redija de acordo com os critérios de correção do ENEM. A finalidade é permitir que o aluno treine. As cem primeiras redações enviadas são corrigidas por uma equipe, segundo a grade do ENEM e retornadas para o aluno com as devidas observações. Quando a proposta tem seu prazo finalizado, em geral, é inserido um vídeo trazendo para o aluno os principais pontos que poderiam ter sido abordados naquela proposta redacional.

Todas essas ferramentas, e outras mais, estão à disposição de professores e alunos no portal educacional, mas nem sempre eles fazem uso desses recursos, às vezes por não conhecerem as suas potencialidades, por falta de motivação e interesse em aprender a manuseá-los, por acreditarem que é mais um depósito de conteúdos, enfim... Não é a simples oferta do portal que promoverá a sua efetiva utilização no processo de ensino e de aprendizagem. Além das ferramentas, para que o portal tenha uso efetivo é necessário que sejam observados quatro quesitos, como destaca Passarelli (2007, p.60): “a proposta pedagógica, a interface digital, a produção do conhecimento e a interatividade”. Os quais serão a seguir esmiuçados de maneira parafrástica, sendo, portanto, mantida a visão da autora:

a) *proposta pedagógica*: diz respeito à apresentação de conteúdo/interdisciplinaridade, concepção de inteligência (lógico/matemático e linguístico ou múltiplas inteligências), metodologia de projetos e capacitação dos envolvidos.

b) *interface digital*: refere-se à forma e à funcionalidade. Sendo a forma relacionada à programação visual, ou seja, superfície de interação entre o usuário e o espaço digital, também aos atributos midiáticos como vídeos, animações, áudio, imagens, textos e hipertextos. Enquanto a funcionalidade foca a estrutura e apresentação, sem considerar o conteúdo ou o tipo de ferramenta oferecido. Neste item, merece destaque a identificação dos usuários (login e senha / e-mail e senha); a responsabilidade pelas informações postadas (uma vez que os dados de acesso dos usuários são sigilosos e pessoais); a segurança dos usuários; os espaços de troca de informações e interatividade, como *blogs*, *chats*, *newletters* etc.; a usabilidade do ambiente, que permite ao público ter facilidade de uso pela boa qualidade da navegação no site.

c) *produção do conhecimento*: tem como foco o modo como o portal fomenta a construção do saber, fornecendo estímulo e orientação a fim de que os usuários não

assumam uma posição passiva, como receptores dos conteúdos apresentados, mas possam construí-lo de maneira interativa, colaborativa e cooperativa. Aqui merecem destaque os conteúdos selecionados; as atividades propostas, que devem incentivar a pesquisa e o posicionamento crítico, a autoria e a autonomia; a publicação do conhecimento produzido para estimular a participação e melhorar a qualidade do trabalho produzido.

d) *interatividade*: está diretamente relacionada à mediação da comunicação e se dá por meio de ferramentas como fórum, *chat*, comentários no *blog*, lista de discussão, e-mail, diário de bordo etc. Deve integrar e envolver os participantes de maneira assíncrona e multidirecional, por isso precisa contar com a participação frequente do professor a fim de orientar as atividades. Outro ponto importante é a autonomia na criação de atividades nas ferramentas disponíveis.

Como é possível observar, o portal educacional pode oferecer diversas oportunidades de trocas entre alunos e professores. Mas não pode se tornar um espaço em que apenas o professor transmite os conteúdos, deve ser um ambiente de interação em que os sujeitos envolvidos têm autonomia e autoria, sempre sob orientação do professor, que desenvolve o papel de mediador rumo aos objetivos de aprendizagem, sem que o aluno se sinta acuado ou desorientado.

Por seu caráter assíncrono, o portal educacional permite ao aluno que o acesse quando considerar o melhor momento para fazê-lo, ou seja, a qualquer hora do dia, quando assim desejar, facilitando não apenas que o conteúdo chegue ao aluno, mas possibilitando que ele realize suas tarefas quando estiver mais disposto. A necessidade de o aluno dispor de um tempo para realizar suas atividades no portal também constitui uma prática formadora, pois faz com que se organize além do espaço e horário escolar, desenvolvendo mais compromisso e responsabilidade. A mediação do professor, nesse espaço, é essencial para motivar a participação do aluno, chamando-o à discussão de conteúdos e comunicação com os colegas (em um debate no Blog do Professor, por exemplo), desenvolvimento de atividades no prazo (pois ferramentas como Exercícios de Múltipla Escolha estipulam prazo) e produção textual (como ocorre na Escrita Coletiva).

O professor, por sua vez, também adquire mais autonomia, pois tem um leque de recursos tecnológicos a seus dispor: vídeos, músicas, textos, imagens etc. Pode utilizá-los como bem quiser e de acordo com a sua criatividade e finalidade. Leve-se em consideração, ainda mais, que cada ferramenta do portal apresenta um *tutorial* que explica passo-a-passo, de maneira muito clara, como utilizá-la.

Nesse cenário todos têm a ganhar, pois o portal educacional vem acrescentar à prática da aula presencial, sem ter a pretensão de tomar o lugar do professor ou do livro didático, mas com o objetivo de ampliar as possibilidades de ensino e de aprendizagem além do espaço físico escolar.

No entanto, é importante investir num *layout* agradável do ambiente, para que seja atrativo e cativante. Também a constante revisão de conteúdos se faz necessária para trazer novidades, pois o portal não pode ser um depósito de informações, com caráter enciclopédico. Deve trazer temas atuais e notícias que estão em voga para motivar a pesquisa e a construção do conhecimento, motivando professores e alunos, para que o acesso torne-se um hábito prazeroso e não uma imposição da escola que o oferta.

Isto posto e após a reflexão que se estabeleceu até aqui a respeito da presença das TDIC no cotidiano das pessoas, sua influência na escola, o perfil de professores e alunos e as ferramentas disponíveis num portal educacional, o olhar se volta para a pesquisa que deu razão a este trabalho, é a isso que se propõe o capítulo seguinte.

3 A PESQUISA: UMA EXPERIÊNCIA NO TEMPO

*[...] ouvir o nosso ensinar;
além das histórias que nós e aqueles que ensinamos contam.*
(CLANDININ e CONNELLY)

Neste capítulo, investigo: Que percepções dos processos formativos emergem quando os alunos refletem acerca das práticas pedagógicas e das vivências nas aulas de Língua Portuguesa em atividades mediadas por portal educacional?

Espero, ao término deste processo, ter encerrado uma caminhada satisfatória e enriquecedora, que contribua para a melhoria da educação no Brasil, tendo em mente que o objetivo geral desta pesquisa é provocar a reflexão nos professores, de tal forma que repensem suas práticas a fim de promover práticas educativas mais condizentes com a realidade dos alunos. Desejando também atingir os objetivos específicos aos quais me disponho: investigar como as TDIC podem promover a interação e a comunicação entre professores e alunos; observar as possibilidades de ampliação de estudo além do horário e do espaço físico delimitados pela escola; visualizar de que maneira um portal educacional pode oferecer ao professor e ao aluno a possibilidade de organizar e localizar informações e conteúdos necessários ao estudo; analisar a percepção dos alunos quanto às suas produções escritas e ao texto do outro, quando precisam fazê-lo on-line, incentivando e valorizando as produções no Ciberespaço; compreender como o conhecimento pode ser elaborado de maneira colaborativa e as transformações que podem ocorrer nos participantes; perceber como propostas de trabalho mediadas pela internet podem incentivar a pesquisa; pensar como a independência do aluno ao acessar conteúdos pode promover sua autonomia e autoria; identificar alguns dos desafios a serem encarados por aqueles que desejam utilizar um portal educacional para a complementação das aulas presenciais; melhorar minhas práticas pedagógicas considerando os apontamentos dos alunos participantes. Ainda desconheço o fim da trajetória, só sei que já não serei a mesma ao término da caminhada, pois estou certa de que:

Quem viaja larga muita coisa na estrada. Além do que larga na partida, larga na travessia. À medida que caminha, despoja-se. Quanto mais descortina o novo, desconhecido, exótico ou surpreendente, mais liberta-se de si, do seu passado, do seu modo de ser, hábitos, vícios, convicções, certeza. Pode abrir-se cada vez mais para o desconhecido, à medida que mergulha no desconhecido. No limite, o viajante despoja-se, liberta-se e abre-se, como no alvorecer: caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar. (IANNI, 2000, p.30)

E como “o caminho se faz ao andar”, passo-a-passo, finco meus pés na estrada...

3.1 Articulações metodológicas

Ao deparar-me com o convite à pesquisa narrativa, busquei de imediato compreender o que fazem os pesquisadores narrativos. Foi de grande importância a obra de Clandinin e Connely (2011), à qual me referi na introdução deste trabalho. Embora os autores indiquem que não há vasta literatura sobre o assunto, senti que a obra dá conta de abordar a metodologia em profundidade, e mesmo que não respondam e nem tenham a intenção de definir narrativa, os autores, associados à teoria da experiência de Dewey, adotam o conjunto de termos: *pessoal e social; passado, presente e futuro; lugar*, que vai definir o espaço tridimensional para investigação da narrativa, auxiliando na compreensão do que o pesquisador deve fazer.

Nessa linha, focam as quatro direções que deve seguir a investigação: introspectiva, extrospectiva, retrospectiva e prospectiva:

Por introspectivo, queremos dizer em direção às condições internas, tais como sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais. Por extrospectivo, referimo-nos às condições existenciais, isto é, o meio ambiente. Por retrospectivo e prospectivo, referimo-nos à temporalidade – passado, presente e futuro. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.85)

Portanto, pesquisar uma experiência é investigá-la simultaneamente nessas quatro dimensões, considerando o *pessoal e social* como espaço de interação; o *passado, presente e futuro* com a ideia de continuidade, uma vez que uma história é contada no passado ela dá a possibilidade de ser recontada, dessa forma, não é apenas a história dos sujeitos que está sendo recontada, mas também a do pesquisador narrativo; e o *lugar* como a situação em que se encaixam as narrativas, sem perder de vista que ao se adentrar no campo de pesquisa, há vidas em movimento, vidas que não começam no dia em que o pesquisador chega e tão pouco terminam quando ele parte, portanto, as vidas continuam e a história nunca se encerra. O que o pesquisador faz é um recorte narrativo no tempo.

Clandinin e Connely (2011) chamam a atenção para o fato de que o pesquisador narrativo trabalha no espaço não apenas com as narrativas de seus sujeitos participantes, mas também com a sua própria narrativa, uma vez que está inserido no lugar, assim, também vêm à tona, impregnadas nas narrativas dos sujeitos, as próprias histórias contadas e vividas pelo pesquisador. Ainda, como destacam os autores: “As histórias que trazemos como pesquisadores também estão marcadas pelas instituições onde trabalhamos, pelas narrativas construídas no contexto social do qual fazemos parte e pela paisagem na qual vivemos.” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.100).

Outro ponto relevante a ser destacado é o caráter investigativo da pesquisa. O pesquisador põe-se como um investigador que já possui algumas informações e busca outras, ainda não desveladas, mas contidas nas experiências e na lembrança de seus entrevistados. Cabe ao pesquisador estabelecer relações com seu interlocutor de tal forma que haja concordância em colaborar com a pesquisa. “A intencionalidade do pesquisador vai além da mera busca de informações; pretende criar uma situação de confiabilidade para que o entrevistado se abra.” (SZYMANSKI, 2011, p.12). Pressupondo também o caráter interacional do processo, o qual terá “a participação de ambos no resultado final”. (SZYMANSKI, 2011).

Por tais aspectos, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa-ação, uma vez que enquadra-se nas características apontadas por Peruzzo (2006): o pesquisador está inserido no campo de pesquisa e participa de todas as atividades do grupo pesquisado; o pesquisador interage como membro do grupo e assume um papel no processo, ao mesmo tempo em que participa, distancia-se para não interferir demasiadamente nas percepções e interpretações dos demais membros; o grupo conhece os propósitos e intenções do pesquisador, concorda com a realização da pesquisa e participa da elaboração e levantamento dos dados, envolvendo-se na discussão; há compromisso do pesquisador em dar ao grupo o retorno dos resultados alcançados com a pesquisa; os resultados e o próprio processo de pesquisa revertem-se em benefícios aos envolvidos e subsídios para melhorias futuras.

Diante dessa reflexão metodológica apontada acima, adotei como instrumentos investigativos:

- **Entrevista semiestruturada**, para promover relatos narrativos de forma mais livre e espontânea, não condicionados a uma maneira engessada de perguntas e respostas. Embora exista um roteiro de questões previamente projetadas, os participantes ficaram livres para fazerem seus apontamentos. Segundo Szymanski (2011), a entrevista tem caráter de interação social, uma vez que está submetida à condição de contato face a face, pressupondo diálogo. O linguajar, no entanto, está inserido no processo interacional e depende da natureza das relações entre entrevistador/entrevistado. “No conversar, portanto, temos um contínuo ajuste de ações e emoções”.
- **Diário de bordo**, em que os alunos tiveram a oportunidade de registrar por escrito suas opiniões a respeito das atividades desenvolvidas ao longo do ano. Por ser de participação livre e espontânea, não houve tanto material disponibilizado, mas o espaço foi aberto e alguns trouxeram suas colaborações;

- **Conversas informais com os alunos**, que compensaram as poucas produções no diário de bordo, e trouxeram impressões diárias da percepção dos alunos ao longo das atividades propostas, fazendo brotar inquietações e novos questionamentos em minha pesquisa;
- **Atividades realizadas no portal**, que caracterizam o aprendizado dos participantes em formação, evidenciando a trajetória formativa percorrida por meio do processo de letramento digital;
- **Caderno de pesquisa de campo**, em que fiz a experiência de registrar as atividades desenvolvidas e as minhas próprias expectativas em relação a elas.

Esses instrumentos auxiliaram na resposta à questão norteadora, porém a entrevista foi o recurso investigativo principal, sendo os demais secundários.

Na apuração dos dados, embora tenha procurado deixar os participantes se exprimirem livremente, com o compromisso de atingir os objetivos da pesquisa, selecionei algumas perguntas-base (Apêndice A) para nortear as entrevistas, as quais estão transcritas no Apêndice B deste trabalho. As perguntas foram desenvolvidas com base nas competências e habilidades propostas para o Ensino Médio na disciplina Língua Portuguesa.

A seleção das questões foi um passo fundamental para a abordagem dos participantes, os quais foram entrevistados individualmente, em dias e horários diferentes. A coleta de informações por meio da entrevista transcorreu de maneira leve, pois os participantes foram esclarecidos de que era apenas um bate-papo e que estavam livres para dizer o que quisessem. Assim, junto ao convite veio também o esclarecimento dos objetivos do trabalho de pesquisa, que não estavam veiculados à avaliação dos participantes como alunos da disciplina Língua Portuguesa.

Após reflexão a respeito da pesquisa narrativa, considerando o contexto em que estão inseridos pesquisadora e participantes da pesquisa, e seleção das questões que conduziram o processo reflexivo e interativo entre os envolvidos, pressupondo que a “organização do processo de interação inclui a emergência de significados não só referentes ao conteúdo da fala, mas também à situação de entrevista como um todo, à relação interpessoal que se instalou, à história de vida do entrevistado e a seu ambiente sociocultural” (SZYMANSKI, 2011, p.17), foi possível chegar ao método de análise dos dados.

Por meio da entrevista semiestruturada, ferramenta principal de coleta e análise de dados, e dos demais instrumentos investigativos, condizente com a proposta de pesquisa narrativa, optei pelo método de Análise Textual Discursiva.

Segundo Brandão (2005), atualmente há diversas correntes teóricas que estudam a língua sob a perspectiva discursiva. Optei pela tendência que ficou conhecida como escola francesa de Análise do Discurso (abreviada por AD). Surgida na década de 1960-1970, procurou entender o momento político vivenciado pela França e os discursos produzidos na época, considerando o aspecto linguístico (parte gramatical da língua), bem como os aspectos extralinguísticos (elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos e espaciais). Assim, a AD debruça o olhar sobre as condições de produção discursiva, ou seja, o conjunto de elementos que cercam a produção de um texto.

Ainda segundo a autora, a AD, na perspectiva francesa, apoia-se no estudo da gramática da língua levando em conta o interlocutor e a situação, as relações de saber e poder; o conhecimento do ponto de vista linguístico e extralinguístico; o discurso contextualizado; o sujeito (eu-discursivo); o aspecto interativo do discurso; as formas de atuar, de agir sobre o outro; o uso da língua e sua intencionalidade; o dialogismo entre os falantes; o discurso polifônico, ou seja, as ideologias inseridas no discurso; outras falas que ecoam dentro de um mesmo discurso, construindo uma rede interdiscursiva.

Na visão de Maingueneau (2007, p.19):

O interesse que governa a análise do discurso seria o de apreender o discurso como intricação de um texto e de um lugar social, o que significa dizer que seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico. Esse dispositivo pertence simultaneamente ao verbal e ao institucional: pensar os lugares independentemente das palavras que eles autorizam, ou pensar as palavras independentemente dos lugares com os quais elas estão implicadas significaria permanecer aquém das exigências que fundam a análise do discurso.

Portanto, a AD pressupõe o princípio da inseparabilidade entre o texto e o quadro social de sua produção e circulação. O autor destaca a heterogeneidade da AD, dividida entre dois procedimentos: o *analítico*, que busca desfazer as continuidades, ou seja, pretende fazer aparecer nos textos redes de relações invisíveis entre enunciados; e o *integrativo*, que, em contrapartida, visa a articular os componentes da atividade discursiva na dimensão social e textual. A heterogeneidade do discurso é evidenciada pela infinidade de discursos produzidos e a dificuldade para definir uma maneira única de analisá-los.

Além disso, para dar conta da realidade das pesquisas sobre o discurso, é preciso igualmente levar em consideração um outro modo de agrupamento dos pesquisadores que, não estando baseado em pressupostos teóricos e metodológicos, nem por isso será menos importante: os territórios delimitados pelo objeto de estudo (discurso televisual, discurso administrativo, discurso político, etc.) [...] todo e qualquer tipo de produção verbal é digno de investigação, já possui por corolário a raridade dos objetos

efetivamente estudados, em relação ao infinito de *cópus* possíveis. [...] Nesses “territórios”, o estudo do discurso não é senão uma das abordagens possíveis ao lado de outras, vindas de outros horizontes das ciências humanas e sociais. (MAINGUENEAU, 2007, p.27-28)

Considerando a infinidade de *cópus* discursivos, para o autor (MAINGUENEAU, 2007), os analistas do discurso lidam com dois tipos de unidades: *tópicas* e *não tópicas*.

Sendo as unidades *tópicas* divididas em:

- *Territoriais*: tipos/gêneros do discurso (gêneros de campo, gêneros de aparelhos) que correspondem a espaços já “pré-delineados” pelas práticas verbais. Relacionados, por exemplo, a discursos que circulam num dado setor das atividades sociais.
- *Transversais*: unidades que atravessam os textos pertencentes a múltiplos gêneros do discurso, por exemplo: os registros linguísticos (os enunciados), os registros funcionais (os esquemas definidos), os registros comunicacionais (que mesclam traços linguísticos, funcionais e sociais nos diversos discursos).

E as unidades *não tópicas*, “construídas pelos pesquisadores independentemente de fronteiras preestabelecidas, o que as distingue das unidades ‘territoriais’; além disso, elas agrupam enunciados profundamente inscritos na história, o que as distingue das unidades ‘transversais’” (MAINGUENEAU, 2007, p.32). Às quais Maingueneau dá os nomes de:

- *Formações discursivas*: refer-se às unidades estabelecidas pelo pesquisador e que não são delimitadas por fronteiras, assim se diz do “discurso racista”, do “discurso pós-colonial”, do “discurso patronal”, os quais devem ser especificados historicamente, sendo que o *cópus* pode mesclar enunciados pertencentes aos mais variados tipos e gêneros do discurso, bem como misturar *cópus* de arquivo e *cópus* construídos para a pesquisa (sob a forma de testes, interlocuções, questionários etc.).
- *Percursos*: *cópus* construído por elementos extraídos do interdiscurso, unindo elementos de diversas ordens (palavras, grupos de palavras, frases, fragmentos de texto etc.) sem buscar construir espaços de coerência, ou seja, sem procurar constituir totalidades. “Nesse caso, deseja-se ao contrário, desestruturar as unidades instituídas por meio da definição de percursos inesperados: a interpretação se apoia, assim, sobre a explicitação de relações imprevistas no interior do interdiscurso.” (MAINGUENEAU, 2007, p.33)

Considerando as reflexões sob o prisma da pesquisa narrativa (CLANDININ e CONNELLY, 2011), da entrevista na pesquisa em educação (SZYMANSKI, ALMEIDA e PRANDINI, 2011) e da análise do discurso (MAINGUENEAU, 2007), feitas até aqui, adotei os quatro movimentos destacados por Moraes e Galiazzi (2007) como processos que constituíram um ciclo de análise:

- a) *desmontagem dos textos ou unitarização*: análise das entrevistas buscando palavras-chaves que representam os significados atribuídos pelos participantes.
- b) *elaboração de um sistema de categorias*: estabelecimento de relação entre os textos.
- c) *captação do novo emergente*: tentativa de compreender a intencionalidade impregnada nos textos, tomando-os como um todo.
- d) *construção de um processo auto-organizativo*: análise sob a luz de um referencial teórico.

Assim, parti da transcrição das entrevistas gravadas e, depois de algumas leituras atentas do conteúdo transcrito, surgiram as categorias de análise, as quais serão apresentadas na seção 3.5 deste trabalho. Num processo seguinte, fiz a aproximação das falas por meio de palavras-chaves ou ideias centrais que representavam o posicionamento dos participantes a respeito de cada assunto abordado. Na sequência, realizei a análise dos dados para depreender os significados atribuídos pelos participantes em diálogo com o referencial teórico que sustenta este trabalho.

3.2 Contexto

A pesquisa foi desenvolvida numa escola pública da cidade São Bernardo do Campo, estado de São Paulo. A instituição seleciona seus alunos por meio de prova anual, o que permite o ingresso de um público diferenciado, que passou por um processo seletivo, o que auxilia na construção de um perfil de aluno que, em geral, está interessado e mais disposto a dedicar-se aos estudos, uma vez que escolheu a escola onde deseja estudar e teve que eliminar outros concorrentes para obter a sua vaga.

A oferta de portal educacional para complementação dos estudos é uma iniciativa da instituição em forma de um projeto que atende a cerca de 1.240 estudantes do Ensino Médio e Integrado. Os objetivos do projeto são: disponibilizar aos professores materiais e recursos didáticos em ambiente virtual, proporcionando aos alunos informações em formato e linguagem familiar às novas gerações; implantar uma nova cultura de trabalho com o uso de tecnologias em sala de aula; superar o preconceito do uso do computador, vendo-o como ferramenta educacional para apoio didático, integrada às ações pedagógicas desenvolvidas na escola; promover a aprendizagem ativa e colaborativa com o uso de linguagens digitais; oferecer suporte técnico-pedagógico à comunidade escolar para que tanto os alunos, quanto os professores possam apropriar-se do uso das novas tecnologias; integrar essas tecnologias às atividades pedagógicas da escola através da rede de conteúdos pedagógicos digitais disponíveis no portal educacional.

Em 2012, assumi a coordenação do projeto, tendo como atribuições dar suporte aos professores e alunos dentro do laboratório de informática; esclarecer dúvidas, tanto dos professores quanto da comunidade escolar, em relação aos recursos disponíveis no portal e sobre o projeto; coordenar reuniões e oficinas para trocas de experiências sobre o uso do portal; organizar e gerenciar o ambiente adequado para o trabalho com o portal; registrar e relatar, por meio de contatos e relatórios, todas as atividades relativas ao projeto à coordenação geral, especificando como o trabalho com o portal vem sendo desenvolvido, dando conta de atingir as metas mensais estabelecidas pela coordenação geral.

Desde então, adotei práticas constantes de uso das ferramentas disponíveis no portal para incentivar os alunos a conhecerem as possibilidades de aprendizado e também para que eu pudesse rever a minha metodologia, a fim de inserir as TDIC no cotidiano das minhas aulas de Língua Portuguesa e Literatura para a turma de 2º ano do Ensino Médio, para a qual eu lecionava no ano de 2012.

No decorrer de poucas semanas, pude observar o interesse dos alunos e a motivação que tinham para fazer as atividades propostas por mim e também pude perceber que os estudantes exploravam o portal mesmo quando eu não tinha inserido qualquer proposta nele. Aos poucos, as atividades no portal tornaram-se um hábito, pois sempre que eu finalizava um conteúdo pensava em uma atividade para eles no portal e quando eu não o fazia, eles sugeriam que fosse feita.

Em conversas informais com os alunos, eles sempre comentavam as atividades que estavam desenvolvendo na minha disciplina, diziam como seria importante se outros professores utilizassem, comentavam as notícias recentes do portal, diziam que estavam estudando por meio dos simulados e mostravam-se autônomos no uso das ferramentas que eram independentes das propostas de atividade por parte dos professores (simulados do Enem e dos vestibulares, enquetes, desafios do mês, notícias diárias, resumos das disciplinas, dentre outras). Assim, percebi que meus alunos já caminhavam com as próprias pernas, e a internet não era mais para eles apenas um espaço para jogar, bater papo e fazer *download* de músicas, era também um ambiente de aprendizado. Aprendizado dinâmico e prazeroso.

No fim de 2012, observando o interesse dos alunos no portal e o melhor rendimento na minha disciplina daqueles que mais utilizavam o recurso, nasceu em mim o desejo de pesquisar como os alunos que utilizavam o portal com mais frequência percebiam o seu aprendizado. Por essa razão, nesse período, optei por apresentar o pré-projeto de pesquisa para concorrer a uma vaga de mestranda. Sendo aprovada.

Em 2013, quando o grupo de alunos selecionados cursava o 3º ano do Ensino Médio, concomitante com o estudo das disciplinas obrigatórias e optativas do Mestrado, gerei e levantei os dados que hoje se concretizam nesta dissertação. Na seção “3.4 – Atividades mediadas pelo portal” serão esmiuçadas as datas e principais propostas desenvolvidas no portal educacional, antes, no entanto, é necessário conhecer os participantes.

3.3 Participantes

Os participantes da pesquisa são doze alunos de uma turma de quarenta estudantes que estavam cursando o 3º ano do Ensino Médio em 2013, os quais foram meus alunos, na disciplina Língua Portuguesa e Literatura, também no ano anterior.

A seleção dos participantes deu-se pelo índice de acessos – informação fornecida diariamente pelo portal educacional aos coordenadores para que possam monitorar o atingimento de suas metas mensais –, pelo interesse demonstrado pelos alunos na disciplina ministrada por mim e pelos comentários apresentados em conversas informais no decorrer das aulas, em que os alunos comentavam (entre si e comigo) as atividades que eu tinha proposto ou as novidades do portal.

É preciso ressaltar que a razão para numa turma de quarenta ter selecionado apenas doze estudantes, além das justificativas dadas acima, é que, caso a turma toda fosse selecionada, geraria uma quantidade de informações difícil de analisar. Assim, foi dada preferência aos que se destacaram no desempenho e no interesse e que, portanto, teriam boas condições de contribuir para a resposta à questão norteadora desta pesquisa.

Com o desejo de dar voz aos participantes, propus que se apresentassem, desenhando com as palavras o retrato de quem são. O resultado foi um painel multivoz, rico em narrativas e sentimentos.

Baseando-me no poema “Autorretrato aos 56 anos”, de Graciliano Ramos (1892-1953) – Anexo A deste trabalho –, propus aos estudantes que pintassem, por meio das palavras, seu autorretrato. A maneira de apresentação dos participantes, neste trabalho, segue na linha de intencionalidade da pesquisa narrativa e do método qualitativo adotado sob o viés da pesquisa-ação, pois há grande reflexão por parte dos alunos antes de elaborar o texto, uma vez que estão falando de si próprios em terceira pessoa, como que se distanciassem de seu “eu”. Este processo propõe um olhar interior e exterior, resgatando o passado, transpondo o presente em direção ao futuro. Sem dúvida, um exercício de profunda introspecção, que pode auxiliar os participantes na compreensão de quem são e para onde caminham; bem como, orientar o leitor deste trabalho na percepção desses doze jovens, estudantes de uma escola pública, comprometidos com seus aprendizados, repletos de dúvidas e ansiedades a respeito de seu futuro, cursando as últimas semanas da Educação Básica, capazes de analisar e ponderar a respeito do contexto educacional no qual estão inseridos.

É por meio dessa proposta que os participantes da pesquisa apresentam-se:

Entrevistado 1 (E1): MVGP, 16 anos.

Nasceu em 1996, em São Paulo - SP.

Solteiro. Sem filhos, graças a Deus.

Altura: 5ft 659/64in

Não usa óculos. Deveria.

Ama geografia.

Pretende cursar artes cênicas.

Mas também sonha em representar seu país nas Nações Unidas.

Apaixonado pela cultura e a arte popular.

Compartilha todas as suas experiências com sua mãe.

Maiores amigos: Iara Gonzalez, Carolina Shiguti, Karolyne Vale, Danilo Alves, Olga Sena, Mayara Anjos.

Maiores inspirações: Eva Perón, Jonathan Larson, Pablo Neruda, Maya Angelou, Nair Bello, Homem de Lata, Valesca Santos, Langston Hughes e Lizzy Grant.

Gosta de referências implícitas. Por mais explícito que seja entregar isso.

Não curte direitoistas. Nem crianças. Nem biologia.

Ama personagens alegóricos. E bordões. E humor escrachado. E vogais. E proparoxítonas.

Deseja a todas as inimigas vida longa, para que elas vejam cada dia mais sua vitória.

Não sabe fazer contas direito.

É tenor. Extensão: B2-B4

É indiferente à religiosidade.

Faz da sua filosofia sua crença.

Gosta. Da. Estética. Modernista

Transitou de vagabundo para nerd.

Vegetariano. Dispensa cadáveres.

Acha que é pansexual.

Acredita que os palavrões sejam as palavras de maior variedade semântica e sintática da língua portuguesa.

Ama frutas. Menos goiaba.

Prefere queijo a chocolate. E Lady Gaga a Madonna.

Acredita ser a reencarnação da Eva Perón.

Tem na música o seu maior vício. Despeche Mode e Lana Del Rey.

Já fez coisas ruins. Mas sempre está evoluindo.
Ama estudar atualidades. Principalmente os conflitos no Oriente Médio.
Espera fazer a diferença no mundo geopolítico.
Já esteve na América do Norte e na Europa.
Mas sonha visitar a África do Sul e o Oriente Médio.
Lema: VIVA LA VIE BOHEME!

Entrevistado 2 (E2): KVS, 16 anos.

Nasceu em 1996, em São Caetano do Sul, São Paulo.
Solteira.
Altura 1,66.
Peso 49kg.
Gosta de esportes, mas não de praticá-los.
Ama pizza, lasanha, chocolate e comidas que engordam.
Meta de vida atual: Entrar uma faculdade de medicina.
Usa óculos na teoria.
Adora vários tipos de música, não tem banda/artista preferido.
Adora ler, desde literatura brasileira à ficções.
Sonha em escrever um livro, talvez um dia.
Quase viciada em Coca-Cola.
Católica praticante.
Questiona tudo e todos
Odeia hipocrisia. Adora dar conselhos.
Romancistas brasileiros que mais lhe agradam: Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Rachel de Queiroz.
Gosta de palavrões falados.
Não deseja a morte de nada ou de ninguém.
Escreve e lê à noite.
Odeia cigarro.
Ama comprar roupas, falta-lhe o dinheiro.
Refaz seus textos várias vezes.
Odeia pessoas dramáticas. Só ela pode sê-la.
Liberdade física e mental lhe é essencial.

Escreve a mão.

Tem poucos, porém grandes amigos.

Tem poucas dívidas, ainda.

Espera viver até os 108 anos. Com saúde.

Entrevistado 3 (E3): DAF, 17 anos.

Nasceu em 1996, em São Bernardo do Campo, São Paulo.

Solteiro, sem nenhum filho.

Altura 1,78.

Sapato n.º 43.

Colarinho n.º 39.

Curte praticar esportes.

Gosta de interagir (...)

Adora rádio, telefone e campainhas.

Tem horror às pessoas que são indecisas.

Usa óculos. Meio calvo.

Adora qualquer tipo de refeição que tenha como prato principal qualquer tipo de peixe, de preferência bacalhau ao molho.

Não é fã de frutas, com exceção das bem doces.

Sintoniza com músicas clássicas e rock'n roll.

Sua leitura predileta: Fernando Pessoa.

Escreveu "A Ladra de Terços" com 16 anos de idade. (...)

Gosta de beber Coca-Cola, mas pode ser Pepsi também.

Ser humano com mistura de crenças.

Curte levantamento de garfo.

Odeia esquerdistas.

Adora crianças e animais.

Romancistas brasileiros que mais lhe agradam: José de Alencar, Machado de Assis, Jorge Amado e Clarice Lispector.

Gosta de palavras escritos, falados e compartilhados.

Deseja a morte do vizinho que toca música ruim de noite.

Escreveu seu livro em lugares que nem se imagina.

Odeia cigarros. (...)

Apesar de o acharem pessimista, discorda de tudo.

Tenta usar roupas não estragadas.

Tem preguiça de reler as coisas.

É inocente.

É-Ihe indiferente estar virgem ou não.

Escreve à mão.

Seus maiores amigos: Miguel Leite, Renato Santos, Mauricio Gonzalez, Carolina Shiguti e Gabriel Buarque.

Tem dívidas, só não lembra quais. (...)

Espera virar um elfo e viver eternamente na floresta..

Entrevistado 4 (E4): LRS, 16 anos.

Nasceu em 1997, em Jabaquara, São Paulo.

Filha mais velha e com um irmão.

Altura 1,52.

Sapato nº 35.

Apreciadora de dias chuvosos.

Opta pelo inverno.

Gosta de animais.

Usa óculos.

Odeia o cheiro de cigarro. Adora o cheiro de flor.

Tem pavor de baratas e de altura.

Fica com raiva de pessoas que desperdiçam comida e jogam lixo na rua.

Aprecia a culinária japonesa e italiana.

Gosta de desenhar.

Prefere ler de madrugada quando está mais silencioso.

Não possui nenhum escritor favorito.

É muito supersticiosa.

Evita multidões.

Ama viajar.

Possui poucos, mas bons amigos.

Deseja uma vida normal sem grandes turbulências.

Entrevistado 5 (E5): JPN, 17 anos.

Nasceu em 1995, em São Bernardo do Campo, São Paulo.

Tem 1,60 m de altura, não é gorda nem magra e tem longos cabelos cacheados.

É estudante de Arquitetura de Urbanismo, desenhista por opção e observadora por natureza.

Odeia brigas e discussões.

Gosta de palavras difíceis.

Tem obsessão por frutas vermelhas.

Filosofia é a matéria preferida.

É patriota abençoada por Deus e magoada pelo governo.

Lê ficção científica e história do Brasil, porém não abre mão de filmes melosos.

Enxerga a vida como uma grande distopia, onde o final feliz é uma escolha pessoal e diária.

Cristã, vê a fé como válvula de escape para os problemas do mundo.

Medita em boa música, que na sua opinião, é uma soma de letra e técnica profundas, que tocam os sentimentos mais obscuros.

Ama sentir o vento no rosto e o Sol nos pés.

Tira muitas fotos, mas as preferidas são as mais incomuns, de detalhes normalmente ignorados.

Frequenta exposições de arte e eventos de anime, mas seu lugar preferido ainda é o próprio quarto.

Prefere handebol a futebol, amarelo a rosa e vegetação a concreto.

Acredita fortemente no poder da educação.

Entrevistado 6 (E6): ACRG, 17 anos.

Nasceu em 1996, em São Paulo, capital.

Não sabe exatamente a própria altura, é baixa.

Queria ser cientista, mas será física médica.

Escuta música todos os dias.

Gosta de ler e não sabe desfazer-se de livros.

Tem muitas paixões, de todos os tipos.

Prefere literatura irlandesa, porém gosta de ler contos do Rubem Fonseca para descontrair.

Voltaria no tempo só para conhecer James Joyce e conversar.

Adora aprender línguas. Está escolhendo qual será a quinta.

*Sempre acorda de bom humor, cantando Ubangi Stomp.
É viciada em estudar e ama todos os tipos de felinos.
Não sabe o que faria sem chocolate em sua vida, mas tenta ser saudável.
Quer ter cinco filhos, só não sabe quando.
Não tem problemas em ficar sozinha, aprecia a própria companhia.*

Entrevistado 7 (E7): ADM, 17 anos.

*Nasceu em 1996, em São Bernardo do Campo, São Paulo.
Solteira, vive com a família, formada no técnico em química e estudante de bacharelado e licenciatura em química.
Cabelos castanhos, aproximadamente 1,7 de altura e prefere não saber o peso correto.
É míope e católica, adora comer besteiras.
Gosta de andar de bicicleta, é desastrada.
Prefere ler livros a assistir filmes.
Ama animais.
Quase não assiste TV e não gosta de falar ao telefone.
Gosta de praia, mas prefere a calma do interior.
Cheiro de protetor solar faz lembrar férias,
Gosta de dormir com a janela aberta para poder observar o céu.
Acha que as luzes da cidade a noite quando vistas do alto são lindas.
Não gosta de frio ou calor excessivo.
Apaixonada por sorrisos, gosta de pessoas simples e acredita que educação transforma vidas.*

Entrevistado 8 (E8): FPG, 17 anos.

*Veio ao mundo em 1996, de São Bernardo do Campo.
1,84 de altura e inadmissíveis 89 kg.
Corinthiano. (...)
Fascinado por tecnologia.
Apaixonado por esporte a motor.
Viciado em automobilismos virtuais.
Seu cabelo é um capítulo à parte.
Tem um repúdio inexplicável por tomates e iogurtes.*

Prefere hambúrgueres sem cebola ou molho (por favor).
Não vê graça alguma em sorvetes.
Se diz espírita, mas não vai ao centro faz tempo.
Formou um gosto musical muito estranho: Drum 'n bass, House e Rock & Roll.
Artistas preferidos: Michael Jackson, Alistair Griffin e John Newman.
Recentemente adquiriu o hábito de trocar o dia pela noite.
Raramente sai de casa.
Provavelmente vai precisar usar óculos no futuro.
Evita o contato com a hipocrisia em qualquer ambiente.
Busca cegamente sua "outra metade".
Chato. Tímido. Gordo.
Ocasionalmente não controla o que fala.
Consome muito refrigerante.
Não faz questão de ter razão.
Acha que fala inglês fluentemente.
Se ofende facilmente.
Gosta de fazer piadas (muito) ruins.
Apelidado de "Super Choque".
Não gosta de prever seu futuro.

Entrevistado 9 (E9): TAS, 17 anos.

Nasceu em 1996, em Diadema, São Paulo.
Quer casar com 25 anos, ter filhos aos 27.
Altura 1,73.
Sapato nº 37.
Manequim nº 40.
Não enxerga nada sem óculos. Tem miopia.
Nunca saiu de São Paulo.
Tem vontade de viajar pelo mundo.
Embora deteste exatas, já participou de duas olimpíadas de matemática e uma de astronomia.
Tem medo de altura e de dentistas.
É deísta. Acredita em Deus, mas não segue nenhuma religião.

Não gosta de ouvir sua voz em gravações.

Tem horror a acordar cedo.

Sonha em trabalhar em um grande hospital. E viver na Austrália.

Não usa relógio, pois com ele, sente-se presa ao tempo.

Já fez aulas de poesia, teatro, vôlei, ballet clássico e jazz. Atualmente, está cursando o primeiro ano de fisioterapia.

Gosta de comer frutas. Exceto caju.

Chorou na primeira vez que assistiu procurando Nemo.

Sofre de insônia e ansiedade.

Apaixonada por literatura e história. Detesta química.

Já foi mordida por um cachorro, por um hamster e por um peixe.

Não sabe guardar segredos, ser pontual e fazer duas coisas ao mesmo tempo.

Prefere chá a café. Madonna a Lady Gaga.

Detesta pessoas que falam alto, receber cócegas e ficar em casa em um sábado à noite.

Gosta de músicas antigas. Não se cansa de ouvir The Beatles.

Já tentou ser menos consumista. Não conseguiu.

Maiores amigos: João Gruber, Fernanda Garcia, Mairon Oliveira, Luiz Fernando e Larissa Fernandes.

Tem facilidade em fazer novas amizades. E dificuldade em manter as antigas.

Encontra na leitura o seu maior prazer.

Gosta de rotinas. Detesta imprevistos.

Tem pavor a filas. Evita ir a bancos.

Está esperando alguém escrever sua biografia.

Entrevistado 10 (E10): VGS, 17 anos.

Natural de São Bernardo do Campo, São Paulo. Nascido em 1995

Solteiro, sem filhos.

Altura 1,73.

Gosta de Festas e reuniões familiares.

Antenado, ligado em tudo que é informação.

Passa gel no cabelo. Meio vaidoso.

Não gosta de massas, prefere uma comida mais tradicional.

Não vive sem ouvir música.

Gosta de livros e revistas sobre tecnologia.
Cristão, mas não liga muito pra religião.
Costuma ir à academia. Aprecia o Futebol.
Pretende fazer faculdade de tecnologia.
Está sempre atrás de conhecimento.
Dedicado e determinado no que faz.
Almeja um cargo importante em alguma empresa.
Vê bondade em tudo.
Solidariedade. Busca sempre ajudar as pessoas.
Espera ter uma grande família e viver muito.

Entrevistado 11 (E11): GJS, 16 anos.

Maluco.
Nasceu em 1996, em São Bernardo do Campo, São Paulo.
Solteiro desde sempre.
Altura aproximadamente 1,70.
Extremamente tímido.
Deseja conhecer melhor a mecânica.
Não quer viver o bastante a ponto de depender dos outros no cotidiano.
Aguarda uma evolução na mobilidade urbana.
Discorda que seja pessimista, considera-se realista.
Tem emetofobia.
Prefere não chamar atenção.
Odeia que façam qualquer “afirmação” sobre o futuro.
Certo dia ouviu dizer que a melhor coisa do mundo é a oportunidade de escolha, mas o que mais o transtorna é a dúvida.
Como brasileiro, gosta de futebol e deixa tudo para o último momento.
Gosta de dormir tarde e acordar cedo.
Tem muitos defeitos.
Seu principal defeito é não tentar corrigir seus outros defeitos.
Busca sempre a objetividade.
Não tem tranquilidade, mas aparenta.
Considera ridícula a palavra presidenta.

Entrevistado 12 (E12): FA, 17 anos.

Nasceu em 1996, na cidade do interior, São Bernardo do Campo.

Tem a família grande, mas (bem unida) ocupa pouco espaço.

Os cabelos são rebeldes pra compensar a falta de rebeldia em todo o resto.

Os pés, feios e magros.

Trabalhou com crianças por um longo período.

Sonha estudar Letras.

Estudará Direito.

Tem medo do escuro.

Grita com o atendente da companhia eletrônica quando falta luz.

Não gosta de pessoas que gritam.

Estuda literatura por conta própria e com gosto.

Gosta de qualquer comida apimentada.

Fica aflita e enjoada com pessoas que não sabem mudar de opinião.

Gostaria de saber escrever música.

Ama a velha MPB.

Escreve rimas ruins.

Assiste à novela, sem vergonha.

É impaciente com pessoas que fingem.

Engata romances imaginários.

Ama a nova MPB.

Tem preconceito contra livros traduzidos.

Cuida excessivamente da sua família.

Não espera morrer.

Não gosta de esperar.

Diante da singularidade desses jovens e da maneira sincera como se desvelam diante da proposta, torna-se necessário apresentar também a professora desta turma e pesquisadora desta dissertação:

Pesquisadora: Autorretrato aos 32 anos

Nasceu no sertão da Paraíba, na primavera de 1982.

Prematura, a avó materna não acreditava que viveria por muito tempo.

Sobreviveu...

Tem três irmãos mais novos: André, Lucidalva e Joyce.

Tia de três lindas crianças: Vitor, Beatriz e Amanda.

Bem casada com Danilo.

Sem filhos (por enquanto).

Sedentária, sente dor nas pernas e nas costas ao caminhar.

Não gosta de suar, mas ama o calor.

Virginiana, perfeccionista.

Admira, mas tem dificuldade para conviver diariamente com pessoas do signo de áries.

Católica praticante, procura compreender aquilo em que crê.

Não cultua imagens, mas respeita.

Racional, mas emotiva diante da dor alheia ou quando fala daquilo ou daqueles que ama.

Estudiosa desde sempre.

Quando criança sonhava ser professora e brincava de dar aulas para os irmãos e enviava bilhetes para a mãe, quando seu irmão não queria fazer a lição.

Discreta, procura não chamar a atenção.

Ansiosa, não deixa nada para amanhã.

Deseja terminar o quanto antes o seu Mestrado.

Sente-se honrada por ter chegado até aqui.

Grata a Deus pela força que tem lhe dado.

Crê que a morte faz parte da vida, não teme a sua, mas não sabe como reagirá à partida daqueles que ama.

Nunca foi tão feliz como é agora.

Não gosta de falar de si.

Conhecidos os participantes envolvidos, é necessário compreender as atividades desenvolvidas.

3.4 Atividades mediadas pelo portal

Esta seção faz-se necessária à compreensão das entrevistas por conta das referências feitas pelos participantes em suas falas. Também, é relevante para que se compreendam as dimensões pedagógicas atribuídas ao portal ao longo dos anos em que estive em sua coordenação.

O portal educacional em referência, apesar de ser oferecido desde 2010 a professores e alunos, somente ganhou maiores dimensões de acesso a partir de 2012, ano em que assumi a sua coordenação. Anteriormente, o portal era desacreditado pelos professores e antiga coordenadora, que se via aborrecida pelos baixos acessos e pela necessidade de atingir as metas solicitadas mensalmente e anualmente.

O corpo docente da escola não se sentia motivado a utilizar o recurso, por razões diversas: falta de habilidade no manuseio do computador, desconhecimento das ferramentas do portal, falta de tempo para aprender, falta de interesse em modificar sua metodologia, falta de recurso físico, dentre outras.

Ciente de que somente por meio dos professores é que os alunos se aproximariam do portal, incentivei os docentes a fazerem os cursos semestrais gratuitos e online oferecidos pela empresa proprietária do portal. Para isso, me dispus a auxiliar os professores fora do horário de coordenação; também, adotei como medida, perguntar ao professor que conteúdo estava trabalhando com os alunos e disponibilizar uma atividade para ele desenvolver com os alunos. Também, me prontifiquei a chegar meia hora mais cedo e ligar todos os computadores do laboratório de informática para que o professor pudesse utilizá-lo com seus alunos, aplicando exercícios ou explorando ferramentas e conteúdos do portal.

Ao notar que os acessos semanais estavam subindo, tratei de encaminhar quinzenalmente um e-mail a todos os professores, agradecendo pelo uso, incentivando os que não utilizavam e dando notícias da porcentagem de acessos. Em 2012, a meta de 65% não foi atingida, ficando com 39,50% de acessos, mas o ano de 2013 a porcentagem foi superada e fechou com 69,50%, e o ano de 2014 finalizou-se com 81,57% de acessos.¹⁴ Considerando o total de alunos (1.240) e de professores (36) cadastrados, o número de acessos é alto e é mostra das dimensões pedagógicas atualmente atribuídas ao portal, que serve como

¹⁴ Porcentagens disponíveis para consulta no portal pelos usuários cadastrados.

ferramenta de apoio nos estudos, como complementação das aulas, como instrumento de avaliação e, como espaço de promoção de letramento digital de alunos e professores.

O quadro a seguir traz de maneira sintetizada as atividades desenvolvidas ao longo dos anos. Os nomes das ferramentas foram adaptados.

Quadro 3 – Atividades propostas no portal educacional

Data	Ferramenta	Atividade
02/2012 a 09/2012	<i>Notícias Contextualizadas + Espaço Redação + Armazenamento de arquivos + Simulados + Resumo das Disciplinas</i>	Incentivo aos alunos para que utilizassem as ferramentas. Percepção de que os alunos demonstravam interesse e os acessos estavam começando a aumentar.
30/10/2012	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Verificação de leitura da obra O Cortiço (Aluísio de Azevedo).
12/11/2012	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Parnasianismo/Simbolismo.
10/02/2013	<i>Escrita Coletiva</i>	Postar um artigo de opinião de no mínimo 20 linhas sobre os textos "Declaração Universal dos Direitos Humanos" e "Estatuto da Criança e do Adolescente". Texto significativo, apontando aspectos sobre os quais concorda ou discorda e a aplicabilidade desses artigos nos dias atuais.
25/03/2013	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Verificação de leitura da obra Viagens na Minha Terra (Almeida Garrett).
05/04/2013	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Revisão Literária do conteúdo do 1º ano.
05/04/2013	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Revisão Literária do conteúdo do 2º ano.
15/04/2013	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Verificação de leitura da obra A cidade e as serras (Eça de Queirós)
16/04/2013	<i>Blog do Professor</i>	Complementação da aula com o filme: <i>Nós que aqui estamos por vós esperamos</i> , com o objetivo de provocar uma reflexão introdutória a respeito do século XX. (Como não possuíamos TV e DVD em sala de aula para exibir o vídeo, pedi que assistissem em casa.)
18/04/2013	<i>Blog do Professor</i>	Complementação da aula sobre Surrealismo com o clipe "Lucy in the sky", dos Beatles. O objetivo era acrescentar ao conteúdo sobre "Vanguardas Europeias" para que os alunos percebessem a influência dos movimentos de vanguarda nas diversas manifestações culturais.
18/04/2013	<i>Blog do Professor</i>	Debate tendo como título "Carandiru: quem é o culpado?", uma vez que o tema estava sendo muito debatido na época, por conta do julgamento dos policiais envolvidos no caso. O embasamento foi feito por meio dos recursos: 1º Filme: O prisioneiro da Grade de Ferro. < https://www.youtube.com/watch?v=x2wvIjjS8U4 > 2º Reportagem: O programa Brasil Urgente, da Band, aborda o último dia do presídio Carandiru antes da desativação.

		<p><https://www.youtube.com/watch?v=DmvX-P6BRyg></p> <p>3º Reportagem: O programa CQC, no quadro Documento da Semana, volta 20 anos depois da tragédia ao Carandiru e entrevista sobreviventes. <https://www.youtube.com/watch?v=mIEhGqmHDQ#t=25></p> <p>4º O programa Caminhos da Reportagem mostra o Carandiru 20 anos depois da morte de 111 presos e aborda as versões da tragédia. <https://www.youtube.com/watch?v=tpeNHtCbRgRo#t=26></p> <p>5º Música “Diário de um detento” (Racionais) <https://www.youtube.com/watch?v=qKZvJ7MVbXw></p> <p>Debate realizado em duas semanas.</p> <p>Na 1ª semana, as questões abaixo deveriam ser respondidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual é a sua opinião sobre este caso? - Há culpados ou inocentes? Quem são? - Qual é o seu grau de conhecimento a respeito do caso? - Como você acha que tudo acabará? <p>Na 2ª semana, os alunos deveriam comentar a postagem de dois colegas e responder aos comentários dos colegas feitos sobre seus posts.</p>
23/04/2013	<i>Sequência Didática + Blog do Professor</i>	<p>Produção de texto baseado na <i>Sequência Didática</i> “Diálogo com Fernando Pessoa”, Modernismo em Portugal, Fernando Pessoa e os heterônimos, com a seguinte proposição: <i>Você tem um colega que vai fazer um seminário sobre Fernando Pessoa e seus heterônimos, mas não sabe nada a respeito dele.</i> <i>Você deve redigir um texto que sirva como base para o seu colega explicar o assunto.</i> <i>Seu texto deve reunir as principais informações a respeito da biografia e da produção literária de Fernando Pessoa.</i></p>
04/05/2013	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Recuperação- Avaliação Bimestral-1º Bimestre.
21/05/2013	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Verificação de Leitura da obra Til (José de Alencar).
27/05/2013	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Questões sobre o conteúdo Semana de Arte Moderna e 1ª Geração Modernista .
29/05/2013	<i>Sequência Didática</i>	Vídeo do programa Café filosófico (TV Cultura) com o tema “Literatura brasileira: missão ou entretenimento?”
24/06/2013	<i>Sequência Didática</i>	Recuperação-Avaliação bimestral-2º Bimestre. Prova com questões dissertativas a serem respondidas pelo aluno que não atingiu a média bimestral
31/07/2013	<i>Sequência Didática + Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Avaliação, em dupla, da obra Memórias de um sargento de milícias (Manuel Antônio de Almeida), na ferramenta Sequência Didática, e avaliação individual feita na ferramenta Exercícios de Múltipla Escolha.
20/08/2013	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Verificação de leitura da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas (Machado de Assis)
30/09/2013	<i>Sequência Didática +</i>	Proposta de atividade em grupo intitulada “África e Brasil:

	<i>Redator de Jornal</i>	<p>isso dá literatura” que propunha a leitura da Sequência Didática contendo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mapa do continente africano (povo africano e diversidade étnica, vegetação e clima); - Mãe África (influências da cultura africana e raízes da história do Brasil na África, reportagem “De que África estamos falando” que esclarece alguns estereótipos a respeito da África, palestra da escritora Chimamanda Adichie, sobre os perigos de uma história única); - Mandela e o Apartheid; - Riqueza africana (o africâner (língua sobrevivente ao processo colonizador), a pintura, a escultura, os instrumentos musicais, o Museu Afro-Brasil, o hino “Angola Avante”); - Uma pausa para respirar (música “Sorriso negro”, de <i>Dona Ivone Lara</i>); - Chegamos ao ponto (história de colonização da África, panorama das diversas guerras e seus reflexos na produção literária dos países africanos, sobrevivente do processo de imposição da língua portuguesa por Portugal, são as histórias orais guardadas e contadas pelos africanos (Karingana Ua Karingana [Era uma vez...]), link do site em que se pode fazer download gratuito de diversas obras em pdf, trata-se da "Coleção História Geral da África em Português", documentário da série "Nova África", em língua portuguesa, que comenta as influências da literatura brasileira na literatura africana.) - Produto final: jornal. Cada grupo tem como tema um autor: Agostinho Neto, José da Silva Maia Ferreira, José Vieira Mateus da Graça (Luandino), Boaventura Cardoso, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela), José Eduardo Agualusa, José Craveirinha, Luís Bernardo Honwana, António Emílio Leite Couto (Mia Couto).
10/11/2013	<i>Sequência Didática + Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Na ferramenta Sequência Didática foi feita uma revisão sobre o Modernismo com vídeos do You Tube abordando: Pré-Modernismo, 1ª Geração Modernista, 2ª Geração Modernista e 3ª Geração modernista. Depois, responderam a questões nos Exercícios de Múltipla Escolha
13/11/2013	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Revisão Literária do conteúdo do 3º ano.
17/11/2013	<i>Exercícios de Múltipla Escolha</i>	Verificação de leitura da obra A hora da estrela (Clarice Lispector)
18/11/2013	<i>Sequência Didática</i>	Disponibilizado conteúdo sobre o teatro Modernista: Suassuna e Nelson Rodrigues; biografia dos autores e indicação de vídeo das obras “O auto da compadecida” e “A vida como ela é”: 1º Vídeo: "O pediatra"; 2º Vídeo: "Desprezada". Questionário dissertativo a ser respondido na própria ferramenta, ao término da atividade.

As atividades desenvolvidas estiveram sempre atreladas ao plano de trabalho docente da disciplina Língua Portuguesa e Literatura nas séries correspondentes (2º e 3º ano), às competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo de cada ano letivo e aos objetivos de aprendizagem do Ensino Médio.

3.5 Organização e análise do material empírico

A organização e a análise do material empírico baseiam-se nos apontamentos recorrentes nas falas dos participantes, apurados na entrevista, a partir dos quais configurei as temáticas para investigação. As categorias foram elaboradas segundo o levantamento prévio das entrevistas e posteriormente confirmadas pelos demais instrumentos investigativos.

Na perspectiva da construção do ciclo de análise que me dispus a seguir (MORAES e GALIAZZI, 2007) fiz a *desmontagem dos textos ou unitarização*, ouvindo as entrevistas, lendo, relendo e consultando os outros instrumentos, fui fazendo anotações e sínteses na busca de palavras-chaves que representassem os significados emergentes das narrativas dos participantes. Por meio de pequenos *insights*, e pela visualização das falas dos participantes encontrei pontos comuns que me permitiram estabelecer categorias.

A categorização concretiza a imersão do pesquisador nos dados e a sua forma particular de agrupá-los segundo a sua compreensão. Podemos chamar este momento de “explicação de significados”.

Diferentes pesquisadores podem construir diferentes categorias a partir do mesmo conjunto de dados, pois essa construção depende da experiência pessoal, das teorias do seu conhecimento e das suas crenças e valores. (SZYMANSKI, ALMEIDA e PRANDINI, 2011, p.78)

Além dos elos encontrados nas narrativas, mantive o foco no objetivo geral e nos objetivos específicos da pesquisa: investigar como as TDIC podem promover a interação e a comunicação entre professores e alunos; observar as possibilidades de ampliação de estudo além do horário e do espaço físico delimitados pela escola; visualizar de que maneira um portal educacional pode oferecer ao professor e ao aluno a possibilidade de organizar e localizar informações e conteúdos necessários ao estudo; analisar a percepção dos alunos quanto às suas produções escritas e ao texto do outro, quando precisam fazê-lo on-line, incentivando e valorizando as produções no Ciberespaço; compreender como o conhecimento pode ser elaborado de maneira colaborativa e as transformações que podem ocorrer nos participantes; perceber como propostas de trabalho mediadas pela internet podem incentivar a pesquisa; pensar como a independência do aluno ao acessar conteúdos pode promover sua autonomia e autoria; identificar alguns dos desafios a serem encarados por professores, alunos e responsáveis técnicos pelo portal; melhorar minhas práticas pedagógicas considerando os apontamentos dos alunos participantes.

Atendo-me a esses pontos, elaborei o *sistema de categorias* abaixo:

- Categoria 1 - **Comunicação e interação**: investigar quais ferramentas do portal educacional possibilitam e incentivam a comunicação e a interação entre os participantes.
- Categoria 2 - **Sala de aula ampliada**: focar a continuidade dos estudos além do horário da aula e dos limites da escola. Trata-se do ensino e aprendizado em período integral, não condicionados ao horário de permanência na escola, mas relacionados ao aprendizado contínuo mediado pela tecnologia.
- Categoria 3 - **Gestão da aprendizagem**: observar como o aluno visualiza a organização das informações no ambiente virtual e a sua relação com o aprendizado.
- Categoria 4 - **O registro de si e do outro**: analisar como os participantes percebem suas produções escritas, qual a sua relação com o texto que escrevem e com os textos que leem, configurando autoria.
- Categoria 5 - **Aprendizagem colaborativa e transformadora**: pensar como o conhecimento pode ser (re)configurado e (re)construído pelo contato com os pensamentos do outro. Debates, reflexões e produções textuais permitem a reflexão e construção do conhecimento por meio da troca de ideias e posicionamento crítico a respeito daquilo que lê e escreve.
- Categoria 6 - **Incentivo à pesquisa**: evidenciar como o uso de portal educacional para o ensino pode incentivar a pesquisa, despertando o interesse dos participantes por consultar outras fontes de navegação e informação.
- Categoria 7 - **Estudo autônomo**: tratar das possibilidades de aprendizagem dos participantes de maneira que, sozinhos, possam organizar os seus estudos, sem dependência de um professor, administrando seu tempo, selecionando as fontes de informação e os conteúdos a serem estudados.
- Categoria 8 - **Desafios**: abordar as fragilidades e necessidades de melhoria apontadas pelos participantes, segundo suas percepções e expectativas em relação ao portal educacional.

Partindo dessas percepções, saí em busca da *captação do novo emergente*, com o objetivo de compreender a intencionalidade impregnada nos textos, tomando-os como um todo, para a *construção de um processo auto-organizativo* de análise sob a luz do referencial teórico.

Retomando as reflexões da seção 3.1, a proposta de análise do material empírico na perspectiva da AD, permito-me dizer que as narrativas compõem o discurso escolar de alunos

inseridos em práticas de letramento digital mediadas por portal educacional, na segunda década do século XXI. Tendo como base teórica Maingueneau, a análise proposta está enquadrada como *não tópica*, assim, estabeleço *percursos*, extraindo elementos do interdiscurso para identificar explicações implícitas no interior do discurso de cada participante.

Para efeito de identificação, a cada participante atribuí a nomenclatura **E** (Entrevistado) e um número (de 1 a 12, correspondente à sequência em que as entrevistas foram sendo realizadas), à entrevistadora atribuí a identificação **P** (Pesquisadora).

A partir desses balizadores, transito no terreno da Educação inserida no contexto das TDIC, sem perder de vista a reflexão apresentação na seção “1.2-Língua Portuguesa e letramento”, quando Evanildo Bechara (2009) apresenta as cinco dimensões universais da linguagem: *Criatividade (ou enérgeia)*, uma vez que a língua prestou-se ao desejo de expressão dos participantes; *Materialidade*, envolvendo aqui a escolha vocabular dos falantes, tendo em mente a riqueza de sinônimos que oferece o nosso léxico, cada participante optou pela escolha vocabular que melhor expressava suas ideias; *Semanticidade*, a qual exigiu atenção por trazer a compreensão do sentido exato da palavra selecionada, considerando a intenção do falante; *Alteridade*, por meio da posição de cofalantes e coouvintes estabelecida na relação de sujeitos político-sociais; e por fim, *Historicidade* necessária à compreensão da carga histórica e ideológica trazida pela língua e suas palavras.

Das narrativas emergem percepções de sujeitos inseridos em práticas de letramento digital que marcaram seu aprendizado, seu convívio, sua formação. Nessa dinâmica, surge o primeiro elemento diferenciador apontado: **Comunicação e Interação**, o qual pode ser percebido pela manifestação:

Eu acho que a que funciona melhor é o ‘Blog do Professor’ porque é muito bom para a interação professor-aluno. Não tem jeito de burlar o ‘Blog do Professor’, ele é simplesmente para criar uma comunicação entre o professor e o aluno fora da sala de aula, ele serve para o professor pedir as atividades ou para ele apresentar conteúdo para o aluno. (E1)

Essa manifestação é representativa de uma tendência dos participantes em ressaltar a importância do contato entre professor-aluno, além do horário de aula. Sobressai também da fala do participante o desejo de uma comunicação segura, que não se atenha ao copiar/colar, o famoso “Ctrl+C / Ctrl+V”, muito utilizado por aqueles que desejam entregar a atividade, sem ter muito trabalho para elaborá-la. A preocupação em “burlar” regras reflete o compromisso do participante com a atividade proposta e a sua preocupação em relação à postura dos colegas. Nesse sentido, há a exigência também de o professor fazer uma comunicação

diferenciada com os alunos, respondendo no *blog* individualmente aos questionamentos e apontamentos dos alunos. Tornando-se uma comunicação similar à presencial, no método de perguntas e respostas dirigidas e abertas, e diferenciada, uma vez que não há presença física dos envolvidos no processo comunicacional e o canal não é oral, mas escrito.

O *blog* é um dispositivo que permite comunicação e interação no ciberespaço e oferece muitas vantagens por ser um dispositivo que não condiciona a comunicação a ser síncrona (todos os participantes online ao mesmo tempo e em tempo real), como ocorre nos *chats*, mas pela oportunidade de ser assíncrona (comunicação em momentos e tempos diferentes), permite aos participantes que se comuniquem e interajam quando acharem mais conveniente.

Sartori (2014, p. 75), referindo-se a Paulo Freire (1987), afirma que “a comunicação transforma seres humanos em sujeitos na medida em que a educação é vista como um processo da comunicação, uma construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialógicas entre os homens e o mundo.” Comunicação, no atual contexto, pressupõe interação, pois é um processo dinâmico em que não se deseja apenas receber passivamente, mas atuar, produzir, tal como apontado na seção “2.2 Mediação pedagógica e construção colaborativa do conhecimento”, em que a tríade interação, cooperação e colaboração foi mostrada como um importante diferencial nos relacionamentos em ambiente online.

Nessa linha, E2 manifesta-se: (...) *no geral o site é muito bom, assim, algumas ferramentas são muito boas para você, não só expor a sua opinião, mas saber a opinião dos outros e receber ajuda de outras pessoas (...)*. Trata-se também do caráter colaborativo, que será estudado mais adiante, numa categoria específica. Interação, portanto, amplia as possibilidades de comunicação.

Questões que desafiam o aluno também são maneiras de interagir, pois ele interage com o ambiente virtual. Atividades que despertam o aluno para testar seus conhecimentos de maneira lúdica podem ser um forte incentivo, como aponta a narrativa abaixo:

A ferramenta que eu mais gosto é a dos Vestibulares, é a ferramenta mais completa que tem. Tem todas as universidades que você imaginar que são boas, tem particulares também, então é uma ferramenta que eu utilizo diariamente. É a que eu mais gosto, eu gosto também dos joguinhos que tem... aqueles joguinhos que tem por mês. Eu nunca ganhei nada, mas eu tenho certeza que tem gente que ganha aqueles prêmios lá. (E3)

Bem como E12: *Os desafios de literatura são muito interessantes, aquele sobre Shakespeare foi super legal, eu adorei!* Deixando evidente que comunicar e interagir, para

muitos estudantes, torna-se mais prazeroso quando ele também pode agir de maneira dinâmica, demonstrando seus conhecimentos e testando-os.

Assim, também é importante poder expor suas ideias, como apontado acima, por E2, considerando as condições disponíveis, de maneira que se sinta mais a vontade para expressar sua opinião, como muitos se manifestam em relação a um debate sobre o tema Carandiru, desenvolvido no ‘*Blog do Professor*’:

O debate no ‘Blog do Professor’, eu achei, esse aí foi um tópico bem legal porque a nossa sala, assim, não sei, acho que lá eles se soltam mais, falam mesmo, aí eu achei que quando fez o debate do Carandiru foi um meio, assim, novo porque a gente nunca tinha feito isso no site. Foi bem legal! (E4)

E6 ressalta: *Na sala de aula a gente fica um pouco mais envergonhado de falar algumas coisas, agora no ‘Blog do Professor’, como a gente está lá só digitando no computador, a gente fala tudo o que tem que falar, sem medo, sem olhar na cara da pessoa, parece que é mais fácil.* Demonstrando maior facilidade para se expressar por escrito, em ambiente virtual, visão reforçada por E9: (...) *tem muita gente que tem dificuldades de se impor, eu não tenho, mas tem muita gente que tem, então eu acho que pela internet é mais fácil.*

Opinião semelhante é confirmada pelo participante E10:

(...) na sala tem alguns alunos, apesar de serem poucos, não estão interessados nesse tipo de debate, né? Acho que o debate como foi no portal, ele é... meio que ajudou você a... ele permitiu que você falasse e, uma pessoa que tem muita vergonha, numa sala, não vai falar, mas no portal ela pode ir lá e escrever que está tudo certo.

E ainda:

(...) você teve que defender sua opinião, às vezes teve que ser contra a do seu colega; às vezes, teve que concordar também. Acho que aí foi um meio de você se expressar e se comunicar. (...) Eu achei, assim, que todo mundo ia concordar, não que ia haver tanta discórdia, assim, tanta polêmica. Aí eu fiquei meio que surpreendida, né. Porque a maioria estava discordando lá, falando mesmo (...) (E4)

Nessa perspectiva comunicacional e interacional, o *blog* aparece como um forte recurso. *Tem o ‘Blog do Professor’ e a ‘Sequência Didática’ que não deixam de ser ferramentas que te fazem interagir, né, de um jeito ou de outro, principalmente o ‘Blog do Professor’, que eu acho muito legal.* (E5). O aluno mostra-se motivado a participar e empolgado com a construção do processo comunicativo: *O ‘Blog do Professor’ é um dos melhores que tem, também principalmente a questão do debate, ter que interagir assim é*

muito bom, eu adorei o 'Blog do Professor' porque você coloca o seu ponto de vista, logo já tem outro aluno comentando, foi a melhor que teve. (E6).

A possibilidade de comunicação e interação é valorizada pelos estudantes não apenas pela facilidade para expressar-se e a oportunidade de estar em contato com os colegas, mas também para refletir a respeito de sua opinião, podendo alterá-la por meio do contato com o outro: *Bom, esse ['Blog do Professor'] é muito bom porque você pode ter uma ideia errada do que você escreveu e do que outra pessoa escreveu e vocês podem discutir sobre e entrar em um entendimento sobre o assunto e ver se você está certo ou se você está errado, isso é interessante.* (E10)

Outro ponto relevante a ser levantado é a possibilidade de trabalhar com conteúdos atuais, que fazem parte da realidade da sociedade e do próprio aluno, como destacado: *Eu gosto muito dos blogs. Os blogs, em geral, eles têm muito essa cara dos comentários, de expressar as visões, os blogs têm conteúdos mais atuais, mais polêmicos, então aí você vê várias visões, várias pessoas diferentes comentando, eu gosto dos blogs.* (E3) Pois, é fundamental que ocorra uma identificação entre o que está sendo trabalhado e o cotidiano do aluno, “a fim de envolver os alunos no processo de aprendizagem on-line e de facilitar o processo de construção de sentidos, que é parte da abordagem construtivista através da qual ocorre essa aprendizagem” (PALLOFF e PRATT, 2002, p.147), portanto, é um aspecto necessário para o sucesso do ensino mediado pelas TDIC.

É importante que ocorra o envolvimento do grupo, o participante E4, percebendo essa importância, expõe: (...) *essa ferramenta do debate, assim, precisa de um grupo, assim, então acho que se tiver um grupo interessado, qualquer ferramenta, assim, pode te ajudar a se expressar, a se comunicar melhor.* Por seu caráter comunicacional, o blog pode colaborar na construção de redes sociais de saberes ou comunidades de aprendizagem, na medida em que a comunicação de um sujeito a outro se dá porque há um significado significativo para ambos. O poder comentar o que sei e conectar ao conhecimento do outro confere a sensação de maior importância à contribuição dos participantes, que trazem seus próprios conhecimentos, os quais podem acrescentar à reflexão do outro.

Nesse aspecto, bem como na seleção de temas a serem abordados, merece especial atenção a mediação pedagógica, pois o professor atuará como o motivador, o incentivador da participação dos estudantes, não apenas postando conteúdos, mas dialogando com os sujeitos a fim de que se envolvam com o processo e possam relatar suas opiniões e experiências a respeito do assunto em debate, despertando o interesse e incentivando um convívio respeitoso entre os participantes, tal como afirma E12:

Nossa! A atividade do Carandiru foi muito legal, estava na hora, né, de falar sobre isso e eu não tinha conhecimento, assim, eu sabia da história, sabia mais pelo filme do que pelos fatos e tudo que eu li contribuiu muito e o debate que a gente fez foi muito legal, todo mundo se respeitou bastante no debate, foi super, serviu, sabe, para a gente aprender mais sobre o assunto e o assunto está aí, né?

O relato de E12 demonstra um aprendizado que parte de um conhecimento “solto” que se interiorizou, se conectou, criou relevância, como afirma Moran (2004, p.23) “Aprendemos quando descobrimos novas dimensões de significação que antes se nos escapavam, quando vamos ampliando o círculo de compreensão do que nos rodeia”, pois nesse processo se partiu de um conhecimento prévio do aluno que se materializou na forma de comentários e diálogos com os colegas.

A partir das narrativas dos participantes, foi possível apurar que o uso das TDIC pode possibilitar ao professor propor atividades e expor conteúdos aos alunos, trazendo para o centro da comunicação conteúdos mais atuais e polêmicos, que suscitem nos alunos o desejo de expressar suas visões, expor suas opiniões, saber a opinião dos colegas, refletir e debater a respeito dela, aprendendo com o outro de maneira interativa e respeitosa, estendendo a oportunidade de estudo para além do horário escolar e dos limites físicos da escola.

Figura 2 – Mapa conceitual da categoria Comunicação e Interação

Emergente das falas, surge a categoria **Sala de Aula Ampliada** que, no gancho da categoria anterior, se sobressai como a oportunidade para continuar os estudos, dentro da proposta de um estudo em período integral, relativo à possibilidade de um aprendizado contínuo, mediado pelas TDIC. Como afirma Kenski (2013, p.29):

Tradicionalmente, a aprendizagem de informações e conceitos era tarefa exclusiva da escola. Os conhecimentos teóricos eram apresentados gradativamente às crianças após o ingresso nas instituições formais de ensino. Eles eram finitos e determinados. Ao final de um determinado grau de escolarização a pessoa podia considerar-se formada, ou seja, já possuía conhecimentos e informações suficientes para se iniciar em alguma profissão.

O espaço e o tempo de ensinar eram determinados.

No entanto, o contexto atual oferece possibilidades de ensino e de aprendizagem online, tornando-se desnecessário o deslocamento do aluno ao local de estudo e a questão do tempo poderá estar condicionada à disponibilidade de alunos e professores envolvidos no processo educacional. Podendo os sujeitos estudarem além do espaço e do horário escolar. Não tendo um limite de espaço, tempo ou conteúdo a ser estudado.

Em relação ao portal educacional, o participante E10 enfatiza: *Bom, o portal está ali realmente como um extraclasse, uma atividade extraclasse que vai te ajudar fora da sala da aula vai te dar um conteúdo a mais.* Destacando a possibilidade de acesso aos conteúdos para estudar em casa. Bem como E2 que diz: *Eu acho que o portal é muito útil principalmente na parte das atividades que os professores propõem para os alunos através do portal. Eu acho que é uma ferramenta bastante útil porque, querendo ou não, está fazendo o aluno estudar em casa (...).*

Os alunos mostram-se interessados em atividades desenvolvidas pelo próprio professor: *Eu acho que fez diferença sim, a ‘Sequência Didática’, como eu disse, é muito boa. Nela a professora expõe links para a gente estudar fora, então eu acho que é um recurso muito bom (...).* (E2), o que pode tornar mais proveitoso o estudo em casa, trazendo uma nova “roupagem” para a famosa “lição de casa”:

Eu acho que o portal é bastante útil até porque você acaba se limitando só com a escola, então você tem uma ferramenta fora dela que você possa acessar em qualquer lugar, eu acho que é bastante útil, claro que não é perfeito, podem ser melhoradas, etc., mas eu acho que em geral, como uma iniciativa, eu acho que é uma coisa que está caminhando bem e que só tem a acrescentar ao aluno, para ser sincero. (E8)

Outro ponto interessante é que, por meio dos acessos a outros materiais e ferramentas, o aluno acaba não se restringindo apenas aos conteúdos da aula, podendo haver motivação para acessar outros links, além dos conteúdos curriculares convencionais:

Eu acesso às vezes [as notícias informativas contextualizadas] porque normalmente agora a minha vida está muito corrida por causa da época dos vestibulares, não sei, o que eu acessava muito, li sobre Clarice Lispector, muito legal; li um também sobre as laranjas, muito, muito interessante; e aí são informações que eu acho que a gente acessando é conteúdo base para redação no vestibular e é conhecimentos gerais, sabe, querendo ou não a gente é cobrado nisso também. (E12)

A respeito do conteúdo para estudar em casa, tal como mencionado na categoria anterior, os alunos citam o caráter complementar do portal:

Acho que é assim, o portal não serve como uma enciclopédia, por exemplo, não pode ter tudo, você tem que estudar, o portal é bom como complemento, tem várias referências no portal. Nos conteúdos, sim, os conteúdos são muito, muito, muito simplificados, mas não vejo como algo muito ruim porque você estuda em livros didáticos, você estuda pela internet, você estuda em outros materiais. O portal não tem muito essa função, pelo menos que eu vejo é só mais como complemento. Sim, se for ver por esse lado de querer um site que tenha bom conteúdo, sim, isso sim, eu diria que é um pouco frágil. Mas eu vejo mais o portal como complemento. (E3)

Alguns alunos têm a maturidade intelectual para perceber que não se trata de um ambiente de estudo completo, em que se encontrarão todas as informações, ou seja, “o portal não serve como uma enciclopédia”, como cita E3 e é ressaltado no discurso de E6: *É bom porque acho que é um complemento para o que a gente vê na sala de aula, mas não dá para se basear só naquilo, porque tem umas coisas que são muito resumidas, muito vago, e a parte que é mais aprofundada é muito pouca, é mais para dar um complemento mesmo.*

Portanto, a ampliação do estudo para além da sala de aula pressupõe que exista um conteúdo que caminha junto na sala de aula presencial, sendo complementado, em casa, pelo conteúdo virtual. Na visão de Peraya (2002), formação a distância pressupõe autoformação, é um processo em que o aluno encontra no ambiente virtual um conteúdo para sua formação, mas é responsável pela leitura e compreensão desse conteúdo, num processo autoformativo. Portanto, é fundamental ao aluno o interesse em ir além do conteúdo estudado em sala de aula e buscar nos ambientes virtuais disponíveis o complemento para sua formação.

O aluno não encontra (e não pode esperar encontrar) no portal educacional o mesmo conteúdo ministrado pelo professor, primeiro porque o portal não foi elaborado pelo professor, mas por uma equipe formadora, segundo porque a apresentação igual no portal dos conteúdos passados pelo professor em sala seria uma mera repetição, sem nada acrescentar. O portal tem a proposta de revisitar os conteúdos e trazer um extra, ou seja, serve para retomar, resumir e ampliar conhecimentos:

É o que eu falei, você consegue melhorar o que o professor explica, por exemplo, não entendi muito bem a proposta do que foi passado por um “X” professor em tal matéria, então eu utilizo do portal para tentar aprimorar um pouco mais, para tentar buscar um pouco mais de esclarecimento sobre a matéria, então essa é uma das funções que eu acho que é bastante útil porque você tem um complemento a mais e você tem uma segurança maior na hora de fazer provas, responder questões, eu adquirir mais conhecimento sobre tal matéria. (E8)

Postura similar é assumida por E12, quando afirma:

Nossa! Eu acesso muito, eu uso tanto para estudar para as provas da escola quanto para os conteúdos do cursinho porque eu estou fazendo cursinho pré-vestibular e os professores passam muito correndo por cima da matéria. Alguma coisa que a gente não viu aqui aí eu pesquiso lá no portal e ainda faço os exercícios.

Além da possibilidade de contato com os conteúdos, há também a possibilidade de estudo no horário em que o aluno tem disponibilidade:

(...) em casa a gente está mais tranquilo, assim, pega um tempo para fazer só aquilo, agora, na sala de aula você está meio que por obrigação, sabe? Ah! Tem que vir pra aula, tem que ouvir a professora falar, mas se você pega na sua casa e entra é porque você quer mesmo, então acho que o rendimento, assim, você aprende mais. (E6)

Alguns alunos também enfatizaram a possibilidade de utilizar outros recursos para sua formação, como visuais, auditivos e escritos: *A redação, né, porque redação, os temas, é muito útil, tem os vídeos, tem os textos motivadores e dá pra estudar tranquilo no final de semana, né, essas coisas, ainda mais que você faça, né?! (E5).* A proposta de um tema de redação com uma coletânea de textos e vídeos motivadores torna-se inovadora, pois além de trabalhar com recursos visuais e textos orais, também ajuda o aluno a refletir sobre o que ouve, além de nutri-lo com informações que ele pode usar durante a redação.

A mescla de recursos também é enfatizada por E12:

(...) porque o que a gente estuda na sala é pouco, querendo ou não eu percebo pelo cursinho pré-vestibular, também é muito conteúdo para estudar, literatura, gramática e é muita coisa. A gente tem pouca aula durante a semana, então a oportunidade de estar vendo em casa, assistindo vídeo, vendo as coisas, possibilita, assim, um maior aprendizado, acho que dá para aproveitar mais os conteúdos.

Portanto, existe uma unicidade discursiva apontada nas falas dos participantes que reconhecem o portal não apenas como um complemento, mas como uma possibilidade a mais de estudo, que permite o aprendizado por meio de outros recursos tecnológicos, inseridos nas atividades propostas.

Ainda sobre os conteúdos concisos e resumidos, assim se manifesta E9: *Eu faço cursinho e lá é tudo muito resumido e muito rápido. O portal te auxilia para dar uma resumida quando chega em casa, você vai, vê, lê e você aprende mais, eu acho que ajuda bastante.*

Assim sendo, os alunos visualizam o portal educacional e as ferramentas que ele oferece como uma boa oportunidade para ampliar seus estudos além do espaço e do horário escolar. Sobressaem em seus discursos, mais uma vez, o portal como um complemento, as facilidades do estudo em casa, no horário que convém, a possibilidade de acesso aos conteúdos resumidos, mais concisos ou que possam expandir o aprendizado tido em sala.

Figura 3 – Mapa conceitual da categoria Sala de Aula Ampliada

Em consonância com o estudo em período integral, o estudar em casa, está presente a **Gestão da Aprendizagem**, que tem como foco refletir a respeito da organização das informações no ambiente, tanto por iniciativa do professor como pela funcionalidade das ferramentas do portal.

Para a gestão da aprendizagem em um ambiente online é importante o professor expor de maneira clara os conteúdos e propostas:

Quando eu uso o 'Blog do Professor' eu consigo com mais clareza entender o que o professor quer que eu faça, então eu consigo ir atrás diretamente do que ele está propondo.(...) Com a 'Sequência Didática' eu também consigo absorver algumas coisas porque também deixa clara a proposta do professor para poder pesquisar, então, acaba me fazendo desenvolver essas competências. (E1)

Pois alguns alunos criticam os professores que não têm tanta clareza naquilo que desejam do aluno. Embora se possa usar o método da sala de aula invertida (*flipped classroom*), que consiste em inverter a lógica de organização da sala de aula, propondo aos alunos que tenham contato com o conteúdo, geralmente em casa, por meio de vídeo-aulas, textos e/ou games, e depois, na sala de aula presencial comentem a respeito do conteúdo e desenvolvam as atividades, é muito importante considerar que essa prática precisa estar bem esclarecida, para evitar transtornos, como o que relata E6:

Então, a 'Sequência Didática', se for uma coisa que o aluno já tem uma base, uma noção, mas se for uma coisa que o professor coloca tudo e quer que a gente aprenda sozinho, não dá. A gente já teve uns casos assim, não dá. Não sai, porque você lê, você assiste aos vídeos e você não entende nada. Agora, se a gente já tem uma ideia de como funciona, é tranquilo.

Nesse ponto ele faz referência a um professor que tem o hábito de aplicar o método da sala de aula invertida. O aluno considera que é preciso primeiro apresentar o conteúdo aos estudantes, para depois direcioná-los ao portal. Como o método havia sido empregado também nas aulas de Língua Portuguesa, o questionamento foi inevitável: *Vamos pensar nessa 'Sequência Didática' mais recente, que eu coloquei para vocês, que é literatura africana, até a aula de hoje eu não tinha falado nada a respeito, era possível entender alguma coisa?(P)*. E para surpresa, a resposta foi: *Era, pelos links que tinha que eram muito bons e os textos que você mesma colocou ficou bom aquele.*(E6)

Quando perguntado a respeito de qual seria então a diferença, ele respondeu que depende do professor: *Tem professor que coloca assim na 'Sequência Didática' o que ele quer, mas assim você não sabe como você tem que fazer, ele coloca o que ele quer, então tem que deixar bem explicado como ele quer que você faça o trabalho, o objetivo, essas coisas.*(E6). Essa opinião é partilhada por outro entrevistado: *Tem professor que deixa as coisas bem claras, você tem que fazer isso e é assim que faz e tem professor que simplesmente coloca lá e você tem que descobrir o que tem que fazer, então eu acho que varia muito de professor e da matéria também.*(E7).

De fato, ensinar

é um processo profundamente pessoal: cada um de nós desenvolve um estilo, seu caminho (...). Os professores aprendem e ensinam. Sua personalidade e sua competência ajudam mais ou menos. Ensinar depende também de o aluno querer aprender e estar apto a aprender em determinado nível (depende da maturidade, da motivação e da competência adquiridas).(MORAN, 2004, p.13)

Por isso, ensinar não depende apenas de uma metodologia, há diversos fatores que envolvem esse ato. O ensinar nem sempre tem como resultado o aprender.

Os alunos destacam que é importante chamar a atenção e despertar o seu interesse pela atividade proposta, como E6 destaca, ainda comentando a respeito da maneira como o professor dispõe conteúdos e informações: *Depende da matéria, depende da 'Sequência Didática' também, de como ela está, da qualidade que o professor fez a 'Sequência Didática', aí fica legal de fazer, mas quando é aquela coisa, assim, monótona, que você não se interessa pela matéria, aí não, eu não gosto.* Em diálogo com essa fala, Moran (2004, p.16) afirma que “Os grandes educadores atraem não só pelas suas ideias, mas pelo contato pessoal. (...) Há sempre algo surpreendente, diferente no que dizem, nas relações que estabelecem, na sua forma de olhar, na forma de comunicar-se, de agir.”, portanto, é importante que o docente não apenas observe e avalie o aluno, mas observe-se e avalie o resultado de seu trabalho considerando suas práticas pedagógicas presenciais e online.

A educação é uma via de mão dupla em que a dependência vem do professor, mas vem também do aluno: “Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador.” (MORAN, 2004, p.17), assim, é necessário o compromisso de todos os envolvidos, mais do que responsabilizar, é importante refletir, avaliar e rever posturas. Para colher os frutos que se deseja é necessário saber plantar, selecionar a semente certa e cuidar para que ela cresça; lançar sementes ao solo não é certeza de que bons frutos serão colhidos.

Para E9, utilizar o portal para complemento da aula traz contribuição e torna a aula melhor: *Eu acho que fica bem melhor porque muda, sai um pouco da rotina. Acho que o professor e a lousa é bom, mas não é muito didático só isso. Acho que usar os recursos é bem melhor. Contribui.* Mas a todo tempo os alunos enfatizam o caráter complementar das atividades propostas no portal:

Às vezes é próprio da ferramenta seria dar uma liberdade para o professor criar suas próprias aulas, criar seus próprios conteúdos. Tem professor que sabe utilizar isso bem, como é o seu caso, agora tem que saber o que realmente o professor quer. Vários professores que já utilizaram a 'Sequência Didática' e eu não consegui entender a proposta por ser opção do professor de como lecionar, por exemplo, você não pode pensar por exemplo que a 'Sequência Didática' pode substituir uma aula, vou querer dar uma aula em uma simples 'Sequência Didática', que é o que não acontece com você, obviamente, mas o que pode vir acontecer é as pessoas querendo substituir pela 'Sequência Didática' o que é possível não seria o correto. Eu, como aluno, não consigo aprender uma matéria inteira lendo

uma ‘Sequência Didática’, então servindo como é a proposta do site, seria o complemento para o aluno essa ferramenta cumpre seu papel bem.(E8)

Porém, não deixam de reconhecer o potencial que o ambiente oferece para avaliar e propor atividades: *A ‘Sequência Didática’, porque lá o professor geralmente coloca os links do portal para a gente estudar e depois propõe uma atividade, então eu acho que é uma ferramenta bem útil. O professor, através dela, pode passar claramente o que ele quer para a gente.* (E2) Opinião corroborada por E11: *A ‘Sequência Didática’ porque a professora indica o conteúdo, guia os estudos e fica mais interessante, tem os vídeos.*

Bem como, dar *feedback* aos alunos por meio do próprio portal ou de outros recursos virtuais, como *Facebook* e *e-mail* pessoal.

‘Sequência Didática’ eu acho muito boa porque lá o professor realmente... ele coloca vídeo, ele coloca texto, ele coloca os sites para indicar, e lá ele realmente escreve o que ele quer que a gente faça, e ele não precisa estar presente. Ele pode responder às nossas perguntas, mesmo estando em casa, por e-mail e até mesmo pela ‘Sequência Didática’. Então lá, eu acho, aquela ferramenta muito boa.(E4)

O aluno também visualiza que o portal é um ambiente que reúne e organiza conteúdos e informações, facilitando a gestão de sua aprendizagem: (...) *se você não tem o portal você pode encontrar alguns outros sites, o bom é que no portal está tudo reunido num site só, você não precisa ficar procurando em outro site.* (E2). Como além dos resumos dos conteúdos o portal também disponibiliza ferramentas que simulam questões dos vestibulares e do Enem, os alunos sentem que é uma boa contribuição para o seu estudo, como afirma E6: (...) *porque acho que, assim, tem as questões, as coisas ficam mais fáceis de achar pra gente, porque você coloca assim “vestibular” na internet aparece tanta coisa, você começa a surtar, então no portal é bem organizado, está fácil de entender... está tranquilo.*

Sobre as ferramentas de simulação: (...) *eu acho muito interessante porque você encontra em outros lugares só que não do jeito que é disposto no portal, ele mistura as questões dos vestibulares, eu acho muito interessante porque é desse jeito que a gente vai fazer a prova.* (E1)

E ainda sobre essas ferramentas, mas abordando o aspecto da gestão do tempo e do retorno que o aluno recebe ao utilizar o recurso: (...) *são as questões dos vestibulares mesmo, e tem o tempo tal para medir quanto tempo você está fazendo as questões, quanto tempo você está fazendo as provas, quanto você acertou, tem as observações depois do que você errou, que você acertou. Muito legal, muito prático!* (E12)

Assim, é possível notar que a categoria **Gestão da Aprendizagem** demonstra a visão do aluno a respeito do modo como o professor dispõe suas propostas no ambiente e como pode ser motivador (ou não) para o aluno, no momento de realizar as atividades, também nessa categoria é possível observar a percepção do aluno a respeito de como o próprio portal disponibiliza as informações e o desempenho das ferramentas oferecidas. Sobressaem nos discursos: reunião de conteúdos, clareza, organização, avaliar e propor atividades, *feedback*, interesse e gestão do tempo.

Figura 4 – Mapa conceitual da categoria Gestão da Aprendizagem

O **registro de si e do outro** é a categoria que retomará, por meio da reflexão de práticas realizadas no portal, a discussão trazida na seção “1.2-Língua Portuguesa e letramento”, de certa forma desmistificando a ideia de que o jovem na internet não utiliza a norma culta, mas somente o “internetês”, e mostrando que é possível ao professor de Língua Portuguesa fazer do aluno um “poliglota dentro de sua própria língua”, como propôs Evanildo Bechara (2007), oportunamente citado na referida seção.

Uma das propostas do Currículo do Estado de São Paulo para o ensino de Língua Portuguesa é o conhecimento da norma culta para a produção dos gêneros discursivos, bem como a primeira das cinco competências da redação do Enem é demonstrar domínio da norma culta, observando esses aspectos, o redigir na internet, dentro da proposta de ensino e de aprendizagem atual deve contemplar o desenvolvimento dessas competências. Para motivar o aluno, foi adotada como melhor escolha expô-lo a situações de aprendizagem em que tivesse que posicionar-se, expressar por escrito sua opinião, argumentar com os colegas e com o professor. Uma das atividades que mais chamou a atenção dos participantes foi o debate no ‘*Blog do Professor*’, a proposta mesclou o debate, gênero textual próprio da oralidade, com o *blog*, recurso que requer a produção de um gênero textual escrito. Essa mescla rendeu muitos frutos, pois os alunos jamais tinham participado de um debate escrito, o que possibilitou a participação de todos que desejassem, inclusive os mais tímidos, que em sala, provavelmente, permaneceriam calados, também incentivou os envolvidos a pesquisarem e redigirem com qualidade o seu texto.

A respeito dessa prática, assim se manifesta E1 ao ser questionado como se sente quando tem sua opinião lida por outros colegas: *Me sinto muito bem porque eu passo meu texto para as pessoas lerem e tenho orgulho da minha opinião.* E2 tem a mesma postura em relação aos textos que redige: (...) *eu quero que as pessoas leiam o meu texto, eu quero saber a opinião delas, que nem no ‘Blog do Professor’, debater sobre isso, então eu gosto que as pessoas leiam meu texto e digam a opinião delas sobre isso.*

E7, ao ser questionado se o incomodava ter seu texto lido, reforçou: *Não, porque eu acho que por mais que as pessoas venham a discordar da minha opinião, por mais que ela pareça boba, na vida tem que opinar sobre as coisas, sempre as pessoas estão sempre julgando. Eu não me importo.* O aluno E9, também em resposta à questão anterior diz: *Não. Eu gosto que eu vejo se as pessoas gostaram ou não, também. Então, eu gosto pra caramba e dá pra me impor, eu gosto disso.*

Porém, não são todos os casos em que o estudante se sente confortável ao saber que os colegas lerão o seu texto: *Eu não gosto que os outros analisem o meu texto. Eu acho que eu fico um pouco com vergonha. Mas a ferramenta é boa porque eu leio o dos outros, assim, pra ter uma noção de como está o meu texto, mas é um pouco... Eu não gosto muito.*(E4). Dois pontos são interessantes e sobressaem desse discurso: o aprendizado que ocorre por meio do contato com o texto do outro e o que o texto traz a respeito de quem o redige.

O texto do outro pode me ensinar muito, pode ser um balizador do meu texto, a partir do momento em que posso compará-lo. Em relação à necessidade de refletir a respeito de sua linguagem, considerando a leitura do texto do colega, assim se pronunciou E8:

(...) na hora que você coloca seus conhecimentos em prática, você realmente tende a aprimorar, você observa seus erros, você observa o ponto em que você precisa melhorar, observa obviamente o esforço que você teve, etc... mas comparando com os outros você vendo o nível de desenvolvimento de linguagem dos outros com o seu, você percebe o quanto você precisa melhorar e o quanto você precisa se esforçar para atingir esse melhor. Eu acho que auxiliou bastante nesse ponto de linguagem, também foi bastante importante para comparar não só o ponto de vista etc... mas uso de recursos e seleção, etc. de figuras de linguagem etc. para formular uma, para colocar o que você quer dentro do texto, então foi realmente útil na hora.(...) quando me é possibilitado ver o texto do outro, eu uso para ver como deve ser o nível de discussão, e também para ver se já obtiveram vários outros resultados, para ver diversos pontos de vista qual seria melhor aguardar, se eu devo aguardar tudo de uma vez, se eu devo especificar em um só, então eu utilizo os textos, não só na 'Escrita Coletiva', mas também no 'Blog do Professor', ou em outras ferramenta de produção de texto para ter, quando me é disponibilizado, para ter uma noção, uma base de como deve ser feito.

E segue, trazendo à tona a preocupação com a escrita: *Eu procuro me policiar um pouco mais sabendo que várias outras pessoas vão ler, mas eu não vou deixar de emitir minha opinião, o que eu penso sobre tal assunto por outras pessoas estarem lendo, mas eu procuro me policiar um pouco mais.*(E8). Preocupação essa demonstrada no discurso de outros colegas:

(...) o 'Redator de Jornal' também foi uma experiência muito legal. A gente fazer foi, hum... Eu não queria fazer um jornal assim de qualquer jeito, sabe? Eu queria que o jornal ficasse impecável, incrível, então a gente pesquisou muito, a gente elaborou vários textos, a gente foi vendo qual texto tinha ficado mais legal, então acho que essas ferramentas que a gente mostra alguma coisa para outras pessoas é o que mais instiga a gente a mostrar. (...) Olha, quando eu posto alguma coisa minha é que eu gosto muito de dar minha opinião, né, e aí quando eu posto alguma coisa minha eu presto muita atenção na ortografia e na gramática porque eu morro de medo de fazer feio, então eu pesquisei bastante antes de falar alguma coisa e eu redigi o texto várias vezes, passei no Word para correção ortográfica. Olhei tudo (...) sempre gostei de ler, e todos os meios literários: blogs, tudo, tudo, eu gosto de ler tudo, anúncio, tudo, classificados, e eu tinha essa preocupação de estar com a ortografia sempre bem colocada, porque é uma impressão que a gente passa, né... a pessoa vai lá e lê e às vezes tem uns erros tão absurdos que a pessoa já faz uma cara feia para o seu texto, logo no começo. Assim, vi um erro, já vi o seu texto de outro jeito, como se você não tivesse propriedade no que você está falando por causa do seu erro gramatical, então eu procuro sempre ter cuidado com isso.(...) Eu acho, eu acho que dá outra visão de sua opinião que as pessoas falam: "Ah! Não sabe nem escrever, vai saber do que está falando!". (E12)

Essas duas falas, são reforçadas por E7:

(...) você tem a internet pra pesquisar, então você acaba sempre pesquisando um pouco mais pro assunto que você tem que pra escrever e você tenta escrever o mais certo possível porque você sabe que mais pessoas vão ler aquilo e vão falar: “Nossa! Ela não sabe escrever.”(...) Isso [saber que os outros lerão o seu texto] é bom porque quando você escreve só pro professor olhar, mas é só ele que vai olhar, e você também não pode pesquisar em nenhum outro lugar, vai ser o que você sabe, o que acaba ficando um pouco fraco, agora, na internet, você acaba pesquisando, você acaba aprendendo, sabe aquilo e até sobre outras matérias e você tem que escrever o mais certo possível, porque exatamente pra não ter aquela coisa do amiguinho vir e falar...

Elas são uma grande fonte de reflexão para os professores, pois demonstram que quando orientado, quando consciente daquilo que será avaliado, considerando que seja também o domínio da norma culta, o aluno pode ter grande preocupação com o registro. E sabedor de que se trata de uma situação formal de comunicação, ele terá mais cuidado, pois não trata-se apenas de ser avaliado pelo professor, mas de ser avaliado pelo colega. Ser avaliado e julgado por aquilo que escreve. É o que o texto traz a respeito de quem o redige!

Nessa toada, o argumento de que a internet tem prejudicado a escrita dos jovens cai por terra. Quando o estudante usa o “internetês”, ele o faz para pertencer a um grupo, é esse o objetivo, mas ele também pode e deve fazer uso da norma culta na sua escrita na internet, desde que esse seja o critério para que ele pertença ao grupo. Dessa forma, cabe ao professor direcionar o aluno para adequar o seu discurso ao contexto no qual estará inserido. Retomando a seção 1.2: trata-se de adequação linguística.

Segundo Sartori (2014, p. 76), “a linguagem usada na publicação de mensagens nos *blogs* em geral não são informais, espontâneas, sem revisão” e reitera: “Pelo contrário, trata-se de um texto promocional, muito bem formatado, que cumpre a expectativa de divulgação, de publicação, pois mesmo que seja um *blog* de caráter privado outras pessoas irão lê-lo.” (PRIMO, 2008, p.124 *apud* SARTORI, 2014, p.76), portanto, afirmar que a internet prejudica a escrita dos alunos é ignorar que quando ele emprega o “internetês” ou a norma culta em cada situação específica de comunicação ele está sendo “poliglota”, está inserido numa prática de letramento digital em que tem domínio suficiente da linguagem para utilizá-la de acordo com as suas intenções, dentro de um dado contexto, considerando o seu interlocutor.

Vale ressaltar o quanto as novas tecnologias digitais vêm influenciando a nossa sociedade, “com as novas tecnologias digitais, vem-se dando uma espécie de ‘radicalização do uso da escrita’ e nossa sociedade parece tornar-se ‘textualizada’, isto é, passar para o plano da escrita.” (MARCUSCHI, 2005, p.15), assim, os gêneros textuais têm ocupado espaço como fenômeno social, histórico e cultural, numa comunicação escrita mediada por

computador, desenvolvendo um discurso presente em gêneros emergentes no meio virtual como *e-mail*, *chat*, *blog*, diário de bordo, dentre outros.

Considerar aspectos da escrita pressupõe considerar também a leitura. O registro de si e do outro requer a leitura de si e do outro. Como assegura Chartier (1998, p.77):

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados (...), o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os próprios usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

Ao longo do tempo, o leitor reconfigurou a sua relação com o objeto de ler (pergaminho, papiro, livro, tela) e observou características do velho texto no novo suporte, o que exigiu dele certa adaptação. Estranhamento igual é possível observar hoje com a proposta de leitura na tela. “O leitor se adapta ao novo suporte, ao novo objeto de ler, e o novo objeto vai sendo refinado e projetado de acordo com as demandas do leitor, fundamentadas no uso. Trata-se, então, de um ciclo inteligente e versátil, ao qual qualquer ser humano deve estar acostumado.” (RIBEIRO, 2005, p.130). Assim, o leitor tem a possibilidade de ter dois aprendizados: a mensagem que o texto traz e o aprendizado do manuseio do suporte.

Ribeiro (2005, p.134) destaca: “Os gêneros de texto existem em consonância com seus suportes.”, isto posto, observa-se que a relação suporte-gênero textual é próxima, uma vez que há gêneros que surgiram juntamente com seu suporte, o *e-mail* é um bom exemplo.

Retomando a reflexão a respeito da leitura, para Santos (2005, p. 152) “o adolescente está em permanente contato com a leitura, tendo acesso, diariamente, a inúmeros gêneros de textos”, ao que destaca panfletos, revistas, *out doors*, cartazes, dentre outros, incluindo ainda *blogs*, *sites*, *chats* e esse contato com a leitura e a escrita na sociedade letrada em que vivemos faz com que exista uma exigência de adaptação ao momento e ao gênero para que o jovem possa comunicar-se e pertencer a um grupo social.

Nessa categoria, foi possível observar como os participantes percebem a importância da linguagem escrita em suas práticas online de comunicação e o impacto dela no julgamento que os outros fazem dele e eles fazem dos outros.

Figura 5 – Mapa conceitual da categoria O Registro de Si e do Outro

As categorias anteriores vêm mostrando, dentre outros aspectos, como é possível construir o aprendizado por meio do contato com o outro, a partir dessa percepção, surgiu a categoria **Aprendizagem Colaborativa e Transformadora**, que busca observar como o conhecimento pode ser (re)configurado e (re)construído por meio de práticas que promovam o debate, as reflexões e as produções textuais. Trata-se de uma aprendizagem que ocorre pelo contato com o outro, que transforma o indivíduo em contato com aquilo que o outro pode acrescentar à sua formação.

A expressão *aprendizagem transformadora* foi cunhada por Jack Mezirow (1990) para se referir à “aprendizagem que se baseia na reflexão e na interpretação de experiências, ideias e proposições adquiridas antes da aprendizagem.” (MEZIROW, 1990 *apud* PALLOFF e PRATT, 2002, p. 159), e tem como proposta compreender como vemos o mundo e nos desprendemos de imposições que limitam a nossa aprendizagem. É um aprendizado construído pelo estar com o outro, um processo de reflexão e autorreflexão de fora para dentro.

Nesse aspecto, assim se manifesta o participante E2: *Eu acho muito interessante [ter uma proposta de redação do Enem cujas primeiras enviadas poderão ser corrigidas] porque muitas vezes o que o aluno tem mais dúvida é na redação mesmo, então, é muito bom ter a opinião de terceiros sobre a sua redação e eles ajudam a gente como melhorar, consertar os erros. Então eu acho muito bom!* Para o aluno, é sempre válida a motivação para escrever e posteriormente a oportunidade de ter seu texto lido e avaliado, pois muitas vezes o outro consegue visualizar pontos não visualizados por quem redigiu o texto. Essa é uma prática incentivada não apenas no ambiente virtual, mas também na sala de aula, na disciplina Língua Portuguesa, onde, com frequência, há a troca de redações para que o colega leia, corrija segundo a grade de correção do Enem, e deixe um comentário ou sugestão para quem redigiu.

Essas práticas constroem de maneira colaborativa o conhecimento, como reforçado na fala: *Porque eu sempre vejo, assim, o dos outros e eu falo: Nossa, o outro texto está melhor que o meu, né. Aí, às vezes, é um incentivo assim pra mim, pra tentar melhorar(...).*(E4) em que fica evidente não apenas que o julgamento do outro ajuda a melhorar a escrita, como também o aprendizado que ocorre quando se observa o texto do outro: (...) *no 'Blog do Professor' você pode escrever e ver onde você errou e você lê o que o outro escreveu e vê também onde ele errou e você pode ler e reler várias vezes, até você chegar a uma interpretação.*(E7) É o aprender com o outro. O que exige do estudante interesse e maturidade em relação ao que lê e escreve, pois eu só consigo aprender de maneira colaborativa quando estou disposto, motivado a parar, ler e observar o que o outro tem a me acrescentar. “Aprendemos quando interagimos com os outros e o mundo e depois, quando interiorizamos, quando nos voltamos para dentro fazendo nossa própria síntese, nosso reencontro do mundo exterior com a nossa reelaboração pessoal.” (MORAN, 2004, p. 23) É um processo de observação e reflexão, por isso, também uma experiência transformadora.

A aprendizagem colaborativa e transformadora ocorre quando eu me deparo com algo novo que o outro me acrescenta, quando posso revisitar os meus pensamentos comparando com o conhecimento que o outro me trouxe: (...) *o que eu pensava era de uma forma totalmente diferente do que uma outra pessoa pensava, aí eu pude ver que o que eu estava falando está meio fora do pensamento das outras pessoas, isso aí.*(E10), visão ainda presente em E2: *O 'Blog do Professor', onde a gente pode expor nossa opinião e a 'Escrita Coletiva' também, como eu já disse, você pode escrever o seu texto e depois pode ler o dos seus colegas, quando o professor liberar e aí você pode fazer uma comparação entre o seu texto e*

o do colega e as opiniões, eu acho que contribui bastante. É possível observar nesses discursos que:

“O processo de aprendizagem transformadora é aquele que faz com que o participante passe de aluno a alguém que assume a prática da reflexão. Isso começa com a prática de adquirir conhecimento. (...) O resultado é que *[os alunos]* começam a desenvolver novas maneiras de explicar suas ideias e o material com que interagem. Isso cria uma rede de aprendizagem, na qual novas ideias e novos meios de reflexão propiciam a formação de um mecanismo de avaliação das ideias estudadas e do próprio processo de aprendizagem.” (PALLOFF e PRATT, 2002, p.161)

É interessante também notar que o aluno aprende de maneira colaborativa e transformadora porque tem o *feedback* do colega ou porque compara o seu texto com o do colega, mas também que ele aprende com o texto redigido pelo professor. Em ferramentas em que o professor tem liberdade para criar suas propostas, como o ‘Blog do Professor’, ‘Sequência Didática’ e ‘Escrita Coletiva’, o aluno pode observar a maneira como o docente escreve e se inspirar:

Seria a ‘Sequência Didática’, que eu presto bastante atenção e você... conforme você vai vendo o seu professor escrevendo você aprende, que nem a senhora citou Brás Cubas, que você fez, tipo, “caro leitor”, eu achei muito interessante e até pensei em usar na minha redação. Achei demais! (E9)

Tal aspecto pode passar despercebido pelo professor, que muitas vezes ignora o quanto o aluno observa a qualidade do texto redigido pelo docente, o que não deixa de ser uma “inspiração” para o aluno, uma maneira de aprender a escrever se espelhando no texto do professor.

O escrever para o outro e ler o texto do outro são experiências que além de ampliar os conhecimentos curriculares permitem aproximar os sujeitos, pois conhecer o texto do outro, sua expressão escrita é conhecer suas ideias, é conhecer quem o outro é. Para os alunos, esse foi um processo revelador, que os aproximou virtualmente:

Então, aí é interessante porque a gente acaba interagindo com o resto da sala, com a questão de ideias, né, porque aqui a gente só diz “oi” e “tchau”, não conversa muito e por meio dessa ferramenta você começa a entender como o outro pensa, a respeitar, pelo menos no meu caso, ou não, né, porque tirando algumas brigas ou algumas coisas assim, é interessante, você conhece a pessoa de verdade, não tem nada mais profundo do que as ideias delas expostas.(E5)

O conhecer o outro, nessa perspectiva é aprender com ele, mas também deixar-se conhecer por ele. No meu texto eu me apresento com as minhas ideologias, eu me desvelo por meio das palavras. Redigir um texto exige escolha de palavras e a escolha das palavras revela

muito de quem sou e do que sei, tanto ao estruturar o texto como ao argumentar a respeito do assunto. Sem contar a experiência de uma prática diferenciada, como aponta E8:

(...) foi bem curioso [debater no 'Blog do Professor'] até porque eu não tive, eu não lembro de ter tido, essa experiência antes de você compartilhar assuntos que eu geralmente não tinha o interesse de compartilhar em público, por exemplo, no 'Blog do Professor' você postar a sua opinião sobre determinado assunto vendo a opinião dos outros e comentando a opinião dos outros. Eu acho que foi uma experiência de coragem, um empurrão em desenvolver sua ideologia e comparar com a do outro porque o portal permite isso, ele permite você ver um outro ponto de vista que não só o seu, não deixa você ficar trancado na sua própria cabeça, então foi bacana, eu gostei muito da experiência (...).

Embora grande parte dos trabalhos de interação e aprendizagem colaborativa desenvolvidos tenha sido realizada individualmente pelos estudantes, em suas casas, houve ocasiões em que foram propostas atividades no laboratório de informática da escola, quando o aluno deveria desenvolver em dupla uma determinada proposta. O assunto estava posto, o desafio era dialogar e redigir a resposta que atendesse a expectativa da dupla. A respeito dessa prática, assim se manifesta E3:

Muitas vezes você tem a visão de uma obra literária, outra pessoa tem outra visão, vocês chegam num consenso, você podia trocar ideias, trocar... acho que não só nessa matéria, como em outras das humanas é sempre bom ter trabalhos em dupla, verificações em dupla, acho que isso ajuda muito, complementa muito.

E8, referindo-se a uma proposta de atividade em que deveriam responder em dupla a uma questão dissertativa a respeito de uma obra literária lida por eles afirma: *você tem uma base do que você entendeu do livro, baseado na sua opinião e na do seu colega, às vezes até auxilia porque daí você não entende uma parte da obra e você pergunta para o colega, etc.*, mas ao mesmo tempo mostra-se preocupado, pois o colega que não leu poderia tirar proveito da situação: *pode ser um pouco perigoso para pessoas que leram só o resumo, ele tentar se aproveitar de quem já leu o livro, então é útil, mas também é arriscado e perigoso.* O que demonstra que para o aluno não vale apenas a questão do saber ou do tirar nota, mas também o aspecto de justiça, para que não seja privilegiado quem não merece o mérito. É muito interessante ver esses valores refletidos nas falas e posturas dos alunos, pois refletem seu caráter, sua maneira de encarar as diversas situações cotidianas às quais são expostos no convívio social. O que não deixa de ser mais um aprendizado proporcionado pelo outro.

Nesse processo, no entanto, a aprendizagem colaborativa e transformadora pode ir além da relação professor -> aluno e aluno <-> aluno, podendo ser também aluno ->

professor, pois o docente também aprende com o texto do aluno, com as suas contribuições, com a bagagem que o aluno traz, sendo assim, a aprendizagem colaborativa e transformadora é uma experiência que enriquece todos os envolvidos e os forma como aprendizes e como seres humanos, ajudando a construir valores como empatia, respeito, pensamento crítico, dentre tantos outros.

Figura 6 – Mapa conceitual da categoria Aprendizagem Colaborativa e Transformadora

Outra categoria emergente das narrativas dos alunos é **Incentivo à Pesquisa**. Comprometidos com o seu rendimento escolar, preocupados com a avaliação, inseguros em relação ao julgamento que o colega fará do seu texto, seja qual for o motivo, fato é que as atividades desenvolvidas no portal educacional motivaram, com frequência, os alunos a pesquisarem. A palavra “pesquisa” apareceu explicitamente na fala de oito dos doze entrevistados, estando implícita na fala de praticamente todos.

Os discursos de muitos participantes apontaram que as ferramentas do portal incentivam a pesquisa, como observamos nos recortes abaixo:

(...) na primeira página tem aquelas notícias de diversas áreas e elas são curtas, mas elas incentivam a gente a pesquisar outras coisas. Eu acho bem interessante.(...) a linguagem é simples, assim, até digamos superficial, ela mais informa do que emite uma opinião, né, daí você vai pesquisar depois, acho que é só um incentivo mesmo para você saber o que está acontecendo, não é para formar a sua opinião a respeito.(...) Isso é bom porque eu gosto

de pesquisar a fundo e também se fosse uma notícia muito longa eu tenho certeza de que ninguém ia ler.(E5)

E completa, em relação às enquetes disponibilizadas: (...) *no site, tem aquelas enquetes do lado, que eu acho bem interessantes também, até se você não está ligado no assunto acaba estando, você fala: pô, é pauta de discussão isso aqui, por quê? Aí você vai pesquisar. Acho muito legal!*

Ainda a respeito das ferramentas do portal que incentivam a pesquisa, E8 manifesta-se:

Por acessar, por clicar na matéria e ler a matéria eu não costumo fazer isso, frequentemente, mas eu presto atenção por exemplo como aparece na capa na home page do site e que às vezes eu até paro para refletir. Eu não lembro qual era agora, mas teve um assunto que realmente me interessou, que me falhe a memória agora, que eu até fui pesquisar mais a fundo sobre isso, eu não vou conseguir lembrar agora... mas foi bastante útil na hora e até bom que apareça que daí desperta o interesse em certos acontecimentos, em certas atualidades e pode ser bastante útil no futuro.

Por fim, a respeito de outra ferramenta, E9 afirma: *Eu gosto do desafio do mês. Eu estou tentando fazer o de literatura. Eu achei bem interessante, dá vontade de pesquisar mais, se aprofundar.* Assim é possível perceber como as ferramentas não apenas direcionam para a leitura e pesquisa dentro do portal como também fora dele, é o que sobressai na narrativa de E1: *Sim, com os exercícios do vestibular eu consigo ter uma base do conteúdo dos vestibulares para eu ir procurar no portal ou em outros sites e desenvolver esses conteúdos.*; e E11: *Ah, geralmente quando está aproximando uma prova, um trabalho, eu uso para ter um breve conhecimento do tema antes de fazer uma pesquisa mais complexa, com mais detalhes.* Essas falas demonstram o incentivo à pesquisa e evidenciam que o portal não restringe, mas dá liberdade e motivação para o aluno buscar outros recursos que venham a colaborar com a construção do seu conhecimento. O portal assume o papel “disparador”. Ele “dispara” a curiosidade do aluno para ir além do que está diante de seus olhos. Um processo, sem dúvida, muito enriquecedor para o aluno.

A pesquisa fora do portal foi mencionada de maneira muito positiva por E5:

Então, eu vejo como um ponto positivo porque o que você pesquisa está lá, então você pega aquele conteúdo e se aprofunda em outros lugares, eu vejo o site como uma ferramenta que te mostra o que você tem que pesquisar e aí se você já sabe, refresca a sua memória, e se você não sabe, acho que é sua obrigação ir lá e pesquisar, não ficar esperando o conteúdo completo no portal.

Em relação à credibilidade dos conteúdos postados no portal e ao fato de serem resumidos, E12 afirma:

(...) eu acho bom na verdade porque assim toda vez a gente querendo ou não a gente vai pesquisando na internet, a gente está procurando uma coisa mais resumida, se a gente quer uma coisa mais aprofundada a gente procura o professor, a gente procura nos livros didáticos que a gente tem na escola, então, quando a gente vai procurar na internet é uma coisa mais resumida, e não dá mais pra usar o Wikipédia porque não é confiável.

Vale ressaltar que não são apenas as ferramentas do portal que despertam o interesse do aluno por pesquisar, mas também as atividades propostas pelo professor o incentivam. Em categorias anteriores os alunos já demonstraram seu interesse em pesquisar para se manifestar nas atividades propostas pelo professor, mas para reforçar, duas falas foram selecionadas: *O 'Blog do Professor' e a 'Escrita Coletiva' de novo porque geralmente com o que propõe lá pra gente eu sempre vou pesquisar fora, um pouco mais sobre o assunto, para poder desenvolver o meu texto bem, então eu acho que essas duas ferramentas.* (E2) E ainda: *Eu gostei, porque eu sabia bem pouco sobre a África, na verdade tinha aquele estereótipo de África, era assim, e eu comecei a clicar nos links e eu comecei a procurar mais, eu gostei.* (E7).

Diante dessas percepções, é possível notar o portal como uma ponte entre o aluno e o conhecimento, pois não restringe o aluno a navegar apenas nas páginas do portal, mas suscita seu interesse por compreender os assuntos inseridos no site, sejam eles disponibilizados pelas ferramentas ou pelo professor.

O *ensino com pesquisa*, proposto por autores como Paoli (1988), Demo (1991) e Cunha (1996), enfatiza a pesquisa como fonte de produção do conhecimento, superando a reprodução, a imitação ou a cópia, . “O aluno passa a ser participante e sujeito do seu próprio processo de aprender.” (BEHRENS, 2004, p.88) para tanto é fundamental ao professor aguçar a curiosidade do aluno, a dúvida, para que ele encontre o prazer da descoberta, da investigação e da pesquisa.

Figura 7 – Mapa conceitual da categoria Incentivo à Pesquisa

O pesquisar amarra-se diretamente à próxima categoria: **Estudo Autônomo**. O portal educacional traz diversas possibilidades de estudo e de aprendizado para os alunos, seja por meio da pesquisa, seja por incentivo do professor, seja por incentivo das ferramentas, seja por contato com o texto do outro. Fato é que há um incentivo ao estudo de tal forma que o aluno não depende do professor para organizar o seu aprendizado. É uma nova proposta de ensino que foge aos padrões tradicionais: “Os alunos, habituados a frequentar as aulas sentados, enfileirados e em silêncio, terão que enfrentar uma nova postura nestas próximas décadas. O paradigma antigo era baseado na transmissão do professor, na memorização dos alunos e numa aprendizagem competitiva e individualista.” (BEHRENS, 2004, p.73) No novo contexto que se apresenta, o próprio aluno pode buscar o conhecimento, selecionar e organizar as fontes de aprendizado da maneira como lhe for mais conveniente.

Para Moraes (2000, p.223): “O desenvolvimento da autonomia, da cooperação e da criticidade é o que há de mais fundamental num mundo em permanente evolução, onde a transitoriedade, o incerto, o imprevisto e a mudança estão cada vez mais evidentes”, assim, propostas de atividades mediadas pela tecnologia de enfoque reflexivo podem colaborar para

a formação de pensadores autônomos, que não dependem unicamente do outro para construir o seu aprendizado. Isso, no entanto, não significa um individualismo acentuado, mas significa que em dada vertente, posso selecionar os caminhos que me conduzem ao saber, inclusive, pelo contato com aquilo que o outro tem a me acrescentar. É uma independência intelectual, que não beira o egoísmo, mas conduz à liberdade para explorar recursos que levam ao saber.

E8 afirma que ao ser convidado para a entrevista tinha em mente: (...) *a liberdade que ele [o portal] dá na hora de você construir um texto e as simulações de provas que seriam coisas que eu já tinha um pouco em mente de falar(...)*, essa liberdade criadora também apareceu no discurso de E10: *Eu acho eu é o ‘Espaço Redação’, você pode... cada mês tem um tema diferente, você pode entrar lá e fazer sua redação, acho que ajuda bastante.* O portal não restringe o aluno, ele tem tanto a liberdade para criar como para pesquisar e tirar suas próprias conclusões:

Eu achei muito bom o conteúdo todo em geral porque caiu muita coisa da África no Enem, já tinha estudado bastante, eu acho melhor assim, lê e tirar nossas próprias conclusões que nem quando eu leio algum livro de literatura, eu primeiro leio o livro e depois vou pesquisar o resumo na internet, vou pesquisar vídeo aula porque às vezes a gente tem uma visão diferente, é importante a gente conseguir tirar nossas próprias conclusões sobre o que a gente entendeu do conteúdo, conseguir absorver daquele conteúdo por si só, porque não é para sempre que a gente vai ter professor no nosso pé, então é muito importante a gente estudar primeiro e depois o professor explicar.(E12)

“É o indivíduo que se percebe como centro do processo decisório, que já não está nem no professor nem na máquina, mas no sujeito capaz de julgar, examinar, comparar, divergir e criar” (MORAES, 2000, p.224). É interessante notar a maturidade de E12 ao perceber que em algum momento da vida terá que caminhar com os próprios pés rumo ao conhecimento e que não é possível estar sempre na dependência do professor.

Nesse ponto, não é possível deixar de lado a questão interesse do aluno. Pois é o interesse que motivará o estudante a ir além das expectativas, ir além do mero fazer a atividade para entregar ou se restringir somente ao que é pedido. Quando questionado se depende do interesse do aluno para acessar o portal e obter o conhecimento, E5 afirma: *Sim, o interesse vai depender pra qualquer coisa. No caso, o portal é muito útil, é só ir lá e encontrar o que você está procurando, porque lá sempre tem.* Opinião compartilhada por outro colega:

É, vai depender da vontade do aluno porque o portal está lá, você tem as funcionalidades dele e ele está lá para você utilizá-lo, cabe a você querer utilizá-lo para melhorar os seus estudos ou não porque, por exemplo, há pessoas que têm o portal lá, mas elas não acessam porque acham que não

acrescenta muito, então isso depende realmente da vontade do aluno, eu utilizo porque eu acho útil e porque eu acho que vai influenciar no meu futuro, então eu acho que estou em vantagem.(E8)

Sobressai da fala de E8 a visão de que tem vantagem em relação a quem não possui o portal para estudar ou, mesmo possuindo, não tem o interesse em fazê-lo. Outros alunos também consideram que é uma vantagem, um diferencial para a sua formação ter o portal como um instrumento para estudo.

Com certeza. Acho que quem tem o portal e não utiliza é porque realmente ainda não “tá”... não visa alguma coisa mais além. Quem realmente tem o portal e utiliza eu acho que tem uma grande vantagem sobre quem não tem, porque você, como eu disse, tem a questão das ferramentas de vestibulares, questões, assim, aleatórias, você pode gerar qualquer tipo de questão e isso é uma ferramenta que muita gente procura. Eu, até mesmo antes de entrar no portal eu procurava... Google, mas em sites assim, ferramentas assim, só que específico, como o portal, eu nunca encontrei. (E3)

E5 também destaca a vantagem e deixa evidente o quanto o portal o motiva a pesquisar, ir atrás do conhecimento:

Com certeza, porque eles instigam a gente a procurar o conhecimento enquanto as pessoas que não têm ou têm e não utilizam, não fazem isso, então, por exemplo, sempre que eu abro a página, está lá, então eu me instigo a procurar ou no final de semana também eu faço os simulados, estudo. É muito prático! E essas pessoas ficam vegetando, então estudam, mas não têm um foco assim e o portal te dá um foco, te mostra o que está acontecendo, é só você se aprofundar.

Mas o aluno não deixa de destacar a importância da motivação em buscar as informações: *Bom, de certa maneira é uma vantagem porque você tem várias ferramentas e um bom conteúdo, assim, apesar de ser superficial, você tem um conhecimento a mais, e se você for atrás vai valer a pena você estudar.* (E10). Portanto, pode existir alguma diferença entre quem utiliza o portal para estudar, mas dependerá do modo como o se porta. “Aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente.” (MORAN, 2004, p.30), pois de nada adianta ter um recurso sem saber como usufruir dele. O aluno precisa ir além daquilo que lhe é oferecido.

E8 acredita que seu desempenho no Enem e no Vestibular poderá ser diferente pelo fato de ele utilizar o portal para estudar:

(...) eu acho que eu terei um desempenho bem maior porque, como disse, eu tenho uma base para estudar, você tem como testar seus conhecimentos, você tem um, vamos dizer, um amigo virtual a mais para te orientar, para saber o que realmente é necessário e o que já foi necessário nas provas anteriores, então eu acho que realmente contribui bastante.

Isso porque os alunos acreditam que o portal amplia seus conhecimentos:

Eu acho que... por exemplo, as matérias que estão disponíveis: Química, Matemática... eu acho que lá eu aprendo bastante. Eu lendo, assim, eu aprendo bastante lá.(...) eu estudo por lá, eu vejo as notícias de lá, eu busco o resumo de lá, porque tem tudo lá e é bem, assim, está bem resumido e um resumo bom. Então para mim é super fácil e é o que eu estou estudando agora.(E4)

E muitas vezes buscam a internet por curiosidade ou como complemento dos conteúdos da sala de aula: *É mais por curiosidade, às vezes porque eu não entendi o que o professor disse, então não só no portal, mas em qualquer site, em geral, no portal porque é mais fácil a linguagem, assim, mas é curiosidade, coisa que eu não entendi.(E6)* e também por ser uma outra maneira de abordar o conteúdo: *Eu gosto muito do portal, ele me ajuda muito a estudar literatura porque antes eu não gostava. No 1º ano eu comecei a ver pelo portal outras formas de aprender, eu achei bem interessante. Eu gosto. (E9)*

Fato é que o portal desperta o interesse do aluno por adquirir conhecimentos de maneira autônoma, sem se ater apenas ao que o professor solicita. Como afirmar E6:

A ['Sequência Didática'] de literatura africana adorei, principalmente aquele ted talk que tem daquela... eu já tinha assistido aquela escritora, adoro aquilo, eu choro, eu fico boba e o link também para baixar os livros, eu até dei uma olhadinha e a escolha, assim, do autor. Eu já comecei a ler o livro dele, porque, assim, fiquei muito interessada.

Além dessas possibilidades, o portal também possibilita ao estudante testar seus conhecimentos em ferramentas de simulação, como afirma E3:

Pontos positivos e negativos? ... positivos acho que é o que tem mais, e que realmente é bom, tem a questão dos vestibulares e do Enem, eu acho que o que muita gente, muitos alunos procuram, esses alunos que estão procurando passar em vestibular e conseguir alguma nota boa é justamente uma ferramenta dessa, desse tipo que você selecione provas da época que você quer, da matéria que você quer, que você tem dificuldade. Acho que isso é o que qualquer aluno que quer ingressar na faculdade procura e a gente tem, acho que isso é o maior ponto positivo. E também os joguinhos que são bons e tudo mais. (...) Justamente por causa dos vestibulares, Enem. Eu uso muito mais essas ferramentas que eu mencionei. Eu uso ferramentas para gerar provas, tentar testar meus conhecimentos. Eu acho que isso é bastante válido.

Além da simulação dos exercícios, o aluno pode fazer leituras e produzir textos autonomamente: (...) *eu foco mais em textos, eu foco mais nos exemplos, eu foco mais na galeria de exercícios que é bastante útil, o que tem pra você é a base do seu conhecimento, é como você testa realmente. (E8)*

Além da possibilidade de utilizar as ferramentas por iniciativa própria, vale destacar o *feedback* instantâneo que o portal dá conforme os estudantes utilizam as ferramentas. (...) é muito importante e aparece com destaque nas narrativas dos participantes: *Sim, na pauta dos vestibulares é muito interessante porque o método que eles utilizam de você responder às questões e depois você saber qual você errou, e no que você errou, é um método muito bom para se preparar para os vestibulares e para o Enem.* (E2)

Visão reforçada por E5: (...) *eu acho muito útil a ferramenta [‘Simulador de Vestibulares’] porque eu respondo à quantidade de questões que eu quiser, né, e depois já aparece o resultado para mim, o que eu errei e o que acertei, eu posso ver, mudar, ainda... eles fornecem a alternativa correta, é bem útil!*

E enfatizada no discurso:

Com tantas ferramentas, às vezes, é difícil escolher a mais útil e que mais auxilia, mas como eu falei, a galeria de exercícios é onde você realmente testa, então eu escolheria este porque você tem a possibilidade de acertar, você tem como testar o seu conhecimento, você tem especificados cada exercício, então é mesmo quando você erra, mostra o seu resultado no final, quando você conclui mostra o porque que eu achei interessante é porque dá que a sua resposta está errada sem dar a resposta certa, então eu acho que auxilia muito na hora de você aprender, explica o porque você errou, mas mesmo assim estimula a continuar estudando e procurando, buscando a resposta certa. (E8)

Além da possibilidade de ter seus conhecimentos testados e receber um retorno do sistema, é interessante também que algumas ferramentas oferecem a oportunidade de refazer os testes, como enfatiza E12:

Eu acho que a ‘Sequência Didática’ porque além dos exercícios que em geral passam tem todo conteúdo para a gente estudar antes, né, então a gente já estuda todo o conteúdo e aí já tem a avaliação e aí se não vai bem na avaliação você volta lá no conteúdo de novo, vê o que você não pegou ainda.

No discurso sobressai também a oportunidade de estudar por meio de outras ferramentas do portal antes de fazer a atividade avaliativa proposta pelo professor.

Assim, o portal educacional possibilita ao aluno testar seus conhecimentos e receber *feedback* instantâneo do sistema, numa iniciativa autônoma que lhe confere independência, de tal forma a mais uma vez transpor os limites do conteúdo que somente o professor pode lhe transmitir para conferir-lhe liberdade para aprender, de acordo com o seu interesse, podendo ser uma vantagem em relação aos concorrentes em processo de seleção de candidatas a vagas de ingresso em concursos. “Os alunos passam a ser descobridores, transformadores e produtores

do conhecimento.” (BEHRENS, 2004, p.75) na medida em que têm liberdade e interesse para ir além daquilo que o professor transmite em sala de aula ou o livro didático traz.

Figura 8 – Mapa conceitual da categoria Estudo Autônomo

As sete categorias estudadas até o momento apontam possibilidades de aprendizado em situações de letramento digital mediadas por portal educacional, refletindo a respeito de como ocorre a comunicação e a interação nesse ambiente de aprendizagem, as oportunidades de aprendizado além do horário e perímetro escolar, a organização das informações no ambiente virtual, a escrita e a leitura de si e do outro, as oportunidades de aprendizado originadas pelo contato virtual com o outro e o estudo autônomo, de modo não condicionado apenas à interferência do professor. Porém, nesses *percursos* uma oitava e última categoria foi recorrente na fala dos participantes: **Desafios**.

O ensino mediado por portal educacional tem pontos importantes a serem observados, e os alunos, como usuários, sabem bem as fragilidades e necessidades de melhorias e elas são evidenciadas em seus discursos.

O primeiro ponto recorrente na fala de praticamente todos os participantes entrevistados e que trouxe grande transtorno, externalizado pelos alunos inclusive em

conversas informais em sala de aula, é a questão técnica. Por atender a um grande número de estudantes em todas as escolas do grupo, o portal, em alguns momentos, apresentou problemas técnicos como travamento de ferramentas, instabilidade e indisponibilidade do servidor. O que causou alguns transtornos aos alunos, prejudicando a avaliação que fizeram do ambiente como um todo: *Eu avaliaria... claro... tem erros técnicos e tudo mais, por isso eu não daria dez, mas eu daria um nove pela possibilidade de várias visões, de várias ferramentas que eu posso utilizar e ampliar meus estudos, acho que um nove cairia muito bem.*(E3) e mesmo compreendendo as necessidades de atualização que um sistema desse porte exige, não nega os prejuízos: *Às vezes sai a prova, não é só comigo, mas com outros alunos também, some. Passou por modificação também, sempre que passa por modificação, esse que mexe com sistemas, claro, tem uns problemas assim de início, mas tirando isso não tem muita coisa.* (E3)

Outros estudantes são mais criteriosos e creem que há muito a ser melhorado: (...) *o portal é mediano, é útil sim, mas ele tem muito o que ser melhorado, ele tem alguns bugs muito... que prejudicam o aluno e fazem o que era para ser prático deixar pior ainda, mas ele tem suas utilidades, ele tem... ele facilita mais a organização das informações.*(E1)

E refletem em seu discurso o transtorno que ocorre quando tentam acessar as atividades e, por problemas técnicos, não conseguem: *Se não for considerar os problemas técnicos tem vantagens, agora, quanto aos problemas técnicos é um pouco ruim porque trava, fecha, dá correção errada, não tem a correção, como eu falei, às vezes a gente não consegue acessar direito e por isso é ruim, deixa estressada.*(E7)

Uma preocupação recorrente, de modo geral, no discurso dos doze participantes é a segurança das ferramentas, tanto para acesso, como para realização e integridade das informações disponibilizadas pelo sistema e pelos alunos.

Muitas vezes os alunos querem burlar o sistema, mas às vezes acontece, como já aconteceu comigo, de ocorrer uma falha técnica e você ter uma dor de cabeça para consertar, mas aí também vai do aluno, se ele quer mesmo fazer a atividade proposta ou se ele não quer, se ele quer somente burlar o sistema e tirar nota e pronto.(E2)

E2 divide a responsabilidade pelo sucesso entre a equipe técnica do portal e a postura pessoal do aluno, enquanto E1 faz duras críticas ao portal, dentre elas demonstra preocupação com diversos pontos: *Na minha opinião, o portal é útil mas não tanto quanto ele foi projetado para ser.(...) Porque em algumas ferramentas ele funciona bem enquanto outras são muito fáceis de serem barradas ou burladas ou de algum jeito não são usadas. Nós não usamos.* E quando questionado de quem seria o problema, do sistema ou do aluno, afirma: *Sim, o*

problema também é o aluno, pela falta de interesse e pelas maneiras que eles conseguem burlar o portal.(E1) O discurso de E1 é desencadeador de várias reflexões dentro dessa categoria, que parte dos problemas técnicos para chegar ao papel dos envolvidos com os processos que dizem respeito ao portal: responsáveis técnicos, alunos e professores.

Em relação ao conteúdo resumido, apontado por muitos ao longo das categorias anteriores, alguns alunos consideraram um ponto positivo, outros, no entanto, fizeram diversas críticas ao conteúdo da área de Exatas: *Então, o portal é muito útil com relação ao conteúdo para o vestibular, essas coisas, os jogos são interessantes, só que um ponto negativo é na questão dos resumos de exatas serem muito pobres, assim, os de humanas são bem resumidos, mas os de exatas está complicado.*(E5), apoiado pela fala de E6 que acredita que o portal complementa bem a aula do professor da área de Humanas, mas deixa a desejar em Exatas: *Sim, nessa função sim, principalmente nas matérias de humanas, as exatas às vezes ficam meio vazias. Mas as de Humanas completa bem.*

Vale ressaltar que alguns alunos visualizam os pontos positivos e negativos dos resumos:

O conteúdo, o fato de ser resumido é bom, mas, porém, é ruim, bom porque você pode entender melhor o conteúdo, você tem um breve conhecimento para poder buscar mais coisas em outras fontes, só que porém tem coisa muito resumida, precisaria ter mais coisa. Eu tinha um autor de literatura que só tinha um trecho da obra, acho que era o Fernando Pessoa, não sei.. sobre Fernando Pessoa tinha... Ah! Eu não gostei, só tinha trecho da obra falando pouco sobre ela.(E11).

E10 acredita que se houvesse mais conteúdo os alunos estudariam mais: *Sem dúvida, se você tem mais oportunidade, mais campo aberto para você estudar com certeza os alunos vão se interessar mais pelos estudos.* Em contrapartida, E7 acredita que se o conteúdo fosse longo o aluno não leria: *porque quando uma coisa é muito longa, a gente tende a não ler tudo. Mas acho que depende, se tentar aprender só com aquilo, ignorando a explicação do professor, não é bom; mas por ser resumido, acho que é bom porque é mais rápida a procura, dá pra revisar a matéria.* Pela observação das formações discursivas contrárias, é perceptível que o objetivo do aluno ao acessar o portal influencia a sua análise, pois depende de qual intenção ele tem ao acessar o ambiente, o que está buscando.

No posicionamento discursivo de E7 é possível notar o caráter complementar do portal, que está condicionado a uma explicação prévia do professor, não sendo projetado para substituir a figura docente. Por vezes o aluno não compreende essa função e aponta dificuldades para entender sozinho o conteúdo, sem a ajuda do professor, tendo apenas como fonte o conteúdo conciso do portal:

Em termos de aprendizado, tem, às vezes, por exemplo, no meu caso, pessoalmente, eu às vezes fico confuso com alguns textos quando eu vou procurar as matérias pela primeira vez. Agora, eu não tenho problemas quando eu vou querer adquirir mais informações de alguma matéria que eu já tenha mais conhecimento. Agora, várias, algumas matérias que eu precisava ver pela primeira vez, eu tive certa dificuldade, às vezes eu tive até que recorrer a fontes externas, por, às vezes, não sei como é o processo de seleção de criação de matérias, enfim, mas às vezes eu tenho a impressão de que fica resumido demais, eu acho que fica meio confuso de entender pela primeira vez, quando você bate o olho para ver e um ponto que pode ser melhorado. Não sei qual o procedimento que faz, mas falando como aluno eu tenho essa pequena dificuldade, mas nada que atrapalhe na hora de utilizá-lo.(E8)

Ao mesmo tempo em que o portal permite ao aluno autonomia para o estudo, não descarta a figura do docente. Também, como proposta de complemento dos estudos, não busca restringir o aluno aos conteúdos apenas que dispõe, mas abre espaço e suscita a necessidade de pesquisa em outros sites.

Não, essa função [de complementar o conteúdo visto em aula] ele cumpre bem, com você tendo acesso a isso, você tendo o auxílio do professor ele cumpre bem a sua função, só na hora que, por exemplo, você tem a curiosidade de aprender outra matéria que realmente fica confuso na hora, mas com o auxílio do professor e com todo apoio que a escola dá fica bem mais fácil e você consegue compreender perfeitamente a função do portal e o que ele propõe. (E8)

Para alguns alunos, um ponto forte do portal é a credibilidade das informações, pois o aluno demonstra confiar no que está disponibilizado no site:

(...) o portal é um site seguro. Assim, se está lá é porque foi analisado o conteúdo e está tudo certo, enquanto, assim, na internet você vê assim... meio coisa... é... está bom, mas você não tem certeza se é aquilo mesmo porque cada um fala o que acha, aí lá não, você tem assim... se está lá é porque algum professor, tem vários professores nesse caso, né, analisaram, viram que era aquilo e postaram lá. Então, acho que é melhor, muito melhor. (E4)

Embora seja importante para E4 saber se as informações disponibilizadas no portal são confiáveis, E1 mostra-se indiferente a esse aspecto e foca seu olhar nos conteúdos resumidos: *Eu não prestei atenção nisso. Nunca percebi essa confiança em acessar o portal... até porque para mim o problema não é a veracidade dos conteúdos, mas é que eu acho os conteúdos muito... alguns eu acho um tanto incompletos (...).*

Assim, fica evidente que não há uma visão uniforme em relação aos conteúdos, essas percepções são individuais e dependem das necessidades e expectativas dos alunos em relação ao portal. Demonstrando que há ainda algumas limitações. Além da questão conteúdo, outro ponto levantado é a percepção do aluno em relação às avaliações realizadas no portal.

Algumas falas demonstraram certa desconfiança em relação à avaliação online: (...) *no portal parece que, principalmente nessa parte de 'Exercícios de Múltipla Escolha', de prova, parece que a gente leva menos a sério do que uma prova na sala de aula (...)* (E6). Opinião compartilhada por E11 quando questionado a respeito do que achou ao realizar provas online no 3º ano de livros que já havia lido e feito prova dissertativa, em sala de aula, no 2º ano:

Eu achei que é bom quando você pode fazer atividade fora do período da escola ou até mesmo na escola, só que através do computador é um pouco mais fácil, só que acaba deixando o aluno, digamos, acomodado.(...) porque você pensa "só questões alternativas", aí então parece então ser um pouco mais fácil, só que tem um problema esse período de tempo, que se fosse na sala você responderia quase as mesmas questões, acho que seria um pouco mais difícil só que com mais tempo pra pensar, geralmente literatura tem que ficar pensando, lendo de novo e o limite geralmente de dez minutos, vinte minutos atrapalha bastante.

E quando questionado se preferia fazer dissertativa, na sala de aula, respondeu: *não acho melhor porque seria mais difícil, a prova seria bem mais... É bom que exige mais do aluno.*(E11) O discurso do aluno traz à tona um dos paradigmas relacionados ao uso de computadores no ensino e a polifonia presente faz reproduz ideias divulgadas e concebidas por alguns professores e alunos no contexto atual, que acreditam que atividades desenvolvidas no computador não dão conta de avaliar adequadamente o aluno ou são insuficientes para sua formação, por serem mais fáceis de realizar ou de burlar. Essa heterogeneidade de vozes corrobora o posicionamento discursivo de E11.

Como afirma Moraes (2000, p. 224), “o uso de computadores também pode atrofiar o pensamento crítico, dependendo, mais uma vez, do paradigma subjacente à linguagem de programação utilizada ou do tipo de *software* utilizado, ou mesmo da própria postura do indivíduo”, portanto, não há uma regra, ao mesmo tempo em que pode “atrofiar” ou “acomodar”, também pode constituir um excelente recurso para a construção de processos cognitivos que levem ao pensar crítico e criativo, que conduzam a uma participação ativa e interativa do sujeito com a máquina e com outros sujeitos, estando na dependência dos instrumentos utilizados e das posturas adotadas.

Já E10 tem uma visão diferente, pois acredita que futuramente as avaliações, tanto objetivas quanto dissertativas, serão feitas no computador. Assim manifesta-se: *Bom, achei uma coisa diferente porque tem muita prova de vestibular on-line, você vai, meio que vai se adaptando ao sistema, que eu acho que daqui pra frente vai ser só assim, a maioria das provas vai ser tudo online e questões dissertativas online, eu acho que daqui pra frente vai ser melhor.* E, de fato, empresas como Coca-Cola, Banco Itaú, Unilever, AES Eletropaulo e

Danone têm adotado em seu processo seletivo para vagas de estagiário e *trainee* provas online de conhecimentos gerais e específicos, condicionadas a um tempo limite, como critério de pré-seleção de candidatos a vagas. Expor o aluno a esse tipo de experiência é prepará-lo para uma situação que poderá vivenciar no seu ingresso no mercado de trabalho.

Além desse ponto positivo, o portal educacional oferece a oportunidade do uso de múltiplos recursos (vídeo, texto, som etc.), o que enriquece o processo de ensino. É importante investir nessas ferramentas, pois torna mais dinâmico o aprendizado, como enfatiza E8: (...) *não adianta você só se restringir a textos, pode se procurar outras formas etc... e o vídeo é um bom exemplo disso. Você coloca numa vídeo-aula, e ter esse recurso disponível junto com os que já estão disponíveis já facilita muito na hora.* E12 partilha do mesmo pensamento: (...) *toda vez que você posta vídeo eu procuro assistir pelo menos um porque é uma linguagem diferente, percebo a pessoa que está falando, às vezes as imagens contribuem bastante, eu adoro!*

É muito importante que o portal além de trazer a oportunidade de o aluno vivenciar experiências próximas da sua realidade, também faça com que ele tenha interesse em aprender.

Então, a 'Sequência Didática' eu sempre vejo todas as etapas porque eu acho interessante; os vídeos, você, né, professora, coloca muitos vídeos lá, aí eu acho interessante você ler, não só aprender para fazer a nota, mas também por aprender para você, sabe, adquirir esse conhecimento, eu acho uma ferramenta muito boa.(E4)

Muito interessante o discurso de E4: “aprender para você”, talvez esse seja um dos maiores desafios para os professores: Como fazer o aluno querer aprender? Tomar o conhecimento para si? Talvez o portal educacional possa auxiliar nesse ponto, despertando o interesse do aluno, motivando-o por meio de ferramentas interativas, dinâmicas e envolventes. “Aprendemos pelo prazer, porque gostamos de um assunto, de uma mídia, de uma pessoa. O jogo, o ambiente agradável, o estímulo positivo podem facilitar a aprendizagem.” (MORAN, 2004, p.24) É importante que o professor estimule o aluno, mostre que vale a pena investir seu tempo e seu esforço naquela atividade e para isso não há fórmula do sucesso, dependerá da capacidade que o professor tem de envolver o aluno e transmitir credibilidade naquilo que propõe.

Além de cativar o aluno, também é importante valorizar aquilo que é realizado por ele, pois há alunos que gostam de ter seu trabalho exposto e visto, como afirma E11:

O 'Redator de Jornal' é bem básico, tem o avançado, nós usamos o básico, achei interessante, mas fica um pouco excluído, fica um pouco fora, acho que teria que estar na página inicial alguns destaques do mês, por

exemplo, algo que chamasse a atenção, porque se você tiver que acessar os links fica mais difícil de ter a curiosidade.

Os alunos, quando comprometidos com o trabalho que se dispõem a fazer, gostam de ter seu trabalho em evidência, portanto, outro desafio do professor (e, no caso, do portal educacional) é deixar à mostra os bons trabalhos dos alunos para que eles percebam um reconhecimento.

Por fim, um dos desafios mais importantes imposto ao portal educacional é contar com a colaboração do professor. É fator recorrente no discurso dos participantes a falta de interesse de alguns docentes e a falta de preparo na elaboração dos conteúdos: (...) *eu acho que não são muitos professores que utilizam também, tem vários professores que utilizam, mas não todos* (E4); (...) *Mas às vezes o professor não usa, não tem interesse, não quer usar, mas tem coisa que está muito boa no portal.*(E6); (...) *tem dia que eu fico irritada com o portal porque tem professor que não faz um bom uso, deixa muito confuso e isso irrita bastante* (E7).

E12 afirma:

Eu acho que se eles [as professores] usassem facilitaria muito, tanto a nossa vida quanto a deles, tanto no conteúdo, na avaliação e tudo, mas tem professor que não confia porque acha que o aluno vai acabar copiando da internet, tal e não sei o que. Eu nunca olhei uma página da internet para fazer exercício online, nunca, porque eu acho que, assim, não dá para a gente ficar trapaceando, sabe, querendo ou não, é uma avaliação para a gente também, a gente tem que saber o nosso nível. Tem professor que não confia, não sei, eu acho que é um bom método, sabe, para avaliar, e às vezes também você não confia nos ‘Exercícios de Múltipla Escolha’ e tudo mais porque acha que a gente pode consultar outra página da internet para pesquisar, passa alguma coisa na ‘Sequência Didática’, algum conteúdo novo, uma atividade, sabe, que não seja como prova. É importante para gente porque tem coisa que não dá tempo passar na sala de aula, é muito conteúdo para um ano, muito corrido!

Esse discurso demonstra como o aluno visualiza a postura dos professores que não utilizam o portal, pois desacreditam dele como ferramenta de ensino e avaliação, ao mesmo tempo em que deixa claro como o aluno percebe a importância do uso do recurso para a sua formação escolar.

Discursos como “não tenho tempo para aprender a utilizar as novas tecnologias digitais”, “isso é para os jovens”, “não acrescenta ao aprendizado do aluno”, dentre outros, são simulacros produzidos a partir de limitações impostas por docentes que, por motivos diversos, não desejam adotar o portal educacional e outras tecnologias em seu cotidiano.

O professor, tendo o recurso do portal educacional em mãos, pode utilizá-lo para mediação do ensino. Souza, Depresbiteris e Machado (2004), abordando a Experiência de

Aprendizagem Mediada (EAM), trazem a teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural (MCE) de Feuerstein, que destaca a mediação como processo fundamental para atingirmos dois fenômenos do ser humano: a modificabilidade e a diversidade. Esses se dão pela capacidade de adaptação que o ser humano adota ao estar em uma situação atípica, por exemplo, ao chegar a outro país, tendo que adaptar-se ao idioma, à cultura, aos costumes, etc.

Feuerstein explica que há dois tipos de aprendizagem: pela exposição direta aos estímulos e pela mediação. Na primeira, o organismo aprende sozinho, relacionando-se com o meio. Por exemplo, uma criança, sem querer, vira um copo com água e descobre que se fizer esse processo derramará o líquido. Foi o seu contato com o mundo que a fez ter essa percepção. No segundo, a mãe quer ensinar a criança que ao virar um copo com água o líquido derrama, assim, fala, gesticula e exemplifica para a criança, que aprende pela experiência de aprendizagem mediada pelo mediador. O que pressupõe que em toda mediação exista um mediador e um mediado.

Portanto,

(...) O mediador seleciona os estímulos mais apropriados, filtra-os, elabora esquemas, amplia alguns, ignora outros. É por meio desse processo de mediação que a estrutura cognitiva da criança adquire padrões de comportamento que determinarão sua capacidade de ser modificada. Assim, quanto menos mediação for oferecida, menor será a capacidade de a criança ser afetada e de se modificar. (SOUZA; DEPRESBITERIS; MACHADO, 2004, p.41)

Assim, quanto mais apropriada for a mediação, mais efetivo será o aprendizado da criança.

Mesmo os professores que utilizam o portal como instrumento mediador do ensino precisam estar atentos, pois é necessário ter em mente os objetivos de aprendizagem que deseja atingir e refletir a respeito da melhor maneira para chegar a eles, desenvolvendo nos alunos as habilidades mentais complexas para lidar melhor com o mundo, não se restringindo apenas ao desenvolvimento de atividades que posteriormente serão avaliadas pelo professor. Para Feuerstein: “É preciso ir além, ensinando processos de pensar. A ausência desses processos resulta em aprendizagem passiva, na qual o educando age como mero reprodutor da informação.” (SOUZA; DEPRESBITERIS; MACHADO, 2004, p. 45).

Nesse aspecto, outro ponto importante para o professor é a proximidade com o aluno e entre os alunos, de tal forma que os estudantes sintam-se parte do processo de ensino e de aprendizagem, ao mesmo tempo em que são independentes para opinar e construir o seu aprendizado, dependem do outro para acrescentar e lapidar suas descobertas. “A colaboração e a capacidade de incentivar a interdependência são elementos fundamentais para a formação

de uma comunidade de aprendizagem eletrônica.” (PALLOFF e PRATT, 2002, p. 157) e cabe a todos os agentes organizar e participar efetivamente desse processo, inclusive os alunos, que precisam envolver-se com o seu aprendizado, mostrando-se dispostos a ir além daquilo que lhes é apresentado de pronto, demonstrando uma postura comprometida com o seu aprendizado, dentro da reflexão apontada até o momento, para que ocorra um efetivo processo de aprendizagem colaborativa e transformadora na formação de todos os envolvidos.

Figura 9 – Mapa conceitual da categoria Desafios

Retomando o discurso desencadeador de E1, no início da análise desta categoria e refletindo a respeito do papel de responsáveis técnicos, alunos e professores envolvidos com os processos que dizem respeito ao portal, é possível observar que, a esse respeito, três ações precisam ser estudadas: um sistema mais seguro para avaliação dos alunos e transmissão de informações; preocupação com os conteúdos, melhor divulgação das ferramentas e suas funcionalidades; um trabalho mais efetivo do portal com os professores e dos professores com os alunos para que tenham uma postura mais comprometida com as atividades desenvolvidas no portal.

Essas três sugestões envolvem aspectos gestores e pedagógicos, que exigem da equipe a compreensão dos objetivos do portal e das necessidades de seus usuários. É imprescindível

estudo, pesquisa e aprimoramento, como constantes no cotidiano daqueles pretendem aprender e ensinar no atual contexto.

O processo percorrido até aqui está dentro da proposta de análise na perspectiva da AD, das narrativas de estudantes do 3º ano do Ensino Médio, que compõem o discurso escolar de alunos inseridos em práticas de letramento digital mediadas por portal educacional, os *percursos* estabelecidos tiveram como base as informações implícitas no discurso dos doze participantes.

Um ponto interessante que sobressai na maioria dos discursos é a escolha vocabular feita pelos alunos ao qualificar o portal, suas impressões e sentimentos ao desenvolver as atividades propostas nas ferramentas disponíveis, como: *“o site é muito bom”* (E2); *“algumas ferramentas são muito boas”* (E2); *“é a ferramenta mais completa”* (E3); *“os desafios de literatura são muito interessantes”* (E12); *“foi um tópico bem legal”* (E4); *“eu acho que pela internet é mais fácil”* (E9); *“foi a melhor que teve”* (E6); *“isso é interessante”* (E10); *“Eu gosto muito dos blogs”* (E3); *“A atividade do Carandiru foi muito legal (...) foi super”* (E12); *“o portal é muito útil”* (E2); *“li sobre Clarice Lispector, muito legal; li um também sobre as laranjas, muito, muito interessante”* (E12). Essas são demonstrações de entusiasmo, demonstrando o gosto por explorar as ferramentas e desenvolver as atividades disponibilizadas. O emprego de adjetivos e de interjeições e a facilidade para se posicionar a respeito do assunto demonstram a capacidade de julgamento e análise dos alunos, prontos para se posicionar frente a algo que conhecem e utilizam.

Mesmo quando fazem críticas, buscam amenizá-las trazendo imediatamente os pontos positivos: *“o portal não serve como uma enciclopédia (...) o portal é bom como complemento (...) os conteúdos são muito, muito, muito simplificados (...) eu diria que é um pouco frágil”* (E3), sendo reforçado pela fala de E6: *“tem umas coisas que são muito resumidas, muito vago, e a parte que é mais aprofundada é muito pouca, é mais para dar um complemento mesmo”*. Esses fragmentos discursivos demonstram a veiculação que os alunos fazem entre o portal educacional, as atividades desenvolvidas em Língua Portuguesa e o fato de sua professora ser coordenadora local do projeto. Embora o portal não seja responsabilidade minha, por saberem do meu apreço pelo recurso e talvez preocupados em como aquilo poderia me atingir, buscam selecionar cuidadosamente as palavras de tal forma que tragam o significado que querem, mas sem desmerecer o meu empenho em utilizá-lo. Esse cuidado se dá justamente pelo envolvimento que eu, enquanto pesquisadora e agente, tenho com os entrevistados, no âmbito desta pesquisa-ação e também pelo compromisso dos entrevistados em apresentar a sua opinião quando questionados.

Focando os quatro processos que constituíram o ciclo de análise, sugeridos por Moraes e Galiazzi (2007), iniciando pela *desmontagem dos textos ou unitarização*, resultante de leitura e escuta atentas, em que procurei, nos textos orais e escritos, palavras-chaves que representavam os significados atribuídos pelos participantes; depois, seguido pela *elaboração de um sistema de categorias*, em que busquei estabelecer a relação entre os discursos, aproximando-os ou distanciando-os.

A *captação do novo emergente* foi o fio condutor que permeou a análise dos discursos, objetivando compreender a intencionalidade impregnada nos textos, tomando-os como um corpus de análise, num todo e isoladamente. Por fim, neste capítulo, busquei a *construção de um processo auto-organizativo* iluminando a análise discursiva à luz de um referencial teórico, para promover um diálogo tripartido entre os enunciados dos participantes, a bibliografia selecionada e as minhas percepções enquanto pesquisadora.

O foco central que permeou a análise foi a resposta à questão: Que percepções dos processos formativos emergem quando os alunos refletem acerca das práticas pedagógicas e das vivências nas aulas de Língua Portuguesa em atividades mediadas por portal educacional? A resposta para ela foram as oito categorias de análise apresentadas: interação e comunicação; sala de aula ampliada; gestão da aprendizagem; o registro de si e do outro; aprendizagem colaborativa e transformadora; incentivo à pesquisa; estudo autônomo; desafios, pois foram recorrentes nas falas dos participantes e retomadas nas entrevistas e nos demais instrumentos de investigação.

Esta análise trouxe alguns aprendizados que não permitem encerrar o assunto e apresentar conclusões finais, mas dão margem para o aprendizado de algumas lições.

ALGUMAS LIÇÕES APRENDIDAS

*O real não está na saída nem na chegada,
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*
(Guimarães Rosa)

Ao longo destas páginas, produzi um trabalho original no qual sobressaíram, dentre outras, as vozes de participantes inseridos em práticas de letramento digital mediadas por portal educacional. Desprendendo-me dos laços afetivos, realizei a análise dos dados do ponto de vista privilegiado daquela que encontra-se inserida no processo pedagógico desenvolvido ao longo desta pesquisa-ação.

As narrativas vividas e contadas pelos doze alunos participantes foram fonte de reflexão e estudo, gerando as oito categorias analisadas que, embora restritas às páginas desta dissertação, são mais amplas quando tomadas no todo de sua significação e somadas à prática diária da sala de aula. Assim aprendi a **primeira lição**: o escrito não carrega em si o todo de uma experiência; é da prática que vem a amplitude de aprendizados.

A percepção dos alunos demonstra sua maturidade em relação às práticas pedagógicas desenvolvidas, observando como o conteúdo é ministrado e qual a sua utilidade para a vida desses sujeitos-participantes em formação, que desejam o conhecimento como recurso e ferramenta para dar continuidade aos estudos e construir suas vidas em sociedade. Ao contrário do que muitos inexperientes e preconceituosos podem pensar a respeito dos estudantes do ensino público. O posicionamento e o julgamento trazidos nos discursos desses jovens demonstram quanto conhecimento a escola pode adquirir se questionar aos alunos envolvidos e comprometidos com seu aprendizado qual a sua visão a respeito do seu processo de aprendizagem. A **segunda lição**: nossos alunos podem nos ensinar muito, por isso, às vezes precisamos parar e escutar, para aprender como ensinar.

Ter a possibilidade de dar voz e vez aos alunos foi uma experiência única e enriquecedora em minha formação docente, considerando que esta pesquisa veio da prática, de uma prática vivida, de uma observação da realidade, de uma realidade que eu vivenciei; não é a prática de outro, mas o resultado de um trabalho que, no início, não foi proposital, não pretendia se transformar numa dissertação de Mestrado, mas que aos poucos foi tomando corpo, e fui sentindo a necessidade de estudar e registrar essa experiência que, se não fosse a oportunidade de redigir, poderia perder-se no esquecimento ou sobreviver ao tempo apenas na

memória daqueles que a vivenciaram. **Terceira lição** aprendida: o que fazemos diariamente, por necessidade ou desejo de melhorar, precisa vir acompanhado de reflexão, para vermos onde estamos acertando e onde estamos errando e, quem sabe, permitindo que possamos passar adiante para auxiliar outros colegas em suas práticas docentes.

A experiência da pesquisa narrativa foi enriquecedora. Cada contribuição dos alunos me fazia refletir a respeito das atividades desenvolvidas e o quanto de conhecimento aquilo tinha trazido a eles e a mim, mais do que o aprendizado do conteúdo da disciplina, era um aprendizado de como estudar poderia ser curioso, interessante, prazeroso, emocionante. Em alguns momentos da entrevista eu me punha a pensar que eu não tinha programado aqueles sentimentos no meu aluno. Ao propor as atividades, eu tinha me atido apenas à fixação de conteúdos e jamais poderia imaginar o quanto eles estavam envolvidos, preenchendo seu tempo fora da sala de aula com leituras e pesquisas incentivadas pelas minhas propostas. A **quarta lição** aprendida: a maneira como ensinamos e os recursos que utilizamos podem despertar nosso aluno para o gosto pelo conhecimento e dar independência para que ele siga aprendendo sem estar acorrentado a uma fonte detentora do saber. O conhecimento emociona e liberta.

De modo particular, por um viés pessoal, as entrevistas me trouxeram grandes descobertas das minhas próprias expectativas, conceitos e preconceitos em relação ao aprendizado mediado por portal educacional. O que, para mim, eram ideias cristalizadas foram aos poucos sendo desmontadas e remontadas pela percepção do meu aluno. O abrir-se para a experiência do outro foi um momento de aprendizado e de aprofundamento na compreensão do meu problema de pesquisa. Enquanto eu me restringia às aulas de Língua Portuguesa e ao letramento digital, o aluno tinha uma visão mais ampla e distanciada, pois apresentava pontos para os quais eu não havia me atentado e que depois tornaram-se a categoria oito de análise: as facilidades e dificuldades de um conteúdo resumido, o uso e domínio das ferramentas variando de professor para professor, os anseios dos usuários do portal, os problemas técnicos enfrentados, dentre outros. Assim, a cada entrevista, fui percebendo que precisava estar como um caderno em branco, para que o meu aluno pudesse registrar sem ressalvas as suas observações. Então aprendi a **quinta lição**: quando me disponho a ouvir o outro, preciso eliminar os entraves dos meus pensamentos pré-configurados e apresentar-me disposta ao novo que o outro me trará. Quando questiono preciso estar pronta para ouvir o inesperado.

Aliás, muitos foram os inesperados que se descortinaram ao longo dos dois anos de trabalho e estudo para elaboração desta dissertação. Sem ingenuidade, penso que tantos outros

virão como resultado das múltiplas lições aprendidas, que ultrapassam as apresentadas aqui. Os aprendizados, no entanto, exigem sempre um olhar para o futuro. Um futuro próximo, que a cada dia se desvela aos agentes envolvidos na Educação neste início de século, permeado por tantas mudanças, ânsias e anseios.

Embora grande parte dos educadores ainda aplique técnicas pedagógicas tradicionais, distanciando-se da realidade dos alunos os quais fazem uso das novas tecnologias em seu cotidiano ou privando da inclusão digital os alunos que não têm acesso aos novos recursos tecnológicos, é possível observar o crescente interesse de alguns professores em adotar em suas práticas novas configurações, inserindo as TDIC na sala de aula, com a finalidade de envolver os alunos no processo de ensino e de aprendizagem. As razões para que os obstáculos se estabeleçam são muitas: falta de formação docente, desinteresse ou escassez de tempo dos professores para preparar as atividades, indisponibilidade de recursos físicos, necessidade de apoio da gestão escolar, pouco envolvimento dos alunos, dentre muitas outras, as quais foram abordadas, mas não aprofundadas ao longo deste trabalho. E que poderiam ser analisadas em estudos futuros.

O professor, na Era da Informação, na Sociedade do Conhecimento, está vivenciando uma nova fase na Educação em que não apenas o perfil do aluno mudou, mas são exigidas novas práticas educativas. As TDIC mexeram com a história da humanidade e, nesta fase em que se encontra, não são permitidos retrocessos, assim, cabe a todos os envolvidos o esforço de caminhar adiante rumo a uma educação inclusiva, de qualidade e conectada à realidade e às necessidades de professores e alunos.

Para que os obstáculos sejam minimizados é necessária uma reorganização do sistema educacional brasileiro, por meio da redefinição das propostas de ensino, da valorizando profissional, da oferta de capacitações frequentes, do investimento em recursos físicos, do envolvimento dos profissionais da Educação na busca de encará-la como uma função relevante no desenvolvimento da sociedade e não apenas uma fonte de renda. Também, é importante que a comunidade reveja o papel da Educação na sociedade, pois muitos pais delegam para a escola a função de “criar” os filhos, enquanto eles trabalham; os responsáveis por desenvolver as políticas públicas para Educação estão distantes da realidade da sala de aula e, no conforto de seus cargos públicos, oferecem propostas que o papel aceita, mas não são eficazes na realidade escolar; a mídia dá enfoque aos insucessos da Educação e raramente valoriza os muitos casos de sucesso que diariamente ocorrem na sala de aula, por esforço e compromisso dos professores; os alunos, em alguns casos, não veem a escola como um ambiente de aprendizado e vão às aulas por obrigação, sem encontrar sentido no conteúdo que

é apresentado, demonstrando desinteresse e descrença naquilo que o professor lhe apresenta como relevante.

Assim, quero esclarecer que a proposta deste trabalho não é ignorar as muitas dificuldades da Educação e apresentar um cenário irrereal em que tudo funciona. Conheço e reconheço as dificuldades, pois me deparo com elas todos os dias nas escolas públicas onde leciono. Mas desejo motivar os professores a encararem o desafio de fazer diferente e de fazer a diferença na vida dos seus alunos. Os obstáculos estão aí, a reclamação e a indiferença não farão com que deixem de existir. O que provocará mudança é a ação dos sujeitos envolvidos. O professor não pode adotar a utopia de que de repente tudo ficará perfeito, mas também não pode se enclausurar na ideia de que tudo está perdido, porque é no dia a dia que a mudança acontece e são os sujeitos envolvidos que a promovem.

Vislumbrar o porvir com os pés no agora foi uma das pretensões desta dissertação, que deseja ter atingido os objetivos aos quais se dispôs e possa contribuir para o atual contexto educacional, trazendo presentes e futuras lições aos educadores que têm a árdua missão de formar para a cidadania, considerando a realidade dos alunos, numa sociedade cada vez mais letrada e habituada ao uso das tecnologias digitais. Nesse sentido, certamente, novos trabalhos surgirão contemplando o uso das TDIC no cenário educacional, que a cada instante se renova.

REFERÊNCIAS

AUR, Bahij Amin; CASTRO, Jane Margareth de. **Ensino Médio**: proposições para inclusão e diversidade. Brasília/DF: UNESCO, 2012. (Série Debates ED). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002155/215571por.pdf>> Acesso em 25 jul. 2014.

AZEVEDO, Adriana Barroso de. Desafios de uma formação inclusiva e de qualidade na EAD. In: AZEVEDO, Adriana Barroso de; JOSGRILBERG, Fábio Botelho; LIMA, Francisco José Sousa (Org.) **Educação e tecnologia na universidade**: concepções e práticas. São Bernardo do Campo: UESP, 2012.

_____; PERICO, Lucivânia A. S. Saberes docentes e o ensino técnico: da teoria às práticas. **Convenit International**, São Paulo/Porto. n. 16, p. 51-60, set./dez. 2014. ISSN 1517-6975. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit16/index.htm>> acesso em 26 jun. 2014.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: M. Bakhtin. **A estética da criação verbal**. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, p.277-326, 2000.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática: Opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIELSCHOWSKY, Carlos Eduardo; PRATA, Carmem Lúcia. Portal Educacional do Professor do Brasil. Revista de Educación, 352. Mayo-agosto 2010.

Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000013441.pdf>> acesso 10 jul.2014> Acesso em 10 jul. 2014.

BILAC, Olavo. Tarde. In: **Antologia**: Poesias. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção a obra-prima de cada autor).

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Analisando o discurso**. 2005. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlciv/lport/pdf/brand001.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2014.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. LEI 8.069/1990. Brasília, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/1996. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

BUNZEN, Clecio. A fabricação da disciplina escolar Português. **Revista Diálogo Educacional**, Paraná, v. 11, n. 34, p. 885-911, set./dez. 2011. ISSN 1518-3483. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1891/189121361013.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

BURNHAM, Terezinha Fróes *et al.* Ambientes virtuais de aprendizagem: o Moodle como espaço mutirreferencial de aprendizagem. In: SILVA, Marco (Org.). **Formação de professores para docência online**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

CARNEIRO, Moaci Alves. **O nó do Ensino Médio**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Trad.: Grupo de Pesquisa narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla. RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

FARIA, Elaine Turk. O professor e as novas tecnologias. In: ENRICONE, Délcia (Org.). **Ser Professor**. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FICHTNER, Bernd. A concepção de desenvolvimento e a questão dos estágios em Vygotsky. In: FICHTNER, Bernd. **Introdução na abordagem histórico-cultural de Vygotsky e seus Colaboradores**. INEDD Universidade de Siegen/Alemanha. 2010. Disponível em <http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/docente/PDF_SWF/226Reader%20Vygotskij.pdf>. Acesso em 02 jul. 2014.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FRAIHA-MARTINS, France. **Significação do ensino de Ciências e Matemática em processos de letramento científico-digital**. 2014. 189 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A escrita na Internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo? In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. In: _____. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Série Prática Pedagógica).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. In: **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 11-42, jan./jun. 2011. ISSN 1982-8160. (Trad. Andréa Limberto). Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/66/99>>. Acesso em 09 ago 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **A análise do discurso e suas fronteiras**. Tradução de Décio Rocha. Rio de Janeiro: Matruga. v.14, n.20, 2007. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matruga/matruga20/arqs/matruga20a01.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Práxis).

MORAES, R. GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8 ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

OLIVEIRA, Zilma de M. R. de L. S. Vygotsky: Algumas ideias sobre desenvolvimento e jogo infantil. **Ideias**. São Paulo, n. 2, pp. 43-46, 1988. Disponível em <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_02_p043-046_c.pdf>. Acesso 02 jul. 2014.

PALLOFF, Rena M. PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Tradução de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PASSARELLI, Brasilina. **Interfaces Digitais na Educação: @lucina[ações] consentidas**. São Paulo: Escola do Futuro da USP, 2007.

PERAYA, Daniel. O Ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação midiática. In: ALAVA, Séraphin (Org.). **Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?** Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PEREIRA, João Tomaz. Educação e Sociedade da Informação. In: _____. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

PERICO, Lucivânia A. S. Possibilidades de avaliação de língua portuguesa na EaD. In: **II Simpósio do Ensino Médio e Técnico**. Centro de Educação Tecnológica Paula Souza, 2013. p. 229-236. ISBN 978-85-99697-30-6. Disponível em <http://ensinomedio.net/documents/ISBN_978_85_99697_30_6.pdf>. Acesso em 19 jun 2014.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PILETTI, Nelson. **Estrutura e funcionamento do ensino médio**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants**. 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: _____. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Série Estratégias de Ensino 13).

SANTOS, Else Martins dos. Chat: e agora? Novas regras – nova escrita. In: _____. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. São Paulo: SEE, 2010.

SARTORI, Ademilde Silveira (Org.). **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos: diálogos sem fronteiras**. 1. ed. Florianópolis: DIOESC, 2014.

SENADO FEDERAL (2008). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.shtm>. Acesso em 10 ago. 2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Formação do leitor virtual pela escola brasileira: uma navegação por mares bravios. In: FREIRE, Fernanda M. P.; ALMEIDA, Rubens Q. de; AMARAL, Sérgio Ferreira do; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Coord.); **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Ana Maria Martins; DEPRESBITERIS, Léa; MACHADO, Osny Telles Marcondes. **A mediação como princípio educacional: bases teóricas das abordagens de Reuven Feuerstein**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

SOUZA, Renato Rocha. Contribuições das teorias pedagógicas de aprendizagem na transição do presencial para o digital. In: _____. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.); ALMEIDA, Laurinda R.; PRANDINI, Regina C.A.R. **A entrevista na educação: a prática reflexiva**. 4. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011. THIOLANT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VILARINHO, L. R. G.. Práticas pedagógicas em ambientes virtuais de aprendizagem: um desafio da educação na cibercultura. In: FONTOURA, Helena. Amaral. da; SILVA, Marco. (Org.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. p. 138-175. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/ebook1.pdf>> acesso em 18 jun. 2014.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem. Tradução de M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. In: **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto *et al.* 4. ed. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1991. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/forma%C3%A7%C3%A3o-social-da-mente-vygotski-l-s>>. Acesso 03 jul. 2014.

APÊNDICE A – Questões norteadoras das entrevistas

- 1) Qual é a sua impressão a respeito do portal? O que você pensa a respeito?
- 2) Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado pela professora?
Por quê?
- 3) Qual ferramenta do portal você mais gosta? Por quê?
- 4) Qual ferramenta do portal você acredita que mais contribui para o seu aprendizado? Por quê?
- 5) Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem e nos Vestibulares? Por quê?
- 6) Na nossa escola, sua avaliação não é feita por nota, mas por conceitos, para isso você precisa comprovar ter desenvolvido as competências necessárias na disciplina. Há alguma ferramenta a qual você sente que mais desenvolve a sua linguagem como meio de expressão, informação e comunicação? Explique.
- 7) Há alguma ferramenta que te instiga a compreender, investigar, desenvolver suas ideias? Explique.
- 8) Há alguma ferramenta em que você é levado a analisar o contexto no qual está inserido (sociedade, história, manifestações culturais, o papel das instituições etc.) e até propor intervenções, dar opiniões a respeito? Explique.
- 9) Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação a quem não tem o recurso do portal para estudar ou tendo o recurso não o utiliza? Por quê?
- 10) De 0 a 10, dê uma pontuação para o portal, justificando a sua resposta.

APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA 1

P – Por favor, seu nome completo.

E1 – MVGP.

P – Primeira pergunta que eu queria fazer é: Qual é a sua impressão a respeito do portal? O que você pensa a respeito dele?

E1 – Na minha opinião, o portal é útil mas não tanto quanto ele foi projetado para ser.

P – Por que você pensa isso?

E1 – Porque em algumas ferramentas ele funciona bem enquanto outras são muito fáceis de serem barradas ou burladas ou de algum jeito não são usadas. Nós não usamos.

P – Você acha que, assim, o problema não seria o aluno, no caso? O que você acha?

E1 – Sim, o problema também é o aluno, pela falta de interesse e pelas maneiras que eles conseguem burlar o portal.

P – Mas a proposta do portal em si, excluindo essa questão do aluno de querer burlar, a proposta do portal em si, esquecendo a postura do aluno, o que você acha?

E1 – Eu acho o conteúdo muito avulso, muito... não é conectado. Eu prefiro muito mais pesquisar em outros sites do que no portal.

P – Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado por um professor?

E1 – Umas três vezes.

P – Por que você acessa mesmo o professor não pedindo nada a você?

Às vezes para fazer a parte dos vestibulares e Enem e às vezes para ver as minhas notas nas atividades do portal.

P – Tem alguma ferramenta no portal que você mais gosta e por quê que você gosta?

E1 – Eu acho que a que funciona melhor é o blog porque é muito bom para a interação professor-aluno. Não tem jeito de burlar o blog, ele é simplesmente para criar uma

comunicação entre o professor e o aluno fora da sala de aula, ele serve para o professor pedir as atividades ou para ele apresentar conteúdo para o aluno.

P – Você não se incomoda que os outros possam ler a sua opinião no blog?

E1 – Não.

P – Como você se sente tendo seu texto exposto para todo mundo?

E1 – Me sinto muito bem porque eu passo meu texto para as pessoas lerem e tenho orgulho da minha opinião.

P – Qual ferramenta do portal você acredita que mais contribui para o seu aprendizado e por quê?

E1 – O blog porque, já disse, ele funciona melhor para mim.

P – Você sente que tem alguma competência, tem alguma coisa que você aprende mais quando usa o blog, que você desenvolve melhor quando você usa o blog?

E1 – Quando eu uso o blog eu consigo com mais clareza entender o que o professor quer que eu faça, então eu consigo ir atrás diretamente do que ele está propondo.

P – Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem e nos Vestibulares? Por quê?

E1 – Sim, ele apresenta a área dos vestibulares, eu acho muito válido, eu acho muito interessante porque você encontra em outros lugares só que não do jeito que é disposto no portal, ele mistura as questões dos vestibulares, eu acho muito interessante porque é desse jeito que a gente vai fazer a prova.

P – Na nossa escola, sua avaliação não é feita por nota, mas por conceitos, para isso você precisa comprovar ter desenvolvido as competências necessárias na disciplina. Há alguma ferramenta a qual você sente que mais desenvolve a sua linguagem como meio de expressão, informação e comunicação, além do blog, que você já explicitou?

E1 – Com o roteiro de aprendizagem eu também consigo absorver algumas coisas porque também deixa clara a proposta do professor para poder pesquisar, então, acaba me fazendo desenvolver essas competências.

P – Há alguma ferramenta que te instiga a compreender, investigar, desenvolver suas ideias?... Bom, acho que seria o blog mesmo, tem mais alguma ferramenta que você gosta de usar e que você acha que te auxilia na exposição de suas ideias?

E1 – Desculpa, eu não entendi direito a pergunta.

P – Se tem alguma ferramenta que te instiga a compreender, investigar, desenvolver suas ideias?

E1 – Sim, com os exercícios do vestibular eu consigo ter uma base do conteúdo dos vestibulares para eu ir procurar no portal ou em outros sites e desenvolver esses conteúdos.

P - Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação a quem não tem o recurso do portal para estudar ou tendo o recurso não o utiliza?

E1 – Eu acho que o portal facilita as coisas, mas eu acho que eu conseguiria fazer as coisas do portal em outro site, a não ser o blog. Porque são os professores aqui da minha escola que têm os blogs lá, então é muito mais fácil organizar tudo, ele facilita, mas eu posso encontrar em outro site o conteúdo.

P – Você pode me dar outros exemplos de site me que você encontrar esses conteúdos com tanta credibilidade?

E1 – Ah! Eu... Varia muito! Eu coloco no Google e eu acho... Ah! Meu Deus... o Brasil Escola... eu não lembro agora dos outros...

P – Mas você se sente tranquilo em saber que o conteúdo lá está sendo elaborado por doutores e mestres da Unicamp? Isso não dá para você uma tranquilidade quando você lê ou faz algum exercício lá? Isso não te deixa tranquilo sabendo que tem tanta coisa na internet que às vezes não é o conteúdo verdadeiro?

E1 – Eu não prestei atenção nisso. Nunca percebi essa confiança em acessar o portal... até porque para mim o problema não é a veracidade dos conteúdos, mas é que eu acho os conteúdos muito... alguns eu acho um tanto incompletos, tanto é que na parte de Literatura, eu não sei se é na parte de Literatura, mas, enfim, na parte dos movimentos artísticos, dos movimentos literários eu achei muito resumido, muito incompleto.

P - De 0 a 10, dê uma pontuação para o portal, e justifique a sua resposta.

E1 – Cinco, porque o portal é mediano, é útil sim, mas ele tem muito o que ser melhorado, ele tem alguns *bugs* muito... que prejudicam o aluno e fazem o que era para ser prático deixar pior ainda, mas ele tem suas utilidades, ele tem... ele facilita mais a organização das informações.

P – Na disciplina língua portuguesa, em particular, como você sente o uso do portal, faz alguma diferença ou não? Como você sente o uso?

E1 – Faz diferença devido às atividades propostas no site, mas, eu nunca pesquisei Língua Portuguesa por lá, eu só realizo as atividades por lá.

P – Mas usar como meio para avaliar vocês, de certa forma, é útil ou seria a mesma coisa que na sala de aula?

E1 – Eu acho que funciona bem como meio de avaliar e propor atividades.

P – Tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar a respeito do portal, do uso, alguma observação final?

E1 – Não, não... só isso!

P – Obrigada!

ENTREVISTA 2

P – Qual o seu nome?

E2 – KVS.

P – Qual é a sua impressão a respeito do portal? O que você pensa a respeito dele?

E2 – Eu acho que o portal é muito útil principalmente na parte das atividades que os professores propõem para os alunos através do portal. Eu acho que é uma ferramenta bastante útil porque, querendo ou não, está fazendo o aluno estudar em casa, o que é muito bom, apesar de ter algumas falhas técnicas, o portal é muito bom, nessa questão.

P – Você acha que as falhas técnicas são por conta da parte técnica mesmo, da equipe técnica do portal, ou por conta dos alunos que querem burlar o sistema?

E2 – Muitas vezes os alunos querem burlar o sistema, mas às vezes acontece, como já aconteceu comigo, de ocorrer uma falha técnica e você ter uma dor de cabeça para consertar, mas aí também vai do aluno, se ele quer mesmo fazer a atividade proposta ou se ele não quer, se ele quer somente burlar o sistema e tirar nota e pronto.

P – Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado pelo professor?

E2 – Umas cinco vezes porque eu geralmente acesso para ver minhas notas ou para ver se tem alguma atividade no blog dos professores ou às vezes eu entro lá e fico vendo algumas notícias que aparecem na men e leio algumas coisas.

P – Qual ferramenta do portal você mais gosta?

E2 – Eu gosto bastante da escrita colaborativa porque eu acho que é um bom modo de, além de você expor sua opinião, você pode ler o texto dos outros, pode até ver suas falhas ao ler o texto dos seus colegas, na escrita colaborativa, e eu gosto muito do blog porque é um meio de comunicação entre o aluno e o professor.

P – Qual ferramenta do portal você acredita que mais contribui para o seu aprendizado, não é a que você mais gosta, é a que você sente que mais você aprende?

E2 – O roteiro de aprendizagem, porque lá o professor geralmente coloca os links do portal para a gente estudar e depois propõe uma atividade, então eu acho que é uma ferramenta bem útil. O professor, através dela, pode passar claramente o que ele quer para a gente.

P – Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem e nos Vestibulares? Por quê?

E2 – Sim, na pauta dos vestibulares é muito interessante porque o método que eles utilizam de você responder às questões e depois você saber qual você errou, e no que você errou, é um método muito bom para se preparar para os vestibulares e para o Enem.

P – E o que você acha de ter uma proposta de redação do Enem cujas cem primeiras enviadas poderão ser corrigidas?

E2 – Eu acho muito interessante porque muitas vezes o que o aluno tem mais dúvida é na redação mesmo, então, é muito bom ter a opinião de terceiros sobre a sua redação e eles ajudam a gente como melhorar, consertar os erros. Então eu acho muito bom!

P – Na nossa escola, sua avaliação não é feita por nota, mas por conceitos, para isso você precisa comprovar ter desenvolvido as competências necessárias na disciplina. Há alguma ferramenta a qual você sente que mais desenvolve a sua linguagem como meio de expressão, informação e comunicação?

E2 – O blog, onde a gente pode expor nossa opinião e a escrita colaborativa também, como eu já disse, você pode escrever o seu texto e depois se pode ler o dos seus colegas, quando o professor liberar e aí você pode fazer uma comparação entre o seu texto e o do colega e as opiniões, eu acho que contribui bastante.

P – Alguém ter a oportunidade de ler o seu texto não te incomoda, deixa constrangida, envergonhada, nada?

E2 – Não, eu quero que as pessoas leiam o meu texto, eu quero saber a opinião delas, que nem no blog, debater sobre isso, então eu gosto que as pessoas leiam meu texto e digam a opinião delas sobre isso.

P – Há alguma ferramenta que te instiga a compreender, investigar, desenvolver suas ideias?

E2 – Pode repetir, por favor?

P – Tem alguma ferramenta no portal que te motiva a expor suas ideias, a pesquisar e de certa forma ter mais autonomia, no uso do portal?

E2 – O blog e a escrita colaborativa de novo porque geralmente com o que propõe lá pra gente eu sempre vou pesquisar fora, um pouco mais sobre o assunto, para poder desenvolver o meu texto bem, então eu acho que essas duas ferramentas.

P - Há alguma ferramenta em que você é levado a analisar o contexto no qual está inserido (sociedade, história, manifestações culturais, o papel das instituições etc.) e até propor intervenções, dar opiniões a respeito?

E2 – Escrita colaborativa.

P - Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação a quem não tem o recurso ou tendo o recurso não o utiliza? Por quê?

E2 – Não que eu esteja em vantagem, é uma ferramenta muito boa, ajuda, mas também é possível encontrar essas coisas em outros sites da internet, então se você não tem o portal você pode encontrar alguns outros sites, o bom é que no portal está tudo reunido num site só, você não precisa ficar procurando em outro site.

P – Se você não tivesse o portal você faria isso em casa? Você chegaria em casa, sem obrigação nenhuma do professor de pedir alguma coisa extra para você na internet, você chegaria em casa e de livre e espontânea vontade, iria pesquisar na internet?

E2 – Sinceramente não, porque... a não ser que eu esteja, como estou agora, me preparando para um vestibular. Eu não sairia para procurar ou estudar dentro de casa.

P – Nós estamos usando o portal já há algum tempo na disciplina Língua Portuguesa, você acha que fez diferença ou não? O que você acha de fazer as provas nos exercícios online, de ter, de certa forma, um complemento da matéria por meio do roteiro e outras ferramentas?

E2 – Eu acho que fez diferença sim, o roteiro de aprendizagem, como eu disse, é muito bom. Nele a professora expõe links para a gente estudar fora, então eu acho que é um recurso muito bom, mas a matéria de Língua Portuguesa do próprio site eu acho muito superficial, eu acho um pouco fraca, na verdade, todas as matérias do site são um pouco fracas.

P – Mas você entende que é um complemento da aula do professor, não é uma ferramenta que... o site, em si, não busca substituir o professor. Como complemento do conteúdo passado pelo professor, você ainda acha fraco?

E2 – Como complemento não, mas se você quiser, sei lá, quiser estudar uma coisa nova, o que tem lá é um pouco fraco. Mas como complemento, se você prestar atenção na aula e você quer relembrar as coisas, lá ajuda.

P - De 0 a 10, dê uma pontuação para o portal, justificando a sua resposta.

E2 – Seis, porque no geral o site é muito bom, assim, algumas ferramentas são muito boas para você, não só expor a sua opinião, mas saber a opinião dos outros e receber ajuda de outras pessoas, mas tem alguns problemas técnicos que precisam ser consertados e as matérias que estão expostas no site são muito superficiais, ainda, então tem bastante o que melhorar.

P – Em relação às outras matérias, você acha que alguma outra que poderia fazer uso e que ajudaria no seu aprendizado se outra disciplina fizesse uso? A gente sabe que a disciplina de Química usa bastante também, mas tem alguma outra, além de Português e Química, que você acha que se usasse o portal ajudaria no seu aprendizado, ampliaria o seu aprendizado?

E2 – Eu acho que talvez Biologia e Inglês, apesar de o conteúdo de Inglês ser um pouco fraco, se ela utilizasse lá, tem alguns exercícios disponíveis, seria muito bom!

P – Alguma coisa que você quer falar para fechar, para complementar?

E2 – Não, só isso.

P – Obrigada!

ENTREVISTA 3

P – O seu nome e idade?

E3 – Meu nome é DAF, eu tenho 17 anos.

P – Qual a sua impressão, assim, a respeito do Portal? Se você tivesse que falar alguma coisa a respeito dele, tanto pontos positivos como negativos, o que que você diria?

E3 – Pontos positivos e negativos? Olha, negativos eu não encontrei nada que me prejudicasse muito, tem alguns problemas na escrita colaborativa, na escrita colaborativa? É... roteiro de aprendizagem e tudo mais, mas eu acho que o que mais prejudica mais é a questão do conteúdo porque tem... parece que é um pouco confuso, não está bem dividido, às vezes você quer encontrar uma coisa e você não consegue encontrar, por exemplo a matéria de Biologia, você vai procurar uma matéria e está muito bagunçado, acho que essa coisa, essa parte tem que melhorar! Não sei, acho que uma sugestão seria ter uma daquelas barrinhas de pesquisar no início do site para você colocar uma palavra-chave e conseguir encontrar o que você quer, acho que o mais difícil mesmo é você encontrar alguma coisa que você realmente quer de conteúdo. Mas positivos acho que é o que tem mais, e que realmente é bom, tem a questão dos vestibulares e do Enem, eu acho que o que muita gente, muitos alunos procuram, esses alunos que estão procurando passar em vestibular e conseguir alguma nota boa é justamente uma ferramenta dessa, desse tipo que você selecione provas da época que você quer, da matéria que você quer, que você tem dificuldade. Acho que isso é o que qualquer

aluno que quer ingressar na faculdade procura e a gente tem, acho que isso é o maior ponto positivo. E também os joguinhos que são bons e tudo mais.

P – Você falou da escrita colaborativa e do roteiro, né, o que você identifica de ruim?

E3 – Acho que não muito desses dois, acho que mais da... erros técnicos, por exemplo do... aquele lá... da prova lá...

P – Exercícios on-line.

E3 – Exercícios on-line, isso. Às vezes sai a prova, não é só comigo, mas com outros alunos também, some. Passou por modificação também, sempre que passa por modificação, esse que mexe com sistemas, claro, tem uns problemas assim de início, mas tirando isso não tem muita coisa. Acho que os pontos positivos são muito maiores.

P – Mas você já identificou que tem uma ferramenta para pesquisa lá no início do portal? Tem um campo para você jogar as palavras e pesquisar.

E3 – Tem?!

P – Tem. E aí na lateral esquerda do portal aparece qual disciplina, quantas vezes se identificou aquela palavra na disciplina.

E3 – Eu nunca vi isso. (risos) Não, mas eu vou ver isso direito. Que eu nunca vi isso.

P – É que às vezes o aluno, ele usa o portal, mas ele não sabe todas as ferramentas que tem e ele tem bastantes ferramentas, né?

E3 – Tem um guia também?

P – Um guia, como, de utilização?

E3 – É, de utilização das ferramentas porque seria bom porque às vezes você procura alguma coisa e você fica confuso, você não consegue encontrar.

P – Em geral as ferramentas têm um tutorial, cada ferramenta tem um tutorial explicando como usar. Agora, do portal como um todo, pro aluno não tem, mas os professores têm, eles têm um curso oferecido semestralmente chamado “aprendendo a usar o portal”, para os professores tem, pra os alunos não. (Risos)

E3 – Ah, tá! Então é o que eu disse, os pontos positivos são muito maiores.

P – Legal... Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado? Por que você quer entrar no portal?

E3 – Durante a semana eu não tenho muito tempo porque eu estudo e trabalho, mas geralmente todo fim de semana eu abro, sábado e domingo.

P – Por quê?

E3 – Justamente por causa dos vestibulares, Enem. Eu uso muito mais essas ferramentas que eu mencionei. Eu uso ferramentas para gerar provas, tentar testar meus conhecimentos. Eu acho que isso é bastante válido.

P – São só essas as ferramentas que você usa? Qual é a ferramenta que você mais usa e mais gosta?

E3 – A ferramenta que eu mais gosto é a dos Vestibulares, é a ferramenta mais completa que tem. Tem todas as universidades que você imaginar que são boas, tem particulares também, então é uma ferramenta que eu utilizo diariamente.

P – E é a que você mais gosta também?

E3 – É a que eu mais gosto, eu gosto também dos joguinhos que tem... aqueles joguinhos que tem por mês. Eu nunca ganhei nada, mas eu tenho certeza que tem gente que ganha aqueles prêmios lá.

P – Dos desafios você está falando?

E3 – É, os desafios das matérias.

P – Vai ter um de Literatura agora no mês de novembro. Eu vou avisar você, tá?!

E3 – Ah! Tudo bem... (risos) Vou aguardar.

P – Qual ferramenta do portal você acredita que mais contribui para seu aprendizado? Que você sente que você mais aprende quando você a utiliza?

E3 – Eu vou mudar um pouco... parar de falar dos vestibulares e vou falar do roteiro de aprendizagem, que é muito bom. Depende do professor, depende do professor... o que ele coloca, mas é uma ótima ferramenta, realmente, de estudo. Acho que complementa muito mais do que você assistir a uma aula.

P – Então eu vou falar de Língua Portuguesa, né, que é a minha pesquisa em si é perceber como vocês aprendem a língua portuguesa, uma vez que é a minha disciplina. Já que você está falando do roteiro, como é que você percebe, assim, por meio de que você percebe que está aprendendo mais Língua Portuguesa, está ampliando seus conhecimentos no roteiro?

E3 – O conteúdo de língua portuguesa e literatura no portal é realmente bom. Você tem um conteúdo simplificado, você realmente entende. As aulas de Literatura são ótimas. Acho que serve mais como complemento. A questão dos exercícios online também, o roteiro de aprendizagem que é muito bom, que a professora de Literatura coloca. Eu adoro as aulas, adoro o roteiro, eu gosto muito da parte de Literatura do portal.

P – E o roteiro... observando assim o roteiro, ele tem um conteúdo de leitura, e tem outras ferramentas, muitas vezes, que a gente usa em Língua Portuguesa: vídeos e indicação de outras páginas e imagens e tudo mais. Você acha que isso de fato complementa ou você não sente que amplia o seu aprendizado? Você sente que amplia ou não o que você viu na sala de aula?

E3 – Ah! Sempre que tem uma coisa mais complexa, mais elaborada, sempre amplia. Sempre tem alguma coisa a mais... amplia sim. Tem muita coisa no portal boa que... por exemplo, essa de pesquisar que eu não tinha visto. Deve ter muita coisa que se você “fuçar” (entre aspas) você encontra.

P – Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho no Enem e nos Vestibulares?

E3 – Com certeza. Ainda mais essas provas mais atuais, ver o que está caindo. O Enem mexe muito com atualidades, então é muito bom você ir vendo o que caiu, pra você se preparar para o que vai cair.

P – Na nossa escola, sua avaliação não é feita por nota, mas por conceitos. Para isso, você precisa ter desenvolvido as competências necessárias na disciplina. Há alguma ferramenta a qual você sente que mais desenvolve a sua linguagem como meio de expressão, informação e comunicação?

E3 – Em que sentido?

P – A linguagem. Tem alguma ferramenta no portal que você sente que você não só escreve, mas que você muitas vezes busca ampliar, melhorar sua linguagem, argumentar melhor, se expressar mais. Tem alguma ferramenta que, de certa forma, te auxilia a desenvolver essas competências?

E3 – Olha, eu diria que a de redação é uma boa, mas eu acho que o roteiro de aprendizagem... eu gosto muito! Eu estou falando muito do portal, dos vestibulares, do... É, do roteiro de aprendizagem porque eles são bem completos, assim. O roteiro de aprendizagem é o que mais ensina, o que mais auxilia e o que mais tem referências, então eu diria que o roteiro de aprendizagem é o que mais tem conteúdo.

P - Há alguma ferramenta que te instiga a compreender, investigar, desenvolver suas ideias? Que você tem que, às vezes, ir um pouquinho além de só ficar ali lendo texto, você também tem que expor suas ideias etc.

E3 – Tem sim. Geral... tem Bloco de Exercícios, tem, acho que os exercícios são... É como eu disse, tem muita referência nos sites, muita referência nas ferramentas. Eu diria que sim.

P – Mas em qual ferramenta você pode expor suas ideias... Dentro de uma proposta, muitas vezes, claro, do professor, porque o professor é que acaba em algumas ferramentas, conduzindo o aluno, né?! Então, professor te instiga a expor suas ideias, não do nada, você chegar lá e expor, mas você... o professor te dá uma proposta para você desenvolver essa competência de compreender, investigar e desenvolver as suas ideias. Tem alguma ferramenta ou algumas ferramentas para isso?

E3 – Olha, pensando bem, tem a escrita colaborativa, que você estuda, você faz uma visão sua, um resumo daquilo tudo, é o que mais faz com que você exponha suas ideias mais abertamente.

P - Tem alguma ferramenta em que você é levado a analisar o contexto no qual está inserido sociedade, história, manifestações culturais etc. e até propor intervenções, dar opiniões a respeito? Alguma ferramenta em que você possa debater, ler o que o outro escreve, confrontar a sua opinião com a do outro?

E3 – Eu gosto muito dos blogs. Os blogs, em geral, eles têm muito essa cara dos comentários, de expressas as visões, os blogs têm conteúdos mais atuais, mais polêmicos, então aí você vê várias visões, várias pessoas diferentes comentando, eu gosto dos blogs.

P - Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação a quem não tem o recurso do portal ou mesmo tendo o portal não o utiliza?

E3 – Com certeza. Acho que quem tem o portal e não utiliza é porque realmente ainda não “tá”... não visa alguma coisa mais além. Quem realmente tem o portal e utiliza eu acho que tem uma grande vantagem sobre quem não tem, porque você, como eu disse, tem a questão das ferramentas de vestibulares, questões, assim, aleatórias, você pode gerar qualquer tipo de questão e isso é uma ferramenta que muita gente procura. Eu, até mesmo antes de entrar no portal eu procurava... Google, mas em sites assim, ferramentas assim, só que específico, como o portal, eu nunca encontrei.

P – Nós fizemos algumas avaliações por meio dos exercícios online, principalmente de obras literárias, esses exercícios são de questões objetivas. O que você achou de fazer? Você acha que foi válido ou não? Era melhor ter sido feito na sala. Como você avalia?

E3 – Acho que aqui na escola o tempo é bastante escasso. Acho que é válido sim utilizar esse recurso para prova. Eu ainda sou a favor da prova dissertativa, você pode se... muitas vezes você ficou em dúvida em questões objetivas, você pode... ainda mais em Literatura, que você, realmente, você lê alguma coisa você tem outras ideias, análise de obras é assim, você tem umas ideias, outro cara tem outras, outra pessoa tem outra, então, seria bom se fosse dissertativa, mas também gosto das questões... de lá do portal.

P – Porque, em geral, as obras que nós fizemos foram obras que já tinham sido lidas no 2º ano, né, então seria mais uma revisão. Então se você considerar que era uma revisão, essas questões dos exercícios online serviram para revisar ou você acha que era melhor ter sido feita escrita mesmo?

E3 – Olha, podia ser mesclado. Nesse caso sim, tendo argumentos, se já foram trabalhados, já foi revisado, já foi feita correção da prova e tudo mais, ano passado, sim, objetiva sim, mas acho que seria bom mesclar um pouco, mas teve algumas provas, algumas avaliações que foram mescladas também, então, em geral, sim, está bom.

P – Você foi avaliado, numa das provas de verificação de leitura mesclado por meio do roteiro com algumas questões dissertativas e depois pelos exercícios online. No roteiro vocês fizeram em dupla e nos exercícios online individual, essa avaliação. O que você achou de ser avaliado em dupla? De poder conversar sobre as questões dissertativas com outro colega?

E3 – Muitas vezes você tem a visão de uma obra literária, outra pessoa tem outra visão, vocês chegam num consenso, você podia trocar ideias, trocar... acho que não só nessa matéria, como em outras das humanas é sempre bom ter trabalhos em dupla, verificações em dupla, acho que isso ajuda muito, complementa muito.

P – Se você tivesse que dar uma pontuação para o portal, de zero a dez, qual seria a pontuação considerando como um todo, as ferramentas, os conteúdos? Considerando também que a parte técnica não compete a nós, né, nem professor e nem aluno. Considerando o portal para o seu aprendizado, independente da parte técnica que muitas vezes é falha, não tem como evitar, né, alguma falha. Mas considerando você, como aluno, como alguém que está em formação, como você avalia o portal de zero a dez?

E3 – Eu avaliaria... claro... tem erros técnicos e tudo mais, por isso eu não daria dez, mas eu daria um nove pela possibilidade de várias visões, de várias ferramentas que eu posso utilizar e ampliar meus estudos, acho que um nove cairia muito bem.

P – Alguns colegas enfatizaram que os conteúdos no portal são muito fracos, fragmentados, tem pouco conteúdo. O que você acha a respeito disso? Se tivesse mais conteúdo facilitaria pro aluno?

E3 – Acho que é assim, o portal não serve como uma enciclopédia, por exemplo, não pode ter tudo, você tem que estudar, o portal é bom como complemento, tem várias referências no portal. Nos conteúdos, sim, os conteúdos são muito, muito, muito simplificados, mas não vejo como algo muito ruim porque você estuda em livros didáticos, você estuda pela internet, você estuda em outros materiais. O portal não tem muito essa função, pelo menos que eu vejo é só mais como complemento. Sim, se for ver por esse lado de querer um site que tenha bom conteúdo, sim, isso sim, eu diria que é um pouco frágil. Mas eu vejo mais o portal como complemento.

P – Você quer fazer alguma observação final, alguma coisa que você queria falar e que eu não tenha perguntado, que você quer acrescentar?

E3 – Em geral eu queria dizer que eu gosto muito do portal, gosto das ferramentas, tem coisa que eu ainda não vi, como eu já disse no início, mas eu vou procurar, estou mais curioso agora, e aproveitar esse último momento que resta pra utilizar esse portal.

P – Obrigada.

ENTREVISTA 4

P - Qual seu nome completo e idade?

E4 - LRS, 16 anos.

P – Se você tivesse que falar a respeito do portal como um todo, qual é a sua impressão a respeito dele?

E4- Ah, eu... pra mim, assim, o portal é um bom meio de estudo porque lá você vai encontrar todas as disciplinas, assim... eu gosto porque, às vezes, assim, eu faço o técnico e faço o médio, eu não tenho tempo para ficar estudando pro Enem, por exemplo, e lá tem o resumo, assim, do que eu preciso saber. Então eu vejo o site, assim, como um bom meio de estudo, basta o aluno querer.

P - Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado pelo professor?

E4 - Todo final de semana. Então acho que umas quatro ou cinco vezes por mês para me deixar atualizada, porque lá também fala sobre notícias, tem sempre as manchetes, assim, na página principal. Todo final de semana eu estou lá.

P - Qual ferramenta do portal você mais gosta? Assim que você entra no portal você fala: “Ah! Eu vou naquela ferramenta porque é a minha preferida.” E por quê?

E4 - Ah! Minha ferramenta eu acho que é... a que eu mais entro é nos exercícios online por causa dos professores, mas a que eu mais gosto acho que é do Vestibular para você ficar vendo as provas, as questões... aí dá um meio de estudar, pra mim pelo menos.

P – Se você tiver que usar, assim, não pensando nos vestibulares, como descontração, entrar porque estou lá na internet, você iria em qual campo do portal?

E4 – Hum... Eu acho que eu gosto muito de ver notícias lá. Acho que eles colocam uns assuntos bem legais. Eu acho que eu iria lá pra ficar lendo as reportagens. Até porque é um meio de diversão, né? Você ficar observando... Eles estão sempre atualizando também. Então eu acho um bom meio.

P - Qual ferramenta do portal você acredita que mais contribui para o seu aprendizado, que usando essa ferramenta ou esse recurso do portal, você sente que você aprende mais?

E4 - Eu acho que... por exemplo, as matérias que estão disponíveis: Química, Matemática... eu acho que lá eu aprendo bastante. Eu lendo, assim, eu aprendo bastante lá.

P - Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem e no Vestibular ou não, não vai contribuir, não vai mudar nada?

E4 - Não, com certeza, porque eu estudo por lá, eu vejo as notícias de lá, eu busco o resumo de lá, porque tem tudo lá e é bem, assim, está bem resumido e um resumo bom. Então para mim é super fácil e é o que eu estou estudando agora.

P - Alguns colegas que foram entrevistados destacaram que o conteúdo de lá, por ser resumido, é muito fraco, eles acham muito fraco, acham que deveria ter mais coisa. Qual é a sua visão a respeito dessa questão do conteúdo que você está falando, “é resumido, isso me ajuda a estudar”. Você acha que deveria ser mais extenso, isso motivaria você a continuar lendo ou o fato de ser resumido é o que faz com que você acesse? O que você acha? Precisaria ter mais conteúdo ou da forma como está, resumida, serve para a proposta a que ele se propõe?

E4 - Então, lá o conteúdo eu acho que é resumido, por isso é que eu gosto, porque lá é o que eu já aprendi, então eu vou ler e vou lembrar do que eu aprendi, mas se tivesse mais acho que seria melhor porque, assim, por exemplo, o aluno que não viu ainda acho que ele poderia entender mais. Mas eu estudo mesmo porque eu já vi aquele conteúdo, então é um meio de eu lembrar de algumas coisas.

P - Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor... Eu já perguntei isso? Não, né? Ai, nossa, desculpa! Corta... (risos) Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem e no Vestibular. Já perguntei?

E4 - Já.

P - Desculpa, é que eu já perguntei tantas vezes...

P - Na sua escola, sua avaliação não é feita por nota, mas por conceitos, para isso você precisa comprovar ter desenvolvido algumas competências, no caso, falando da disciplina Língua Portuguesa, que é a que estou estudando por ser a minha disciplina, quero saber como

é que vocês aprendem na minha disciplina. Tem alguma ferramenta no portal a qual você sente que mais desenvolve a sua linguagem como meio de expressão, informação e comunicação? Tem alguma ferramenta na qual você fala “nessa ferramenta eu sinto que a minha linguagem se desenvolve melhor, que eu tenho que me expressar melhor e busco me expressar melhor”?

E4 – Expressar, de comunicação, assim, eu não vejo muito, mas acho que, por exemplo, quando a gente termina o roteiro, todos os professores geralmente pedem a opinião. Acho que é uma forma de se expressar, você coloca lá. Sem falar que todos os professores pedem, assim, uma opinião sincera do roteiro, então acho, assim, que expressão tem, mas de comunicação, assim, melhorar a minha linguagem eu não sei, acho que isso daí é mais, talvez assim por leitura. Você aprender mais, lendo mais, mas só dessa forma.

P – Então, já que a gente está falando de leitura. O que você me diria, por exemplo, a respeito de debate no blog? O que você me diria a respeito?

E4 – O debate no blog, eu achei, esse aí foi um tópico bem legal porque a nossa sala, assim, não sei, acho que lá eles se soltam mais, falam mesmo, aí eu achei que quando fez o debate do Carandiru foi um meio, assim, novo porque a gente nunca tinha feito isso no site. Foi bem legal!

P – Você acha que ali, de certa forma, foi uma oportunidade de desenvolver a sua linguagem? O que você achou? Ali foi, de repente pra você adquirir essa competência, para melhorar essa competência, foi um caminho ou não?

E4 – Não. Lá foi, porque lá você teve que defender sua opinião, às vezes teve que ser contra a do seu colega; às vezes, teve que concordar também. Acho que aí foi um meio de você se expressar e se comunicar.

P - E você se surpreendeu com alguma coisa que algum colega escreveu ou com a opinião do colega, que você falou: “Nossa, não pensava que Fulano pensava assim” ou, de certa forma, você acha que eles, alguns não foram eles mesmos e simplesmente responderam o que achavam que todo mundo ia concordar?

E4 - Não. Eu achei, assim, que todo mundo ia concordar, não que ia haver tanta discórdia, assim, tanta polêmica. Aí eu fiquei meio que surpreendida, né. Porque a maioria estava discordando lá, falando mesmo, aí eu... interessante. (Risos)

P – Tem alguma ferramenta no portal que te ajuda a compreender, investigar e desenvolver as suas ideias?

E4 – Ferramenta... eu acho que a ferramenta, essa ferramenta do debate, assim, precisa de um grupo, assim, então acho que se tiver um grupo interessado, qualquer ferramenta, assim, pode te ajudar a se expressar, a se comunicar melhor.

P – O que você acha, por exemplo, do roteiro de aprendizagem?

E4 – Roteiro de aprendizagem eu acho muito bom porque lá o professor realmente... ele coloca vídeo, ele coloca texto, ele coloca os sites para indicar, e lá ele realmente escreve o que ele quer que a gente faça, e ele não precisa estar presente. Ele pode responder às nossas perguntas, mesmo estando em casa, por e-mail e até mesmo pelo roteiro. Então lá, eu acho, aquela ferramenta muito boa.

P – Você sente prazer de entrar no roteiro e fazer as etapas? É prazeroso para você ou é cansativo? Você fala: “Nossa, que droga, vou ter que fazer isso aqui” ou você fala “Bom, vamos ver o que tem pra oferecer”. Como você se porta, por exemplo, diante do roteiro?

E4 - Então, o roteiro eu sempre vejo todas as etapas porque eu acho interessante; os vídeos, você, né, professora, coloca muitos vídeos lá, aí eu acho interessante você ler, não só aprender para fazer a nota, mas também por aprender para você, sabe, adquirir esse conhecimento, eu acho uma ferramenta muito boa.

P – Tem alguma ferramenta em que você é levada a analisar o contexto no qual você está inserida, refletir a respeito da sociedade, da história, da cultura e até propor alguma intervenção, dar alguma opinião a respeito?

E4 - Ah! Eu acho que nesse daí é o blog. Porque lá, depende do assunto que o professor colocar lá, acho que você não pensa sobre a sociedade, assim tipo do Carandiru. Achei que foi bem... achei que foi... você vê assim que, tipo, não tem, assim, só um lado né, por exemplo, tanto dos presos ou dos policiais, cada um tem sua opinião, então lá você vai refletir sobre a sociedade.

P – O que você acha da escrita colaborativa?

E4 – Escrita colaborativa... Ah! Não sei, ah. Eu não sou muito fã da escrita colaborativa.

P - Por quê?

E4 - Porque... Ah!

P – Por que não teve uma proposta que você se motivasse a escrever a respeito ou por que você não tem intimidade com a ferramenta ou não gosta que os outros depois leiam o seu texto?

E4 – É, eu acho que é isso. Eu não gosto que os outros analisem o meu texto. Eu acho que eu não fico um pouco com vergonha. Mas a ferramenta é boa porque eu leio o dos outros, assim, pra ter uma noção de como está o meu texto, mas é um pouco... Eu não gosto muito.

P – Mas no blog você põe sua opinião e os outros leem também. Qual é a diferença? Você sente diferença?

E4 – É que na escrita, assim, é a redação em si, né. O blog é um comentário, uma frase. A redação, assim, aí, eu fico meio angustiada, eu acho.

P – Preocupada com a estrutura do vocabulário, é isso?

E4 – Porque eu sempre vejo, assim, o dos outros e eu falo: Nossa, o outro texto está melhor que o meu, né. Aí, às vezes, é um incentivo assim pra mim, pra tentar melhorar, mas eu fico com vergonha.

P – Entendi!... Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação ao aluno que não tem o portal para estudar ou mesmo tendo o portal não faz uso dele?

E4 – Ah! Eu vejo porque o portal é um site seguro. Assim, se está lá é porque foi analisado o conteúdo e está tudo certo, enquanto, assim, na internet você vê assim... meio coisa... é... está bom, mas você não tem certeza se é aquilo mesmo porque cada um fala o que acha, aí lá não, você tem assim... se está lá é porque algum professor, tem vários professores nesse caso, né, analisaram, viram que era aquilo e postaram lá. Então, acho que é melhor, muito melhor.

P – A gente sabe que o portal tem problemas técnicos, às vezes, que fogem a nossa alçada, tanto de professor quanto de aluno, como usuário, alguns problemas técnicos acontecem e são inerentes a nossa vontade, deixando isso de lado, deixando a questão técnica, pensando na

questão de conteúdo, pensando na questão das ferramentas pro seu aprendizado, pensando no que você pode encontrar ali com intuito de aprender, que nota você daria, de zero a dez?

E4 - Eu daria nota oito, porque eu gosto bastante do site. Eu o utilizo bastante, mas tem ferramenta lá que eu não sei, eu não mexi muito então eu não posso dizer, aí eu acho que não são muitos professores que utilizam também, tem vários professores que utilizam, mas não todos, então acho que nota oito.

P – Se a gente for pensar no uso da disciplina Língua Portuguesa, eu fiz um trabalho com vocês tentando usar o máximo de ferramentas possível, lógico, sempre dentro da proposta da disciplina. Como você vê, por exemplo, ter feito a avaliação das obras que nós lemos no 2º ano, ter feito agora no 3º ano por meio dos exercícios online?

E4 – Então, eu achei uma boa ideia porque a gente já tinha feito as provas no ano passado dissertativas, tudo certinho, aí acho que não precisa fazer tudo de novo no 3º ano. Achei que o exercício online foi meio que para você relembrar e ter o resumo, você lê o resumo, lê o fichamento para tentar se lembrar. Acho que foi melhor.

P – Numa das verificações de leitura, nós fizemos em dupla, no roteiro algumas questões dissertativas, depois vocês fizeram individualmente as questões nos exercícios online. Como foi para você a experiência de fazer em dupla essas questões dissertativas?

E4 – Eu acho que em dupla ajudou porque é um livro assim que... eu já tinha lido, então por isso eu li o resumo. É claro que eu não ia lembrar de todos os detalhes, mas em dupla um leu e o outro lembra de uma parte específica, e outro lembra de outra, aí, acho que ajudou. Em dupla foi mais divertido também.

P – Tem alguma coisa que você queira falar, que eu não perguntei, que você acha que deveria acrescentaria respeito do portal ou a respeito do uso na disciplina Língua Portuguesa ou do seu aprendizado, alguma coisa que eu não perguntei, mas que você tinha em mente na hora em que você entrou aqui, você falou “isso eu não posso deixar de falar”?

E4 – Eu acho que não sei, assim. Eu acho que não tenho nada. Eu gosto, assim, do portal, eu utilizo ele. Então acho que... vai de cada um, né, depende se ele usa ou não, se ele tem interesse ou não. Mas eu acho o portal uma boa saída.

P – Está joia. Obrigada!

ENTREVISTA 5

P – Qual seu nome completo e idade?

E5 – Meu nome é JPN, 17 anos.

P – Qual a sua impressão geral sobre o portal, pontos positivos e negativos? Como você vê o portal?

E5 – Então, o portal é muito útil com relação ao conteúdo para o vestibular, essas coisas, os jogos são interessantes, só que um ponto negativo é na questão dos resumos de exatas serem muito pobres, assim, os de humanas são bem resumidos, mas os de exatas está complicado.

P – Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado por um professor, sem que tenha uma lição para você fazer?

E5 – Sinceramente, eu acesso todo dia, Prô, porque eu deixo aberto na aba do Chrome, então quando abre a internet, já abre, aí eu olho o que tem, tipo o desafio do mês, os jogos, essas coisas.

P – Então, assim que você entra no portal, em geral, em que lugar você vai, qual ferramenta? Você abre e diz “eu vou olhar...”, o quê?

E5 – O Simulador de Vestibulares eu uso bastante e o desafio do mês também, que eu gosto bastante.

P – E por que você pôs a página do portal com tanta facilidade de acesso no seu computador?

E5 – Então, porque eu já utilizo bastante, né, aí eu já deixo logado lá, já vejo o que tem de novidade e acho muito mais prático, já deixo salvo.

P – Qual a ferramenta do portal que você mais gosta?

E5 – Do Simulador de Vestibulares, inclusive, acho que podiam melhorar um pouco mais por causa das questões repetidas, eu acho muito útil a ferramenta porque eu respondo à quantidade de questões que eu quiser, né, e depois já aparece o resultado para mim, o que eu errei e o que acertei, eu posso ver, mudar, ainda... eles fornecem a alternativa correta, é bem útil!

P – Qual ferramenta do portal você acredita que mais contribui para o seu aprendizado, a ferramenta que você acessa e você percebe que você está aprendendo ao utilizá-la?

E5 – De novo o Simulador de Vestibulares porque é a que eu mais uso, e que recomendo para todo mundo.

P – Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem e nos Vestibulares?

E5 – Pode, inclusive, na primeira página tem aquelas notícias de diversas áreas e elas são curtas, mas elas incentivam a gente a pesquisar outras coisas. Eu acho bem interessante.

P – E você acessa? Sempre que você abre o portal você dá uma olhadinha nas notícias?

E5 – Sim, eu seleciono pelo menos uma para ler, de diversas áreas, inclusive. Ajuda na hora de fazer a redação também, com as atualidades e tudo, dá para aprofundar no assunto.

P – E a linguagem dessas notícias, você sente diferencia dos jornais, dos outros sites, é uma linguagem mais simples, mais acessível ou não? O que você observa em relação à linguagem?

E5 – Então, a linguagem é simples, assim, até digamos superficial, ela mais informa do que emite uma opinião, né, daí você vai pesquisar depois, acho que é só um incentivo mesmo para você saber o que está acontecendo, não é para formar a sua opinião a respeito.

P – E isso é bom ou ruim?

E5 – Ah! Isso é bom porque eu gosto de pesquisar a fundo e também se fosse uma notícia muito longa eu tenho certeza de que ninguém ia ler. (Risos)

P – Você tocou num ponto importante, a questão do tamanho do texto. Em relação às matérias, vamos focar Língua Portuguesa que é a disciplina que eu estou pesquisando. Em relação à Língua Portuguesa, alguns alunos disseram que a quantidade de informações lá, principalmente de literatura, é muito resumida. O que você acha? Você acha que de fato é muito resumido e isso tem um ponto positivo ou isso é um ponto negativo? Como você visualiza o conteúdo, principalmente de literatura, de língua portuguesa?

E5 – Então, eu vejo como um ponto positivo porque o que você pesquisa está lá, então você pega aquele conteúdo e se aprofunda em outros lugares, eu vejo o site como uma ferramenta que te mostra o que você tem que pesquisar e aí se você já sabe, refresca a sua memória, e se

você não sabe, acho que é sua obrigação ir lá e pesquisar, não ficar esperando o conteúdo completo no portal.

P – Na nossa escola, sua avaliação não é feita por nota, mas por conceitos, para isso você precisa comprovar ter desenvolvido as competências necessárias na disciplina. No caso de Língua Portuguesa, há alguma ferramenta a qual você sente que mais desenvolve a sua linguagem como meio de expressão, informação e comunicação?

E5 – A redação, né, porque redação, os temas, é muito útil, tem os vídeos, tem os textos motivadores e dá pra estudar tranquilo nos final de semana, né, essas coisas, ainda mais que você faça, né?!

P – Então depende um pouco do aluno, do interesse dele, né?

E5 – Sim, o interesse vai depender pra qualquer coisa. No caso, o portal é muito útil, é só ir lá e encontrar o que você está procurando, porque lá sempre tem.

P – O que você usa pra encontrar o que você está procurando? Que caminho você faz?

E5 – Então... eu vou nas disciplinas, aí, eu pesquiso pela área e sempre tem, quando não tem, eu joga no Google o que estou procurando e coloco “nome do portal” que vai aparecer. Pelo menos a pesquisa que eu fiz tinha.

P – Bom saber disso, eu não sabia, não sabia que o Google direcionava assim.

P – Há alguma ferramenta que te instiga a compreender, investigar, desenvolver suas ideias? Tem alguma ferramenta que, de certa forma, incentive a expor as suas ideias, investigar algum assunto e questionar?

E5 – Então, com relação ao site, a opinar, no site, tem aquelas enquetes do lado, que eu acho bem interessantes também, até se você não está ligado no assunto acaba estando, você fala: pô, é pauta de discussão isso aqui, por quê? Aí você vai pesquisar. Acho muito legal!

P – E por mediação do professor, pensando em Língua Portuguesa, tem alguma ferramenta que você sente que fato te motiva a compreender, investigar e desenvolver suas ideias, expor suas ideias, pensando em língua portuguesa?

E5 – Ah, sim. Tem o blog e o roteiro de aprendizagem que não deixam de ser ferramentas que te fazem interagir, né, de um jeito ou de outro, principalmente o blog, que eu acho muito legal.

P – O que você acha legal no blog? Tem alguma atividade, alguma coisa que nós fizemos e aí, ao longo do ano, que você sentiu, no blog por exemplo, que realmente foi interessante, que você se desenvolveu mais na questão da comunicação, da linguagem, exposição de ideias?

E5 – Sim, aquela questão do Carandiru, no começo do ano, que eu realmente nunca tinha parado pra pensar nisso assim. Eu vi na Tv, na mídia, com relação aos presos, na questão do Carandiru, e como o Blog e com o “Prisioneiro da Grade de Ferro”, eu passei a ver com outros olhos, assim, que aquelas pessoas estavam a margem da sociedade, elas não têm muito, por mais que estejam erradas, a mídia sempre vai passar uma outra linguagem, outro tipo de texto para te persuadir, assim, e o blog me fez mudar de opinião.

P – E em relação a exposição de suas ideias e dos seus colegas no blog, tem também a escrita colaborativa, como você visualiza essas ferramentas nesse sentido?

E5 – Então, aí é interessante porque a gente acaba interagindo com o resto da sala, com a questão de ideias, né, porque aqui a gente só diz “oi” e “tchau”, não conversa muito e por meio dessa ferramenta você começa a entender como o outro pensa, a respeitar, pelo menos no meu caso, ou não, né, porque tirando algumas brigas ou algumas coisas assim, é interessante, você conhece a pessoa de verdade, não tem nada mais profundo do que as ideias delas expostas.

P – E se o debate tivesse sido proposto na sala de aula? Você acha que teria o mesmo resultado, você teria o mesmo desempenho?

E5 – Não, porque no caso a gente tinha a opção de debater com o que o outro dizia, qualquer um, a opinião do outro. E na sala sempre tem, tipo, algumas pessoas que falam e a maioria é tímida, se retrai. Acho que a internet ajuda as pessoas a se soltarem mais. Foi mais produtivo do que seria na sala.

P – E a obrigação de falar? Porque, para que vocês tivessem um aproveitamento, todos tinham que falar primeiro a sua opinião e depois rebater a do outro. Foi ruim ser obrigada ou você acha que foi positivo?

E5 – Então, eu não gostei da questão ser obrigado, porque essa atitude tem que ser espontânea, sabe, mas eu entendo a obrigação porque se fosse espontâneo muito gente não ia fazer e não ia ter rendido o que rendeu, o debate, então foi válido.

P – Tem alguma ferramenta que você acredita que vai te auxiliar a analisar o contexto no qual você está inserida, a sociedade, as instituições? Tem alguma ferramenta que você sente que a sua opinião é valorizada?

E5 – A minha opinião valorizada?... Ah, eu acho com relação às enquetes mesmo porque eles perguntam o que a gente pensa a respeito. Está certo que deveria ter mais opções, assim, recomendo, e mais enquetes porque realmente é bem útil essa ferramenta que... Ah! E o baú de ideias também que a gente vê não só o conteúdo da nossa escola como também o das outras. É bem interessante.

P – Nós fizemos algumas avaliações, e principalmente de livros do 2º ano, agora no 3º ano, nós fizemos avaliação nos exercícios online. O que você achou de ter feito essas avaliações de obras já lidas nos exercícios online?

E5 – Ah! Foi mais prático porque nós já tínhamos feito a prova anterior na sala e além de diminuir o tempo, a gente se concentrou mais porque tinha um cronômetro lá e as perguntas são as mesmas da prova no papel, então, deixou mais prático, não alterou em nada o conteúdo.

P – E o que você achou de ter feito uma avaliação uma parte dissertativa, em dupla no roteiro, e depois uma parte objetiva individual, nos exercícios online?

E5 – Com relação a isso, acho que deveria ser individual, tanto a prova dissertativa quanto a em dupla, mas como por causa da praticidade do tempo e, pelo menos na teoria, se todo mundo leu o livro, problema nenhum.

P – Por que você acha que deveria ser individual? Você não gostou da experiência de conversar com o outro?

E5 – Não. É pessoal mesmo. Não gosto muito de trabalhar em grupo, prefiro trabalhar individualmente, acho que na hora do vestibular vai ser, tipo, eu, e não vou poder conversar com ninguém. É mais um treino mesmo, pra concentração, pra tempo, essas coisas...

P – Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação a quem não tem o recurso do portal para estudar ou tendo o recurso não o utiliza?

E5 – Com certeza, porque eles instigam a gente a procurar o conhecimento enquanto as pessoas que não têm ou têm e não utilizam, não fazem isso, então, por exemplo, sempre que eu abro a página, está lá, então eu me instigo a procurar ou no final de semana também eu faço os simulados, estudo. É muito prático! E essas pessoas ficam vegetando, então estudam, mas não têm um foco assim e o portal te dá um foco, te mostra o que está acontecendo, é só você se aprofundar.

P – Ignorando a parte de problemas técnicos, que foge completamente ao professor e ao aluno, considerando a parte do conteúdo, do aprendizado, de conhecimento, que nota você daria ao portal, de 0 a 10, com muita sinceridade e justificando?

E5 – Daria 8, porque o portal tem conteúdos bons, tem ferramentas boas, mas com relação às questões repetidas no Simulador de Vestibulares e as enquetes também, que são muito curtas, e também mais desafios do mês.

P – Está chegando o de Literatura agora em novembro.

E5 – Ai, que bom! Faltava um de literatura mesmo.

P – Agora não falta mais!

P – Uma última pergunta: quando eu convidei você para participar da pesquisa, e quando você entrou aqui na sala, sabendo que ia ser entrevistada, tinha alguma coisa em mente que você falou: “Ah, isso eu preciso falar a respeito do portal”. Você já tinha em mente, assim, alguma observação que você falou: “Ah, isso eu preciso falar!” Tem alguma?

E5 – Então, você me deu a oportunidade de falar, né, que é com relação aos conteúdos de exatas que tem só teoria e são muito pobres, os de humanas são bons e com relação a essas questões repetidas, mesmo, que é muita decepção você olhar a questão... olha, “eu já fiz isso”... Só isso.

P – Obrigada.

ENTREVISTA 6

P – Nome completo e idade?

E6 – ACRG, 17 anos.

P – Qual a sua impressão geral a respeito do portal, pontos negativos e positivos?

E6 – É bom porque acho que é um complemento para o que a gente vê na sala de aula, mas não dá para se basear só naquilo, porque tem umas coisas que são muito resumidas, muito vago, e a parte que é mais aprofundada é muito pouca, é mais para dar um complemento mesmo.

P – E você acha que o fato de ser resumido é prejudicial? Se fosse uma página bem extensa, você acha que o aluno ia se interessar mais?

E6 – Depende do objetivo. Se o aluno quer realmente aprender o conteúdo, tipo a fundo, para fazer uma prova vestibular, é melhor, quanto mais informação melhor, mas agora se é só uma revisão, uma coisa que ele já aprendeu com o professor, já aprendeu na sala de aula, não tem problema ser resumido.

P – Por que você visualiza o objetivo do portal como...

E6 – Um apoio só, um apoio mesmo, um complemento, porque não dá pra depender só daquilo.

P – A proposta seria pensar na complementação da aula do professor, não substituir. Dentro dessa proposta, você acha que ele atende ou mesmo assim é muito vago, muito resumidos os conteúdos das disciplinas?

E6 - Ah! Dentro dessa proposta, atende tranquilo.

P – E quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado pelo professor? Sem que tenha uma atividade?

E6 – Poucas. Umas duas ou três vezes por semana.

P – Na semana?

E6 – É, na semana. Umas duas ou três vezes no máximo. Mas, assim só coisa que tem dúvida, que ficou vago na sala de aula.

P – Por que você acessa? É bastante... se você for considerar, é bastante!

E6 – É mais por curiosidade, às vezes porque eu não entendi o que o professor disse, então não só no portal, mas em qualquer site, em geral, no portal porque é mais fácil a linguagem, assim, mas é curiosidade, coisa que eu não entendi.

P – Qual a ferramenta do portal que você mais gosta? Assim que você entra na sua casa no portal, a primeira ferramenta que você procura?

E6 – A do Simulador de Vestibular, que é a melhor. Acho que no 3º ano, interesse, assim, essas coisas.

P – Por quê?

E6 – Ai, Prô, porque acho que, assim, tem as questões, as coisas ficam mais fáceis de achar pra gente, porque você coloca assim “vestibular” na internet aparece tanta coisa, você começa a surtar, então no portal é bem organizado, está fácil de entender... está tranquilo.

P – Qual ferramenta do portal você acredita que mais contribui para o seu aprendizado que, sendo desenvolvida pelo professor ou por você mesma, ali você sente que você aprende mais, quando você está usando aquela ferramenta?

E6 – Exercícios on-line porque eu vejo tudo o que eu não consegui aprender ou que eu consegui.

P – Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem e nos Vestibulares?

E6 – Sim, porque principalmente essa parte de relembrar coisa do 1º e 2º ano, coisa que a gente não lembra mais. Então tem tudo lá no portal, fica bem mais fácil.

P – Na nossa escola, sua avaliação não é feita por nota, mas por conceitos, para isso você precisa comprovar ter desenvolvido as competências necessárias na disciplina. Há alguma ferramenta a qual você sente que mais desenvolve a sua linguagem como meio de expressão, informação e comunicação?

E6 – Ah! Eu acho que são as ferramentas que a gente usa mesmo, da escrita colaborativa, o roteiro que a gente, tipo, pega aquele conteúdo para desenvolver, assim, cada aluno desenvolvendo.

P – Tem alguma ferramenta que te instiga a compreender, investigar, desenvolver suas ideias, ir um pouquinho além do que você viu na sala de aula?

E6 – Acho que não. Acho que vou mais pelo que eu vi na sala de aula mesmo.

P – Então fala um pouquinho pra mim a respeito do blog?

E6 – O blog é um dos melhores que tem, também principalmente a questão do debate, ter que interagir assim é muito bom, eu adorei o blog porque você coloca o seu ponto de vista, logo já tem outro aluno comentando, foi a melhor que teve.

P – Você acha que o debate no blog tem o mesmo efeito do debate na sala de aula?

E6 – Não. Na sala de aula a gente fica um pouco mais envergonhado de falar algumas coisas, agora no blog, como a gente está lá só digitando no computador, a gente fala tudo o que tem que falar, sem medo, sem olhar na cara da pessoa, parece que é mais fácil.

P – E o resultado final é tão bom quanto? Dá pra fechar uma discussão satisfatoriamente?

E6 – Ah! No blog dá. Acho que fica até melhor porque a gente fala sem medo, cada um conclui o que gostou lá e pronto.

P – Tem alguma ferramenta em que você é levado a analisar o contexto no qual está inserido (sociedade, história, manifestações culturais, o papel das instituições etc.) e até propor intervenções, dar opiniões a respeito?

E6 - Ai, Prô, não sei se é exatamente uma ferramenta, mas é aquela parte da informação contextualizada que aparece assim embaixo. Notícias, coisa atual, e eles relacionam com as disciplinas que a gente tem aqui na escola, que tem temas bem legais, uns textos bem legais que eles colocam.

P – E o roteiro de aprendizagem? O que você acha?

E6 – Então, o roteiro de aprendizagem, se for uma coisa que o aluno já tem uma base, uma noção, mas se for uma coisa que o professor coloca tudo e quer que a gente aprenda sozinho, não dá. A gente já teve uns casos assim, não dá. Não sai, porque você lê, você assiste aos vídeos e você não entende nada. Agora, se a gente já tem uma ideia de como funciona, é tranquilo.

P – Vamos pensar nesse roteiro mais recente, que eu coloquei para vocês, que é literatura africana, até a aula de hoje eu não tinha falado nada a respeito, erra possível entender alguma coisa?

E6 – Era, pelos links que tinha que eram muito bons e os textos que você mesma colocou ficou bom aquele.

P – Você acha que depende um pouco do professor nessa questão do roteiro?

E6 – Depende. Tem professor que coloca assim no roteiro o que ele quer, mas assim você não sabe como você tem que fazer, ele coloca o que ele quer, então tem que deixar bem explicado como ele quer que você faça o trabalho, o objetivo, essas coisas.

E6 – Você sente prazer em fazer um roteiro, por exemplo, ou é uma coisa chata? Quando você tem que acessar um link você fala “Nossa, mais um link, ai que chato!”?

E6 – Depende da matéria, depende do roteiro também, de como ele está, da qualidade que o professor fez o roteiro, aí fica legal de fazer, mas quando é aquela coisa, assim, monótona, que você não se interessa pela matéria, aí não, eu não gosto.

P – Este de literatura africana, teve alguma coisa que você falou: “não, realmente foi bom nesse roteiro” ou teve alguma coisa em que você falou “não, foi ruim, não gostei”?

E6 – O de literatura africana adorei, principalmente aquele *ted talk* que tem daquela... eu já tinha assistido aquela escritora, adoro aquilo, eu choro, eu fico boba e o link também para baixar os livros, eu até dei uma olhadinha e a escolha, assim, do autor. Eu já comecei a ler o livro dele, porque, assim, fiquei muito interessada. Então, principalmente, mas principalmente aquele vídeo daquela escritora.

P – Você acha que se eu tivesse falado tudo na sala de aula e passado o link teria o mesmo efeito?

E6 - Não. Porque em casa a gente está mais tranquilo, assim, pega um tempo para fazer só aquilo, agora, na sala de aula você está meio que por obrigação, sabe? Ah! Tem que vir pra aula, tem que ouvir a professora falar, mas se você pega na sua casa e entra é porque você quer mesmo, então acho que o rendimento, assim, você aprende mais.

P – Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação a quem não tem o recurso do portal para estudar ou tendo o recurso não o utiliza? Por quê?

E6 – Sim, eu tenho até amigos que estudam na escola do estado, que eles querem entrar com o meu login para pesquisar porque é um apoio a mais pra gente. Porque às vezes só ficar com aquilo que o professor diz, nem sempre fixa na nossa cabeça, a gente nem entende algumas coisas, então é uma vantagem, principalmente vestibular, essas coisas, é uma vantagem.

P – Nós fizemos algumas avaliações nos exercícios online de obras que nós já tínhamos lido no 2º ano, como você avalia esse procedimento?

E6 – Acho que é bom sim, numa obra que a gente já leu, que a gente já fez a prova na sala de aula, mas no livro, a primeira prova que a gente faz, acho que não fica tão bom, porque no portal parece que, principalmente nessa parte de exercícios online, de prova, parece que a gente leva menos a sério do que uma prova na sala de aula, então por ser um livro que a gente já fez prova, já falou, então é mais tranquilo, fácil até, mas se é um livro que a gente leu agora e semana que vem vou fazer uma prova no portal fica meio, não sei, parece que não dá para abordar direito o livro.

P – Mas considerando que tenha sido os livros do 2º ano, foi um cuidado que eu tive. Como você avalia, dá pra lembrar a obra, dá pra você ter uma ideia ou assim mesmo seria melhor ter sido uma dissertativa na sala de aula?

E6 – Não. Acho que por ser um livro que a gente já leu no 2º ano é melhor até no portal, porque não fica tanta pressão na gente, mas do 3º ano, acho melhor assim, do 2º é melhor até.

P – De 0 a 10, dê uma pontuação pro portal, deixando de lado sempre a parte técnica porque aí não é culpa nem do professor, nem do aluno, os problemas técnicos acontecem, considerando, assim, os conteúdos, as ferramentas, o uso que a gente tem feito, assim, de língua portuguesa, o aprendizado que você tem tido e se for comparar inclusive em outras disciplinas que não usam o portal, dá uma nota de 0 a 10 pro procedimento que a gente tem adotado.

E6 - É, eu acho que seria 6. Algumas coisas que faltam conteúdo, algumas coisas, outra até está muito bom. Mas às vezes o professor não usa, não tem interesse, não quer usar, mas tem coisa que está muito boa no portal. O jeito que os professores usam também é muito bom, mas eu acho que faltam algumas coisas.

P – Então fala só de Língua Portuguesa, não precisa dar 10 não, não vou dar nota, mas não é pra mim, eu nunca encaro comigo, eu encaro o trabalho com a disciplina usando o portal e pensando no que você aprendeu em toda a prática que a gente fez, nos vídeos que foram colocados, no uso da ferramenta, como você avalia de 0 a 10 e por quê?

E6 - Ah! Eu acho que só de língua portuguesa eu daria um 8 porque tem uns pontos assim que às vezes é legal aprofundar mais e não dá porque a gente viu aquilo por cima, mas no geral dá pra aprender bastante coisa, dá para usar a ferramenta tranquilo, os exercícios online, tranquilo, mas acho que tem algumas coisas que deveria ter aprofundado mais em alguns pontos. Então, os autores, Prô, que a gente fez, cada grupo pegou um, aí a gente vai só falar assim por cima, acho que se a gente pudesse olhar o jornal do outro grupo para ver acho que seria mais legal.

P – Nós vamos fazer isso.

E6 – Mas não é só na sala?

P – É, nós vamos fazer na sala de aula, depois ele vai estar expondo, vou publicar pra todos, a hora que ele estiver pronto aí todos vão ver o jornal um do outro.

E6 – Então aí eu acho que fica melhor pra gente poder aprofundar no que não só o nosso grupo está fazendo, que acho que desmerecendo o roteiro em grupo, parece que eu só estou vendo o meu autor, eu não pesquisei de mais ninguém, eu não quero saber de mais ninguém, eu quero saber do meu. Então acho que se tivesse um pouquinho assim de um ou de outro ia ficar legal.

P – É que a ideia é não influenciar, sabe, você tem o seu, fazer o melhor do seu sem olhar o do outro.

E6 - Eu sempre fico com curiosidade de saber o do outro também pra ver se o meu está bom, se o meu autor é melhor que o dele, eu fico com curiosidade.

P – Você vai saber disso dia 21.

P – Tem alguma coisa que na hora que eu te chamei para fazer a pesquisa, que você entrou aqui você disse assim: “Olha, eu não posso esquecer de falar isso a respeito do portal, isso, pra mim, eu preciso falar, isso é marcante, eu preciso falar a respeito disso”?

E6 – Acho que não, Prô. Acho que não tem nada, assim, que seja muito marcante, muito importante no portal. Eu encaro o portal, assim, como uma coisa secundária. Acho que não completa o que a gente, assim... ele completa, mas não troca o que a gente tem aqui na escola, tipo, vir à aula, ver o professor, mas não é assim nada tão marcante, é um apoio.

P – Mas a intenção dele é ser um apoio, é um complemento, um algo mais na aula do professor, nunca substituir o professor nessa função. Ele tem cumprido o seu objetivo ou ainda está longe disso?

E6 – Sim, nessa função sim, principalmente nas matérias de humanas, as exatas às vezes ficam meio vazias. Mas as de Humanas completa bem.

P – Obrigada.

ENTREVISTA 7

P - Nome completo e idade?

E7 - ADM, 17 anos.

P - Qual é a sua impressão a respeito do portal, positiva ou negativa?

E7 – Eu acho que depende muito do professor que está fazendo uso. Tem professor que trabalha muito bem com ele, tem professor que não usa de uma forma que eu acho que possibilita que a gente aprenda. Na parte de português e literatura, por mais que seja resumido, ele é bom, dá pra fazer uma pesquisa rápida e saber que estão certas as informações que estão ali. Eu gosto dessa parte.

P – Pensando na parte de ser resumido, você acha que isso é ruim? Pode ser prejudicial? Se tivesse mais coisa, fosse mais longo o conteúdo, o aluno se interessaria mais, aprenderia mais?

E7 – Eu acho que não, porque quando uma coisa é muito longa, a gente tende a não ler tudo. Mas acho que depende, se tentar aprender só com aquilo, ignorando a explicação do professor, não é bom; mas por ser resumido, acho que é bom porque é mais rápida a procura, dá pra revisar a matéria.

P – Se a gente for considerar que o objetivo do portal é complementar e não substituir a aula do professor, você acha que ele dá conta do que se propõe ou ainda deixa a desejar?

E7 – Eu acho que sim, mas depende muito se você quiser fazer uma pesquisa bem detalhada, mas se você quiser revisar a matéria ou pegar alguma parte que você não pegou durante a aula, é bom.

P - Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado pela professora?

E7 – Depende de quanto eu preciso da matéria, se eu estiver pesquisando alguma coisa que eu não achei na internet ou que estou em dúvida, eu realmente, é verdade, aí eu acesso.

P – Tem vezes que você acessa o portal sem ter nenhum compromisso, por buscar o conhecimento exatamente?

E7 – Não.

P – E quando você acessa o portal, qual a primeira ferramenta que você vai, independente do professor ter colocado a matéria? Tem alguma ferramenta em que você diz: “Ah! Vou entrar nessa ferramenta.”?

E7 – Eu gosto de ler aqueles textos que tem, tipo, informações, por exemplo, descobertas que fizeram de ciências, essas coisas.

P – Sei, as reportagens que eles colocam atualizadas?

E7 – Isso, reportagens... eu gosto.

P – Por que você gosta?

E7 – Atualidade, eu gosto de ler. Eu acho bem interessante essa parte das coisas novas que estão saindo, principalmente da parte de ciências, descobertas, eu gosto da parte de história.

P – Qual a ferramenta que você mais gosta?

E7 – É o blog, eu gostei bastante quando a gente trabalhou com o blog, porque acho que é importante, possibilita o debate, também cria um diálogo do professor com o aluno e do professor, fica bem claro.

P – Você acha que o debate que foi feito no blog na sala de aula teria o mesmo efeito?

E7 – Não, porque na sala de aula fica aquela questão do meu amiguinho não vai gostar do que eu vou dizer, vai criar aquela confusão, todo mundo vai ficar falando ao mesmo tempo, todo mundo vai falar junto, ninguém vai entender nada; e no blog você pode escrever e ver onde você errou e você lê o que o outro escreveu e vê também onde ele errou e você pode ler e reler várias vezes, até você chegar a uma interpretação.

P – Você não se incomodou dos outros lerem a sua opinião?

E7 – Não, porque eu acho que por mais que as pessoas venham a discordar da minha opinião, por mais que ela pareça boba, na vida tem que opinar sobre as coisas, sempre as pessoas estão sempre julgando. Eu não me importo.

P – Tirando o fato de gostar, qual a ferramenta do portal que você acha que mais contribui para o seu aprendizado?

E7 – A parte do texto, principalmente, a parte da redação que você pode escrever, a parte do blog porque engloba tudo, um pouco de tudo, pra escrever uma coisa você tem que pegar tudo que você conhece, assim, no geral, pra julgar.

P – Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem e nos Vestibulares?

E7 – Acho. Eu acho legal essa parte porque tem as questões dos vestibulares que você pode pesquisar rápido e tem os exercícios online que o professor coloca exercícios de vestibular, tem a redação que outra pessoa corrige pra você e é imparcial porque na sala você conhece a gente, outros professores também conhecem os alunos, e você vai ser mais generosa, não vão ser imparciais. No portal, não.

P – Que você achou de fazer as avaliações das obras lidas por nós no 2º ano fazer no 3º ano nos exercícios online?

E7 – Eu gosto um pouco, o fato de ter um tempo, assim, me incomoda um pouco porque me dá aquele desespero de responder rápido, mas no vestibular você também vai responder rápido, então eu gosto, mas se fosse pra verificar a leitura do aluno não porque provavelmente tem gente que vai procurar na internet, eu acho isso um pouco injusto, mas se for pra treinar, pra ver como fica no vestibular mesmo, essas coisas, eu gostei.

P – E da forma como a gente fez, não deixando vocês fazerem em casa, mas fazendo no laboratório, você acha que foi válido ou mesmo assim era melhor ter feito na sala de aula, uma prova dissertativa, como foi feito no 2º ano?

E7 – Eu prefiro fazer no portal porque tem as questões que já são de vestibular, que são textos, e aí dá pra assimilar os conhecimentos e também prefiro na escola, porque em casa tem problema com a internet e tudo mais.

P - Na nossa escola, sua avaliação não é feita por nota, mas por conceitos, para isso você precisa comprovar ter desenvolvido as competências necessárias na disciplina. Há alguma ferramenta a qual você sente que mais desenvolve a sua linguagem como meio de expressão, informação e comunicação?

E7 – O blog de novo, por causa do debate, por causa da escrita também, tem os textos que o professor posta, eu também gostei, eu acho que o roteiro de aprendizagem eu consegui o que era pra ser feito e tinha uns vídeos que completam e te dá uma visão mais ampla do que acontece no Carandiru, por exemplo, tinha vídeo lá, da pra ver mais ou menos a realidade daquelas pessoas.

P – Esse roteiro que nós estamos fazendo sobre a África, eu não tinha explicado nada a respeito do assunto, estava só o roteiro lá, o que você achou do conteúdo, de antes mesmo da explicação do professor ter um conteúdo lá? Foi difícil, foi fácil?

E7 – Eu gostei, porque eu sabia bem pouco sobre a África, na verdade tinha aquele estereótipo de África, era assim, e eu comecei a clicar nos links e eu comecei a procurar mais, eu gostei.

P – Foi então mais válido do que o professor ter explicado antes ou era melhor ter explicado antes e depois ter sugerido o roteiro?

E7 – Se ela explicasse antes ia ficar mais claro, mas da forma que ela começou no site ficou bem claro, deu pra entender direitinho o que era pra ser feito, acho que ficou bom.

P – E os vídeos colocados no roteiro e mesmo muitas vezes sugeridos no blog, que você achou dos vídeos?

E7 – A parte de língua portuguesa que focamos, ah, eu gostei porque quebrou aquela visão que eu tinha da África, eu gostei também da música que tinha lá porque deu uma ilustrada, os vídeos do Carandiru também eu assisti e gostei bastante.

P – Você acha que depende um pouco do professor o portal? Você acha que a forma como vocês alunos veem o portal depende do uso que os professores fazem ou o portal por si ele já se resume, já da pra você avaliar só pelo que tem lá?

E7 – A parte exata do portal eu acho muito fraca, eu não gostei da parte de exatas e dependendo também do professor muda muito. Tem professor que deixa as coisas bem claras, você tem que fazer isso e é assim que faz e tem professor que simplesmente coloca lá e você tem que descobrir o que tem que fazer, então eu acho que varia muito de professor e da matéria também.

P – Tem alguma ferramenta que te instiga a compreender, investigar, desenvolver suas ideias?

E7 – A escrita colaborativa porque como é um texto, porque é um texto motivador, mas você não vai ficar preso só no texto motivador sendo que você tem a internet pra pesquisar, então você acaba sempre pesquisando um pouco mais pro assunto que você tem que pra escrever e você tenta escrever o mais certo possível porque você sabe que mais pessoas vão ler aquilo e vão falar: “Nossa! Ela não sabe escrever.”

P – Isso é bom ou ruim?

E7 – Isso é bom porque quando você escreve só pro professor olhar, mas é só ele que vai olhar, e você também não pode pesquisar em nenhum outro lugar, vai ser o que você sabe, o que acaba ficando um pouco fraco, agora, na internet, você acaba pesquisando, você acaba aprendendo, sabe aquilo e até sobre outras matérias e você tem que escrever o mais certo possível, porque exatamente pra não ter aquela coisa do amiguinho vir e falar...

P – Tem alguma ferramenta em que você é levado a analisar o contexto no qual está inserido (sociedade, história, manifestações culturais, o papel das instituições etc.) e até propor intervenções, dar opiniões a respeito?

E7 – Eu não sei se conta como uma ferramenta, mas sempre tem uma enquete embaixo que pede sua opinião sobre aquele assunto. Eu não respondo ela, mas eu fico pensando a respeito, se contar é a enquete que fica embaixo, no cantinho.

P – Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação a quem não tem o recurso do portal para estudar ou tendo o recurso não o utiliza?

E7 – Sempre tem. É muito diferente uma pessoa que vai fazer seu texto sempre naquele site, mas como na internet que todo mundo pode modificar e do que tem o portal pra ler e também o portal tem várias ferramentas que você pode usar e que eu acho que é importante. É legal usar, principalmente a parte de português, você pode escrever, sabe que tem a ferramenta de redação pra outra pessoa corrigir, as questões do vestibular que é mais fácil fazer o simulado on-line. Acho que sim!

P – Deixando os problemas técnicos de lado, que não competem nem ao professor nem ao aluno, deixando isso tudo de lado e considerando a disciplina língua portuguesa, o uso que você tem feito dela e o conteúdo que tem no portal mesmo, que nota você daria de 0 a 10?

E7 – Oito, porque os exercícios online, a gente, se pedir pro professor eu sei que a gente vai corrigir com ele a avaliação, o site não te dá a correção e não te mostra onde você errou e eu acho isso importante, e eu acho que talvez em alguns detalhes dos textos deveriam ter alguns detalhas mais, coisas do tipo, mas tirando isso é um bom conteúdo, é resumido e dá pra pesquisar. Eu cheguei a usar pra fazer o resumo daqueles textos literários da escola no começo do ano, eu achei bom, eu gostei bastante, foi prático, bem resumido e correto.

P – E quando eu chamei você para fazer a pesquisa, quando eu te convidei, que eu falei que era sobre o portal e tal, e quando você entrou aqui na sala para responder à entrevista, tinha algo em mente que você pensava “eu tenho que dizer isso a respeito do portal”?

E7 – Não fiquei pensando o que eu realmente pensava sobre o portal porque tem dia que eu fico irritada com o portal porque tem professor que não faz um bom uso, deixa muito confuso e isso irrita bastante e tem também os erros técnicos, mas eu também fiquei pensando nas vantagens que tinha e porque era bom.

P – Você acha que tem mais vantagem ou desvantagens?

E7 – Se não for considerar os problemas técnicos tem vantagens, agora, quanto aos problemas técnicos é um pouco ruim porque trava, fecha, da correção errada, não tem a correção, como eu falei, às vezes a gente não consegue acessar direito e por isso é ruim, deixa estressada.

P- Obrigada.

ENTREVISTA 8

P - Nome completo e idade?

E8 – FPG, tenho 17 anos.

P – Qual a sua impressão a respeito do portal, pontos positivos e negativos?

E8 – Eu acho que o portal é bastante útil até porque você acaba se limitando só com a escola, então você tem uma ferramenta fora dela que você possa acessar em qualquer lugar, eu acho que é bastante útil, claro que não é perfeito, mas eu acho que em geral, com uma iniciativa, eu acho que é uma coisa que está caminhando bem e que só tem a acrescentar ao aluno, para ser sincero.

P – Teria o mesmo efeito se você pesquisasse no Google ou em outro site?

E8 – Em termos de aprendizado, tem, às vezes, por exemplo, no meu caso, pessoalmente, eu às vezes fico confuso com alguns textos quando eu vou procurar as matérias pela primeira vez. Agora, eu não tenho problemas quando eu vou querer adquirir mais informações de alguma matéria que eu já tenha mais conhecimento. Agora, várias, algumas matérias que eu precisava ver pela primeira vez, eu tive certa dificuldade, às vezes eu tive até que recorrer a fontes externas, por, às vezes, não sei como é o processo de seleção de criação de matérias, enfim, mas às vezes eu tenho a impressão de que fica resumido demais, eu acho que fica meio confuso de entender pela primeira vez, quando você bate o olho para ver e um ponto que pode ser melhorado. Não sei qual o procedimento que faz, mas falando como aluno eu tenho essa pequena dificuldade, mas nada que atrapalhe na hora de utilizá-lo.

P – A gente pensa que o portal, se a proposta do portal é que ele seja um complemento para a aula do professor e não que você vai ver o conteúdo pela primeira vez, ele, na verdade, vai ser um extra da aula do professor. Considerando essa proposta de não ser, não substituir o professor, mas de complementar o conteúdo que você já tenha visto na sala de aula, você acha que o portal atende ou ainda não chega a atender essa proposta?

E8 – Não, essa função ele cumpre bem, com você tendo acesso a isso, você tendo o auxílio do professor ele cumpre bem a sua função, só na hora que, por exemplo, você tem a curiosidade de aprender outra matéria que realmente fica confuso na hora, mas com o auxílio do professor

e com todo apoio que a escola dá fica bem mais fácil e você consegue compreender perfeitamente a função do portal e o que ele propõe.

P – Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado pelo professor, sem que tenha uma lição lá para você fazer?

E8 – Seria... eu não calculo exato o número, mas eu digo que não é nem frequente nem raramente, eu posso dizer que ocasionalmente eu utilizo, vamos dizer que uma vez por semana, mais ou menos, a cada mês, mas ultimamente tenho utilizado bastante, principalmente a ferramenta de simulação de perguntas do Enem, até porque tem que se preparar já, porque falta já duas semanas, então esse mês, ainda mais no começo desse mês, eu pretendo continuar usando porque é uma ferramenta bastante útil.

P – É... então você acessa quando o professor não pede, por quê?

E8 – É o que eu falei, você consegue melhorar o que o professor explica, por exemplo, não entendi muito bem a proposta do que foi passado por um “X” professor em tal matéria, então eu utilizo do portal para tentar aprimorar um pouco mais, para tentar buscar um pouco mais de esclarecimento sobre a matéria, então essa é uma das funções que eu acho que é bastante útil porque você tem um complemento a mais e você tem uma segurança maior na hora de fazer provas, responder questões, eu adquirir mais conhecimento sobre tal matéria.

P – Quando você entra no portal, assim que você entra espontaneamente no portal, qual é a ferramenta em que você vai direto, que você olha primeiro?

E8 – Sendo espontaneamente, seria basicamente, eu utilizo os textos, né, por exemplo, criação de editor de jornal etc... eu não utilizo tanto, eu utilizo mais quando me é solicitado, mas eu foco mais em textos, eu foco mais nos exemplos, eu foco mais na galeria de exercícios que é bastante útil, o que tem pra você é a base do seu conhecimento, é como você testa realmente.

P – Quando você fala em textos, você fala no conteúdo das disciplinas?

E8 – Exatamente. Nos menus, né, acessando.

P – Você percebe que no portal tem um conteúdo de atualidades que ele põe como frequência, você acessa esses textos?

E8 – Por acessar, por clicar na matéria e ler a matéria eu não costumo fazer isso, frequentemente, mas eu presto atenção por exemplo como aparece na copa na home page do

site e que às vezes eu até paro para refletir. Eu não lembro qual era agora, mas teve um assunto que realmente me interessou, que me falhe a memória agora, que eu até fui pesquisar mais a fundo sobre isso, eu não vou conseguir lembrar agora... mas foi bastante útil na hora e até bom que apareça que daí desperta o interesse em certos acontecimentos, em certas atualidades e pode ser bastante útil no futuro.

P – É, deixando o fato de gostar em si, qual a ferramenta que você acha que de fato contribui para o seu aprendizado, você acha que você aprende mais quando você a utiliza?

E8 – Com tantas ferramentas, às vezes, é difícil escolher a mais útil e que mais auxilia, mas como eu falei, a galeria de exercícios é onde você realmente testa, então eu escolheria este porque você tem a possibilidade de acertar, você tem como testar o seu conhecimento, você tem especificados cada exercício, então é mesmo quando você erra, mostra o seu resultado no final, quando você conclui mostra o porque que eu achei interessante é porque da sua resposta está errada sem dar a resposta certa, então eu acho que auxilia muito na hora de você aprender, explica o porque você errou, mas mesmo assim estimula a continuar estudando e procurando, buscando a resposta certa.

P – Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para melhor desempenho seu no Enem e no vestibular?

E8 – Sem dúvida nenhuma, ainda mais com todas as ferramentas, como eu falei, a simulação de provas do Enem, da simulação de prova de outros vestibulares, eu acho que é um fator fundamental não só na área de teste, mas você se preparar como é até simular como é ambiente você tem o nível das provas, você tem a quantidade de questões, até mesmo na hora de você procurar um assunto que você não sabe então eu acho que é bastante útil e deve ser seguido na hora de você se preparar.

P – Na nossa escola sua avaliação não é feita por nota, você é avaliado por conceito, para isso você precisa comprovar ter adquirido algumas competências na disciplina. Nós vamos pensar só em língua portuguesa que é a disciplina que eu venho verificando o aprendizado de vocês no portal por meio dela. Tem alguma ferramenta a qual você sente que mais desenvolve sua linguagem como meio de expressão, comunicação e informação?

E8 – Especificamente nessa área, eu acho difícil até porque, a meu ver, eu acho que lecionar a língua portuguesa você acaba não tendo, não tendo, eu não tenho, por exemplo, a criatividade de ver uma ferramenta que auxilia amplamente de modo diferente, a não ser de explicação de

textos e exercícios, eu não tenho essa visão, mas não que não deveria ser pensado e talvez apropriado posteriormente, mas eu, nesse momento, não vejo uma ferramenta mais útil e mais diferente do que textos e exercícios, leitura de texto, interpretação pode até ser cansativo, mas é o melhor método de se aprender.

P – Vamos pensar então em algumas práticas que nós tivemos ao longo do ano, nós fizemos no blog um debate, o que você achou?

E8 – É, bem, foi bem curioso até porque eu não tive, eu não lembro de ter tido, essa experiência antes de você compartilhar assuntos que eu geralmente não tinha o interesse de compartilhar em público, por exemplo, no blog você postar a sua opinião sobre determinado assunto vendo a opinião dos outros e comentando a opinião dos outros. Eu acho que foi uma experiência de coragem, um empurrão em desenvolver sua ideologia e comparar com a do outro porque o portal permite isso, ele permite você ver um outro ponto de vista que não só o seu, não deixa você ficar trancado na sua própria cabeça, então foi bacana, eu gostei muito da experiência, foi, de certa forma, cansativo, é óbvio, mas foi importante.

P – Os filmes, o fato de poder pôr filme, tanto no blog como no roteiro, o que você acha em relação aos filmes?

E8 – É bem útil você colocar porque, me contradizendo um pouco, não adianta você só se restringir a textos, pode se procurar outras formas etc... e o vídeo é um bom exemplo disso. Você coloca numa vídeo-aula, e ter esse recurso disponível junto com os que já estão disponíveis já facilita muito na hora.

P – Você tinha falado que a comunicação em si, desenvolvimento da linguagem, você não tinha percebido muito. É, reformulando a minha pergunta: Você acha que no blog, o exercício do blog, por exemplo esse debate do Carandiru, é, você sente algum desenvolvimento, algum incentivo, você se sentiu de certa forma incentivado a pensar na sua linguagem, a se comunicar?

E8 – Fica mais pela necessidade, né, na hora que você coloca seus conhecimentos em prática você realmente tende a aprimorar, você observa seus erros, você observa o ponto em que você precisa melhorar, observa obviamente o esforço que você teve, etc... mas comprando com os outros você vendo o nível de desenvolvimento de linguagem dos outros com o seu, você percebe o quanto você precisa melhorar e o quanto você precisa se esforçar para atingir esse melhor. Eu acho que auxiliou bastante nesse ponto de linguagem, também foi bastante

importante para comparar não só o ponto de vista etc... mas uso de recursos e seleção, etc. de figuras de linguagem etc. para formular uma, para colocar o que você quer dentro do texto, então foi realmente útil na hora.

P – Pensando nessa questão da linguagem, o que você falou, né, de ver o que o outro escreveu, de olhar para o texto do outro, comparar com o seu e tal, o que você acha da escrita colaborativa?

E8 – Essa ferramenta, às vezes, me corrija se eu estiver errado, eu acho ela um pouco confusa, até pela proposta que ela foi desenvolvida, a gente utiliza bastante para até para um método de organização e desenvolvimento de texto, só que às vezes eu tenho a sensação, particularmente, tenho a sensação de que a proposta dela é outra, não sei se eu estou correto ou não, mas às vezes eu fico confuso nessa específica funcionalidade do portal.

P – É, em relação a escrita colaborativa ela é bem complicada, você vai escrever um trecho, outro vai escrever outro. Eu também acho que ela poderia ser melhorada, assim, em alguns aspectos, não sei exatamente como, mas a proposta dela é construir um texto geral, né, então a gente tenta adaptar, eu fiz uma experiência com vocês, mas eu não sei exatamente se surtiu efeito.

E8 – Porque eu acho, a meu ver, né, analisando a ideia de construir um texto, seria confuso para mim pelas múltiplas opções que ela proporciona, você pode expor as ideias dos alunos, numerá-las etc. você pode construir, por exemplo, dar continuidade a uma história, por exemplo, que há essa funcionalidade também, então eu fico, às vezes, confuso pelo que se pede e pelo que ela apresenta, sem nada que realmente atrapalhe o uso dela.

P – Em algum momento, tanto na escrita colaborativa ou no blog, você escreveu seu texto observando o texto do colega, assim, não copiando, mas tendo outro texto como referência: “Olha, o texto que ele escreveu, eu preciso escrever tão bom ou melhor”?

E8 – Eu utilizo, na escrita colaborativa não tanto, mas eu sempre faço, eu, nessa ferramenta não tanto, mas em relação quando me é possibilitado ver o texto do outro, eu uso para ver como deve ser o nível de discussão, e também para ver se já obtiveram vários outros resultados para ver diversos pontos de vista qual seria melhor aguardar, se eu devo aguardar tudo de uma vez, se eu devo especificar em um só, então eu utilizo os textos, não só na escrita colaborativa, mas também no blog, ou em outras ferramenta de produção de texto para ter quando me é disponibilizado para ter uma noção, uma base de como deve ser feito.

P – Você se sente mal sabendo que o outro vai ler o seu texto?

E8 – Eu procuro me policiar um pouco mais sabendo que várias outras pessoas vão ler, mas eu não vou deixar de emitir minha opinião, o que eu penso sobre tal assunto por outras pessoas estarem lendo, mas eu procuro me policiar um pouco mais.

P – Mais do que se só a professora lesse?

E8 – Não tanto, mas por exemplo, tento não prejudicar outros pontos de pensamento, tento pensar como o outro, pensar como a cabeça do outro, tentando defender a ideologia, mas tentando especificar o mais claro possível, tendo o maior ponto de referência possível, então essa política que eu faço seria de não me restringir, mas tentar observar por outros olhos também.

P – Mas quando você escreve pensando assim: “a professora vai ler”, se só a professora vai ler você tem o cuidado diferente de quando você escreve na estrutura do seu texto na comunicação, pensando no que o seu colega vai ler, é diferente a sua forma de se preocupar em relação à construção do texto, pensando que só “eu” (professora) vá ler e que meu juízo de valor a respeito de você em relação aos outros ou não, você se preocupa igual, não tem diferença?

E8 – Eu, para ser sincero, eu não parei para perceber se há diferença de nível, mas talvez eu me preocupe, mas sendo exposto a todo mundo, eu não parei para perceber ainda, mas talvez seja porque aí seja mais um desabafo, você contar para uma pessoa só porque é algo que você sabe que, por exemplo, vai ser avaliado, não vai ser levado tanto para o lado pessoal. Como já ocorreu em discussões, como já vi alguns alunos tendo algum comportamento meio inadequado, não vamos dizer inadequados, mas um pouco mais fervoroso em relação a pontos de vista diferentes, então, eu acho que eu devo ser, no meu subconsciente, devo ser um conservador com texto sendo lançado a todos os alunos para ver, e eu acho que me abro um pouco mais sendo específico se com o orientado, mas não chega nem alterar proposta que eu obtenha do texto.

P – Você acredita que estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal pode contribuir para você ter desempenho melhor no Enem e no vestibular ou não, você tem o mesmo desempenho sem ter o portal para estudar?

E8 – Não, eu acho que eu terei um desempenho bem maior porque, como disse, eu tenho uma base para estudar, você tem como testar seus conhecimento, você tem um, vamos dizer, um mais amigo virtual para te orientar, para saber o que realmente é necessário e o que já foi necessário nas provas anteriores, então eu acho que realmente contribui bastante.

P – Tem alguma ferramenta em que você é levado a analisar o contexto em que você está inserido, que você, de certa forma, precisa pensar a respeito da sociedade, dar sua opinião etc.?

E8 – Não entendi direito a pergunta!

P – Tem alguma ferramenta que te favorece você a pensar a respeito da sociedade, que não fica só pensar, é, na disciplina, mas que você, de certa forma, pode ser instigado pelo professor a pensar a respeito da sociedade e se posicionar?

E8 – Seria como você falou, a escrita colaborativa é o que você não é simplesmente trancada, especificamente na matéria, e também como falei os assunto que surgem na home page, com matérias escritas que, como eu disse, eu vou atrás para pesquisar mais a fundo, então você acaba tirando um pouco as algemas de simplesmente ficar só na escola, então eu acho que tem alguns outros que são mais diretos etc., mas eu acho que a escrita colaborativa, os blogs, obviamente, quando é dado determinado assunto e também as notícias que são postadas no site.

P – Nós estamos trabalhando agora no roteiro a respeito da África, você chegou a acessar esse roteiro?

E8 – O roteiro especificamente ainda não, mas o que proposto já.

P – Você acessou o jornal?

E8 – Não, o jornal ainda não, o jornal não.

P – Você acessou a proposta de que você tem que fazer no jornal?

E8 – Exatamente, a proposta do que eu tenho que fazer no jornal.

P – Os links do roteiro você ainda não entrou?

E8 – Não, até porque eu estou com problema de conexão na minha casa e que não me possibilitou por um problema técnico sério na minha casa, ainda não consegui entrar ainda, mas eu e meu grupo já estamos combinando para resolver isso.

P – Alguém de seu grupo já entrou e comentou alguma coisa do roteiro ou ainda não?

E8 – Do grupo especificamente não, mas eu já ouvi várias pessoa que acessar e declararam que está bastante interessante o conteúdo e que realmente auxilia na hora de procurar sobre a matéria.

P – Vamos pensar num roteiro que a gente já tenha trabalhado, sei lá, o do Fernando Pessoa, por exemplo, o próprio roteiro do Carandiru. O que você acha, assim, da construção do roteiro?

E8 – Às vezes é próprio da ferramenta seria dar uma liberdade para o professor criar suas próprias aulas, criar seus próprios conteúdos. Tem professor que sabe utilizar isso bem, como é o seu caso, agora tem que saber o que realmente o professor quer. Vários professores que já utilizaram o roteiro e eu não consegui entender a proposta por ser opção do professor de como lecionar, por exemplo, você não pode pensar por exemplo que o roteiro pode substituir uma aula, vou querer dar uma aula em um simples roteiro de aprendizagem, que é o que não acontece com você, obviamente, mas o que pode vir acontecer é as pessoas querendo substituir pelo roteiro o que é possível não seria o correto. Eu, como aluno, não consigo aprender uma matéria inteira lendo um roteiro de aprendizagem, então servindo como é a proposta do site, seria o complemento para o aluno essa ferramenta cumpre seu papel bem.

P – Nós fizemos ao longo do ano algumas verificações de leitura, aliá, todas as provas que vocês fizeram verificação de leitura na sala de aula no 2º ano essas obras nós fizemos pelo portal, pelos exercícios online. O que você achou dessa experiência? Era melhor ter feito pelo portal como fizemos, no formato de questões de múltipla escolha ou teria sido melhor ter sido feito na sala, numa prova dissertativa?

E8 – Eu não posso avaliar dessa forma por sendo um aluno eu vou dizer que pode ser até melhor no portal, por ser mais objetiva e por ser mais e por você saber por exemplo dessas questões de verificação de leitura, já vi que algumas caíram no vestibular etc., mas o problema é que às vezes quando acontecem provas de verificação de leitura na sala de aula com questões dissertativas eu acho que fica mais claro o quanto o aluno entendeu do livro, o

quanto ele conseguiu captar, a mensagem do livro, então a minha opinião é a seguinte: o portal é mais objetivo nessa questão de verificação ele é mais objetivo e mostra o que possivelmente possa cair num vestibular etc. mas para avaliar realmente o que o aluno entende do livro, qual foi a perspectiva do aluno relacionada a tal parte do livro, a tal questão do livro, eu acho que a dissertativa é a mais abrangente.

P – E a experiência que nós fizemos de fazer a prova em duas partes: uma em dupla, pelo roteiro, dissertativa; e depois individualmente, outra parte pelos exercícios online. O que você achou dessa prática, considerando que foi um livro que já lemos no 2º ano?

E8 – Foi bastante criativo, na hora eu fiquei, claro, um pouco confuso, por serem duas ferramentas diferentes, mas eu acho que uniu na verdade um pouco das duas, né, você tem a objetividade dos exercícios online com a compreensão dos testes que vai ser proposto na hora. Com as questões dissertativas do roteiro, então, foi bastante criativo nesses dois sentidos.

P – E fazer verificação de leitura metade de avaliação com o seu colega do lado. O que você achou?

E8 – Pode ser um problema para alguns alunos, não sei se ocorre comigo, mas você tem uma base do que você entendeu do livro, baseado na sua opinião do seu colega, às vezes até auxilia porque daí você não entende uma parte da obra e você pergunta para o colega, etc. e aí pode ser um pouco perigoso para pessoas que leram só o resumo, ele tentar se aproveita de quem já leu o livro, então é útil, mas também é arriscado e perigoso.

P – Mas você tinha a opção de perguntar para o seu colega: “Fulano, você leu?”.

E8 – Exatamente, tem essa opção realmente, mas tem pessoas que não têm essa índole também.

P – Entendi.

P – Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação a quem não tem o portal para estudar ou mesmo tendo o portal não o utiliza?

E8 – É, vai depender da vontade do aluno porque o portal está lá, você tem as funcionalidades dele e ele está lá para você utilizá-lo, cabe a você querer utilizá-lo para melhorar os seus estudos ou não porque, por exemplo, há pessoas que têm o portal mas elas não acessam porque acham que não acrescenta muito, então isso depende realmente da vontade do aluno,

eu utilizo porque é útil e porque eu acho que vai influenciar o meu futuro, então eu acho que estou em vantagem.

P – Se nós fôssemos ignorar os problemas técnicos que o portal apresenta, que aí são inerentes ao professor e ao aluno, não tem como a gente evitar enquanto usuário, considerando a disciplina língua portuguesa e não as outras, que nota você daria de 0 a 10? Não me avaliando como professora, você está avaliando o conteúdo, o seu aprendizado, como foi o uso do portal nesses últimos meses, né, considerando desde o ano passado até agora, de 0 a 10?

E8 – Eu vou ter que pensar um pouquinho... Mas eu acho que 9,5 mais ou menos, seria minha nota até porque, pelo que eu falei antes, por curiosidade, às vezes, eu tenho um pouco de dificuldade, não sei se o problema sou eu até, mas eu acho que avaliando como um todo e por ser a minha primeira vez que eu tenho esse tipo de ferramenta disponível, eu acho que minha nota é 9,5, mais ou menos.

P – Quando eu convidei você para fazer a pesquisa expliquei toda a proposta, você tinha alguma coisa em mente que você pensava assim: “Isso aqui eu não posso deixar de falar sobre o portal, isso é uma coisa que eu preciso dizer”?

E8 – Que eu me lembre, agora, eu creio que não, mas eu tinha pensado em alguns assuntos: a liberdade que ele dá na hora de você fazer um teste e os simulados de provas que seriam um pouco em mento de falar, mas especificamente vou basear uma pesquisa você tem que falar sobre algum assunto, eu preferi esperar a pergunta chegar, preferi realmente responder por mim mesmo, não ter realmente um assunto já definido.

P – Está joia. Obrigada!

ENTREVISTA 9

P - Nome completo e idade?

E9 - TAS, tenho 17 anos.

P - Qual é a sua impressão a respeito do portal, o que você pensa a respeito dele?

E9 – Eu gosto muito do portal, ele me ajuda muito a estudar literatura porque antes eu não gostava. No 1º ano eu comecei a ver pelo portal outras formas de aprender, eu achei bem interessante. Eu gosto.

P – Alguns comentaram que o conteúdo do portal é muito resumido, o que você acha a respeito disso?

E9 – Eu acho que algumas informações são realmente resumidas, elas poderiam ser mais detalhadas pra ter mais facilidade de aprender, se bem que eu acho ótimo, sinceramente.

P – Você acha que se as páginas fossem mais extensas, assim, os alunos se interessariam mais ou pelo fato de serem resumidas é mais fácil de ler? O que você acha?

E9 – Eu acho que ser resumido é mais fácil, sinceramente.

P - Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado pelo professor?

E9 – Bom, agora que está perto do vestibular estou solicitando muito, porque eu estou fazendo os simulados que tem, que são muito bons, então acho que é entre umas três vezes por mês, por aí.

P – Qual a ferramenta do portal que você mais gosta? Assim que você entra no portal, espontaneamente, você já vai naquela ferramenta?

E9 – Bom, eu vou no simulado direto, eu gosto muito , eu vou direto.

P – Estando no 3º ano do Ensino Médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem e nos Vestibulares?

E9 – Pode. Eu faço cursinho e lá é tudo muito resumido e muito rápido. O portal te auxilia para dar uma resumida quando chega em casa, você vai, vê, lê e você aprende mais, eu acho que ajuda bastante.

P – Qual a ferramenta do portal que você acredita que mais contribui para o seu aprendizado? Quando você está acessando aquela ferramenta você sente que você aprende?

E9 – A escrita colaborativa. Nossa! Eu adoro! Porque tem um monte de links pra você clicar e você vija, eu acho muito bom.

P – É a escrita colaborativa ou é o roteiro de aprendizagem?

E9 – Desculpa, é o roteiro de aprendizagem, eu sempre me confundo. Mas eu gosto muito dela.

P – Então é o roteiro?

E9 – Isso.

P – Na nossa escola, sua avaliação não é feita por nota, mas por conceitos, para isso você precisa comprovar ter desenvolvido as competências necessárias na disciplina. Há alguma ferramenta a qual você sente que mais desenvolve a sua linguagem como meio de expressão, informação e comunicação?

E9 – Seria o roteiro, que eu presto bastante atenção e você for ser amigo do professor escrevendo você aprende, que nem a senhora citou Brás Cubas, que você fez, tipo, “caro leitor”, que eu achei muito interessante e até pensei em usar na minha redação. Achei demais!

P – Entendi. Então você aprende os recursos com o professor?

E9 – Isso, sim.

P – Há alguma ferramenta que te instiga a compreender, investigar, desenvolver suas ideias?

E9 – Eu gosto do desafio do mês. Eu estou tentando fazer o de literatura. Eu achei bem interessante, dá vontade de pesquisar mais, se aprofundar.

P – Há alguma ferramenta em que você é levado a analisar o contexto no qual está inserido (sociedade, história, manifestações culturais, o papel das instituições etc.) e até propor intervenções, dar opiniões a respeito?

E9 – Sim, aquela da redação que eu não lembro o nome agora, que você entra e tem sempre tema novo pra você fazer a redação. Acho que é essa.

P – O Click redação?

E9 – É isso.

P – O que você pensa do blog?

E9 – O blog eu gosto. Sinceramente, eu não frequento muito o blog, mas eu acho interessante, sabe? Você vê que seu professor também é parecido com você. Eu acho isso interessante. Eu gosto dos blogs.

P – Como assim “o professor é parecido”?

E9 – Assim, é que na minha cabeça o professor era bem diferente do aluno, não imaginava vocês mexendo na internet, essas coisas. Achei bem interessante isso, aproxima mais, acho isso legal.

P – Mas nem todos, né?

E9 – É, nem todos, mas os que usam é interessante.

P – Você acha que a aula do professor fica melhor com ele usando, assim, uma ferramenta como um recurso como esse ou não, é a mesma coisa?

E9 – Eu acho que fica bem melhor porque muda, sai um pouco da rotina. Acho que o professor e a lousa é bom, mas não é muito didático só isso. Acho que usar os recursos é bem melhor. Contribui.

P – Nós fizemos uma atividade no 1º semestre a respeito do Carandiru, que vocês tinham que opinar no blog, o que você achou de fazer essa atividade?

E9 – Achei bem interessante porque deu pra ver pontos de vista diferente do meu e mesmo assim deu pra eu opinar, argumentar e outras pessoas que acharam divergiram do meu ponto de vista. Achei isso bem interessante. Eu gostei.

P – Você acha que se fosse feito na sala de aula todos teriam participado?

E9 – Não, porque tem muita gente que tem dificuldades de se impor, eu não tenho, mas tem muita gente que tem, então eu acho que pela internet é mais fácil.

P – E por ter sido obrigatória, de certa forma, que todos participassem como um conceito de avaliação, você acha que incentivou ou não foi bom a forma de avaliar?

E9 – Eu acho que incentivou e foi bom, tem muita gente que não está ligando pra nota, essas coisas, então, tipo, como foi obrigatório achei interessante, todo mundo participou por causa disso. Sinceramente, eu não. Eu gostei realmente, porque eu gostei do filme, da história, mas a maioria só participou por causa disso, isso ajudou.

P – E nós fizemos algumas avaliações de obras que nós já tínhamos lido no 2º ano no portal. O que você achou de fazer por meio dos exercícios online?

E9 – Eu acho que como a gente já fez a prova dissertativa, a objetiva ajuda você porque tem a alternativa, sabe, quando está errada, quando está certa, eu acho melhor se você já fez uma dissertativa, depois a objetiva é bem melhor.

P – Numa das provas nós fizemos metade em dupla, no roteiro de aprendizagem, que era uma prova que já tínhamos lido no 2º ano e a outra metade individual, com os exercícios online. O que você achou dessa experiência?

E9 – Bom, eu não gostei muito, que eu não gosto de trabalhar em grupo, porque eu sempre faço a maior parte, então eu realmente não gosto, mas a minha parte eu achei boa que foi online, mas a parte do posicionamento eu não gostei.

P – Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação a quem não tem o recurso do portal para estudar ou tendo o recurso não o utiliza?

E9 – Acho que sim. Como está bem resumido, aprendo mais fácil, você só vai relembrar, então tem mais vantagens do que quem não usa.

P – Tem algum outro recurso do portal ou outra ferramenta que você goste, que você acha que vale a pena comentar?

E9 – Editor de jornal, que eu gostei muito. Por mais trabalhoso que ele seja, ele é dinâmico, ele é diferente e eu já quis trabalhar em redação de jornal, então achei muito interessante. Eu gostei!

P – O que você acha que mais desenvolveu em você na hora que foi produzir o jornal?

E9 – A criatividade para montar em cada lado, sabe que lado é, essa imagem, qual o tamanho, achei bem interessante.

P – Quando vocês têm o texto de vocês divulgado para outros lerem, por exemplo, na escrita colaborativa, no blog e mesmo no jornal, isso deixa você constrangida, te causa algum desconforto?

E9 – Não. Eu gosto que eu vejo se as pessoas gostaram ou não, também. Então, eu gosto pra caramba e dá pra me impor, eu gosto disso.

P – O que você acha das informações contextualizadas?

E9 – Acho interessante. Como eu faço cursinho e escola, não tenho tempo para ver jornal, essas coisas, e também não gosto muito porque são muito manipulados, então essas notícias, essas “mini” notícias me ajudam pra caramba, pra ver como está o mundo atualmente.

P – E você tem o hábito de ler?

E9 – Tenho, muito, porque como eu não presto atenção na TV eu tenho que ler na internet.

P – Se você tivesse que pontuar o portal, deixando de lado a parte técnica que às vezes dá problema que aí não compete nem ao professor, nem a você como aluna, né?! Deixando essa parte de lado, se tivesse que pontuar de 0 a 10, que pontuação você daria?

E9 – Daria 9.

P – Por quê?

E9 – Bom, acho que nenhum portal é para tirar 10, e ele é muito bom realmente, então pra mim ele fica no 9.

P – Quando eu convidei você para a entrevista e tudo, tinha alguma coisa em mente que você falava: “Não, isso eu preciso falar a respeito do portal”?

E9 – Na hora não, mas depois que eu vi o jornal precisava falar isso porque eu achei essa ferramenta demais, ela é bem dinâmica, nossa, minha preferida até agora; ela e o simulado.

P – Está bom! Obrigada.

ENTREVISTA 10

P – Qual seu nome completo e idade?

E10 – VGS, 17 anos.

P – Qual a sua impressão de Portal?

E10 – Bom, o portal tem me ajudado muito para o vestibular, apesar do conteúdo ser bem superficial, mas eu acho bem útil.

P – Você acha que se as páginas do portal tivessem bastante conteúdo, fossem bem extensas, os alunos estudariam mais?

E10 – Sem dúvida, se você tem mais oportunidade, mais campo aberto para você estudar com certeza os alunos vão se interessar mais pelos estudos.

P – Você acha que... qual sua opinião a respeito do portal?

E10 – Bom, o portal está ali realmente como um extraclasse, uma atividade extraclasse que vai te ajudar fora da sala da aula vai te dar um conteúdo a mais.

P – Nessa questão de ser um extraclasse, como você falou, um complemento da aula do professor, você acha que ela atinge esse objetivo ou ele é ainda falha?

E10 – Hoje em dia eu acho que ele ainda é falho, apesar de muitos não usarem a internet para os estudos ou para outras coisas ele é falho, hoje em dia ele é bem falho.

P – Em que aspecto?

E10 – É desinteresse, o principal é o desinteresse das pessoas que entram lá e não vão até o fundo, elas ficam até o comecinho e não aprofundam mais, não ficam.

P – Então a falha que você aponta é nas pessoas?

E10 – Sem dúvida é nas pessoas.

P – E no portal?

E10 – No portal eu vejo só falha nos conteúdos mesmo, mas se tivesse os conteúdos eu acho que ajudaria muitas pessoas.

P – E de português, o que você acha do conteúdo?

E10 – Bom, português eu não tenho muito lido porque na sala a gente já consegue ter bastante conhecimento, mas português eu não sei falar não.

P – E quantas vezes você acessa o portal, assim por mês, sem que o professor tenha deixado atividade pra você, você acessa simplesmente porque pensa: “Ah, deixa eu ver o que tem aqui no portal”?

E10 – Ultimamente tenho acessado para estudar para os vestibulares, como o click vestibular que tem me ajudado bastante nas questões e o click enem também me ajuda bastante.

P – Qual a ferramenta do portal que você mais gosta, assim que você entra no portal você fala “Ah, essa ferramenta é a primeira que eu vou olhar.”

E10 – É o click vestibular porque lá tem várias questões e uma quantidade de dados bem grande mesmo, de vários anos de provas e ajuda bastante.

P – Qual ferramenta do portal que você acredita que mais contribui para o seu aprendizado, que você usando você sente que você aprende melhor?

E10 – O roteiro de aprendizagem sem dúvida é algo extraordinário no conteúdo que é extraclasse, que você aprende fora a sala, eu acho...

P – É interessante?

E10 – É interessante.

P – Estando no 3º ano, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem e nos vestibulares?

E10 – Sem dúvida, com as questões que você tem lá no portal ajuda bastante, você tem o próprio conhecimento do portal, lá o conteúdo do portal e você pode acessar e fazer as provas e questões.

P – Na nossa escola você não é avaliado por nota, mas por conceito, para ter o conceito você precisa ter desenvolvido algumas competências. Na disciplina língua portuguesa, tem alguma ferramenta que você sente que desenvolve melhor a sua linguagem como meio de expressão?

E10 – Tem a escrita colaborativa, né, que eu acho que você pode que meio dar a sua ideia do que foi pedido, acho que é isso aí.

P – Tem alguma ferramenta que te motiva a compreender, investigar e desenvolver suas ideias?

E10 - Eu acho eu é o Click redação, você pode... cada mês tem um tema diferente, você pode entrar lá e fazer sua redação, acho que ajuda bastante.

P – Tem alguma ferramenta em que você é levado a analisar o contexto no qual você está inserido, pensar a respeito da sociedade, da história e até propor intervenções e opiniões?

E10 – Acho que tem o Click redação que você pode fazer isso também, mais um é a escrita colaborativa também, que te ajuda bastante nisso.

P – Nós fizemos uma atividade no 1º semestre no blog que era a respeito do Carandiru , como você visualiza essa atividade?

E10 – Bom essa atividade pra mim eu não conhecia nada, praticamente nada, eu só ouvia falar superficialmente na TV, muitas vezes a mídia acaba manipulando , mas eu achei bem interessante, mudou completamente minha visão, não tinha conhecimento quase nenhum, mas eu achei extremamente importante como cidadão, né? Para saber o que aconteceu na história e poder levar para o futuro.

P – Nós fizemos um debate, o que você achou de debater no blog as diversas ideias a respeito do assunto?

E10 – Bom, esse é muito bom porque você pode ter uma ideia errada do que você escreveu e do que outra pessoa escreveu e vocês podem discuti sobre e entrar em um entendimento sobre o assunto e ver se você está certo ou se você está errado, isso é interessante.

P – Você acha que se tivesse sido na sala de aula, presencial, teria o mesmo resultado, a mesma participação?

E10 – Não, na sala tem alguns alunos, apesar de serem poucos, não estão interessados nesse tipo de debate, né? Acho que o debate como foi no portal, ele é meio que ajudou você a... ele permitiu que você falasse e, uma pessoa que tem muita vergonha, numa sala, não vai falar, mas no portal ela pode ir lá e escrever que está tudo certo.

P – Você acha que se não fosse obrigatória, se não estivesse condicionado a uma avaliação, a participação... teria tanta participação?

E10 – Não teria tanta participação porque muitos alunos estão focados em passar de ano e querem a nota e não justamente em saber sobre o assunto e discutir sobre o assunto.

P – Você ficou curioso para ver a opinião do outro?

E10 – Sem dúvida, o que eu pensava era de uma forma totalmente diferente do que uma outra pessoas pensava, aí eu pude ver que o que eu estava falando esta meio fora do pensamento das outras pessoas, isso aí.

P – Você acredita que por ter oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos você está em vantagem em relação a quem não tem o portal ou mesmo tendo o portal não o utiliza para estudar?

E10 – Bom, de certa maneira é uma vantagem porque você tem várias ferramentas e um bom conteúdo, assim, apesar de ser superficial, você tem um conhecimento a mais, e se você for atrás vai valer a pena você estudar.

P – Nós fizemos algumas avaliações de obras literárias que nós tínhamos lido no 2º ano, nós fizemos os exercícios online, agora no 3º ano, que você acho disso?

E10 – Bom, achei uma coisa diferente porque tem muita prova de vestibular on-line, você vai, meio que vai, se adaptando ao sistema, que eu acho que aqui pra frente vai ser só assim, a maioria das provas vai ser tudo online e questões dissertativas online, eu acho que daqui pra frente vai ser melhor.

P – O roteiro de aprendizagem, o que você acha?

E10 – Bom, como eu falei, o roteiro de aprendizagem eu acho ele bem interessante, ele meio que aprofunda sobre o assunto que você não tinha conhecimento, você consegue conhecer as várias áreas geográficas, históricas, dentro de u roteiro de literatura.

P – Isso você está falando do roteiro sobre literatura africana, né?

E10 – Isso, sem dúvida.

P – O que você pensa do professor elaborar um conteúdo como o roteiro, por exemplo, a linguagem do professor, selecionando conteúdos e em relação à complementação da aula, qual é a relevância disso?

E10 – Bom, na aula a gente não teve muito, foi mais abrangente o roteiro de aprendizagem do que na própria sala de aula e sobre a literatura africana lá já tinha várias informações a respeito do assunto, né? Acho que foi muito importante para mim para fazer o próprio jornal fui com base no roteiro. Consegui organizar minhas informações e jogar no jornal.

P – É a ferramenta jornal, o que você achou de ter feito?

E10 – Bom, eu gostei muito, era um pouco difícil preencher, no começo, mas você vai se adaptando, mas eu achei bem interessante você pegar os conteúdos e montar uma página na web. Achei bem interessante!

P – Se você tivesse que avaliar o portal, tirando os problemas técnicos que a gente sabe que tem, mas que são inerentes, nem eu como professora, nem você como aluno, conseguimos resolver, deixando isso de lado, que nota você daria, de 0 a 10, ao portal?

E10 – Pelo conteúdo que ele tem eu daria 8, apesar de ter algumas coisas que são falhas, eu daria. Acho um ótimo site para estudar, eu daria 8.

P – Quando eu chamei para fazer a entrevista, tinha alguma coisa que você pensava: “Ah, isso eu tenho que falar sobre o portal”?

E10 – Não, porque na minha opinião ele é muito bom para você estudar, principalmente para o vestibular e alguma atividade extraclasse, como uso do roteiro. Mas não tem não.

P – Tem alguma informação contextualizada, notícias etc. que você acessa?

E10 – Bom, essa parte eu não acesso muito, eu olho mais a parte de vestibular que eu pretendo passar.

P – Então está bom. Obrigada!

ENTREVISTA 11

P – Qual seu nome completo e idade?

E11 – GJS, 16 anos.

P – Qual a sua opinião a respeito do portal, o que você pensa a respeito dele?

E11 – É, eu acho interessante no conteúdo, mas tem algumas ferramentas que eu não usava e não gosto, acho que são inúteis.

P – Por exemplo?

E11 – A escrita colaborativa, eu acho que escrever texto junto com outras pessoas não acrescenta em nada, acho que não é muito útil envolver a escrita.

P – Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado pelo professor, espontaneamente?

E11 – Ah, geralmente quando está aproximando uma prova, um trabalho, eu uso para ter um breve conhecimento do tema antes de fazer uma pesquisa mais complexa, com mais detalhes.

P – Em relação à língua portuguesa, que está no portal, o que você acha do que está lá, principalmente literatura, né, que a gente mais estuda. O que você acha do conteúdo que está lá?

E11 – É, nos movimentos literários é bem resumido as características deles, é colocado em tópicos, isso eu acho bem interessante, e tem uns trechos de obras, mas na parte de autores eu acho que falta a parte de descrição dos autores.

P – Qual a ferramenta do portal que você mais gosta? Você entra no portal, e você entrou no portal você já vai direto naquela ferramenta. Qual é a ferramenta que você mais gosta?

E11 – É nos conteúdos especiais, onde tem a parte de literatura, história, química, para ler sobre os conteúdos.

P – Qual a ferramenta do portal que você acredita que mais contribui para o seu aprendizado, que você aprende mais quando você está utilizando?

E11 – O roteiro porque a professora indica o conteúdo, guia os estudos e fica mais interessante, tem os vídeos.

P – Esse último que nós fizemos foi sobre a África, eu indiquei primeiro o roteiro para vocês e, depois, na aula eu expliquei, numa aula, o conteúdo. E pelo que estava no roteiro dava para estudar como uma prévia da aula?

E11 – Sim, tinha bastante tópico, bastante link, dava para ter uma noção. Achei interessante que você indicasse um site além do portal, né, antes só ficava dentro do portal, você indicou um outro site através do link.

P – É, dá para fazer essas coisas também, né.

P – Estando no 3º ano do ensino médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem ou no vestibular?

E11 – Sim, através do roteiro de aprendizagem, achei bem interessante.

P – Você usa a ferramenta Clickvestibulares e Clickenem?

E11 – Não, porque acho que seria mais voltada para o simulado e simulado, é... não acrescenta conhecimento. Você está só se testando, aí então seria os conteúdos.

P – Na nossa escola você não é avaliado por nota, mas avaliado por conceito. Para você atingir os conceitos, você tem que desenvolver as competências das disciplinas. Pensando só em língua portuguesa, tem alguma ferramenta que você sente que desenvolve mais a sua linguagem, sua expressão?

E11 – É, o trabalho no blog que a gente fez, acho que contribui bastante porque eu tive que fazer uma redação baseada no vídeo, e eu olhei na dos outros para saber o que eles tinham escrito também, então acho que contribui para desenvolver a redação.

P – No blog nós fizemos o debate sobre o Carandiru, o que você achou de debater no blog?

E11 – Essa questão estava no é... interessante porque na hora que você argumenta contra ou a favor vai aparecendo bem embaixo da argumentação da outra pessoa e ficou bem... em destaque, melhor do que se fosse fazer em outra ferramenta porque teria que entrar em outros links.

P – E se fosse feito na sala de aula?

E11 – Não, não gostaria. Acho que no blog é bem melhor, porque pela dificuldade de falar em público, acho que seria uma das coisas.

P – E o fato de ser obrigatório, ter obrigado vocês a participarem por ser um critério de avaliação. Você acha que se não tivesse colocado como avaliação as pessoas se interessariam?

E11 – Acho que não, não se interessariam e a obrigação é bom porque aí realmente vai fazer a atividade, se você não tivesse obrigado, acho que seria mais difícil.

P – Tem alguma ferramenta no portal que te instiga, te motiva a desenvolver melhor as suas ideias?

E11 – Geralmente lá eu busco a explicação, aí então acabo desenvolvendo melhor as ideias porque você está procurando conteúdo, você tem mais conhecimento, acho que é assim que é desenvolver as ideias.

P – Há alguma ferramenta em que você é levado a analisar o contexto em que está inserido, pensar a respeito da sociedade, dar sua opinião a respeito?

E11 – Não, pra mim é só estudar mesmo, não tem pensamento a mais.

P – Mas o portal te possibilita isso em alguma ferramenta, opinar e se posicionar?

E11 – Tem o blog como a gente citou, mas além do blog acho que não.

P – E você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos, isso te dá vantagem em relação a quem não tem ou mesmo quem tem o portal mas não utiliza para estudar?

E11 – É que na internet tem vários sites, né? Então eu acho que vantagem... é...Tem uma vantagem sim, mas também não é muita coisa.

P - Nós fizemos algumas avaliações na ferramenta exercícios online que eram de obras literárias lidas no 2º ano, o que você achou?

E11 – Eu achei que é bom quando você pode fazer atividade fora do período da ou escola ou até mesmo na escola, só que através do computador é um pouco mais fácil , só que acaba deixando o aluno, digamos, acomodado.

P – Por quê?

E11 – Ah, porque você pensa “só questões alternativas”, aí então parece então ser um pouco mais fácil, se que tem um problema esse período de tempo, que se fosse na sala você responderia quase as mesmas questões, acho que seria um pouco mais difícil só com que mais tempo pra pensar, geralmente literatura tem que ficar pensando, lendo de novo e o limite de dez minutos, vinte minutos atrapalha bastante.

P – E você acha que seria melhor ter feito as avaliações das obras literárias dissertativas na sala de aula?

E11 – Não, não acho melhor porque seria mais difícil, a prova seria bem mais... É bom que exige mais do aluno.

P – Nós fizemos recentemente o jornal no portal, o que você achou de fazer o jornal?

E11 – O jornal é bem básico, tem o avançado, nós usamos o básico, achei interessante, mas fica um pouco excluído, fica um pouco fora, acho que teria que estar na página inicial alguns

destaques do mês, por exemplo, algo que chamasse a atenção, porque se você tiver que acessar os links fica mais difícil de ter a curiosidade.

P – Então deixa eu entender, você acha que o jornal deveria estar num campo de mais fácil acesso no portal, é isso?

E11 – Isso, na página inicial tem um destaque melhor.

P – Mas e a experiência de ter produzido o jornal, o que você achou?

E11 – Ah, eu achei que foi normal, não teve... e foi como fazer um outro trabalho.

P – E se a gente fosse considerar o “todo” do portal, deixando de lado a parte técnica, considerando apenas o conteúdo e as ferramentas que ele tem, o que as ferramentas proporcionam: o clickredação, as informações contextualizadas, o editor de jornal; considerando tudo isso, o conteúdo das disciplinas e tal, considerando o que o portal oferece para os alunos, eu nota você daria, de zero a dez?

E11 – Daria uma nota 7. É, tem bastante coisa para acrescentar em conteúdo.

P – Eu comentei a respeito das informações contextualizadas, né, que são notícias. O que você acha do portal trazer essas notícias pra vocês?

E11 – É estar ali em destaque na página inicial eu geralmente só leio o título, porque algumas são envolvidas no... envolvendo alguma coisa que eu estudo, mas outras não. Ah! Sinceramente, não afetou muita coisa não.

P – Você vão fazer a redação do Enem e na redação do Enem é importante que vocês tenham notícias de tudo; essa é uma das funções do portal, pois essas notícias elas são curtinhas, mas ali dá pra vocês terem um apanhado de tudo mesmo, você nunca se atenta para isso, assim, do porquê essas notícias estão ali?

E11 – É... pensando desse lado eu nunca reparei. É que tinha uma notícia da cidade de Detroit, eu acho que isso não vai cair no Enem, então não era muito relevante.

P – É porque o Enem ele avalia conhecimentos gerais, né, não é conhecimento da matéria, ele avalia conhecimento de mundo, de tudo. É... tem outra ferramenta que a gente utiliza, além da escrita colaborativa ou roteiro, são os exercícios online. O que você acha dos exercícios online?

E11 – Eu acho que a possibilidade de realizar a avaliação fora do período, fora da escola, é muito interessante porque você pode escolher o momento mais adequado se um dia você não estiver bem, não puder ir para a escola, tem outra oportunidade. Isso é bacana!

P – Quando eu te chamei para entrevista tinha alguma coisa que você tinha em mente que você falava “Ah, isso eu preciso falar a respeito do portal”?

E11 – O conteúdo, o fato de ser resumido é bom, mas, porém, é ruim, bom porque você pode entender melhor o conteúdo, você tem um breve conhecimento para poder buscar mais coisas em outras fontes, só que porém tem coisa muito resumida, precisaria ter mais coisa. Eu tinha um autor de literatura que só tinha um trecho da obra, acho que era o Fernando Pessoa, não sei.. sobre Fernando Pessoa tinha... Ah! Eu não gostei, só tinha trecho da obra falando pouco sobre ela.

P – Você quer acrescentar mais alguma coisa?

E11 – Não.

P – Está joia. Obrigada!

ENTREVISTA 12

P – Qual seu nome completo e idade?

E12 – FA, 17 anos.

P – Qual a sua impressão a respeito do portal, o que você acha?

E12 – Eu acho que ele serve muito nos conteúdos que tem para análise, mesmo para conteúdo de pesquisa, eu gosto especialmente do *Simulador de Vestibular e do Enem* que ajudam demais até para as provas da escola. Mesmo a gente acaba utilizando bastante, principalmente para ter base nos exercícios online que às vezes você faz e tal.. aí ajuda bastante.

P – O que você acha do fato do conteúdo ser resumido nas disciplinas?

E12 – Então, eu acho que... eu acho bom na verdade porque assim toda vez a gente querendo ou não a gente vai pesquisando na internet, a gente está procurando uma coisa mais resumida, se a gente quer uma coisa mais aprofundada a gente procura o professor, a gente procura nos livros didáticos que a gente tem na escola, então, quando a gente vai procurar na internet é uma coisa mais resumida, e não dá mais pra usar o Wikipédia porque não é confiável.

P – Quantas vezes por mês você acessa o portal sem que tenha sido solicitado pelo professor, você acessa porque quis acessar?

E12 – Nossa! Eu acesso muito, eu uso tanto para estudar para as provas da escola quanto para os conteúdos do cursinho porque eu estou fazendo cursinho pré-vestibular e os professores passam muito correndo por cima da matéria. Alguma coisa que a gente não viu aqui aí eu pesquiso lá no portal e ainda faço os exercícios.

P – Qual a ferramenta do portal que você mais gosta?

E12 – Click Vestibular e o Click Enem.

P – Por quê?

E12 – Porque são as questões dos vestibulares mesmo, e tem o tempo tal para medir quanto tempo você está fazendo as questões, quanto tempo você está fazendo as provas, quanto você acertou, tem as observações depois do que você errou, que você acertou. Muito legal, muito prático!

P – Qual a ferramenta do portal que você acredita que mais contribui para o seu aprendizado e por quê?

E12 – Eu acho que o roteiro de aprendizagem porque além dos exercícios que em geral passam tem todo conteúdo para a gente estudar antes, né, então a gente já estuda todo o conteúdo e aí já tem a avaliação e aí se não vai bem na avaliação você volta lá no conteúdo de novo, vê o que você não pegou ainda.

P – Estando no 3º ano do ensino médio, você acredita que o uso do portal educacional pode contribuir para um melhor desempenho seu no Enem ou no vestibular?

E12 – Com certeza, tanto pelo conteúdo quanto pelos exercícios que a gente faz. Tem o Click redação também, ajuda muito as propostas de redação são sempre muito próximas do que a gente vai pegar nos vestibulares.

P – Na nossa escola você não é avaliado por nota, mas avaliado por conceito, para isso você precisa comprovar ter desenvolvido as competências necessárias na disciplina, no caso, a gente sempre pensando na língua portuguesa, porque não tem como falar das outras, né, só

vou falar de língua portuguesa. Há alguma ferramenta que você sente que mais desenvolve sua linguagem como forma de expressão, informação e comunicação?

E12 – Eu acho que é o Click redação e os desafios que tem também. Os desafios de literatura são muito interessantes, aquele sobre Shakespeare foi super legal, eu adorei!

P – Pena que vocês não tenham ganho!...

P – Há alguma ferramenta no portal que te instiga a compreender, a investigar e desenvolver suas ideias?

E12 – Acho que todas, né. Todas trabalham bastante isso, o jornal também foi uma experiência muito legal. A gente fazer foi, hum... Eu não queria fazer um jornal assim de qualquer jeito, sabe? Eu queria que o jornal ficasse impecável, incrível, então a gente pesquisou muito, a gente elaborou vários textos, a gente foi vendo qual texto tinha ficado mais legal, então acho que essas ferramentas que a gente mostra alguma coisa para outras pessoas é o que mais instiga a gente a mostrar.

P – Agora você me fez lembrar de uma atividade que nós fizemos no blog que foi a do Carandiru. Você lembra?

E12 – Lembro, lembro sim. Nossa! A atividade do Carandiru foi muito legal, estava na hora, né, de falar sobre isso e eu não tinha conhecimento, assim, eu sabia da história, sabia mais pelo filme do que pelos fatos e tudo que eu li contribuiu muito e o debate que a gente fez foi muito legal, todo mundo se respeitou bastante no debate, foi super, serviu, sabe, para a gente aprender mais sobre o assunto e o assunto está aí, né?

P – E se o debate tivesse sido feito na sala, teria tido o mesmo resultado?

E12 – Eu acho que não porque fazendo no portal e com o auxílio da internet o pessoal pesquisou antes de falar, ia chegar na sala, o pessoal esquece, ia “bater boca”, ia falar do que não sabe, aí todo para não fazer feio deu uma pesquisada antes, aí deu para estudar melhor e não falar besteira.

P – E os vídeos que eu postei lá, o que vocês acharam? Ajudou? Você chegou a assistir?

E12 – Ajudou, eu assisti dois e toda vez que você posta vídeo eu procuro assistir pelo menos um porque é uma linguagem diferente percebe a pessoa que está falando, às vezes as imagens contribuem bastante, eu adoro.

P – E o debate assim, feito lá no portal, você acha que na sala todos participariam assim ou teria gente que não participaria?

E12 – Eu acho que ia ter gente que não ia participar por vergonha ou às vezes por não saber do assunto mesmo, ou não sei. Quando vai debater tem gente que se impõe bastante e o pessoal que fica mais constrangido, mais com medo de debater, eu acho que a internet possibilita isso, a gente se expor um pouco mais.

P – E o fato de ser obrigatório, condicionado a uma nota, você acha que foi bom ou ruim?

E12 – Eu acho que contribui porque sempre tem o desinteressado que acaba participando e acaba aprendendo com isso, então essa obrigação acaba sendo muito positiva porque às vezes a pessoa não está aí para nada, mas é uma bagagem que ela tem que carregar, né, é um conteúdo que ela tem que aprender, querendo ou não.

P – Você não ficou com vergonha de colocar seu texto, com medo do julgamento dos outros?

E12 – Olha, quando eu posto alguma coisa minha é que eu gosto muito de dar minha opinião, né, e aí quando eu posto alguma coisa minha eu presto muita atenção na ortografia e na gramática porque eu morro de medo de fazer feio, então eu pesquisei bastante antes de falar alguma coisa e eu redigi o texto várias vezes, passei no word para correção ortográfica. Olhei tudo, mas, assim, a minha opinião de expor eu não tive medo nenhum, porque sei como o pessoal da sala aceita bastante e tal... e se fosse ter um conflito assim acho que a gente conseguia dar uma mediada, não ia ser nada estressante, ia ser mais para o aprendizado mesmo a discussão.

P – Eu achei interessante que você falou dessa preocupação de registro do texto escrito, né, quando vocês escrevem só para mim você não têm essa preocupação?

E12 – Ai! Eu tenho, “Prô”! Porque eu quero cursar jornalismo na faculdade e vivem falando “faz Letras” pois é uma coisa que eu gosto muito, sempre gostei de ler, e todos os meios literários: blog, tudo, tudo, eu gosto de ler tudo, anúncio, tudo, classificados, e eu tinha essa preocupação de estar com a ortografia sempre bem colocada, porque é uma impressão que a gente passa, né... a pessoa vai lá e lê e às vezes tem uns erros tão absurdos que a pessoa já faz uma cara feia para o seu texto, logo no começo. Assim, vi um erro, já vi o seu texto de outro jeito, como se você não tivesse propriedade no que você está falando por causa do seu erro gramatical, então eu procuro sempre ter cuidado com isso.

P – Você acha que as pessoas vão te julgar pelo seu erro gramatical?

E12 – Eu acho, eu acho que dá outra visão de sua opinião que as pessoas falam: “Ah! Não sabe nem escrever, vai saber do que está falando!”.

P – Entendi.

P – Há alguma ferramenta em que você é levada a analisar o contexto em que está inserida, pensar a respeito da sociedade, história, cultura e até propor intervenções ou dar sua opinião a respeito?

E12 – Então, eu acho que os resumos são muito bons nisso porque eles dão todo contexto cultural, histórico e os conteúdos de redação e o click redação, ele é muito bom para a gente parar e pensar um pouco na história e pensar numa intervenção, refletir mesmo se a o que a gente está fazendo mesmo está certo ou se tem como melhorar, se tem como dar uma remediada naquilo porque às vezes, sei lá, por exemplo, nas redação a gente vai colocando culpa nisso e naquilo e o governo tem que fazer isso, e o governo tem que fazer aquilo, se a gente não presta atenção que a gente está fazendo algumas coisas erradas também aí a gente reflete bastante sobre isso.

P – Mas o portal te possibilita isso em alguma ferramenta, opinar e se posicionar?

E12 – Tem o blog como a gente citou, mas além do blog acho que não.

P – Você acredita que por ter a oportunidade de usar o portal como complemento para seus estudos, isso te dá vantagem em relação a quem não tem ou mesmo tendo esse recurso não utiliza?

E12 – Com certeza, eu noto isso pela prova que a gente faz aqui na escola porque os conteúdos são muito próximos, né, os conteúdos que a gente olha no site, às vezes a gente faz uma atividade no portal, ou até as provas que a gente faz na sala mesmo, os conteúdos são muito próximos então eu imagino o que a gente vai enfrentar no vestibular é muito parecido.

P – Em relação à aula de língua portuguesa, você acha que para a aula tanto faz usar o portal ? Como você visualiza, assim, se a gente não usasse o portal?

E12 – Eu acho que o portal é importante porque às vezes a gente perde muito tempo passando matéria na lousa, essas coisas assim, sabe, eu percebi isso, também no cursinho, que às vezes os professores perdem um super tempo passando matéria na lousa e lá já tem um conteúdo resumido, aí a gente pode ler e aí o professor vai explicando para a gente, eu acho muito mais

rápido, poupa tempo e dá tempo de fazer outras coisas, estudar outros conteúdos, fazer exercícios.

P – Nós fizemos um roteiro de aprendizagem sobre o África, o que você achou de eu propor primeiro para vocês fazerem o roteiro e depois explicar na sala de aula?

E12 – Eu achei muito bom o conteúdo todo em geral porque caiu muita coisa da África no Enem, já tinha estudado bastante, eu acho melhor assim, lê e tirar nossas próprias conclusões que nem quando eu leio algum livro de literatura, eu primeiro leio o livro e depois vou pesquisar o resumo na internet, vou pesquisar vídeo aula porque às vezes a gente tem uma visão diferente, é importante a gente conseguir tirar nossas próprias conclusões sobre o que a gente entendeu do conteúdo, conseguir absorver daquele conteúdo por si só, porque não é para sempre que a gente vai ter professor no nosso pé, então é muito importante a gente estudar primeiro e depois o professor explicar.

P – Em relação aos livros que nós lemos, nas leituras do 2º ano nós fizemos no portal por meio dos exercícios online, o que você achou de fazer lá?

E12 – Eu achei boa porque já tinha aplicado uma prova dissertativa antes então o nosso conhecimento sobre o livro já tinha sido testado e aí as questões do portal se assemelha muito com a do vestibular e Enem, então deu para a gente sentir um pouco como vai ser no vestibular e fazer múltipla escolha também é bem diferente porque dissertativa eu considero muito mais fácil, tem gente que não gosta, mas eu gosto de dissertação, porque eu me liberto escrevendo tudo e às vezes na múltipla escolha tem uma ou duas vírgulas, um ou dois pontos que mudam a questão inteira, então é importante a gente saber lidar com isso também, saber interpretar a questão.

P – E o que você acha dos professores que não usam o portal? O que você pensa a respeito disso?

E12 – Eu acho que se eles usassem facilitaria muito, tanto a nossa vida quanto a deles, tanto no conteúdo, na avaliação e tudo, mas tem professor que não confia porque acha que o aluno vai acabar copiando da internet, tal e não sei o que. Eu nunca olhei uma página da internet para fazer exercício online, nunca, porque eu acho que, assim, não dá para a gente ficar trapaceando, sabe, querendo ou não, é uma avaliação para a gente também, a gente tem que saber o nosso nível. Tem professor que não confia, não sei, eu acho que é um bom método, sabe, para avaliar, e às vezes também você não confia nos exercícios online e tudo mais

porque acha que a gente pode consultar outra página da internet para pesquisar, passa alguma coisa no roteiro de aprendizagem, algum conteúdo novo, uma atividade, sabe, que não seja como prova. É importante para gente porque tem coisa que não dá tempo passar na sala de aula, é muito conteúdo para um ano, muito corrido!

P – E mesmo a proposta do portal é complementar a aula, você acha que acontece essa complementação na aula de língua portuguesa?

E12 – Acontece, com certeza, porque o que a gente estuda na sala é pouco, querendo ou não eu percebo pelo cursinho pré-vestibular, também é muito conteúdo para estudar, literatura, gramática e é muita coisa. A gente tem pouca aula durante a semana, então a oportunidade de estar vendo em casa, assistindo vídeo, vendo as coisas, possibilita, assim, um maior aprendizado, acho que dá para aproveitar mais os conteúdos.

P – E aquelas notícias informativas contextualizadas, você acessa?

E12 – Eu acesso às vezes porque normalmente agora a minha vida está muito corrida por causa da época dos vestibulares, não sei, o que eu acessava muito, li sobre Clarice Lispector, muito legal; li um também sobre as laranjas, muito, muito interessante; e aí são informações que eu acho que a gente acessando é conteúdo base para redação no vestibular e é conhecimentos gerais, sabe, querendo ou não a gente é cobrado nisso também.

P – Deixando os problemas técnicos de lado, que é em tecnologia, né, não depende do professor, independe do aluno, se dependesse da gente dava tudo certo. Deixando esses problemas de lado, se você tivesse que pontuar o portal em relação ao conteúdo, às ferramentas, que nota você daria de 0 a 10?

E12 – Ah, eu acho que 9,5 tranquilamente, acho que os únicos problemas, eu acho pelo menos que deveria, por exemplo, quando a gente abre a página dos exercícios online não dá mais para abrir página nenhuma, a gente ia auxiliar bastante, os professores iam sentir mais segurança para utilizar; no click vestibular uma coisa que me atormenta, eu quero fazer Cásper Líbero que é a melhor faculdade de comunicação, né, e não tem questões da Cásper, eu sei que é um vestibular diferenciado, que aborda outras coisas, mas quando trata de literatura devia ter algumas questões da Cásper para a gente poder analisar. De resto eu acho tudo incrível, tudo, de verdade!

P – Fica a dica, vou falar com o pessoal do suporte sobre isso, inclusive sobre a parte de literatura africana também, né?

E12 – Importante, a parte de literatura africana é muito importante porque está começando a cair em todos os lugares, na Cásper por exemplo que eu quero prestar, a gente tem um livro de literatura africana do Mia Couto, O Fio das Miçangas, e é muito difícil achar conteúdo sobre isso, é muito difícil, se tivesse no portal ia facilitar muito.

P – Quando eu convidei você para fazer a entrevista você tinha em mente alguma coisa que você achou que deveria falar a respeito do portal?

E12 – Foi a questão das questões da Cásper Líbero mesmo, eu pensei na hora, eu falei “gente, é uma coisa que precisa ter, porque é um vestibular conceituado, apesar de ser só uma faculdade de comunicação, é uma coisa que precisa”.

P – Quer falar mais alguma coisa?

E12 – Não, é só isso, obrigada, Prô.

P – Obrigada!

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UMESP – UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**Programa de Pós Graduação Mestrado em Educação****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, **Lucivânia Antônia da Silva Perico**, RG nº 34.369.569-8, mestranda do Programa de Pós Graduação Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Adriana Barroso de Azevedo, proponho o desenvolvimento da pesquisa intitulada “Uso de Portal Educacional para o ensino de Língua Portuguesa” que tem por objetivo verificar as possibilidades de aprendizado da disciplina Língua Portuguesa no Ensino Médio, por meio de portal educacional. Para a coleta de dados será realizada a aplicação de uma pesquisa narrativa e a produção do Diário de Bordo ou questionário dirigido.

ESCLARECIMENTOS:

1. A participação nesta pesquisa e na produção do diário de bordo ou questionário dirigido é de livre escolha com a garantia de sigilo de identificação dos sujeitos que se dispuserem a participar e, ainda, retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.
2. A pesquisa e o diário de bordo ou questionário dirigido não envolverão nenhum tipo de custo para os participantes.
3. A participação na pesquisa e na produção do diário de bordo ou questionário dirigido não possibilita desconforto ou risco ao participante por se tratar de realização de uma entrevista, pautada em diálogos, e na produção de texto no diário de bordo ou questionário dirigido de autoria dos sujeitos da pesquisa.

São Bernardo do Campo, 10 de setembro de 2013.

Lucivânia Antônia da Silva Perico

Consentimento do(a) responsável pelo participante (quando menor):

Autorizo meu (minha) filho(a) _____ a participar do questionário da pesquisa de mestrado intitulada “Uso de portal educacional para o ensino de Língua Portuguesa” e estou ciente de todas as informações citadas acima, para a realização do projeto.

Nome completo do responsável

Assinatura

Local, dia, mês e ano

ANEXO A – “Autorretrato aos 56 anos”, Graciliano Ramos

Nasceu em 1892, em Quebrangulo, Alagoas.
Casado duas vezes, tem sete filhos.
Altura 1,75.
Sapato n.º 41.
Colarinho n.º 39.
Prefere não andar.
Não gosta de vizinhos.
Detesta rádio, telefone e campanhas.
Tem horror às pessoas que falam alto.
Usa óculos. Meio calvo.
Não tem preferência por nenhuma comida.
Não gosta de frutas nem de doces.
Indiferente à música.
Sua leitura predileta: a Bíblia.
Escreveu “Caetés” com 34 anos de idade.
Não dá preferência a nenhum dos seus livros publicados.
Gosta de beber aguardente.
É ateu. Indiferente à Academia.
Odeia a burguesia. Adora crianças.
Romancistas brasileiros que mais lhe agradam: Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.
Gosta de palavrões escritos e falados.
Deseja a morte do capitalismo.
Escreveu seus livros pela manhã.
Fuma cigarros “Selma” (três maços por dia).
É inspetor de ensino, trabalha no “Correio da Manhã”.
Apesar de o acharem pessimista, discorda de tudo.
Só tem cinco ternos de roupa, estragados.
Refaz seus romances várias vezes.
Esteve preso duas vezes.
É-lhe indiferente estar preso ou solto.
Escreve à mão.
Seus maiores amigos: Capitão Lobo, Cubano, José Lins do Rego e José Olympio.
Tem poucas dívidas.
Quando prefeito de uma cidade do interior, soltava os presos para construírem estradas.
Espera morrer com 57 anos.

Disponível em: <<http://graciliano.com.br/site/autorretrato/>>. Acesso em: 12 jul. 2014.